

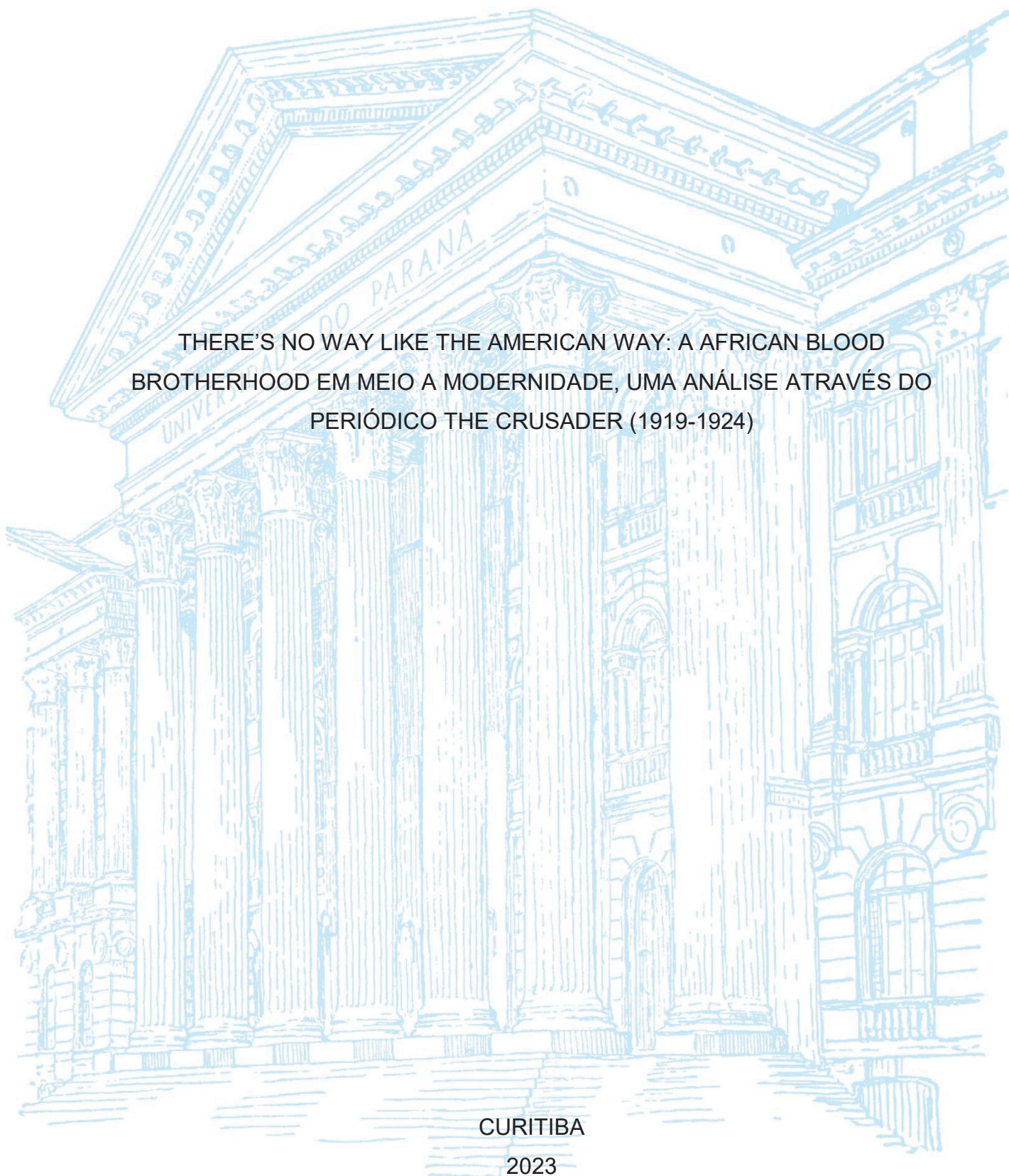
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUAN KEMIESKI DA ROCHA

THERE'S NO WAY LIKE THE AMERICAN WAY: A AFRICAN BLOOD
BROTHERHOOD EM MEIO A MODERNIDADE, UMA ANÁLISE ATRAVÉS DO
PERIÓDICO THE CRUSADER (1919-1924)

CURITIBA

2023



LUAN KEMIESKI DA ROCHA

THERE'S NO WAY LIKE THE AMERICAN WAY: A AFRICAN BLOOD
BROTHERHOOD EM MEIO A MODERNIDADE, UMA ANÁLISE ATRAVÉS DO
PERIÓDICO THE CRUSADER (1919-1924)

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em história, do setor de ciências humanas da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em história.

Orientador: Profº Drº Vinícius Nicastro Honesko

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Rocha, Luan Kemieski da

There's no way like the american way : a african blood brotherhood em meio a modernidade, uma análise através do periódico The Crusader (1919-1924). / Luan Kemieski da Rocha. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História.

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Nicastro Honesko.

1. Negros – Estados Unidos - História. 2. African Blood Brotherhood. 3. The Crusader (Periódico). 4. Pan-africanismo. I. Honesko, Vinícius Nicastro, 1981-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **LUAN KEMIESKI DA ROCHA** intitulada: **THERES NO WAY LIKE THE AMERICAN WAY: A AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD EM MEIO A MODERNIDADE, UMA ANÁLISE ATRAVÉS DO PERIÓDICO THE CRUSADER (1919-1924)**, sob orientação do Prof. Dr. VINICIUS NICASTRO HONESKO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 23 de Fevereiro de 2023.

Assinatura Eletrônica

23/02/2023 15:44:21.0

VINICIUS NICASTRO HONESKO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

24/02/2023 10:58:32.0

ARTHUR LIMA DE ÁVILA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL)

Assinatura Eletrônica

24/02/2023 13:10:33.0

PABLO DE OLIVEIRA DE MATTOS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO)

AGRADECIMENTOS

O processo da construção de uma dissertação em volta de tantas inseguranças em relação ao futuro, instabilidade financeira e medos só foi possível com o apoio de diversas pessoas. O desafio de concluí-la sem essa ajuda não seria possível.

Primeiro quero agradecer a minha mãe, Katia Kemieski, por fornecer apoio e oportunidade de concretizar esse processo. Por sempre ter me dado suporte, motivação e cuidado nos momentos difíceis. Você me ajudou na formação da pessoa que sou hoje. E com certeza senão fosse por você essa dissertação não seria possível, obrigado mãe.

Ao meu pai, Luis Carlos da Rocha, que me acolheu nos momentos que eu precisava esvaziar a cabeça e me ajudou a nunca desistir. Sempre me senti bem quando você falava que estava orgulhoso de mim e espero que essa pesquisa possa te dar outro orgulho.

Aos meus avós, Jussara Regina Miranda Kemieski e Daniel Kemieski, que fazem parte da minha vida desde sempre e proporcionaram tanto carinho a mim que não sei como corresponder. Vocês me ajudaram desde o começo do meu ensino médio quando voltava do trabalho e sempre visualizava vocês sentados no sofá da sala perguntando como foi o meu dia. Até os dias de hoje em que vocês continuam me alegrando, obrigado vó e vô.

Gostaria de agradecer também ao Professor Dr. Vinicius Nicastro Honesko por ter aceitado me orientar e embarcar nessa pesquisa sobre uma organização desconhecida. Lembro de quando enviei o projeto e não sabia o que esperar. Quase nenhum estudo publicado no Brasil, material distante e um ambiente novo de pesquisa que eu não tinha experiência. Seus ensinamentos, dicas, aulas, grupos de estudos, revisões e percepções me ajudaram a construir essa dissertação. Tal modo que ela não teria esse resultado sem a sua ajuda, obrigado professor.

Ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGHI) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a linha de pesquisa Arte, Memória e Narrativa (AMENA) por me acolherem e criarem um ambiente para que eu pudesse desenvolver este trabalho. Agradeço aos professores, coordenação, secretaria e aos inúmeros colegas que fiz nesse processo.

Aos amigos e amigas que fiz desde a infância e não perdemos contato, aos que construí durante a graduação e aos dessa pós. Suas amizades me proporcionaram momentos de alegria e memórias que possibilitaram um afago nas minhas inseguranças. Também me ajudaram no acolhimento e na motivação de continuar este estudo.

Aos professores(as) e pesquisadores(as) que me ajudaram a nortear esta pesquisa. Obrigado por responderem os meus e-mails com dicas de referências e contatos que possibilitaram no aprofundamento do trabalho.

A CAPES pelo financiamento dos últimos doze meses desta pesquisa. Esse subsídio me proporcionou a contribuição plena para o desenvolvimento do estudo. Tal modo que sem ela, seu resultado seria diferente.

RESUMO

A African Blood Brotherhood (ABB) foi uma organização secreta, e radical, de libertação do povo negro, fundada em 1919 por imigrantes afro-caribenhos em conjunto com afro-estadunidenses, atuando no contexto dos Estados Unidos no início do século XX. Através de seu principal meio de difusão de ideias, o periódico *The Crusader*, essa sociedade trouxe para a discussão as complexidades das relações de poder do sistema estadunidense. Criado em 1918, a revista interpretava a situação dos negros nos EUA e no globo com um viés radical contra a exploração e violência racial. Introduzindo novas interpretações para o debate da opressão e violência racial, as relações da modernidade e os processos de dominação. O objetivo desta dissertação consiste em entender como a ABB lidava com os processos dinâmicos da modernidade a partir do *The Crusader*. Para tanto, partimos de uma perspectiva teórico-metodológica inspirada nos debates afrodiaspóricos, assim como os estudos da historiadora Tânia Regina de Luca para análise de periódicos. Dedicamos o primeiro capítulo para compreendermos os principais membros e a formação da organização, dentro da conjuntura dinâmica da diáspora. Assim como a historiografia escrita sobre a ABB. No segundo capítulo, apresentamos os aspectos contextuais em que essa irmandade está inserida, dando foco para a história dos Estados Unidos. A partir do terceiro capítulo adentramos nos processos que eles buscavam abordar, como por exemplo as relações entre orgulho racial, educação, história e a autodefesa negra. Por fim, com o quarto capítulo trabalhamos com os embates que a ABB teve com seus contemporâneos e a perspectiva pan-africanista internacionalista que procurou desenvolver.

Palavras-chave: African Blood Brotherhood. Cyril Briggs. Pan-Africanismo. Radicalismo Negro.

ABSTRACT

The African Blood Brotherhood (ABB) was a secret, radical, organization for the liberation of black people, founded in 1919 by Afro-Caribbean immigrants together with African-Americans, acting in the context of the United States in the early twentieth century. Through its main means of disseminating ideas, *The Crusader*, this society brought to the discussions the complexities of power relations of the United States system. Created in the 1918, the magazine interpreted the situation of blacks in the U.S. and around the globe with a radical bias against exploitation and racial violence. Introducing new interpretations for the debate of oppression and racial violence, the relation of modernity and the processes of domination. The aim of this dissertation is to understand how ABB dealt with the dynamic processes of modernity from *The Crusader*. To this end, we start from a theoretical-methodological perspective inspired by the Afrodiasporic debates, as well as the studies of historian Tânia Regina de Luca for the analysis of periodicals. We dedicate the first chapter to understanding the main members and the formations of the organization, within the dynamic conjuncture of the diaspora. As the historiography written about ABB. In the Second chapter, we present the contextual aspects in which this Brotherhood is inserted, focusing on the history of the United States. From the third chapter we entered the processes they sought to address, for example, the relationship between racial pride, education, history and black self-defense. Finally, with the Fourth chapter, we work with the clashes that ABB had with its contemporaries and the pan-Africanist internationalist perspective that it sought to develop.

Key-words: African Blood Brotherhood; Cyril Briggs; Pan-Africanism; Black radicalism.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Cyril Valentine Briggs.....	31
FIGURA 2 - Hubert Harrison.....	34
FIGURA 3 - Soldados da 369 Infantaria, conhecidos como Harlem Hellfighters.	37
FIGURA 4 - Corte Marcial do 24 regimento	39
FIGURA 5 - Richard Benjamin Moore.....	51
FIGURA 6 - Wilfred Adolphus Domingo.....	52
FIGURA 7 - Otto Huiswoud	53
FIGURA 8 - Grace P. Campbell.....	54
FIGURA 9 - Cyril Briggs e Charlene Mitchell, a primeira mulher afro-estadunidense a concorrer à presidência dos Estados Unidos, em interrogatório no Comitê de atividades Antiamericanas, 1959.....	62
FIGURA 10 - Família se deslocando para região Norte dos Estados Unidos.....	85
FIGURA 11 - Booker T. Washington.....	96
FIGURA 12 - The North Star de Frederick Douglass	101
FIGURA 13 - Primeira página do Chicago Defender de janeiro de 1922	105
FIGURA 14 - Logo da ABB	113
FIGURA 15 - Cartão de filiação da ABB	117
FIGURA 16 - Cartão de anuidade de filiação da ABB.....	121
FIGURA 17 - Publicidade relatando a necessidade da autodefesa e organização dentro da ABB	124
FIGURA 18 - Panfleto que relata a necessidade da autoproteção contra a Ku Klux Klan....	125
FIGURA 19 - Capa da edição de outubro de 1918 com James Conick Jr, campeão de tênis do estado de Nova York.....	137
FIGURA 20 - Capa da edição de novembro de 1918 com atriz Evelyn Ellis	138
FIGURA 21 - Capa da edição comemorativa do dia de ação de graças com Grace Fowler..	139
FIGURA 22 - Poeta Andrea Razakferiefo	145
FIGURA 23 - Claude McKay.....	146
FIGURA 24 - Hubert Harrison palestrando no Harlem Educational Fórum (HEF) em 1926. Na extrema esquerda podemos visualizar Richard B. Moore segurando um papel e sentado, à frente de Harrison, temos W. A. Domingo segurando um presente	150

FIGURA 25 - Claude McKay palestrando no Quarto Congresso da Internacional Comunista em 1922 como delegado da ABB, a extrema direita podemos visualizar a feminista e socialista Clara Zetkin.....	157
FIGURA 26 - Marcus Garvey	164
FIGURA 27 - Página do The Crusader que acusa Garvey de aliança com o governo dos Estados Unidos e subserviência das relações capitalistas e racistas existentes.....	175
FIGURA 28 - Kelly Miller	178
FIGURA 29- Lovett Fort-Whiteman discursando no Sinédrio Negro em 1924	184
FIGURA 30 - M.N. Roy, com terno preto, Lenin e outros revolucionários	191
FIGURA 31- Huiwoud (esquerda) e Mckay (centro) posando perto de um cavalo de bronze em Leningrado.....	197
FIGURA 32 - Robert F. Williams e sua esposa Mabel Williams.....	203
FIGURA 33 - The Crusader de Robert F. William e Mabel Williams	204

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - Cinturão Negro	76
-------------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	ANUNCIAMOS A AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD: OS NOVOS NEGROS, A DIÁSPORA E HISTORIOGRAFIA.	25
2.1	CYRIL VALENTINE BRIGGS: UM INTELECTUAL DO MOVIMENTO DO NOVO NEGRO	27
2.2	NA ENCRUZILHADA DA DIÁSPORA: RADICAIS NEGROS E SUAS DELIMITAÇÕES	41
2.3	A HISTORIOGRAFIA DA ABB	56
3	THERE'S NO WAY, LIKE DE AMERICAN WAY - ESTADOS UNIDOS: UMA NAÇÃO CONSTRUÍDA NA E PELA BRANQUITUDE	70
3.1	ESTADOS UNIDOS NO INÍCIO DO SÉCULO XX: DILEMAS DA POPULAÇÃO NEGRA	74
3.2	PLANTATION: UMA ESTRUTURA ECONÔMICA NO SUL DOS ESTADOS UNIDOS.....	75
3.3	CAPITALISMO E O BOOM INDUSTRIAL NO NORTE	79
3.4	GRANDE MIGRAÇÃO NEGRA.....	84
3.5	COMUNIDADE NEGRA	88
3.5.1	MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO	91
3.5.2	DIVERSIDADE DE ORGANIZAÇÕES	94
3.5.3	CONSERVADORISMO NEGRO	95
3.6	IMPRENSA NEGRA NOS ESTADOS UNIDOS.....	98
4	AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD: HISTÓRIA, ORGULHO RACIAL E EDUCAÇÃO COMO CONTRAPONTO A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE ..	107
4.1	A ESTRUTURA IDEOLÓGICA E POLÍTICA.....	112
4.2	ESTRUTURA ORGANIZATIVA.....	116
4.2.1	AUTODEFESA, O PROCESSO HISTÓRICO DE TULSA E A LUTA CONTRA A KU KLUX KLAN	123
4.3	QUAL VEM ANTES, RAÇA OU CLASSE?	130
4.4	WHY I AM PROUD? ORGULHO RACIAL DA ABB	134
4.5	RELAÇÕES DE GÊNERO E BELEZA NEGRA	139
4.5.1	GRACE CAMPBELL: PIONEIRA NA TRADIÇÃO RADICAL NEGRA FEMININA.....	141

4.6	PONTOS CULTURAIS E O RENASCIMENTO DO HARLEM DENTRO DO <i>THE CRUSADER</i>	144
4.7	EDUCAÇÃO E HISTORIOGRAFIA: MODOS DE REPENSAR	148
5	A BUSCA POR UMA NOVA FORMA DE ORGANIZAÇÃO DA RAÇA, OS EMBATES E A UNIDADE	154
5.1	PAN-AFRICANISMO INTERNACIONALISTA	157
5.2	QUAL PAN-AFRICANISMO USAR? OS EMBATES ENTRE A ABB E A UNIA DE MARCUS GARVEY	163
5.3	O MOVIMENTO SANHEDRIN E A UNIDADE RACIAL	176
5.4	A IDEIA INTERNACIONALISTA DA ABB: COMINTERN, INTERNACIONALISMO INTERCOLONIAL E A LUTA CONTRA O RACISMO	187
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	206
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	210
7.1	FONTES:	210
7.2	BIBLIOGRAFIA.....	212

1 INTRODUÇÃO

Senhor: informarei que acabo de me tornar um membro por completo da African Blood Brotherhood, tendo me juntado ontem à noite. Consegui uma constituição na reunião de terça-feira à noite e enviarei imediatamente a você. Descobri que essa é uma organização que está em formação, mas tem Postos em outras cidades. Estes Postos são nomeados: este é conhecido como Posto Melenik.

Cyril Briggs, que é o verdadeiro chefe desta organização, tornou-se muito confiável e confidencial comigo. Esta entidade está tentando unir forças com Marcus Garvey. Eles têm cerca de 70.000 (setenta mil) impressos em circulação e distribuíram-nos entre os delegados que estão aqui para participar da convenção de Garvey. A African Blood Brotherhood tem quatro delegados nessa convenção, uma vez que Garvey direciona a todas as organizações o envio de delegados. O objetivo desses delegados é recrutar Garvey, ou seja, fazê-lo aceitar a African Blood Brotherhood ou que ele apareça e diga na frente de todos que não os aceitarão. Até agora o líder da UNIA os ignorou. Você também encontrará nesse relatório um boletim colocado por Briggs tratando dos acontecimentos da convenção. Briggs espera conquistar alguns dos delegados de Garvey com uma linha de propaganda que obrigue Garvey a notar a ABB. Você irá perceber senhor, que neste boletim, Briggs frequentemente refere-se à Rússia Soviética e aos Comunistas. Agora senhor, esse Briggs não é nenhum tolo e levará algum tempo até que eu ganhe sua total confiança e consiga revelar os fatos reais de sua propaganda. Eu tenho um plano pelo qual eu acho que poderia entrar em contato com essa enfermeira, mas prefiro discutir isso pessoalmente com o senhor. Mencionei que esse seria meu último relatório, mas não recebi nenhuma instrução sua. Eu gostaria de participar de outra reunião da African Blood Brotherhood antes de vê-lo.

Respeitosamente “800”.¹

A African Blood Brotherhood foi uma organização secreta, e radical, de libertação do povo negro, fundada em 1919 pelo jornalista imigrante caribenho Cyril Valentine Briggs em Nova York. O historiador Minkah Makalani caracteriza-a como a primeira organização radical dos EUA desde a pós-emancipação (MAKALANI, 2004, p. 2). Ela foi liderada por intelectuais-ativistas afro-caribenhos no Harlem, os quais basearam suas experiências coletivas em formações socialistas e nacionalistas negras para articular uma tendência política distinta daquela então conjuntural.

¹ Tradução livre de relatório do FBI escrita pelo agente “800”, James Wormley Jones, para o Departamento de Justiça de Washington D.C.. Disponível em: <<https://archive.org/details/fbi-hq-61-826-negro-organizations/page/n25/mode/1up?view=theater>>. Acesso em 16 de julho de 2022

Dentro da organização, os seus integrantes traziam no programa e nas ações a ideia de raça e classe através da combinação de elementos do marxismo com a ideologia da primazia racial enquanto categoria de análise da situação dos negros (MATTOS, 2018, p. 146). Para eles, a questão racial e a luta de classes eram vistas como complementares. Valorizando um radicalismo racial enquanto um “natural” e valioso passo ao radicalismo de classe. A entidade recorria a elementos de primazia e orgulho racial em suas ações e em seu programa, junto a fundamentos marxistas para materializar as condições dos negros e negras no mundo. Dentre essas noções de orgulho racial estava a disseminação de uma história negra e o confronto com a chamada “educação alienante” que exaltava o homem branco e apagava os feitos da população preta.² Já com o marxismo, eles associavam os dilemas e problemas dos afrodescendentes com a exploração capitalista/imperialista. Dessa forma, seria necessário o fim desse sistema e a sua substituição por outro que não fundado na exploração de humanos uns pelos outros.

A ABB atuava nos Estados Unidos e em alguns lugares do Caribe e América do Sul, porém, tinha como principal local de influência a cidade de Nova York. Centrada no Harlem, a comunidade estabeleceu filiais locais em grande parte do país, chegando a ter mais de oito mil membros em seu auge (MAKALANI, 2011). Especialmente nesse centro, seus membros compreendiam alguns dos intelectuais negros mais influentes do período, incluindo Cyril Briggs, Richard B. Moore, Claude McKay, Harry Haywood, Grace Campbell etc.

A sociedade tinha como objetivos: 1) a liberdade de raça; 2) a equidade de raça – política, econômica, social; 3) a promoção do autorrespeito racial; 4) a oposição organizada e intransigente à Ku Klux Klan; 5) uma frente negra unida; 6) o desenvolvimento industrial; 7) salários maiores, menos horas de trabalho e melhores condições de vida para os trabalhadores negros; 8) educação; 9) e a cooperação com outras pessoas negras e com os trabalhadores brancos com consciência de classe.³

A mais importante ferramenta de plataforma e de recrutamento da ABB foi o jornal *The Crusader*, que mixava o nacionalismo negro, pan-Africanismo, notícias da comunidade e o suporte aos trabalhadores pequenos (ZUMOFF, 2014, p. 298). Além disso, o jornal

² BRIGGS, Cyril. Race Cathecism. In: HILL, Robert A; BRIGGS, Cyril. **The Crusader**: a fascimile of the periodical. Volume 1. New York: Garland Publishing, 1987

³ BRIGGS, Cyril V. “Summary of the Program and Aims of the African Blood Brotherhood”. In: HILL, Robert. Racial and radical: Cyril V. Briggs, The Crusader magazine, and the African Blood Brotherhood, 1918–1922. In: **The Crusader**. New York: Garland Publishing, 1987.

comportava artigos sobre a população negra na cidade de Nova York, mas também sobre o sul dos Estados Unidos, a América Latina, o Caribe e a África.

Nosso primeiro objetivo é dar-lhes a melhor das revistas, aquela que vocês terão orgulho de contar para seus amigos. Uma revista que irá inspirar o orgulho racial e prover-lhes educação. Uma revista que vai batalhar por suas lutas, que vai lhe dizer verdades - algumas não tão agradáveis ou que não estejam em acordo com suas convicções prévias - mas que nunca irá traí-lo. Uma revista que não pode ser comprada. O *The Crusader* é dedicado para a solução do 'Problema do Negro', para o renascimento do poder Negro e de sua cultura através do mundo. O *The Crusader* se dedica a doutrina da autodeterminação dos Negros e da África para os Africanos. Os objetivos do *The Crusader* visam unir e despertar o senso de seus deveres presentes, oportunidades e as ameaças do futuro.⁴

Surgindo no contexto pós-Primeira Guerra Mundial, da Revolução Russa e do Movimento do Novo Negro, a ABB interpretava as dinâmicas raciais dos Estados Unidos que se apresentavam no período. Era a conjuntura em que a população negra estava respondendo às convulsões locais e globais, sobretudo a partir dos seguintes fatores: a Primeira Guerra Mundial e suas consequências; a migração negra do sul dos Estados Unidos para o norte junto a imigração afro-caribenha; os movimentos revolucionários internacionais com destaque para os ocorridos na Rússia e na Irlanda; o crescimento da imprensa negra radical; a emergência de uma série de novas organizações militantes radicais (WILLIAMS, 2007).

Mesclados, esses antecedentes inspiraram a multiplicidade política ideológica e movimentos culturais que buscavam responder às seguintes perguntas: qual o melhor modelo político necessário para representar o povo negro tanto no imaginário quanto politicamente? Devemos nos alinhar a um processo de construção nacional exclusivamente negro (uma nação negra)? Ou temos que nos engajar com as ideias de que não existem fronteiras nacionais, apenas a consciência de classe que caracteriza a nossa identidade política?⁵ Temos que retornar a nossa pátria-mãe África? Ou construir um movimento internacional que abarque toda a população negra mundial? Temos que nos aliar com os brancos ou internalizarmos o orgulho racial?

⁴ BRIGGS, Cyril. Aims of The Crusader. In: HILL, Robert A; BRIGGS, Cyril. **The Crusader**: a fascimile of the periodical. Volume 1. New York: Garland Publishing, 1987.

⁵ STEPHENS, Michelle An. Black Transnationalism and the Politics of National Identity: West Indian Intellectuals in Harlem in the Age of War and Revolution. **American Quarterly**. Vol. 50, n. 3, p. 592-608, 1998.

A ABB via-se como um norte para o futuro⁶ da população negra, tendo em vista que está se encontrava desorientada nessas dinâmicas. Em tais circunstâncias, propunha a criação de uma Federação que unisse todas as organizações que estivessem lutando pela libertação do povo negro. Esta Federação teria centralização no norte dos Estados Unidos. Entretanto, deveria conter sedes secretas no sul do país tendo em vista as leis segregacionistas que impediam a propaganda antirracista. Havia também a preocupação com a proteção dos próprios indivíduos que compunham a sociedade, e, portanto, sugeria-se a formação de brigadas que fossem responsáveis pela defesa de seus membros, chamada de “real poder”.⁷

Composta no seu núcleo fundador e central por imigrantes caribenhos, segundo Jacob Zumoff (2014), a ABB apresentava uma perspectiva que combinava elementos do nacionalismo negro e um pan-Africanismo.⁸ Tal perspectiva é aparente dentro do *The Crusader*, todavia, seus membros trouxeram consigo, quando imigraram para os Estados Unidos, uma bagagem diaspórica que complexificou suas convenções nacionalistas e Pan-Africanas.

E é justamente essa encruzilhada da diáspora que protagonizou novas problemáticas em ascensão, a depender de cada contexto. No nosso caso, o início do século XX, com eventos como a Primeira Guerra Mundial que abalaram o mundo como um todo. Nessa perspectiva, um dos grandes questionamentos que surgia eram os da identidade, da nação, dos modelos a se seguir em direção a um futuro melhor. Os Caribenhos, advindos da relação diaspórica produziram pontos de vistas próprios que englobaram as suas particularidades. No caso da ABB, esse propósito se moldará na ideia de uma “Federação Negra”, na construção de um movimento de massas e uma forma internacional de governo negro.

Para eles, era fundamental a construção dessa Federação como uma forma de combater o colonialismo e o imperialismo, com o fim de salvar a raça negra como um todo. Sendo o movimento negro muito complexo e vasto, na ideia da ABB de criação de uma Federação Negra traria unidade e conformidade com o objetivo da libertação negra e o fim do racismo. Por fim, estabelecida a Federação, a população negra poderia lutar pela substituição do sistema capitalista por um socialista.⁹

A ideia da criação da Federação Negra associa-se justamente à complexificação do nacionalismo negro junto ao Pan-Africanismo e às ideias socialistas, principalmente aquelas

⁶ BRIGGS, Cyril. “Program and Aims of the African Blood Brotherhood”. *The Crusader*, Outubro de 1922.

⁷ Ibid.

⁸ ZUMOFF, Jacob A. **The Communist International and US Communism, 1919-1929**. Leiden: Brill, 2014.

⁹ BRIGGS, Cyril. The Salvation of the Negro. In: HILL, Robert A; BRIGGS, Cyril. **The Crusader: a fascimile of the periodical**. Volume 3-6. New York: Garland Publishing, 1987.

expostas na Terceira Internacional Comunista. Em meados de 1920, a ABB focou em aumentar o papel das lutas anticoloniais na Índia e na China como importantes processos para a libertação da diáspora africana até uma revolução socialista. Nesse sentido, eles viam no exemplo da Revolução Russa, como o maior perigo para o imperialismo e a maior esperança para a raça negra em todos os lugares, a única arma que poderia ser usada pelos negros efetivamente para cortar as garras do leão britânico e as da águia americana na África, no Caribe, nos estados do Sul e ao mesmo tempo atingir seu coração em Londres, Paris, Nova York e Tóquio. (DOMINGO, 1920, p. 86).

Os escritos de W. A. Domingo expressam o otimismo de muitos radicais do Novo Negro com as ideias socialistas na época, principalmente depois das decepções e contradições dos ideais de autodeterminação de Woodrow Wilson e dos aspectos abordados na Liga das Nações em 1919. A Liga só aceitava estados livres como membros. Se esse era o critério para tornar-se membro da coalização, os povos que mais precisavam da autodeterminação e de proteção internacional contra o imperialismo e o colonialismo foram excluídos.¹⁰ O que proporcionou críticas irônicas por parte da ABB em seus escritos, “A Liga para algumas nações.”¹¹ Dessa forma, a desilusão com as perspectivas europeias e estadunidense se voltaram para o internacionalismo bolchevique. Começaram, por conseguinte, a desenvolver a ideia de que a libertação dos povos oprimidos seria também a libertação negra. “A libertação seja na Ásia, na Irlanda ou na África, é a nossa causa”.¹² Portanto, o Pan-Africanismo que a ABB estava desenvolvendo era não mais voltado para o atlântico negro, mas para o internacionalismo dos povos oprimidos, um Pan-Africanismo Internacionalista.

Colocando a figura do negro como eixo central em suas análises, a ABB buscava quebrar com uma interpretação e solução que não abarcasse suas ambições. Para pensarmos a temática proposta, portanto, é necessário considerar as seguintes problemáticas: como a ABB propôs adequar as angústias e as ambições da população negra ligada a um olhar marxista no contexto do entreguerras? Ademais, como adaptaram as perspectivas internacionalistas vigentes no período para a realidade negra? A bagagem afro-diaspórica caribenha afetou a organização na hora de responder as suas inquietações? Como a ABB se apropria da produção jornalística como ferramenta de luta política? Como utilizaram das ferramentas do periódico

¹⁰ STEPHENS, op. cit, p. 599.

¹¹ BRIGGS, Cyril. Quien Sabe (Who Knows). In: HILL, Robert A; BRIGGS, Cyril. **The Crusader**: a fascimile of the periodical. Volume 3-6. New York: Garland Publishing, 1987.

¹² BRIGGS, Cyril. The Problem of Asia or getting the boot. HILL, Robert A; BRIGGS, Cyril. **The Crusader**: a fascimile of the periodical. Volume 3-6. New York: Garland Publishing, 1987.

para dar voz a sua perspectiva? Como se deu as relações de solidariedade e diálogo da ABB com os outros povos da luta anticolonial?

Diante dessas questões, propomos, como objetivo de nossa dissertação, buscar avaliar a compreensão da organização African Blood Brotherhood no âmbito da modernidade capitalista no início do século XX, a partir de seu jornal *The Crusader*.

Durante o século XIX, a dinâmica própria da modernidade influíra em grandes transformações estruturais nas diversas camadas de cultura e convívio humano. Para o historiador Eric Hobsbawm, esse foi o século definido pela mudança: “[e]m termos materiais, em termos de conhecimento e de capacidades de transformar a natureza, parecia tão patente que a mudança significava o avanço, que a história moderna parecia sinônimo de progresso” (HOBSBAWM, 2016, p. 48). O mundo estava eufórico, até mesmo multidões de pessoas comuns acreditavam que o caminho aberto pela modernidade era o melhor a ser seguido. Era no surgimento das novas tecnologias que isso ficava mais visível. Agora as novas fontes de energia, como eletricidade e petróleo, mesmo que não tão significativas, começavam a se tornar viáveis. Também sob cortinas de fumaça as locomotivas surgiam como o símbolo de maior inovação do período: “[...] o conjunto das ferrovias constituía o esforço de construção pública mais importante já empreendido pelo homem” (HOBSBAWM, 2016, p. 50).

Os Estados Unidos em que a ABB está inserida é o do apogeu modernizador. Época do surgimento das metrópoles, do intenso fluxo de imigrantes e ferrovias que atravessavam o país de costa a costa: “[...] os Estados Unidos viveram um período de euforia industrial, que louvava o próprio crescimento capaz de “integrar o país” e torná-lo competitivo diante das maiores nações industrializadas da Europa” (KARNAL, 2018, p. 156). Aumentava a crença num discurso progressista, no qual a modernização era necessária para a sociedade. Assim, valores morais iam crescendo dentro do país, por exemplo, era realizada “uma verdadeira campanha contra o álcool, a prostituição e a possibilidade de dissolução da família com o divórcio [...] Entretanto, simultaneamente, justificavam a sociedade segregada entre negros e brancos” (JUNQUEIRA, 2018, p. 139). Apoiado pelo discurso da “terra das oportunidades”, os Estados Unidos começaram a atrair inúmeros imigrantes. Eles viam como uma chance única de melhorar de vida, fugindo das crises econômicas de seus países de origem e pensando no progresso que a industrialização poderia lhes proporcionar. “Entre 1880 e 1920, os Estados Unidos receberam cerca de 22 milhões de imigrantes” (JUNQUEIRA, 2018, p. 145). O que encontraram foram condições miseráveis para se viver, com salários insignificantes e sem nenhuma perspectiva. Todo esse aumento populacional fez crescer em parcela da população discursos nativistas baseados na recusa da cultura externa que transitava por ali. Nesse período,

em decorrência da vinda de uma grande população externa e da concentração de indústria em determinados locais, surgiam as metrópoles. A exemplo, temos Nova York, Chicago e Los Angeles, que se tornaram grandes locais de concentração de serviços e desenvolvimento cultural, formando uma “classe média ‘fanática’ pela nova invenção: a bicicleta” (KARNAL, 2018, p. 157).

Agora é importante pensarmos a modernidade também como um fenômeno violento. Para entendermos isso, peguemos alguns pontos importantes desse período nos EUA. Temos a promulgação das leis Jim Crow: leis discriminatórias, que negavam direitos aos negros, marginalizados econômica e educacionalmente. Era uma separação entre raças. Nesse período, temos também o ressurgimento da Ku Klux Klan. Por fim, o aparecimento do sentimento nativista. A presença de um grande número de outros povos falando a própria língua e praticando religiões diferentes da protestante fez com que parte dos estadunidenses rejeitasse os novos imigrantes. Alguns setores da sociedade acreditavam que o governo havia cometido um erro ao admitir no país uma leva tão grande de latinos, eslavos, católicos e judeus, considerados inferiores, menos civilizados, ignorantes etc. (JUNQUEIRA, 2018, 146).

A vinda de imigrantes e mestiços foi um dos elementos centrais que gerou inquietação entre os norte-americanos nascidos em solo local. Quando chegaram aos Estados Unidos, a grande maioria dessas pessoas se estabelecem em associações ou clubes de ajuda mútua. Tal acontecimento fez com que crescesse no imaginário tradicional o sentimento de culto, um lugar em que se apegavam a suas origens e culturas consideradas “estranhas”. Nesse contexto, os afro-americanos se encontravam em um processo de redefinição de seus objetivos políticos, de suas relações, de suas referências culturais e de si mesmos (GATTO, 2015, p. 89).¹³

Segundo Louis J. Parascandola (2006) a ABB tinha uma das perspectivas mais radicais. Isso se deu ao fato de que muitos dos integrantes da organização eram imigrantes negros, principalmente do Caribe. Quando chegaram aos Estados Unidos ficaram chocados com discriminação racial, não estando acostumados por exemplo com as práticas de linchamento da época. Outro ponto é que como muitos eram forçados a se mudar para o exterior devido à falta de oportunidades em suas terras nativas, isso gerava um ponto de vista mais

¹³ Nesse momento temos o surgimento do movimento conhecido como *Renascimento do Harlem*. Segundo Durao (2012, p. 291) este foi um dos movimentos mais representativos sobre a luta pela igualdade dos direitos dos negros, dos ideais pan-africanos e posteriormente contra a segregação racial. “A importância do movimento foi iniciar a discussão sobre a inclusão do negro na sociedade americana e inspirar os escritos dos pensadores da négritude” (DURAO, 2012, p. 294). W.E.B. DuBois, Alain LeRoy Locke, Marcus Garvey, Zora Neale Hurston, Langston Hughes, Countee Cullen etc., foram algumas das personalidades importantes para o período.

internacional. A percepção da experiência de vida de indivíduos em outros países, bem como a interação desses sujeitos entre si, foi algo de suma importância para a construção de uma perspectiva pan-africana.

Examinar como o contexto dos Estados Unidos e a conjuntura internacional do início do século XX influenciou nas concepções da ABB; analisar as relações políticas, sociais, culturais, econômicas e intelectuais que produziram o engajamento político e os modos de atuação da ABB; averiguar como elementos da produção jornalística são utilizados na veiculação das ideias políticas da organização; investigar as relações raciais no jornal da ABB, dentro do cenário de ativismo em que a organização se insere e na modernidade estadunidense; e pesquisar as concordâncias, as críticas e as alternativas da organização para com a modernidade estadunidense são alguns dos focos desta dissertação. Para pensarmos esse conjunto de questões em relação ao fenômeno da modernidade no início do século XX, é preciso ainda desdobrarmos tais problemáticas: quais e como seriam as relações que a African Blood Brotherhood estabelece a respeito da modernidade estadunidense dentro de seu periódico *The Crusader*? Logo: como o contexto dos Estados Unidos do início do século XX influi sobre os intelectuais dessa organização e como eles reagem a tal conjuntura através de seus artigos no jornal? Ainda, pensar a ABB dentro de seu campo envolve pensar o sujeito negro e, portanto, cabe perguntarmo-nos: como as relações raciais se davam nesse cenário? Como se davam em seu jornal? Quais articulações a ABB operou a fim de imaginar o futuro dos negros na modernidade?

Na introdução de seu livro *In the cause of Freedom: radical black internationalism from Harlem to London, 1917-1939*, Minkah Makalani nos revela uma breve trajetória do advogado negro William Lorenzo Patterson. Segundo o historiador, Patterson nutria-se de um radicalismo nascente, participando de reuniões do Partido Socialista, criticando a Primeira Guerra Mundial como uma ‘guerra de homens brancos’, lendo cada periódico negro e de esquerda que pudesse encontrar. Em seu percurso para se tornar um advogado, viaja para Nova York e consegue um cargo em um pequeno escritório de advocacia no Harlem. Lá em certo momento conhece um indivíduo chamado Cyril Valentine Briggs, assim como Richard B. Moore e Grace Campbell, ex-membros de uma organização chamada African Blood Brotherhood, e outros intelectuais radicais. Segundo Makalani (2011, p. 2), Moore e Briggs desafiaram Patterson a pensar sobre a opressão racial e convenceram o jovem advogado de que era inútil “para um negro americano confiar exclusivamente nas leis dos Estados Unidos como instrumentos libertadores”.

Lançar-se sobre a trajetória e a produção de uma organização como a ABB é uma forma de estudarmos a História das amplas lutas travadas pelo(a)s negro(a)s estadunidenses, as diversas estratégias de resistência e os laços entre afro-americanos, afro-caribenhos e os povos oprimidos do mundo.

Uma nota sobre o método

Parafraseando a historiadora Saidiya Hartman (2022), esta pesquisa trabalha com uma temática do não lugar, isto é, de pessoas despossuídas, subalternas e oprimidas, que não tiveram suas perspectivas estudadas extensamente ou, até mesmo desconhecida pela maioria do povo. É uma pesquisa que se viu confrontada com o poder e a autoridade dos arquivos, textos e referências, junto aos seus limites, que estabelecem com relação aquilo que pode ser conhecido, à perspectiva de quem importa e quem possui a centralidade e o assentimento de ser um sujeito histórico.

Nesse sentido, esta dissertação sobre a ABB apresenta algumas delimitações, sobretudo no que diz respeito à fonte: nosso principal documento de análise é a revista *The Crusader*, a qual nos conecta diretamente com nossas problemáticas. A disponibilidade para sua consulta foi aberta na internet ao longo do desenrolar da pesquisa. Antes, ela estava restrita a sites de bibliotecas de universidades estrangeiras e não na íntegra. Agora, é possível encontrar o periódico em sua totalidade no site marxista.org¹⁴. Lançamos mão dessa obra para compreendermos o desenvolvimento da ABB e os processos históricos que estavam ocorrendo na sociedade estadunidense do início do século XX, na comunidade negra local e também no debate internacional dessa conjuntura. Esse material começou a ser abordado pelos historiadores com mais afínco muito recentemente, sobretudo a partir da década de 80, quando o historiador Robert A. Hill o compilou e publicou. No entanto, isso não significa que a revista não tenha sido trabalhada antes. Para pensarmos a análise do periódico nos valem da historiadora Tânia de Luca (2008) que aborda temas como: 1) a materialidade dos jornais e seus suportes; 2) ter em conta as condições técnicas de produção; 3) as funções sociais dos impressos; 4) forma como os impressos chegaram ao seu público; 5) relações que manteve (ou não) com o mercado, a publicidade e o público que visava atingir; 6) o lugar ocupado pela publicação na história da imprensa. Ademais, a historiadora coloca que o pesquisador de jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de

¹⁴ Disponível em: < <https://www.marxists.org/history/usa/pubs/crusader/index.htm> >.

questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram a decisão de dar publicidade. O discurso veicularia e daria forma a relações de poder, assumindo significados de muitas aparências, inclusive por procedimentos de composição e impressão de um texto. Por esse ângulo, a leitura do periódico *The Crusader* presume uma investigação na qual o contexto e a criação do texto estejam em relação direta. Por não se tratar de obra solitária, mas empreendida por um conjunto de indivíduos, agregados em torno de crenças e valores que se pretendem difundir na escrita, é fundamental ressaltar que as relações aí contidas foram levadas em consideração em nossa pesquisa.

Como procedimento metodológico, isto é, as ferramentas e instrumentos mobilizados para se chegar aos resultados elencados nos objetivos, também buscamos realizar uma revisão bibliográfica. Esse dispositivo nos permitiu compreender questionamentos e interpretações que já foram levantadas em trabalhos anteriores. Tal forma que isso permitiu-nos enunciar alguns interlocutores com as quais a presente pesquisa trava um diálogo historiográfico e científico. A partir disso, podem surgir retificações, contestações e recolocações do problema.

Dessa maneira, o capítulo 1 está organizado a fim de pontuar a bibliografia já existente sobre a ABB, procurando apoios e contrastes. Convém mencionar obras clássicas sobre a organização, assim como também outras mais contemporâneas. Ademais, buscou-se a utilização de artigos especializados que abordaram o tema e trouxeram perspectivas originais de contribuição. Também foram utilizadas coletâneas que compunham artigos importantes de certos autores. Isso foi feito porque a presença de artigos no trabalho representa uma atualização de conhecimento com intervalos mais curtos sobre a problemática. Também foram consultados periódicos mais antigos, pois traziam debates e olhares das grandes polêmicas e assuntos estabelecidos no passado. Para além do comentado, utilizou-se o setor de teses e dissertações para a construção da pesquisa, com o objetivo de estabelecer um diálogo constante com o conhecimento.

Relatado isso, não se procurou comentar todo o escopo bibliográfico sobre o tema, já que seria impraticável, mesmo que a ABB não tenha uma produção científica tão grande quanto um Partido dos Panteras Negras. Tratou-se de integrar criticamente alguns itens indispensáveis para preparar o terreno e situar a questão.

No capítulo 2 está definido o recorte espaço-temporal da pesquisa. Isto é, a delimitação adequada do período histórico que será analisado. Seu propósito se dá a fim de compreender a teia que circunda nosso objeto de pesquisa, não colocando-o por si mesmo, mas em relação ao emaranhado que o completa. Esse trabalho está ligado à nossa fonte, pois dialoga com interesses de diferentes ordens e o contexto de sua publicação e produção. Tratou-se compreender as

conexões, cruzamentos, o desenrolar de problemáticas que tomaram esta ou aquela decisão, as relações de causa-efeito e, a partir disso, avaliar possibilidades que se apresentavam, da conjuntura e que levaram a um dado resultado.

O capítulo 3 está relacionado à parte analítica da pesquisa, que já estava sendo construída desde o primeiro capítulo. Focamos em construir um processo que leve em consideração os fatores ditos anteriormente e não só uma exposição e organização cronológica da conjuntura dos fatos. Priorizou-se a estrutura da ABB: em que acreditavam, quais levantamentos e interpretações buscaram e como eles moldaram suas propostas em torno de seus objetivos. Temáticas como orgulho racial, educação, história e relações de gênero são apresentadas.

Por fim, o capítulo 4, dando continuidade aos outros capítulos, relaciona-se à construção que a ABB propôs de um Pan-Africanismo Internacionalista, abordamos os debates que eles tiveram em sua época, com diversos agentes históricos, tais quais Marcus Garvey e a UNIA; Kelly Miller e o Sinédrio Negro; o Partido Comunista dos Estados Unidos e o Comintern. Assim como as propostas e dilemas que eles enfrentaram na medida que buscavam uma alternativa para os procedimentos que eles consideravam inapropriados para a população negra em sua coexistência.

Utilizamos de aspectos historiográficos, políticos, culturais, econômicas e sociais para complexificar o debate e aprofundar-se em uma organização pouco conhecida como a ABB, que ficou esquecida durante a construção do conhecimento no período do Renascimento do Harlem. Porém, sua importância emerge das potencialidades de ascensão de novas epistemes que antes eram vistas como impensáveis.

2 ANUNCIAMOS A AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD: OS NOVOS NEGROS, A DIÁSPORA E HISTORIOGRAFIA.

A manchete é “Negros incitados por uma ordem secreta – a African Blood Brotherhood suspeita de provocar o motim de Tulsa” – Gazeta Diária de Arkansas, 05 de junho de 1921¹⁵. Nas primeiras duas décadas do século XX, Tulsa, Oklahoma, uma comunidade negra se estabeleceu no distrito de Greenwood (JOHNSON, 1998). Uma comunhão composta, em sua maioria, por trabalhadores (zeladores, jardineiros, motoristas, cozinheiras, empregadas domésticas etc.) e um corpo social que ostentava empreendimentos, locais de entretenimento e uma cena cultural florescente. Tudo isso mudou, no entanto, quando Dick Rowland, um engraxate local, foi acusado de assediar uma mulher branca enquanto estava no elevador. Rowland foi preso e encarcerado no Tribunal do Condado. Logo após, supremacistas brancos começaram a se organizar em frente ao tribunal com o objetivo de linchamento do menino de 17 anos.¹⁶ Quando os residentes locais negros souberam desse propósito, 75 homens armados, em sua maioria, veteranos da Primeira Guerra Mundial, montaram guarda do lado de fora do local para proteger Rowland. Irritados com a situação, os brancos locais desencadearam uma onda de violência que ceifou centenas de vidas negras (MAKALANI, 2011). Quando se espalhou a notícia de que alguns meses atrás, veteranos negros haviam organizado um “posto” local de uma organização chamada African Blood Brotherhood (ABB) e que este alojamento foi criado com o propósito de defender a comunidade negra, a ABB foi lançada ao centro das atenções. “Intensamente agressivos em seu caráter”, “alimentando a fome de revolta entre os negros” dizia o New York Times para representar a irmandade (BERGIN, 2016, p. 46).

Liderada por intelectuais afro-caribenhos e afro-estadunidenses do Harlem, buscando desenvolver uma tendência política distinta da sua época, aliando o radicalismo com categorias como raça, classe, nação e revolução. A história da ABB até há pouco foi contada como um lembrete histórico do movimento negro dos EUA, como um apontamento, uma advertência.

¹⁵ Disponível em < <https://www.newspapers.com/clip/5342205/african-blood-brotherhood/> >.

¹⁶ Importante realizar um adendo e complexificar o debate, haja vista que os supremacistas brancos se organizaram com o objetivo de linchamento. Embora o massacre tenha uma evidência de “ciúmes” cultivada pela ideologia supremacista branca, “Negros estão vindo roubar seus empregos!”, a questão se aprofunda com a inserção do debate sobre terras e a própria História de massacres e do racismo nos EUA. A imprensa na época, como vemos na manchete acima, também corroborou com a violência fomentada. Os interesses empresariais de uma burguesia branca também se tornou pretexto para tentativas de grilagens. Portanto, o debate não se fecha apenas em linchamentos.

A historiografia sobre a organização, contudo, começou a mudar principalmente nos anos 1970 e 1980, com os estudos de Harold Cruse¹⁷, Tony Martin¹⁸, Cedric Robinson¹⁹, Robert A. Hill²⁰ que tinham, entre alguns de seus objetivos, o estudo do movimento negro nos EUA. Antes dessas pesquisas, muito do que se sabia sobre a entidade vinha da autobiografia de membros que participaram da ABB, como Harry Haywood²¹ e Claude McKay²²; de arquivos confidenciais do FBI que compilavam informações de reuniões, métodos organizacionais, descrições de integrantes, interpretações dos membros acerca de pautas importantes que afetavam a população negra; dos jornais do período que cobriam acontecimentos aos quais a ABB estaria relacionada de alguma forma, como o Massacre de Tulsa de 1921; também de outros jornais e revistas do movimento negro contemporâneos à organização; e da sua principal fonte propagandística, o periódico *The Crusader*.

Mais recentemente, novos estudos ganharam fôlego, trazendo novas interpretações para a organização, destaque para Mark Solomon²³, Winston James²⁴, Minkah Makalani²⁵, Jacob A. Zumoff²⁶, Michelle Ann Stephens²⁷ e outros. Realizar um panorama do que já foi escrito sobre a ABB se faz importante, na medida que é uma entidade pouco conhecida.

Este capítulo intenciona apresentar, de maneira geral, a formação da entidade, seus principais agentes e intelectuais, junto a uma experiência diaspórica, e as pesquisas/trabalhos já escritos sobre a ABB. Assim, foi possível identificar três vertentes de destaques: 1) os trabalhos contemporâneos da ABB, que abarcam a sua própria visão de si; 2) as pesquisas

¹⁷ CRUSE, Harold. **The Crisis of the Negro Intellectual**. New York: William Morrow and Company, 1967.

¹⁸ MARTIN, Tony. **Race First: the ideological and organizational struggles of Marcus Garvey and the Universal Negro Improvement Association**. Massachusetts: The Majority Press, 1976.

¹⁹ ROBINSON, Cedric. **Black Marxism: the making of the black radical tradition**. Chapel Hill & London: University of North Carolina Press, 1983.

²⁰ BRIGGS, Cyril V; HILL, Robert A. (org). **The Crusader: a fascimile of the periodical**. Volume 1, 2, 3-6, New York: Garland Publishing, 1987. HILL, Robert. **Racial and radical: Cyril V. Briggs, The Crusader magazine, and the African Blood Brotherhood, 1918–1922**.

²¹ HAYWOOD, Harry. **Black Bolshevik: Autobiography of na Afro-American Communist**. Chicago: Liberator Press, 1978.

²² MCKAY, Claude. **A long way from home**. New Jersey: Rutgers University Press, 2007.

²³ SOLOMON, Mark. **The Cry Was Unity: Communists and African Americans, 1917-1936**. Jackson: University Press of Mississippi, 1998.

²⁴ JAMES, Winston. **Holding Aloft the Banner of Ethiopia: Caribbean radicalism in Early Twentieth-Century America**. London/New York: Verso, 2020.

²⁵ MAKALANI, Minkah **FOR THE LIBERATION OF BLACK PEOPLE EVERYWHERE: THE AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD, BLACK RADICALISM, AND PAN-AFRICAN LIBERATION IN THE NEW NEGRO MOVEMENT, 1917-1936**. 2004. 320 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Illinois, 2004. Disponível em: < <https://www.ideals.illinois.edu/handle/2142/84661> >. MAKALANI, Minkah. **In the Cause of Freedom: Radical Black Internationalism from Harlem to London, 1917-1939**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2011

²⁶ ZUMOFF, Jacob A. **The communist international and the US communism, 1919-1929**. Boston: Leiden.

²⁷ STEPHENS, Michelle Ann. **Black Empire: the masculine global imaginary of Caribbean Intellectuals in the United States, 1914-1962**. Durham: Duke University Press, 2005.

caracterizadas pelos anos 1970 e 1980; 3) e, por fim, os trabalhos mais recentes do final dos anos 1990 até os dias atuais. Tal divisão não deixa de ser arbitrária, pois reflete o desejo do pesquisador em identificar algumas vertentes e linhas gerais de explicação e estudo que vinculam os seus autores e perspectivas a essa divisão, porém, ainda assim parece ser útil como um método de didatismo e apresentação dessas pesquisas.

O capítulo está dividido em três partes: na primeira, procura-se apresentar a figura de Cyril Briggs, fundador da African Blood Brotherhood e de seu principal meio divulgador, a revista *The Crusader*, em ligação ao contexto do Movimento do Novo Negro; na segunda, intenciona-se demonstrar a bagagem afro-diaspórica caribenha para os intelectuais da ABB engajando com figuras fundamentais para o desenvolvimento da organização; Por fim, pretende-se evidenciar a historiografia produzida acerca da ABB, com atenção às delimitações colocadas por cada agente.

2.1 CYRIL VALENTINE BRIGGS: UM INTELECTUAL DO MOVIMENTO DO NOVO NEGRO

O velho Negro e seus artificios fúteis devem ir. Após cinquenta anos dele e seus métodos, a raça ainda sofre de linchamentos, da privação de direitos, da violência racial, segregação e várias outras questões. Seu rastejar abjeto e suplicante não valeram de nada à causa. Ele vendeu sua vida e seu povo por promessas enganosas tingidas pelo ouro do traidor. Sua liderança na causa acabou. Deixe-o ir. O Novo Negro agora toma seu lugar²⁸

(BRIGGS, 1919, p. 447, tradução nossa).

Começo caracterizando Briggs e os intelectuais da African Blood Brotherhood (ABB) como agentes do Movimento do Novo Negro, em conjunto com aquilo que Minkah Makalani

²⁸ The old Negro and his futile methods must go. After fifty years of him and his methods the race still suffers from lynching, disfranchisement, Jim Crowism, segregation and hundred other ills. His abject crawling and pleading have availed the cause nothing. He has sold his life and his people for vapid promises tinged with traitor gold. His race is done. Let him go. The New Negro now takes the helm.

chama de radicalismo negro. O radicalismo negro, em sua visão, é o desenvolvimento/habilidade de cristalizar uma forma história particular da luta de classes em uma sociedade racializada própria. É o desenvolvimento que não engloba uma tradição política de lutas do movimento negro no geral, mas em sua particularidade, ou seja, é o desdobramento de um processo particular inserido no movimento negro e não a sua essência²⁹.

Consequentemente, o radicalismo negro prevê que a sua desenvoltura, seus focos e preocupações mudam em cada realidade histórica. Além disso, deve-se dar o destaque histórico da raça e do racismo, isto é, dificilmente veremos a produção do racismo de maneira igual nos Estados Unidos e no Brasil, por exemplo. As suas características exclusivas se notabilizam e cabe ao pesquisador a astúcia de perceber essas relações. Nesse caso, a opressão racial é uma dinâmica estrutural entre grupos racializados, ligados ao desenvolvimento econômico político dominante. À medida que essa economia política dominante experimenta mudanças e transformações, a formação racial de um determinado período e contexto também sofre modificações para se ajustar as novas circunstâncias e necessidades históricas. Dessa forma, o radicalismo negro é capaz de abordar uma relação particular entre raça e classe que pode não existir em outro período.

Partindo dessa concepção, a ideia de radicalismo negro para Richard B. Moore, uma figura central da ABB, é frutífera:

O termo “radical”... refere-se a um programa, ou a um defensor de um programa, que propõem mudanças básicas de ordem econômica, social e política. Um “radical” em relação a escravidão, por exemplo, é alguém que exige, não medidas parciais para limitar os modos de punição dos senhores de escravos, ou um aumento na alimentação e vestimenta do escravo, mas sim aquele que reivindica a abolição do sistema de escravidão e sua substituição por outro sistema, como o do trabalho assalariado livre. No que diz respeito ao sistema capitalista ou a propriedade privada dos meios de produção e sua operação para o lucro de seus proprietários, um “radical” é aquele que defende a substituição do sistema capitalista por um de ordem socialista, que geralmente significa a propriedade comum e a gestão pelo povo dos meios de

²⁹ Makalani está em um diálogo crítico da noção de radicalismo negro desenvolvida por Cedric Robinson, na qual o historiador trazia a ideia de que o radicalismo era algo intrínseco no movimento negro, vivenciando-se em uma tradição política, na qual a população proveniente de África tivesse a capacidade de conservar uma consciência nativa de luta contra o estrangeiro, contra a submissão da escravidão, contra a dominação racial e repressão. Os valores, as ideias, as construções e conceitos da tradição radical negra provém dessa consciência nativa. Nesse caso, o radicalismo não seria algo específico mas sim uma visão de mundo cosmológica africana que está no caráter das atividades políticas da população negra. Robinson chega a dizer que os pensadores negros radicais do início do século XX acreditaram estarem desenvolvendo suas ideias com base nas novas condições de seu povo, porém, segundo Robinson, suas problemáticas acabaram se revelando parte de uma tradição antiga do movimento negro, na qual esses intelectuais do início do século XX acabaram por descobrirem primeiro, em suas histórias, segundo, neles mesmos (ROBINSON, 1983, p. 170). Makalani critica essa visão, se apropriando das formulações de C.L.R. James sobre o radicalismo negro. Para o historiador, as perspectivas de Robinson separam as dinâmicas da raça e do racismo de seus determinantes sociais tornando-a em uma característica eterna da sociedade humana, ao invés de uma relação histórica específica.

produção socialmente operacionalizado para o uso humano e não para o lucro privado³⁰ (MOORE, 1988, p. 215).

Moore aqui demonstra que o radicalismo negro contra a escravidão, por exemplo, estava ligado a uma luta pela abolição desse sistema, que tinha como desenvolvimento central a opressão racial, conectados ao desenvolvimento político econômico dominante, e à ascensão do trabalho assalariado livre. Já o radicalismo negro contra o sistema capitalista luta pelo fim desse modo de produção, que também se apropria do racismo e da opressão racial para seu desenvolvimento, visando sua substituição pelo socialismo, ou seja, ambos buscam sua mudança definitiva, porém, abarcam dinâmicas próprias, uma busca o trabalho assalariado, o outro o socialismo³¹. A revolução Haitiana lutava pelo fim da escravidão, pela liberdade e igualdade, já a revolução de Burkina Faso lutou contra o imperialismo e as ações capitalistas.

Seguindo adiante, a noção de radicalismo negro desenvolvida pela ABB e introduzida pela citação acima, está em pleno diálogo com o contexto sócio-político do Movimento do Novo Negro. Este é um fenômeno da virada do século XIX para o XX, que surge a partir de diversos processos que ocorreram na história, nesse caso, dos Estados Unidos, e vão desembocar na ascensão de uma nova geração de ativistas e lideranças na luta contra o racismo.

O professor de Harvard, Henry Louis Gates (1988, p. 132), caracteriza essa corrente como uma figura de linguagem que combina os anseios do negro nas dinâmicas de história, tempo, passado e patrimônio, junto a uma ressignificação da classificação racial “negro”. Isso se deu na forma da “autonegação” de um chamado “Velho Negro”, este, representado por uma memória ligada a escravidão, aos linchamentos, a um ser sem história, pacífico e que não conseguiu acabar com os males do escravismo, a segregação e suas consequências.

Dessa forma, deveria surgir um chamado “Novo Negro”, aquele que viria para lidar com essa contradição do “Velho Negro” e acabar definitivamente com as feridas do racismo. O movimento do novo negro teria o aglomerado das mais diversas vertentes e ideologias políticas

³⁰ As here used, however, the term “radical” ... refers to a program, or an advocate of a program, which proposes basic change in the economic, social, and political order. A “radical” in relation to chattel slavery, for example, was one who advocated, not partial measures to limit the slaveholders’ punishment, or to require an increase in the food and clothing of the slave, but who demanded abolition of the system of chattel slavery and its replacement by another system such as the free wage labor system. In respect to the system of capitalism or the private ownership of the basic economic and productive forces of society and their operation for the profit of the owners, a “radical” is one who advocates the replacement of the capitalist system by a socialist order of society, which is generally held to mean the common ownership and management by the people of the socially necessary means of production and their operation for human use rather than for private profit.

³¹ Ambos podem apresentar questões semelhantes, como o fim do racismo por exemplo, porém um e outro correspondem a contextos próprios. É importante fazer esse destaque para evitar noções anacrônicas de cada um, de tal modo que não era possível encontrar as problemáticas para a criação de um sistema socialista na revolução haitiana.

que abraçavam as ideias do “Novo Negro”. Portanto, desde nacionalistas, liberais, até integracionistas, socialistas, conservadores, separatistas etc., com táticas das mais diversas que iam das artes, cultura, até mesmo a utilização do trabalho como ascensão social, a educação, entre outros.

O historiador Chad L. Williams (2007) nos relembra que o movimento do novo negro estava respondendo as convulsões locais e globais ocasionadas pela Primeira Guerra Mundial e suas consequências, a migração negra do sul dos Estados Unidos para o norte junto a imigração afro-caribenha, os movimentos revolucionários internacionais com destaque para os ocorridos na Rússia e na Irlanda, o crescimento da imprensa negra radical, a emergência de uma série de novas organizações militantes radicais. Combinados, esses fatores inspiraram a diversidade política ideológica e movimentos culturais caracterizados pela auto-organização racial, consciência diaspórica e internacional, identificação social com as massas negras, e um compromisso com a autodefesa contra a violência racial branca. Interpretação essa que indica que os líderes e métodos das lutas anteriores estariam desatualizadas no contexto do pós-guerra.

O radicalismo da ABB, nesse contexto do movimento do novo negro, é entendido como um resposta às condições materiais que diziam respeito a comunidade negra - opressão racial e violência, a escravidão por dívida ou peonagem, a formação dos guetos e o surgimento de novas formas de racismo no Norte urbano industrial, as tensões sociais e culturais entre os afro-americanos e afro-caribenhos no nordeste urbano etc. - e como uma alternativa do que eles viram de inadequado nos vários programas políticos: nacionalismo, liberalismo, conservadorismo, integracionismo, socialismo etc. Abaixo, a imagem de Cyril Valentine Briggs:

FIGURA 1 - Cyril Valentine Briggs



FONTE: Winston James (2020, p. 60).

Nascido em 1888, na ilha de Nevis (Antilhas), uma colônia de plantação de açúcar britânica. Filho de Mary M. Huggins, uma mulher de cor, e Louis E. Briggs, um capataz branco de plantações, pouco se sabe sobre a biografia de Briggs, além de algumas páginas autobiográficas incompletas³². Devido a um complexo racialmente miscigenado, o nevisiano teve um aparência fenotipicamente branca, o que ocasionou conflitos e preconceitos com a sua pessoa³³. Briggs recebeu uma educação colonial nos tempos em que esteve na ilha, o que na sua visão era um método para transformar os negros em anglo-saxões, glorificando os brancos e difamando os negros. Ironicamente, sua condição racial e experiência educacional expuseram-no ao pensamento radical no começo de sua vida. Foi expulso de diversas escolas em que

³² Essas páginas estão contidas no texto “Angry Blond Negro”, provindas da coleção de cartas de Marcus Garvey e compiladas por Robert Hill. Não tive acesso a tal texto, apenas indiretamente a partir de algumas citações de pesquisas, de modo que utilizo dos estudos de Minkah Makalani, Mark Solomon, Robert A. Hill para fundamentar essa parte biográfica.

³³ Foi o caso de George W. Harris, editor do jornal New York Amsterdam News, que passou a chama-lo de “O negro raivoso de pele clara”.

estudou devido a conflitos com professores e com a diretoria, até que foi transferido para São Cristóvão, terminando os estudos em 1904.

Em sua estada na ilha, trabalhou como assistente em uma biblioteca, onde acabou entrando em contato com diversos livros sobre imperialismo, incluindo os discursos de Robert Green Ingersoll, que na época defendia os direitos civis dos negros, o agnosticismo, um anti-imperialismo e teria amizades com figuras famosas, como Frederick Douglas. Segundo Briggs, “o orador teria fomentado um anti-imperialismo embrionário ao qual dedicaria sua vida”³⁴ (MAKALANI, 2004, p. 61, tradução nossa). Segundo Hill (1987, p. 8, tradução nossa), Briggs poderia ter sido atraído por grandes oradores devido uma deficiência pessoal de sua fala (ele era gago): “através da projeção senti a necessidade de me identificar com Henry Ward Beecher por ter sido o mais brilhante falante da língua inglesa de todos os homens do globo”. Tal problema o impediu de um trabalho político de oratória, contudo, o que lhe faltava no que diz respeito à palavra falada, ele compensava na palavra escrita.

Além disso, o garoto teve contato com figuras missionárias que foram importantes para o seu desenvolvimento intelectual, como o reverendo Price, que cuidava da biblioteca em que trabalhou, e um missionário branco, chamado Crawford, cuja lembrança para Briggs é a daquele que o ensinou a “pensar como um negro”. Juntos, esses conjuntos diversos de influências podem ajudar a explicar a aceitação de Briggs de uma política radical que desenvolveria posteriormente.

Ademais, foi no Caribe que o jovem começou a sua longa carreira como jornalista. Trabalhando como aprendiz, no jornal *St. Kitts Daily Express* e no *St. Christopher Advertiser*, reproduziu atividades de repórter e acabou ganhando uma bolsa de estudos para a faculdade de jornalismo, à qual que ele recusou devido ao fato de “estar ansioso para uma partida para aos Nova York”³⁵ (HILL, 1987, p. 8, tradução nossa). A mãe de Briggs já tinha emigrado para os Estados Unidos, deixando-o em São Cristóvão para que concluísse os estudos.

Foi então, em 4 de julho de 1905, quando recém tinha completado 17 anos, que partiu para Nova York, se juntando à grande imigração diaspórica das primeiras décadas do século XX para os Estados Unidos. Tal movimento abriu uma série de complexidades acerca das interpretações do fenômeno, desde a sua contribuição para os negros ou até mesmo os conflitos internos que geraram no interior dos movimentos negros. Briggs, como tanto outros afro-caribenhos, enfrentou uma dinâmica racial diferente da que tinha presenciado no Caribe. Assim, foram jogados a um rebaixamento social construído pelo racismo estadunidense, podendo ter

³⁴ Reading Ingersoll fostered an embryonic anti-imperialism to which he would devote his life.

³⁵ Was looking forward to [an] early departure for New York.

contribuído para a radicalização dos afro-caribenhos. Uma das práticas para contornar esse rebaixamento era o chamado *Passing*³⁶ que, nos Estados Unidos, em relação a população racialmente negra, foi utilizada para escapar da segregação racial, “passando-se” por branca.

Esse contexto refletia na vida do nevisiano que, em São Cristóvão e Nevis, era considerado uma pessoa de cor, uma designação racial abaixo dos brancos, porém, acima dos negros, e que quando chegou aos Estados Unidos, teve que se identificar como negro ou realizar o ato da passabilidade. Apesar de “parecer branco”, Briggs “optou” por confrontar a realidade de ser negro nos EUA. Os motivos foram o distanciamento de sua mãe e da comunidade afro-caribenha que o ato proporcionaria. Estudiosos da identidade caracterizam essa dinâmica de identificação racial como “encontro” – uma experiência que desnorteia o senso de uma pessoa sobre a condição racial no mundo e, possivelmente, leva-o a uma reavaliação de sua identidade racial”³⁷ (MAKALANI, 2004, p. 62, tradução nossa).

Nesse sentido, a identificação de ser negro não é uma condição dada, mas um vir a ser, algo que Neusa Santos Souza (1983, p. 77) caracterizou como um “tornar-se negro”.

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.

O afro-caribenho respondeu ao contexto criando laços com a comunidade afro-estadunidense e também com a cultura política local. Em 1912 conseguiu a primeira oportunidade como jornalista no *Amsterdam News*, um pequeno jornal afro-estadunidense criado em 1909. No novo emprego, começou como repórter e, posteriormente, seria promovido editor esportivo até que, por fim, tornou-se redator editorial. Nesse meio tempo, conheceu Bertha Florence Johnson da Virginia do Oeste, que se mudou para Nova York, e em janeiro de 1914, casaram-se.

Após três anos trabalhando para o jornal, demitiu-se do cargo para assumir como editor do *Colored American Review*, uma revista de notícias dedicada à cena empresarial negra do Harlem. Em sua primeira publicação no novo emprego, bradou para que os empresários negros se comprometessem com os interesses da população negra, ao invés de pensarem no lucro. Tal

³⁶ No Brasil foi traduzido por “Passabilidade.”

³⁷ An experience that disrupts a person’s sense of the salience of race in the world, and possibly leads to a reevaluation of their racial identity or how they make sense of their racial group classification.

editorial chamou a atenção de Hubert Henry Harrison, um dos pioneiros do radicalismo negro do Harlem, que se tornou colaborador da *Review*:

FIGURA 2 - Hubert Harrison



FONTE: Winston James (2020, p. 60)

Harrison foi uma figura extremamente importante para o cenário político do movimento negro dos EUA nesse início de século XX. Nascido na Ilha de Santa Cruz, tentou moldar uma política socialista capaz de garantir o fim do racismo. Com isso, em 1909, juntou-se ao Partido Socialista da América (SPA), construindo uma reputação como militante, teórico, organizador e historiador de destaque no Harlem. Lá, juntou sua oratória com a imprensa para desenvolver suas ideias. Em seu período dentro do partido, ficou encarregado do trabalho de propaganda e organização das ideias socialistas para a população negra, ajudou na organização da campanha eleitoral de 1912, escreveu textos que uniam as dinâmicas de raça e classe em

torno do fenômeno do capitalismo³⁸. Em decorrência das discordâncias com a linha do órgão, dentre elas a negligência em relação a questão racial, deixou o partido em 1914, porém, sem abandonar as perspectivas socialistas naquele momento, Harrison tornou-se um dos intelectuais mais conhecidos e prestigiados do Movimento do Novo Negro. Sua influência torna-se tão grande que o historiador Winston James o coloca como um agente bifurcado, que vivenciou e inspirou dois lados do Movimento do Novo Negro; o do socialismo negro, com nomes de Cyril Briggs, A. Phillip Randolph, Chandler Owen, etc., e o nacionalismo negro, com a figura de Marcus Garvey.

O papel pioneiro de Harrison no que ficou conhecido como o radicalismo do Novo Negro na década de 1920 dificilmente pode ser negligenciada. Ele exerceu uma profunda influência no desenvolvimento intelectual e político da primeira geração de radicais negros do Harlem³⁹ (JAMES, 2020, p. 6, tradução nossa).

Já na segunda edição do *Colored American Review*, Briggs foi demitido. Os pesquisadores do assunto assumem que essa demissão ocorreu devido aos vislumbres de radicalismo dentro de uma revista de negócios. Logo após, o jornalista retorna para a *Amsterdam News*, onde cobre peças de teatro, apresentação de danças e faz contato com pessoas que seriam de valor para o trabalho de Briggs, como o dono do teatro Lafayette, que seria um dos primeiros contribuintes para a revista *The Crusader*⁴⁰.

Por meados de 1917, grandes acontecimentos influenciam a vida de Briggs. Primeiro, ele se envolve com a *Hamitic League of the World* (HLW), uma organização cultural nacionalista, fundada por nomes como George Wells Parker, John E Bruce, Fred C. Williams, Duse Mahomed Ali e o próprio Cyril Briggs⁴¹, que desenvolvia em seu escopo a ideia de orgulho racial:

³⁸ Dou destaque para seu primeiro livro “The Negro and the Nation”, qual compilou uma série de artigos como “The Negro and Socialism” e “The Negro Real Problem”, que apresentassem essa dinâmica. Para saber mais sobre a figura de Harrison recomendo os trabalhos de Jeffrey B. Perry: “Hubert Harrison: the voice of Harlem Radicalism, 1883-1918” e “Hubert Harrison: the struggle for equality, 1918-1927”

³⁹ Harrison’s pioneering role in what became known as the New Negro radicalism of the 1920s can hardly be overstated. He exercised a profound influence upon the intellectual and political development of Harlem’s first generation of black radicals

⁴⁰ As edições do *Amsterdam News* que tiveram direção de Briggs, exceto dois, se perderam. Dessa maneira, não é possível analisar sua perspectiva política durante aquele período, dentro desse jornal.

⁴¹ O envolvimento do Nevisiano com a HLW foi importante para o desdobramento da ideia de patriotismo racial em suas interpretações.

Para inspirar o Negro com novas esperanças; para torná-lo orgulhoso de sua própria raça e demonstrar suas grandes contribuições para o desenvolvimento religioso e civilizacional da humanidade; e colocar nas mãos de cada homem, mulher e criança de raça o fato que a Liga firma-se na ideia de que A RAÇA NEGRA É A MAIOR RAÇA QUE JÁ SE TEVE CONHECIMENTO NO MUNDO⁴² (HILL, 1987, p. 11, tradução nossa).

Não se sabe muito sobre a ligação de Briggs com a fundação da HLW. Logo após o anúncio de surgimento, o órgão sofreu uma paralização devido as consequências da Primeira Guerra Mundial, ressurgindo na virada de 1918-1919. Segundo o jornalista, seu envolvimento com a entidade era o de uma ajuda mútua em seus respectivos trabalhos, ou seja, cada um divulgaria o outro em suas publicações. No caso de Briggs, isso abriu a oportunidade para o lançamento de uma revista própria.

A ligação com Parker e a HLW influenciaram no nevisiano ideias de orgulho racial e etiofianismo (um movimento político-cultural e religioso, que via no continente africano, um local de luta contra o racismo, através de fundamentos espirituais que situavam a população negra como o povo escolhido por Deus, e a Etiópia – ou o continente africano – como um território sagrado, na qual esforços anticoloniais seriam percebidos, expressos em termos como “África para os Africanos”). Este traria um senso de pertença entre os povos negros, que serviria para unir a diáspora e o continente africano com base em civilizações ancestrais, fenômenos políticos, culturais, espirituais, ligados entre si (ADI, 2018, p. 16-19).

Um segundo acontecimento para sua vida é a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial e as consequências desse fato com a população negra. Em abril de 1917, o então presidente, Woodrow Wilson, anuncia a quebra de neutralidade perante a guerra e comunica a entrada do país no conflito com o discurso de “tornar o mundo seguro para a democracia”⁴³. Esse é um ponto complexo na medida que afetou diretamente a vida da comunidade negra e representou um período de mudanças sociais, econômicas, populacionais do país. Para muitos radicais negros, a fala de Wilson foi vista com ironia, dado que criticavam as ambivalências da sociedade estadunidense e as suas falhas em proteger as vidas e os direitos democráticos da população negra em seu próprio território. Entretanto, muitos também viam o evento como uma oportunidade de inclusão plena na nação e o alcance de uma “cidadania de primeira classe” (FRANCISCO, 2016). Em outras palavras, diversos segmentos da população

⁴² To inspire the Negro with new hopes; to make him openly proud of his race and of its great contributions to the religious development and civilization of mankind and to place in the hands of every race man and woman and child the facts which support the League's claim that the NEGRO RACE IS THE GREATEST.

⁴³ Ver: <http://historymatters.gmu.edu/d/4943/>

negra acreditavam que a incorporação do setor no conflito abriria portas para a integração racial, a inclusão, tendo em vista que demonstrariam o valor patriótico que tinham com o país, a democracia e o que ela representava⁴⁴. Abaixo, os soldados da 369 infantaria:

FIGURA 3 - Soldados da 369 Infantaria, conhecidos como Harlem Hellfighters.



FONTE: Financial Times (2018). Disponível em: < <https://www.ft.com/content/0732aa94-d61c-11e8-aa22-36538487e3d0> >.

Houve muita relutância no alistamento dos afro-estadunidenses, até mesmo por parte das autoridades. Primeiro, por causa do racismo instaurado que não aceitava a convivência de pessoas negras com brancas no mesmo espaço; segundo, havia um medo branco de que com o treinamento militar, os soldados negros que retornassem da guerra poderiam rebelar-se e se transformariam em uma ameaça para toda a sociedade estadunidense. Outro ponto de destaque, é a competição de masculinidades nesse momento, uma vez que o ingresso de soldados negros na guerra fomentaria uma competição de entre homens negros e brancos, de modo que estaria melhor representando os Estados Unidos, na guerra. Mulheres e homens negros passaram a

⁴⁴ É necessário lembrar que existia o regime de segregação racial nos Estados Unidos. Regime esse que, além de dividir as pessoas, relacionava a população negra a não humanos. Portanto, a participação negra na guerra tinha como objetivo trazer um novo olhar para esse sistema.

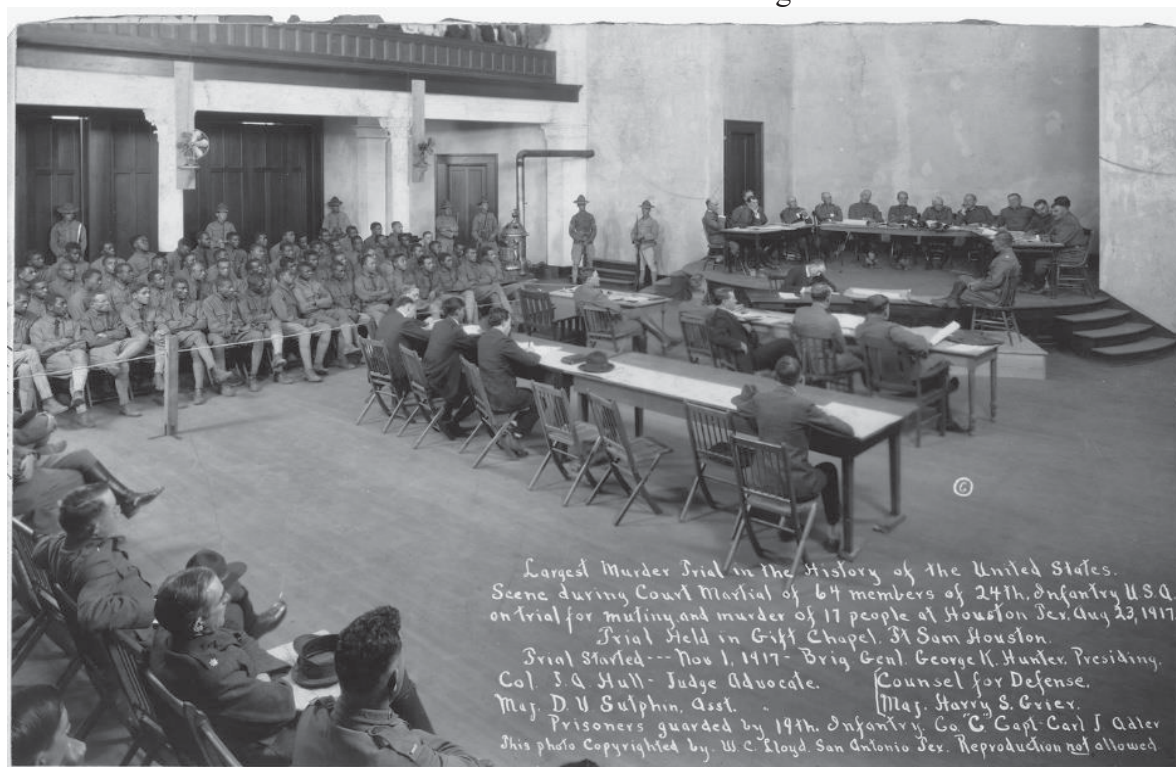
tratar os soldados afro-estadunidenses como heróis e guerreiros do combate à violência racial (FRANCISCO, 2016).

O que ocorreu de fato? Vimos a transposição das Leis Jim Crow no recrutamento, nos batalhões e no serviço prestado na guerra. O preconceito acirra-se ainda mais com alguns episódios históricos, como o motim que acontece em Houston em 1917, capítulo esse que representou a morte de quinze pessoas brancas por soldados negros do 24º Regimento de Infantaria, estacionados em *Camp Logan*⁴⁵. O conflito inicia-se após tensões raciais contra os soldados negros, que passam a sofrer com o preconceito da polícia e dos civis locais. No dia 23 de agosto de 1917, os soldados Lee Sparks e Rufus Daniels são presos e espancados por intervirem na detenção de Sara Travers, uma dona de casa negra. Após diversos relatos de preconceitos, os 156 soldados da 24ª Infantaria se amotinam e marcham em direção a Houston, liderados pelo sargento Vida Henry, como forma de protesto. Em reação ao acontecido, a população da comunidade local, todos brancos, armam-se para confrontar os soldados, dando início ao conflito.

Os resultados foram as mortes de quatro soldados negros, incluindo a do sargento Henry, que cometeu suicídio após a morte de um membro da guarda nacional por fogo amigo, além de quinze pessoas brancas e dezenas de feridos. No dia seguinte, as autoridades de Houston conseguiram controlar a situação e desmobilizaram o conflito. No mês de novembro, foi convocada a maior corte marcial da história dos Estados Unidos, na qual 64 soldados foram acusados. Desses, treze foram imediatamente levados à forca e os outros a prisão perpétua. No ano seguinte, foram convocadas mais duas cortes marciais, nas quais mais 16 soldados foram condenados à forca e 12 a prisão perpétua. Contudo, 10 dos 16 submetidos à morte tiveram suas sentenças mudadas para ao encarceramento vitalício pelo presidente Woodrow Wilson, após uma grande pressão nacional de afro-estadunidenses contra a corte. Ademais, o 24º Regimento de Infantaria fora impedido de participar da guerra pelo governo dos Estados Unidos (HAYNES, 1973), como pode-se ver na imagem abaixo:

⁴⁵ Quando os Estados Unidos entraram na guerra, passaram a construir centro de treinamentos espalhados pelo país, um desses era o *Camp Logan* em Houston, Texas.

FIGURA 4 - Corte Marcial do 24 regimento



FONTE: Military.com (2022). Disponível em: < <https://www.military.com/history/how-race-riot-involving-army-unit-led-largest-murder-trial-us-history.html> >.

Tal episódio proporcionou uma grande comoção nacional, sendo largamente instrumentalizado pelos periódicos racistas e por políticos como justificativa para o não armamento da população negra, pela não equalização de direitos de afrodescendentes, e também sobre os perigos dessa comunidade em migrar para o Norte dos Estados Unidos (SILVA, 2019). Portanto, as expectativas de uma sociedade sem segregação logo foram dissipadas: houve a continuação do racismo, a manutenção das leis Jim Crow, dos linchamentos e o direcionamento da violência racista aos veteranos da guerra.

Contudo, a Primeira Guerra Mundial serviu para aproximar o debate do racismo existente nos Estados Unidos, com as temáticas de colonialismo e imperialismo. Os intelectuais negros da época começaram a debater as aproximações que as relações raciais existentes no âmbito nacional, tinham com as advindas da África, do Caribe, da América do Sul. No caso de Briggs, o jornalista se candidatou ao alistamento em 5 de junho de 1917, porém, voltou atrás com o ato sendo bastante crítico à postura dos EUA na guerra, colocando que “recusava-se a lutar por uma democracia negada ao meu povo”⁴⁶ (HILL, 1987, p. 11, tradução nossa). Sua

⁴⁶ Refused to fight for a democracy denied my people.

postura torna-se ainda mais crítica com episódios de racismo e violência, como o massacre de East St. Louis, em julho de 1917. No *Amsterdam News*, escreve um editorial intitulado “‘Segurança de vida’ para poloneses e sérvios – Por que não para os Americanos de cor?” onde apontou que os objetivos de autodeterminação para as nações do leste europeu eram dessemelhantes, quando se tratava da relação colonial entre países europeus e africanos. Ademais, falava do fracasso do governo estadunidense em lidar com os linchamentos e os conflitos raciais que surgiam de hora em hora. Mais importante, ele argumentou que a libertação nacional era a única solução para os afrodescendentes em relação ao racismo:

Considerando que cada vez mais em menor números somos, mais fraco ficamos, e quanto mais fracos estivermos, menos respeito, justiça e oportunidades obteremos, portanto, não é hora de considerarmos uma política de existência separada? Como um décimo da população, com muitas gerações de esforços não correspondidos e meio século de contribuição. Como homens livres, para a prosperidade americana, podemos com razão e justiça exigir nossas porções de terra para fins de autogoverno e de procura pela felicidade, um décimo de território dos Estados Unidos continental⁴⁷ (HILL, 1987, p. 13, tradução nossa).

Tal demanda de Briggs está em conformidade com o contexto da época, exemplificado em uma luta anticolonial e na busca por autodeterminação, que ia desde a revolta da Páscoa na Irlanda, dos movimentos de independência na Índia, à revolução Russa e as lutas nos países africanos. O jornalista estava fazendo uma conexão desse grande contexto internacional com o *status* da população negra nos Estados Unidos, sendo sua primeira resposta a necessidade de autodeterminação dos negros dos EUA, a criação de um Estado negro onde eles pudessem se autogovernar⁴⁸. Apesar de Briggs abandonar essa ideia posteriormente, o argumento proporcionou que ele tratasse as opressões raciais no país como uma relação nacional de colonialismo, a população negra dos Estados Unidos estava vivendo em uma condição colonial, e esta situação era fundamental para que o país se desenvolvesse.

Dessa forma, o jornalista desafiava algumas noções civilizacionistas do movimento negro na época, como a historiadora Michele Mitchell descreve em seu artigo “‘The Black

⁴⁷ Considering that the more we are outnumbered, the weaker we will get, and the weaker we get the less respect, justice or opportunity we will obtain, is it not time to consider a separate political existence? As one-tenth of the population, backed with many generations of unrequited toil and half a century of contribution, as free men, to American prosperity, we can with reason and justice demand our portion for purposes of self-government and the pursuit of happiness, one-tenth of the territory of the continental United States

⁴⁸ Esse argumento separatista também era tratado por outros intelectuais negros da época como Hubert Harrison, Du Bois, Marcus Garvey, todos com suas próprias particularidades. Posteriormente, nos anos 1930 e 1940, a figura de maior destaque com essa ideia seria Harry Haywood, comunista negro que fez parte da African Blood Brotherhood, trazendo indagações sobre o chamado Cinturão Negro.

Man's Burden': African Americans, Imperialism, and Notions of Racial Manhood 1890-1910", que argumenta sobre as influências do Imperialismo na masculinidade racial negra, propondo ideias como a liderança na luta contra o racismo na África, onde eles poderiam construir nações e defender-se dos intrusos de pele branca (MITCHELL, 1999). Ao contrário, Briggs não detinha essa noção civilizacionista das lutas na África por exemplo⁴⁹.

Em meados de janeiro de 1918, Briggs recebe uma carta de um comerciante caribenho chamado Anthony Crawford, com a proposta da criação de um órgão público que ajudasse em uma propaganda voltada para o orgulho racial e educasse o caucasiano acerca da história africana. O comerciante via nos escritos de Briggs, as características de alguém que fosse capaz de guiar todo os Estados Unidos em torno das ideias de "África para os Africanos".

O jornalista se compadece com as ideias do mercante e inicia sua jornada para a criação da revista *The Crusader*. O foco inicial foi a garantia de doações para que o periódico começasse a entrar em circulação. A primeira contribuição vem de Crawford com \$200 dólares, a segunda, também de \$200, de W. H. Willis, um gerente da "Associação de Jogadores Amadores Coloridos de Bilhar" e que muito brevemente viria a se tornar proprietário da *BeeHive Printing Company*, companhia esta que, inicialmente, seria responsável pela impressão do *The Crusader*. Willis também ofereceria alojamento para outros radicais do Movimento do Novo Negro que estabeleceram a sede de seus impressos no mesmo prédio, conhecido como *BeeHive Building*. Outro contribuinte para a revista foi Edward H. Warren, editor-chefe do *Amsterdam News*, que ajudou na circulação da revista no Harlem e o seu crescimento inicial com agentes de campo, que impulsionaram seu conhecimento. Briggs, também receberia apoio de outros jornalistas e publicitários do Harlem, assim como intelectuais e ativistas do Novo Negro, como Hubert Harrison, Anselmo Jackson e R.L. Dougherty, Gertrude E. Hall, Edward Waldron, Robert L. Douglas, Mr. Rossi, Annie De Basco, Ida Reeves, Geroge Ralston, etc.⁵⁰ Em agosto-setembro de 1918 é anunciada a revista *The Crusader* com o slogan da luta pela democracia e por um mundo mais justo para a população negra "Onward for Democracy – Upward with the Race".

2.2 NA ENCRUZILHADA DA DIÁSPORA: RADICAIS NEGROS E SUAS DELIMITAÇÕES

⁴⁹ O que não significa que as influências de uma masculinidade racial não existisse em suas ideias.

⁵⁰ Na primeira edição do *The Crusader* existe uma "lista de honras", com os nomes dos contribuintes para o lançamento da revista.

Um papel importante a se destacar é a quantidade de afro-caribenhos que tiveram parte protagonista dentro do Movimento Negro no geral. Desde Cyril Briggs, Hubert Harrison, Claudia Jones, Frank Crosswath, Marcus Garvey, Amy Jacques Garvey, Amy Ashwood Garvey, C.L.R. James, George Padmore, Arturo Schomburg, entre outros no começo do século XX, até mesmo Kwame Turé e Frantz Fanon nas décadas subsequentes. Uma linha notável de afro-caribenhos que estiveram à frente de movimentos políticos radicais e nos fios da luta contra o racismo. No caso da *African Blood Brotherhood*, essa participação não foi diferente, tendo como quadros de destaques Wilfred Adolphus Domingo (Jamaica), Richard B. Moore (Barbados) e Claude McKay (Jamaica), além de também ter notoriedade o sul-americano Otto Huiswoud (Suriname).

Portanto, o Caribe é um fator a ter destaque para nossa análise futura. Uma série de desenvolvimentos, processos e eventos entrelaçados desencadearam e sustentaram um enorme êxodo das ilhas durante o final do século XIX e início do XX. Por trás da imigração Caribenha está uma longa história de colonialismo, acompanhada da escravidão e da economia do açúcar (JAMES, 2020, p. 33). Dentre os países que colonizaram a região se destacam a Espanha, a Grã-Bretanha, a França, a Holanda, entre outros, moldando a economia do local em benefício próprio. As ilhas do Caribe foram anexadas, povoadas por conquistadores e por povos africanos escravizados. Sua sociedade nativa (Aruaques e Caraíbas) foi subjugada e dizimada. O historiador Winston James (2020, p. 33) diferencia a sociedade caribenha, que viria a existir com a colonização, da de outros países colonizados, especialmente na América do Sul. Para ele, a população originária do Caribe não formaria uma base colonial, ou seja, a população aborígine não era apenas conquistada, mas também extinguida. A sociedade caribenha era, então, totalmente nova com a colonização.⁵¹

No início do século XX, o mundo passava por transformações, e com o Caribe não era diferente. Uma penetração cada vez mais acentuada do capital estava em andamento. Um aumento no nível de pobreza e uma ampliação da desigualdade econômica participava do processo (HOBSBAWM, 2016) Nesse período, Cuba e Porto Rico caem sob tutela dos EUA: “Os Estados Unidos transformarão o mar Caribenho em um lago americano”⁵² (JAMES, 2020, p. 34, p. tradução nossa). Baseado em complexas transformações, alguns pontos se apresentam como os possíveis motivos da imigração caribenha para a América do norte. Primeiro, uma crise

⁵¹ Em relação a colonização britânica, suas colônias no Caribe formariam uma complexa relação naquilo que ficou conhecido como metrópole-satélite, metrópole-colônia. Como parte do Império, aqueles inseridos dentro das colônias eram vistos como britânicos, mas da mesma forma que – como colônias – eles eram, por definição, marginais, estrangeiros.

⁵² The United States had transformed the Caribbean sea into a *de facto* American lake.

na indústria açucareira do caribe britânico em regiões como Barbados, São Cristóvão e Nevis e Jamaica. Segundo James (2020, p. 41), enquanto em 1820 a região produziu cerca de 56 por cento da média anual de 331.000 toneladas de açúcar, na primeira década do século XX, contribuiu com apenas 11 por cento de 2.217.000 toneladas. Ao passo que Cuba, no período, se tornava a líder no processo. Outro ponto é a precariedade do trabalho. Na Jamaica, por exemplo, o governo colonial, em 1911, deu fim aos concursos públicos, afetando, principalmente, a população negra na obtenção de empregos. Tais acontecimentos ajudariam a radicalização dos indivíduos inseridos dentro da sociedade caribenha. Além disso, adiciona-se o desemprego e os baixos salários como elementos que corroboraram com a imigração.

Somando-se à política colonial, à economia, temos também a própria região geográfica do Caribe, que tem se confrontado com os desafios do meio ambiente, que incluem erupções vulcânicas, terremotos, secas, tsunamis, furacões⁵³. Os grandes furacões serviram para estruturar sociedades e, em grande parte da história caribenha, isso implicou um impacto em suas principais instituições: a escravidão e a plantation (SCHWARTZ, 2007, p. 37-38). Os efeitos das catástrofes naturais são profundamente mediados por relações sociais, econômicas, políticas⁵⁴ e também contribuíram para o êxodo.

Em 1900, os caribenhos começaram a imigrar para os EUA, principalmente Nova York, de maneira mais acentuada, estabelecendo-se em Manhattan e no Brooklyn. Em 1920, a porcentagem de negros nascidos no Caribe e que viviam na cidade atingiu um pico de 33 por cento em relação ao total de negros na metrópole (MAKALANI, 2011, p. 25). Agora, qual era a bagagem teórica-política que esses caribenhos tinham quando chegaram aos EUA? James coloca diversas características que, inclusive, ajudaram a ascender uma cultura radical nesses indivíduos. Esses pontos são: as políticas anteriores e a experiência organizacional que tiveram no Caribe, junto a quebra de uma consciência majoritária⁵⁵; uma vasta experiência anterior em viagens e na imigração; um *status* de proteção nos EUA (em relação aos indivíduos do Caribe Britânico), dado que eram vistos como sujeitos da Coroa Britânica; um menor apego à fé cristã

⁵³ Alguns exemplos são a erupção do vulcão de Monte Péele na Martinica em 1902 e a erupção do vulcão Soufrière em São Vicente, 1902; o terremoto da Jamaica em 1697; o furacão de São Calisto II que atingiu as ilhas caribenhas em 1780. Ver: SCHWARTZ, Stuart B. Os furacões e a formação das sociedades caribenhas. **Revista USP**. N. 71, p. 28-43, 2007.

⁵⁴ Os mecanismos à disposição para lidar com suas consequências e, assim, a capacidade de suportar as forças destrutivas da natureza também são condicionadas pelo poder e recursos que alguém possui.

⁵⁵ Consciência majoritária no sentido de que os imigrantes caribenhos estavam acostumados, pela maior parte do tempo, a viver em um mundo em que eles constituíam a maioria da população. Quando vieram para os EUA, essa lógica se inverteu, e a interação com a população branca - muitas vezes com o racismo - levou alguns deles a atividade política radical.

e às igrejas cristãs; e uma relação educacional geralmente fora do alcance de afro-americanos (JAMES, 2020, p. 52).

Em relação à experiência organizacional dos afro-caribenhos antes da chegada ao novo país, podemos exemplificar Wilfred Adolphus Domingo, que viria a se juntar à ABB, e Marcus Garvey que eram membros de uma organização protonacionalista chamada The National Club. Também temos Samuel Haynes, que deixou Belize após liderar um grande movimento de protestos na capital de seu país, em 1919. Claude McKay, John Sydney de Bourg, Charles Petioni e muitos outros estavam radicalizados antes da chegada a América do Norte.

A 1ª Guerra Mundial também ajudou no radicalismo dessa população imigrante, pois enfrentaram o racismo em suas divisões de combate. Entre os radicalizados estavam ex-membros do Regime das Índias Ocidentais Britânicas que serviram na Europa e no Oriente Médio durante a Grande Guerra:

Quaisquer ilusões que esses soldados tivessem sobre seu britanismo antes de irem para a “pátria-mãe” foram rapidamente dissipadas pelo racismo contundente imposto a eles por soldados e oficiais britânicos brancos (JAMES, 2020, p. 53, tradução nossa).⁵⁶

Dentre esses sujeitos que migravam aos EUA estava uma série de jovens, homens e mulheres, radicalizados que iam para o Harlem, não apenas com o objetivo de ganhar a vida, mas também participar de organizações que lá existiam. A Universal Negro Improvement Association (UNIA), de Marcus Garvey, tinha papel importante nesse quesito, e muitos migraram para contribuir com o projeto do ativista. Mas além da organização de Garvey, também é importante lembrar do partido comunista dos Estados Unidos na época. Ademais, antes e depois da abolição da escravidão, os caribenhos viajaram amplamente – uma experiência não confinada à intelectualidade, mas abrangendo diversas camadas sociais, especialmente, os trabalhadores qualificados. Assim, muitos imigrantes caribenhos que foram para os Estados Unidos haviam viajado para outros lugares antes de sua chegada. Um número substancial trabalhou no Canal do Panamá, alguns em plantações de banana no centro da América, outros em plantações de açúcar em Cuba, Porto Rico e República Dominicana. Muitos tinham uma experiência internacional ainda mais ampla, viajando para lugares como Índia e

⁵⁶ Any illusions that these soldiers had about their Britishness before going to the “Mother Country” were quickly dispelled by the headspinning racism meted out to them by white fellow-British soldiers and officers alike.

China. Outros viveram por um tempo na África Ocidental, Oriente Médio e até mesmo na Europa. Serviram no exército britânico no Egito, Iraque e Palestina durante a Primeira Guerra Mundial. Garvey, por exemplo, viveu e trabalhou por vários anos na Europa e América Central antes de viajar para Nova York. Muitos desses caribenhos viajados desenvolveram uma perspectiva internacionalista pan-africanista através da interação com pessoas negras de diferentes países e através da observação da condição oprimida comum da humanidade negra ao redor o mundo⁵⁷ (JAMES, 2020, p. 69). Outra característica em relação aos caribenhos foi o seu acesso à educação e à realização educacional. O historiador coloca que em 1923, 98,6 por cento dos imigrantes que entraram no país eram alfabetizados. Em comparação com os negros dos EUA, entre o período de 1920 e 1930, 27,4 por cento dos afro americanos eram analfabetos (JAMES, 2020, p. 73). Em conjunto a isso, para o intelectual, os afro-caribenhos tinham uma paixão cultural pela leitura (a palavra escrita) e a oralidade (palavra falada). A aprendizagem do livro e a educação em geral foram os recursos necessários para a mobilidade social ascendente – a aquisição de empregos de colarinho branco e entrada nas profissões. Conhecimento então era, em um sentido muito concreto, um capacitor vital para aqueles sem dinheiro⁵⁸ (JAMES, 2020, p. 73).

Um aspecto final de suma importância para a radicalização dos imigrantes caribenhos foi a configuração da raça e do racismo nos EUA. A presença de negros com pele clara entre os imigrantes radicais era significativa, e o próprio líder da ABB Cyril Briggs se encaixa nessa questão; quando vieram para os EUA sua posição social foi categorizada como negro. “A posição intermediária - colorido, mulato, miscigenado, entre outro - que eles tinham nas ilhas do Caribe foi abolida nos EUA, sendo colocados em uma categoria indiferenciada de “negro””⁵⁹ (JAMES, 2020, p. 69, tradução nossa). Em segundo lugar, temos a continuidade da segregação legalizada, o caso *Plessy v. Ferguson* e as Leis Jim Crow são um exemplo disso⁶⁰. Acompanhando a análise da professora de Direito Cheryl I Harris (1993), os Estados Unidos

⁵⁷ Vale ressaltar que muitos imigrantes também eram marinheiros e, por conta da natureza de seu trabalho, experienciaram diversos contextos.

⁵⁸ Aqui é necessário aprofundarmos em um ponto. Cedric Robinson contrapõem a perspectiva educacional de James. Para o escritor de “Black Marxism”, a relação com a educação no Caribe estava ligada à chave do colonialismo. Enquanto James caracteriza o “amor pela leitura”, Robinson dá destaque às imposições dos impérios coloniais para a formulação do radicalismo negro. Para o historiador, os impérios britânicos e franceses, de forma muito consciente, procuraram nutrir uma classe de funcionários disposta e capaz de governar, influenciar as relações caribenhas em nome da ordem imperial. A leitura de Robinson precisa ser levada em conta também quando apresentado essa questão.

⁵⁹ The intermediary position—colored, mulatto, mixed, or the like—which they held in the islands was abolished in America, collapsed into an undifferentiated “Negro” category.

⁶⁰ São relações complexas na qual não é possível se aprofundar devido a extensão do texto. Ver: HARRIS, Cheryl I. Whiteness as property. *Harvard Law Review*. Vol. 106, n.8, p. 1709-1791, jun. 1993.

utilizaram-se da lei para transformar a identidade racial branca, que já vinha desde a escravidão, para uma forma de propriedade. Ou seja, a raça branca passava a ser vista como aquela que tem a autoridade sobre as coisas. Aliado a isso, a prática dos linchamentos era algo com que os afro-caribenhos não estavam acostumados, ficando chocados.

Mas por que o destaque para o caribe em nossa dissertação? Stuart Hall nos ajuda a elaborar uma resposta para tal questão. Formados em torno daquilo que se caracteriza como diáspora, os povos afro-caribenhos (afro-diaspóricos) emanam “sensibilidades descolonizadas” (HALL, 2006, p. 318). Em outras palavras, os povos afro-diaspóricos apresentam categorias de análise que se diferem do eixo central de uma historiografia disciplinada, por exemplo. Autores como Kim D. Butler, Petrônio Domingues, Edouard Glissant, Paul Gilroy, Michel-Rolph Trouillot, Stuart Hall dentre outros analisam e pesquisam sobre as abordagens da diáspora.

A diáspora, em sua definição, pode ser identificada como um processo de dispersão, que se dá numa rede de relações entre comunidades ou povos espalhados, na qual suas histórias são marcadas por diversos contatos entre pessoas, comunicações e fluxos de produtos, culturas, ideias, artefatos, imagens, que conectadas em e entre si, adquirem um caráter transnacional. Os diaspóricos vivem em uma ambivalência, compartilham uma dupla, senão múltiplas consciências, pois vivem entre fronteiras culturais, no fluxo, constituindo e constituindo-se por diferentes elementos em travessia.⁶¹

Nesse sentido, a diáspora diz respeito tanto o dispersar, quanto o permanecer. Em outras palavras, pessoas que, devido às mais variadas causas, saem de sua terra de origem e ao se estabelecerem em outro local recriam comunidades e vínculos nessa nova região, assim como organizam memórias e relacionamentos afetivos e persistentes com os lugares de onde saíram.

A diáspora negra nas Américas pode ser entendida como um espaço da encruzilhada, um local que faz referência à viagem (física ou imaginada), aos deslocamentos (de rotas e raízes) e ao emaranhado de experiências dispersas, que se cruzam ou se justapõem de acordo como uma confluência de processos econômicos, políticos, históricos, culturais e identitários (BUTLER; DOMINGUES, 2020, p. xviii). Assim, a história dos afro-caribenhos deve ser compreendida em sua multilateralidade, compreendendo-os ora como receptor, ora como mediador, ora como produtor de ideias.⁶²

⁶¹ Lembrando que diáspora pode ter diversas bases de identidade, podendo ser religiosa, no caso da diáspora judaica; baseadas na nação, como exemplo a indiana; étnica, como a Sikh; regional, como no caso o Caribe; ou no que diz respeito ao continente, no caso a africana.

⁶² Importante de lembrar que um movimento diaspórico contém suas próprias particularidades, ou seja, não significa que as diáspora seja o mesmo movimento para todas as dinâmicas de dispersão.

Segundo Butler (2020, p. 13), para se analisar uma comunidade diaspórica é necessário levar alguns pontos em consideração: 1) a principal dispersão: causas, condições e narrativas; 2) relacionamento com a terra de origem; 3) relacionamento com a terra de destino; 4) interrelações dentro das comunidades da diáspora. Edouard Glissant chama essa dinâmica da diáspora de Relação. Os povos afro-diaspóricos caribenhos vivem nas raízes da relação. Para o escritor, esse processo se deu, inicialmente, com a escravidão e o colonialismo, da ação forçada da vinda de pessoas da África, desenvolvimento este extremamente violento e que ele chama de abismo, o desterro forçado de pessoas que irá inaugurar uma transversalidade, uma nova dinâmica de vida e de se viver.

*Eles semearam no fundo do mar o germe de uma presença invisível. Assim se tornou claro, não uma transcendência do sublime, mas a transversalidade. Levou-nos muito tempo para entendermos isso. Somos as raízes da relação*⁶³ (GLISSANT, 1989, p. 67, tradução nossa).

Retomando a ideia da diáspora como o dispersar e o permanecer, junto à noção de Relação, Glissant nos ajuda a entender que os sujeitos afro-caribenhos partem de uma concepção diferente das dinâmicas de um mundo preocupado com a linearidade e/ou unidade de ser. Os afro-caribenhos, por exemplo, não pensam a história através de uma linha do tempo, mas como uma teia de aranha que se perde, se conecta, que se ramifica:

O Caribe é o lugar de uma história de rupturas e cujo início é um desenraizamento brutal, o tráfico de pessoas escravizadas. Nossa consciência histórica não poderia sedimentar-se, por assim dizer, de forma contínua e gradual, como os povos que esboçam a ideia de uma filosofia da história totalitária – os europeus –, mas sim no contexto do choque, da contração, da negação dolorosa e de forças explosivas⁶⁴ (GLISSANT, 1989, p. 61-62, tradução nossa).

⁶³ *They sowed in the depths the seeds of an invisible presence. And so transversality, and not the universal transcendence of the sublime, has come to light. It took us a long time to learn this. We are the roots of a cross-cultural relationship.*

⁶⁴ The Caribbean is the site of a history characterized by ruptures and that began with a brutal dislocation, the slave trade. Our historical consciousness could not be deposited gradually and continuously like sediment, as it were, as happened with those peoples who have frequently produced a totalitarian philosophy of history, for instance European peoples, but came together in the context of shock, contraction, painful negation, and explosive forces.

A partir dessa perspectiva, a própria noção de história no Caribe seria afetada. A historiografia seria uma rede de relações de pensamentos que daria um sentido à história. Não existiria essa noção linear e evolutiva dela.

Uma literatura pluriversal, na qual a ideia de valor estético não pressupõe, a priori, hierarquia entre negros e brancos, mulheres e homens, centro e periferia, entre outras declinações, opera descentramentos no cânone e nos seus pilares constitutivos, possibilitando novos arranjos críticos (ASSUNÇÃO; MIRANDA, 2021, p. 28).

Esse é uma relação importante a se fazer, pois veremos mais à frente como os intelectuais da ABB lidam com a história contada de maneira oficial, sobre a humanidade, sobre os negros, sobre os brancos etc., formada na modernidade. A encruzilhada da diáspora protagonizou novas problemáticas em ascensão em conformidade ao contexto.

No caso do início do século XX, com eventos como a Primeira Guerra Mundial, que abalaram o mundo como um todo, um dos grandes questionamentos que surgia era o da identidade, da nação, dos modelos a se seguir em direção a um futuro melhor. Randolph Bourne, ensaísta e crítico social estadunidense, escreveu no momento de emergência de categorias como nacionalismo, autodeterminação e internacionalismo, e utilizou o termo “trans-nacional” como um alicerce para entender e identificar o impacto da imigração europeia na sociedade estadunidense. Bourne, em seu texto “Trans-national America”⁶⁵, crítica a teoria do “caldeirão cultural”, muito em voga no século XVIII e XIX para descrever a fusão das mais diversas nacionalidades, culturas e etnias, que promoveriam uma assimilação cultural e uma americanização desses valores oriundos das mais diversas áreas do planeta, nos Estados Unidos. Os escritos de J. Hector St. John de Crèvecoeur (1981, p. 62, tradução nossa) apresentam essa ideia:

O que é, então, o americano, esse novo homem? Ele é europeu ou descendente de europeu; daí essa estranha mistura de sangue que você não encontrará em nenhum outro país. Eu poderia indicar-lhe uma família cujo avô era inglês, cuja esposa era holandesa, cujo filho se casou com uma francesa e cujos quatro filhos atuais têm agora quatro esposas de nações diferentes. Ele é um americano que, deixando para trás todos os seus antigos preconceitos e costumes, recebe novos modos de uma nova vida que

⁶⁵ Ver: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1916/07/trans-national-america/304838/>

adotou, do novo governo a que obedece e da nova posição que ocupa [...] São uma mistura de ingleses, escoceses, irlandeses, franceses, holandeses, alemães e suecos.⁶⁶

Para Bourne, essa ideia não se sustentava para explicar a dinâmica imigratória europeia nos Estados Unidos, muito porque, segundo ele, esses grupos de imigrantes europeus não se fundiram em uma cultura nacional americana dominante. Com a Primeira Guerra Mundial, diversos movimentos nacionalistas resistiram ao processo de americanização e continuaram com suas singularidades no país⁶⁷, o que fez com que Bourne propusesse o conceito “trans-nacional” para lidar com a identidade estadunidense. Os Estados Unidos seriam uma nação que comportava diversas nações em si, uma nação internacional.

A perspectiva de Bourne parte do pressuposto da ascensão do nacionalismo europeu com a Primeira Guerra Mundial, como diz a pesquisadora Michelle Ann Stephens, tal entendimento não se aplicava aos caribenhos, pois não tinham uma identificação nacional forte. Diferentemente de imigrantes poloneses, tchecos, eslovenos que compartilhavam particularidades em comum como língua, cultura, e extensão territorial que se desenvolveu ao longo do tempo, os caribenhos vêm da relação. C.L.R. James (1984, p. 205) comenta sobre essa questão em seus escritos: “ao deixar o Caribe [e chegar na Grã Bretanha] descobrimos que nem a vida que vivíamos nem as coisas que víamos estavam em harmonia com as coisas que líamos, e automaticamente nos tornamos *contra*”. Louis Simpson (1972, p. 48, tradução nossa) caracterizava a história da Jamaica como uma história da governança europeia:

Como os jamaicanos não se autogovernavam, eles se sentiam inferiores em outros aspectos. Entre os legados da cultura colonial está o hábito de pensar as fontes criativas distantes de si mesma. Isso era verdade para os jamaicanos. Eles eram apenas ramos de uma remota Inglaterra. Eles não eram autossuficientes e não haviam criado

⁶⁶ What, then, is the American, this new man? He is either an European or the descendant of an European; hence that strange mixture of blood, which you will find in no other country. I could point out to you a family whose grandfather was an Englishman, whose wife was Dutch, whose son married a French woman, and whose present four sons have now four wives of different nations. He is an American, who, leaving behind him all his ancient prejudices and manners, receives new ones from the new mode of life he has embraced, from the new government he obeys and the new position he occupies [...] They are a mixture of English, Scotch, Irish, French, Dutch, German, and Swedish.

⁶⁷ Como já dissemos e é importante reforçar, entre 1880 e 1920, os Estados Unidos receberam cerca de 22 milhões de imigrantes, que estabeleceram-se, principalmente, em indústrias, estabelecendo-se em regiões e cidades que tinham tal demanda. Muitos passaram a viver em condições de miséria, com salários irrisórios, amontados em pequenos cômodos e desorientados pela mudança de país. Dessa forma, procuraram se aglomerar com seus conterrâneos em cidades como Nova York, Los Angeles, Boston, Filadélfia, Chicago etc., surgindo bairros como Chinatown, Little Italy, Little Hungary ou Índia Square. Essa presença muito grande de pessoas de fora, com culturas diferentes, línguas desconhecidas e modos de se viver com características distintas, fez com que surgisse um sentimento nativista em alguns setores da população estadunidense, rejeitando a vinda desses imigrantes.

nenhuma obra importante. A história da Jamaica era a história da governança europeia.⁶⁸

Apesar do argumento de que os sujeitos caribenhos partem de pressupostos diferentes dos encontrados nos modelos europeus e estadunidenses, isso não significou que eles não estavam debatendo essas noções e sendo influenciadas por elas também. No caso da nacionalidade, eles buscaram modelos de identidades próprios que dessem conta da sua realidade, o que significa que, ainda assim, o debate em torno da nacionalidade era uma preocupação para eles. Porque viveram suas vidas além das fronteiras nacionais eles foram forçados a se envolver e imaginar alternativas aos nacionalismos na medida que eram excluídos dos processos de construção de uma nação, tanto dos países quais saíram, quanto dos que vieram a se estabelecer (STEPHENS, 1998, p. 597). Intelectuais caribenhos também batalharam para produzir conceitos políticos e culturais de uma identidade negra coletiva. No caso da ABB, esse propósito se moldará na ideia de uma “Federação Negra”, que unisse todas as organizações negras em um único fim, transformando-a em um movimento de massas e uma forma internacional de governo negro. Os quadros da ABB estavam às voltas com esse processo. Richard B. Moore, nascido em Barbados em 1893, foi um organizador socialista, lutador contra o racismo e um defensor da autodeterminação Caribenha e Africana que imigrou para Nova York em 1909, onde teve papel chave como influenciador de políticas de independência e de melhorias na vida social dos negros no Harlem. Chegando lá, trabalhou em diversos setores até conseguir estabilidade como balconista em uma empresa de fabricação de seda.

Segundo a biografia escrita por sua filha, o ingresso de Moore na realidade estadunidense – segregação, insultos diários, ataques pessoais e linchamentos – o levou à tentativa de compreender as relações raciais que ele estava enfrentando e a uma filosofia que desse conta de entender essa realidade para que ele possa guiar o seu comportamento. Num primeiro momento, o barbadiano encontrou inspiração através dos livros, particularmente na figura de Frederick Douglass, e, posteriormente, entrou em contato com a literatura socialista bem como com intelectuais orgânicos que faziam trabalhos nas ruas, sendo Hubert Harrison o maior exemplo, mas também com A. Philip Randolph e Chandler Owen (MAKALANI, 2004). Assim, Moore começou a apoiar uma cartilha socialista que mudasse a estrutura econômica e eliminasse a discriminação de grupos étnicos. Ademais, ele próprio começou a realizar

⁶⁸ As Jamaicans did not govern themselves they felt inferior in other respects. "Among the legacies of a colonial culture is the habit of thinking of creative sources as somehow remote from itself." This was true of Jamaicans. They were only a remote branch of England. They were not self-sufficient, and had created no important works. The history of Jamaica was the history of the Europeans who had ruled it

discursos nas ruas do Harlem, o que acabou chamando atenção do Departamento de Justiça, colocando-o sob vigilância vitalícia.

FIGURA 5 - Richard Benjamin Moore



FONTE: Winston James (2020, p. 61)

Outro personagem importante, foi Wilfred Adolphs Domingo. Nascido na Jamaica, em 1889, já era politicamente ativo antes de imigrar para os Estados Unidos. Era o filho mais novo de Francisco e Alice Domingo, seu pai era espanhol e dono de uma frota de charretes em Kingston, já sua mãe era de St. Thomas Parish, um condado a leste da Jamaica. O jamaicano, junto com seu irmão e irmã mais velhos, ficaram órfãos ainda na juventude e passaram aos cuidados do tio por parte de mãe, Adolphus Grant. Estudou em uma escola em Kingston e passou a trabalhar para seu tio até que conseguiu um emprego como alfaiate na mesma região e foi onde conheceu Marcus Garvey. Foi um ávido leitor, o que contribuiu para a produção de artigos da imprensa local, e junto com Garvey, começou a apoiar a S. A. G Cox's National

Club, na qual passaram a ser secretários assistentes. Com a ajuda financeira do tio, Domingo imigrou para Boston, junto com a irmã, em 1910, em que começou a estudar medicina, porém logo abandonou. Em 1912, mudou-se para Nova York e lá começou a formação de organizações nacionalistas jamaicanas que demandavam autodeterminação, sufrágio universal e uma constituição democrática em sua terra natal. Quando os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra, alegou reivindicação religiosa no alistamento militar, com isso, ele não participou como soldado do evento, contudo, nessa época já teve contato com ideias socialistas que circulava no Harlem, se aproximando Hubert Harrison, A. Phillip Randolph, Chandler Owen, Richard B. Moore etc., assim como no mesmo período participou de reuniões da Universal Negro Improvement Association (UNIA) de Garvey (HILL, 1983, p. 527-531).

FIGURA 6 - Wilfred Adolphus Domingo



FONTE: Winston James (2020, p. 61)

Da mesma maneira, outro personagem importante para a formação da ABB foi Otto Huiswoud. Nascido em 1894, na Guiana Holandesa, atual Suriname, na América do Sul. Lá

trabalhou como aprendiz de impressão até chegar aos Estados Unidos, em 1910, onde se estabeleceu em Nova York, trabalhando de bico para sobreviver e também foi influenciado pelas ideias socialistas, ganhando uma bolsa de estudos para a Rand School of Social Science, que era uma escola de formação, escritório, editora e operadora para socialistas e ativistas sindicais. Isso o permitiu contato com Sen Katayama, socialista japonês e um dos fundadores do Partido Comunista Japonês, que estava dando aula na escola. Dessa forma, Huiswoud começou a ver o socialismo como a política que poderia trazer possibilidades para os trabalhadores, as lutas anticoloniais no Caribe e contra o racismo nos Estados Unidos. Ingressou no Partido Socialista da América em 1916.

FIGURA 7 - Otto Huiswoud



FONTE: Black Then (2021). Disponível em: < <https://blackthen.com/otto-huiswoud-first-black-member-of-the-communist-party/> >.

Além desses, tivemos também, Grace P. Campbell, que não é caribenha, porém foi fundamental para a construção da ABB. Nascida na Geórgia em 1883, cresceu entre os estados do Texas e Washington D.C. até que se moveu para Nova York, em 1905, onde começou suas atividades políticas, operacionalizando a Empire Friendly Shelter, que era uma casa para mulheres solteiras com filhos pequenos. E, assim como outros radicais negros, Campbell foi atraída pelas ideias de Harrison, se tornando uma das primeiras afro-estadunidenses a aderirem ao SPA. Além disso, a ativista realizou diversas palestras, patrocinou também estabelecimentos de ensino e, em 1923, ocupou cargo em um conselho escolar, no qual utilizou de sua posição para trazer radicais negros como palestrantes nas escolas. Também ocupou cargos em organizações radicais como secretária do 21º Distrito da SPA no Harlem, tesoureira na ABB e presidenta e fundadora da Peoples Educational Forum (PEF). Ela cuidou de todas as atuações logísticas da ABB e supervisionou as atividades da organização em sua casa na rua 133 com a avenida 8. Inclusive, sua moradia tornou-se local de reuniões da entidade também. Quando ela adoecia, os encontros eram cancelados (MAKALANI, 2011, p. 54).

FIGURA 8 - Grace P. Campbell



FONTE: Winston James (2020, p. 60)

Esses ativistas encontraram-se nas linhas de ação do Harlem e também na atuação pelo partido socialista dos Estados Unidos. Lá, criaram afetos e lutaram por melhores condições de vida. Contudo, o partido estava à mercê das próprias contradições da conjuntura, e essas incompatibilidades fizeram com que os seus integrantes negros o deixassem.

A principal contradição estava relacionada ao racismo dos integrantes socialistas brancos e a redução do problema da raça a mera fachada da exploração de classe. Harrison foi o principal sujeito que desafiou esse reducionismo. Vendo o racismo como algo enraizado no capitalismo, observou que a exploração de classe e a raça estavam ligadas de maneira orgânica e extremamente complexa. Sendo assim, instigou o partido a “levar a sério o problema da linha de cor” e dar aos Afro-Americanos uma visão de igual importância tanto à raça como à classe. Um movimento da classe trabalhadora liderada por socialistas teria que organizar os trabalhadores negros e apoiar explicitamente as lutas afro-americanas (MAKALANI, 2011, p. 33). Apesar dessa disputa, ela não foi o suficiente para mudar as suas estruturas do partido, sendo assim, esses intelectuais negros buscaram sua saída.

Com isso, os indivíduos citados acima buscaram um novo passo e decidiram seu próprio programa para tratar a opressão racial e a exploração de classe em conjunto. Isso materializou-se na People’s Educational Forum (PEF), em 1917, um grupo de estudos público que ocorria nos domingos e que debatia as particularidades de sua conjuntura através da chave de análise da raça junto ao marxismo. Liam as obras clássicas de Marx e Engels, patrocinavam encontros, debates e leituras de textos. A PEF foi utilizada para discutir a utilidade do socialismo para a comunidade negra e desafiar o histórico da SPA.

Dentro dessas análises, que são pioneiras no que viria a ser a ABB futuramente, estava a necessidade de levar o debate organizacional para lugares fora do eixo norte e industrial, dando foco aos trabalhadores agrícolas; deveria se condenar explicitamente a injustiça racial e os linchamentos; dar aos negros maior visibilidade em suas publicações; encorajá-los a entrar em organizações socialistas e lutar para admitir trabalhadores negros em sindicatos; explicar como os negros se beneficiariam do socialismo; a necessidade de dar suporte a atividades independentes de radicais negros como a PEF; assim como afirmar a libertação negra. Muitas das perspectivas desses intelectuais tinham influência do que estava acontecendo no exterior, principalmente a Revolução de Outubro de 1917 e o surgimento da URSS.

As preocupações de Lenin, as ações preconizadas pela Internacional Comunista, somadas às ideias da Revolução de Outubro, contribuíram para que as proposituras

do movimento comunista russo reverberassem em outras partes do mundo, inclusive nos Estados Unidos da América, na África (GÓES, 2017, p. 85).

Convencidos de que o Partido Socialista não daria um passo adiante acerca da questão racial, viram diante de seus olhos o capítulo que ficou conhecido como “Red Summer”. Quando entre o final de 1918 e final de 1919, dez grandes conflitos raciais ocorreram nos Estados Unidos, dezenas de confrontos menores e cerca de 100 linchamentos de negros foram observados. Algumas das cidades em que ocorreram os embates foram Charleston, Carolina do Sul (maio de 1919); Longview, Texas (julho de 1919); Bisbee, Arizona (julho de 1919); Knoxville, Tennessee (agosto de 1919); Washington, D.C. (julho de 1919); Chicago, Illinois (julho de 1919); Phillips County, Arkansas (outubro de 1919) etc. Centenas de mortes foram contabilizadas, em sua grande maioria negros⁶⁹ (KRUGLER, 2015, p. 16). James, dentro daquelas características que os afro-caribenhos encontraram quando chegaram aos EUA, relata que o que mais os chocou foram os massacres raciais (JAMES, 2020, p. 81). Tais fatos radicalizaram ainda mais militantes negros, que agora buscavam pela autodefesa armada. Com os membros da ABB não foi diferente. Aliados a uma bagagem teórica de radicalismo junto a uma militância comunista, os confrontos raciais que eclodiram levaram Cyril Briggs a organizar a autodefesa negra. Assim, na edição de outubro de 1919 do periódico *The Crusader*, nasceria a “African Blood Brotherhood pela redenção e libertação africana”⁷⁰ (BRIGGS, 1919, p. 495, tradução nossa).

2.3 A HISTORIOGRAFIA DA ABB

O historiador Minkah Makalani coloca a African Blood Brotherhood como a primeira organização radical do pós-emancipação dos Estados Unidos (MAKALANI, 2004, p. 2). Até mais recentemente, a sociedade foi descrita apenas como uma curiosidade histórica, uma nota de rodapé dentro do guarda-chuva que é o movimento negro.

Dentro de seu campo de atuação, seus relatos foram apresentados no interior da revista *The Crusader*, principal meio de propaganda, utilizado pela ABB e de outros periódicos contemporâneos como o *The Messenger*, editados por A. Philip Randolph e Chandler Owen, e a *The Emancipator*, construída por W.A. Domingo. É nesses textos que conseguimos encontrar

⁶⁹ Para saber mais ver: KRUGLER, David F. **1919, the year of racial violence: how African Americans fought back**. New York: Cambridge University Press, 2015

⁷⁰ The African Blood Brotherhood for the redemption and Africa liberation.

as primeiras informações sobre a entidade. Os relatos nesses escritos mostram-nos redes de solidariedade entre as personagens que eram responsáveis pelo empreendimento dessas revistas, com o objetivo mútuo da luta antirracista e pelo fim do colonialismo na África. Portanto, iremos nos deparar desde divulgação das gazetas, assim como a convocação para reuniões em conjunto dos trabalhadores.

Nesse meio tempo, outro ator aparece providenciando relatos sobre o funcionamento da ABB, o FBI. O historiador Regin Schmidt (SCHMIDT, 2004) elenca alguns pontos que levaram ao avanço do Departamento de Investigação na direção de organizações do movimento negro: 1) o caos econômico do pós-guerra e a falta de planejamento do governo, levando milhares de pessoas ao campo do desemprego, principalmente veteranos da guerra; 2) Uma inflação de cerca de 15% que comeu o salário e a poupança de uma classe média e baixa, ao mesmo tempo que grupos que haviam subjugados seus interesses em prol do país no conflito mundial, reivindicavam suas recompensas; 3) O crescimento de organizações trabalhistas que exigiam melhores condições de trabalho e salários mais altos, consequentemente, cerca de 4 milhões de trabalhadores entraram em greve, um dos eventos mais conhecidos desse período foi a greve de Seattle em 1919; 4) A migração de afro-americanos para o norte e os conflitos do Red Summer; 5) Simultaneamente, ocorria a ascensão de agitações revolucionárias que ameaçavam a ordem existente, em conjunto com a recente revolução russa de 1917, dando o tom daquilo que ficou conhecido como medo vermelho. Este último foi, no fundo, um ataque a esses movimentos que buscavam por mudanças políticas e sociais, particularmente, órgãos do trabalho organizados, negros e radicais, por forças que gostariam de garantir o status quo.

Com isso, o Departamento de Justiça travou uma guerra contra o movimento radical. Uma das principais armas era a deportação de imigrantes que buscavam derrubar o governo pela força. Nesse período, o FBI tornava permanentes atividades de coleta de informações políticas e infiltrações nas organizações revolucionárias, como forma de garantir processos judiciais contra esses movimentos. Foi o caso da ABB, na qual James Wormley Jones, o primeiro agente afro-estadunidense do FBI, William A. Bailey, William E. Lucas e Herert S. Boulton inseriram e providenciaram relatos de como a organização funcionava. A principal relação que o serviço de inteligência fazia com a ABB era a de suas aproximações com a realidade bolchevique, assinalando que era uma entidade que influenciaria os negros a “enxergarem em vermelho” (MAXWELL, 2015, p. 91). Robert Adger Bowen, na época, diretor do departamento de publicações e traduções radicais da Bureau em Nova York, classificou a revista *The Crusader* como “inteiramente simpática ao bolchevismo, ao Sinn Fein e a agitação judia.”

O primeiro aviso sobre a revista de Briggs veio da inteligência britânica que encaminhou para a Divisão de Inteligência Militar dos Estados Unidos (MID) sobre uma “agitação negra” que fazia oposição ao imperialismo e ao “abuso do homem branco” (KORNWEIBEL, 1998, p. 133). Nesse momento, não houve preocupações maiores com o periódico, muito porque o setor de investigação estava voltado para revistas mais expressivas no momento, como o *Negro World* e o *The Messenger*. Foi com o anúncio da criação da African Blood Brotherhood que os olhos do departamento se voltaram de forma mais séria: “Sr. Cyril V. Briggs, editor do *The Crusader* anuncia a organização African Blood Brotherhood para a libertação e redenção da África. Filiação por alistamento, sem taxas. Esses só precisam estar dispostos a irem ao limite!”⁷¹ (BRIGGS, 1919, p. 495). A interpretação da MID sobre o “ir ao limite” significava que era uma organização para uma revolução.

Em janeiro de 1920, William A. Bailey começou a fazer contatos com militantes do Harlem e aproximou-se da ABB como voluntário na circulação do *The Crusader*, suas tarefas incluíam a distribuição da revista em bancas de jornais e barbearias, o planejamento de prêmios no concurso de melhores histórias e poemas contidas no periódico e a cobrança de novas assinaturas. Em seu relatório, comunicou que a revista estava sendo distribuída com ênfase na região sul dos Estados Unidos, no Caribe e na África e também das preocupações da população negra com a existência de um representante negro tão radical (KORNWEIBEL, 1998, p. 136). Ao mesmo tempo que os afro-estadunidenses aplaudiam a franqueza e o estilo de oradores de esquinas e publicações militantes, eles viam com desconfiança lideranças com discursos radicais, pois acreditavam que isso poderia prejudicar o movimento, preferindo assim autoridades tradicionais de confiança para representar seus interesses e realizar seus protestos. Suas investigações terminaram em março de 1920.

Quem passou a exercer o trabalho de investigação foi William E. Lucas, que aparece em cabeçalhos do *The Crusader*. Não se sabe como Lucas entrou na organização, nem mesmo se quando ele entrou já era um agente ou foi recrutado. Seus relatórios entram em conformidade com os de Bailey sobre as desconfianças da população negra com um movimento radical. Em seu trabalho disfarçado, começou a obter desconfianças de Chandler Owens e W.A. Domingo, sobre o súbito interesse do agente em várias publicações radicais negras. Além disso, relatou uma queda na venda do periódico, demonstrando as dificuldades que a organização vinha acarretando. Suas atividades acabaram no começo de junho de 1920.

⁷¹ Mr. Cyril V Briggs, Editor of the Crusader, announces the organization of the African Blood Brotherhood for African Liberation and Redemption. Membership by enlistment, no dues. Those only need apply who are willing to go the limit!”

Em meados desse período, as conclusões do departamento de investigação eram otimistas, já que a circulação do periódico se encontrava fraca, contudo, ainda estavam preocupados com novos propósitos escritos dentro do *The Crusader* como a conexão dos membros da ABB com os povos oprimidos de outras nações, o estudo da química moderna e adotar uma atitude de primazia racial (KORNWEIBEL, 1998, p. 139). Durante doze meses, a ABB não sofreu com infiltrados, sendo mantida uma vigilância a distância de suas publicações. Em dezembro de 1920, um editorial chamou a atenção do FBI, pois alegava que os Estados Unidos “destruirá” o Haiti, insultava o Japão e explorava o México, afirmando que os negros não deveriam lutar contra o Japão ou o México, mas sim voltar suas forças contra as prisões e calabouços do homem branco que perpetuava sua dominação através de linchamentos, segregação e outras formas de opressão (BRIGGS, 1920, p. 1264). A reação ao editorial foi tão contundente que J. Edgar Hoover enviou uma cópia da revista ao Departamento de Estado para informar de seu perigo.

As autoridades voltaram atenção de fato para a ABB em 1921, com o massacre de Tulsa, em que as competências locais acusaram a organização de fomentar o motim. As imputações sobre a entidade foram divulgadas nacionalmente pela imprensa, o que fez com que Briggs emitisse um comunicado no *The Crusader*, relatando que os membros não estavam entre os agressores, porém que se mostravam a favor da autodefesa da população negra contra a violência branca (BRIGGS, 1921, p. 1181). O *New York Times* questionou o porquê de a ABB não ter buscado reparação na justiça pelo conflito em Tulsa e seu alinhamento na autodefesa, o que foi respondido por Briggs: como os negros não tinham confiança na justiça governada por brancos, eles deveriam lutar pela defesa de seus direitos de forma organizada. Retórica essa que seria reavida por Malcolm X décadas depois.

Dessa forma, com as acusações contra a ABB, a infiltração novamente foi estabelecida pelo FBI. Dessa vez, quem se infiltrou na organização foi Herbert S. Boulton. Em seus relatórios, informou que a organização estava capitalizando sua notoriedade, promovendo reuniões em várias cidades para apresentar seus propósitos e revelar os fatos do acontecimento em Tulsa. Richard B. Moore era um orador de destaque nesses encontros, para Boulton, ele era o mais ousado e radical entre os negros “vermelhos” do Harlem. Com o ocorrido em Tulsa, a ABB começou a ganhar notoriedade nacional, aumentando suas contribuições e público. Em uma dessas reuniões de protestos, centenas de pessoas foram atraídas, incluindo o agente do FBI e um repórter do *New York Times* que relatou a justificativa de W. A. Domingo sobre a autodefesa: nosso objetivo é deixar que aqueles que nos atacam escolham as munições. Se

forem com armas, responderemos com armas. Se o ataque é feito através da imprensa branca, a imprensa negra vai nos defender (MAKALANI, 2011, p. 66).

Ao mesmo tempo que suas atenções se voltaram para a ABB, o FBI começou a interpretar que comunistas brancos estavam financiando a militância negra. Isso se encaixava numa perspectiva de que os negros estavam suscetíveis à manipulação de agitadores que exploravam as queixas raciais para avançar com o bolchevismo. Boulin encontrou evidências que pareciam provar tal suspeita, através de seu informante Edgar M. Grey, que conseguiu a informação de um jantar de radicais negros com Rose Pastor Stokes. Entre esses radicais, estavam Briggs, Harrison, Domingo e McKay. A temática do jantar teria sido a propaganda do comunismo entre os negros e o alinhamento junto ao Comintern. Boulin, vendo tal informação como de vital importância, instigou Grey a infiltrar-se na ABB também. O fato de que parte de seus membros não eram cidadãos estadunidenses tornou as coisas ainda mais críticas, o que fez com que o agente do FBI chegasse à conclusão de que aquela era uma organização que poderia se tornar uma ameaça à sociedade (KORNWEIBEL, 1998, p. 142). O Departamento de Investigação acreditava que a ABB estava sendo financiada pelo Partido Comunista dos Estados Unidos. Em agosto de 1921, Boulin encerrou seus trabalhos de investigação.

Após isso, James Wormley Jones foi o investigado a infiltrar-se na ABB. Jones trabalhou como um agente duplo, pois também estava organizado na UNIA de Marcus Garvey. A maior preocupação do FBI na época era a intenção da ABB de criar “unidades paramilitares para a autodefesa da comunidade negra”⁷² (ELLSWORTH, 1982, p. 40, tradução nossa). O objetivo de Jones era o de achar provas da ligação de Briggs que pudessem causar-lhe uma condenação criminal e fornecer o mecanismo que conseguisse deportá-lo. Em seus relatórios, o agente apresenta as tentativas de aliança da ABB com a organização de Garvey, a UNIA, e também as suas desavenças. O interesse do Departamento de Investigação diminuiu quando o *The Crusader* encerrou suas atividades e a ABB tornou-se moribunda em 1922. O relatório final de Jones, datado de abril de 1922, observou que a revista, com inúmeras dificuldades financeiras, cessou suas publicações. Desse período até a primavera de 1923, o FBI teve pouco interesse na ABB, já que o movimento radical estava declinando.

O interesse foi reavido no outono de 1923, quando descobriram a realização de convenções secretas do CPUSA, no Michigan, retomando a vigilância de Briggs de agosto até dezembro daquele ano. Os temores da divisão de inteligência aumentaram também quando a embaixada britânica, em Washington, notificou ao Departamento de Estado que o membro da

⁷² Create paramilitary units to safeguard the community.

ABB, Otto Huiswoud, estava fazendo contato com comunistas canadenses. Aquele que ficou encarregado da infiltração foi Earl E. Titus. Em seus relatórios, descreveu visitas a residências onde a ABB realizava suas reuniões, incluindo a casa de Briggs e o apartamento de Grace P. Campbell. Nesse período, o investigador conseguiu informações de como andava a saúde da entidade, revelando que apenas 3.000 membros estavam “ativos” e pagavam suas taxas. O interessante a ser notado é que a grande maioria eram mulheres (KORNWEIBEL, 1998, p. 152). Em 19 de outubro daquele ano, descobriram que Briggs estava envolvido com um movimento chamado “Negro Sanhedrin”, que era uma convenção que buscava a união de todas as organizações do movimento negro em torno de sua libertação. Na época, o nevisiano estava como membro da ABB e representando o reitor da Howard University, Kelly Miller, no encontro. Ademais, Titus conseguiu confiança de Campbell e foi através dela que garantiu informações de Claude McKay, naquele período instalado na Rússia Soviética, sobre o entusiasmo de Moscou na organização dos negros nos Estados Unidos. No final do ano, Briggs planejou uma vigorosa campanha de adesão à ABB com o agente ajudando-o a enviar anúncios para o Caribe, Europa e África. O fim da vigilância de Titus ocorreu no início de 1924, devido ao desgaste da organização e sua perda na força organizacional. Os fronts da ABB foram desligados e suas reuniões continham menos de vinte pessoas. Além disto, a entidade começava a ser absorvida pela CPUSA com seus membros indo em direção ao partido sendo dissolvida naquele ano.

Apesar da dissolução da ABB, o FBI continuou a monitorar comunistas negros nas décadas seguintes em períodos como o do macarthismo na década de 50 e no movimento dos Direitos Civis, com Martin Luther King, Malcolm X e o partido dos Panteras Negras.

FIGURA 9 - Cyril Briggs e Charlene Mitchell, a primeira mulher afro-estadunidense a concorrer à presidência dos Estados Unidos, em interrogatório no Comitê de atividades Antiamericanas, 1959.



FONTE: Getty Images (2022). Disponível em < <https://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/un-american-activities-hearing-24-february-1959-fotografia-de-not%C3%ADcias/1047937412?adppopup=true> >.

Essas relações do FBI com a ABB fizeram com que uma historiografia pautada no estudo da organização correlacionasse estritamente a entidade com o Partido Comunista dos Estados Unidos. Foi o caso de autores como Robert A. Hill, Harold Cruse e Tony Martin com pesquisas datadas da década de 60, 70 e 80, que viam a ABB, segundo Makalani (2004, p. 2), através dos olhos da Guerra Fria, na qual os comunistas brancos manipularam a população afrodescendente nos Estados Unidos para a causa da luta de classes. Cruse, por exemplo, coloca que foi da ABB que os comunistas brancos conseguiram seus primeiros quadros negros de

destaque (CRUSE, 1967, p. 45). Em seu livro *The crisis of the negro intellectual*, no qual traça o desenvolvimento da cultura afro-estadunidense, apresenta o conflito problemático entre negros caribenhos e dos EUA, assim como as divergências entre os próprios afro-caribenhos. Entre esses, dá destaque para as desavenças entre Marcus Garvey e os membros da ABB, pois ambos representavam, segundo ele, ideologias conflitantes, nacionalismo e comunismo.

Para o historiador, o líder nacionalista minou a influência comunista dentro do movimento negro, o que frustrou muitos comunistas que buscavam em seus esforços capturar os descontentamentos da população negra. Como resultado, os comunistas buscaram descreditar a organização de Garvey, colocando como um programa reacionário e utópico. Para isso, o professor de estudos afro-americanos argumenta que comunistas buscaram usar dos membros da ABB para infiltrar-se dentro do movimento garveyista. “Era muito evidente que esses infiltrados usados pelos comunistas eram membros caribenhos da African Blood Brotherhood”⁷³ (CRUSE, 1967, p. 46, tradução nossa). Essa posição aparece também com Tony Martin (1976, p. 237, tradução nossa):

Tentativas comunistas de capturar a UNIA começaram praticamente desde o início do movimento comunista nos EUA. O programa da United Communist Party em 1920 estimula os comunistas negros a entrarem em sindicatos, lojas, clubes e igrejas para “expor seus líderes reacionários que, com o propósito de trair sua raça, infestam essas instituições. Os comunistas foram levados, por outro lado, a apoiar todas as organizações radicais negras. Uma das tentativas de infiltrar-se na UNIA veio através da African Blood Brotherhood de Cyril Briggs.”⁷⁴

Outro ponto importante de notar é que Cruse percebe as aproximações da organização de Briggs com o nacionalismo e o comunismo, indo de ideias de separatismo até a união entre trabalhadores negros e brancos. Contudo, ele coloca essa relação como algo etapista na visão da ABB, ou seja, em um primeiro momento, eles apresentam uma concepção nacionalista da situação negra no país, porém, posteriormente, abandonam essa convicção para a da luta de classes: “O período de transição da ABB do nacionalismo-socialismo para o comunismo

⁷³ It was very apparent that these infiltrators used by the Communists were none other than the West Indian members of the African Blood Brotherhood.

⁷⁴ Communist attempts at capturing the UNIA began practically from the inception of the communist movement in the US. The program of the United Communist Part in 1920 urge black communists to enter black unions, lodges, clubs, and churches "to expose the reaction ary leaders, who, for purpose of betraying their race, infest these institutions." Communist were urged, on the other hand, to support all radical black organizations. One of the earliest attempts at infiltrating the UNIA came through the use of Cyril Briggs African Blood Brotherhood.

demonstra que os caribenhos não acreditavam que o negro americano era ou poderia ser genuinamente nacionalista”⁷⁵ (CRUSE, 1967, p. 133, tradução nossa).

É preciso ter cuidado com esse argumento, pois, como o próprio historiador afirma, na conjuntura que estavam vivenciando, foram pegos por um fogo cruzado de ideologias, portanto, retomando Butler, eles estavam em um emaranhado de experiências que se cruzavam. Dessa maneira, as concepções da ABB apresentavam-se no movimento e não na dicotomia, é possível perceber relações de nacionalismo negro mesmo nos últimos anos da entidade.

Já Robert A. Hill coloca que a ABB nasceu como uma linha auxiliar do Partido Comunista dos Estados Unidos: “Apesar de algumas confusões em torno do assunto, as evidências apontam que a Brotherhood originou-se como uma auxiliar negra do Partido Comunista, a primeira em uma sucessão que viria ao longo dos anos”⁷⁶ (HILL, 1987, p. 28, tradução nossa). O historiador Theodore Draper coloca que os comunistas posteriormente propagaram a ideia de que a ABB devia sua existência ao partido comunista. Na sua interpretação, a organização surge em 1919 como independente do partido. Contudo, ele relata que eles entraram na irmandade e conquistaram seus principais líderes: “os comunistas primeiramente influenciaram e seu grupo a desistir de um viés nacionalista em favor a um igualitarismo tradicional do radicalismo americano”⁷⁷ (DRAPER, 2017, p. 326, tradução nossa).

Tais perspectivas foram escritas em uma realidade em que duas grandes potências mundiais conflitavam entre si. Os historiadores vivenciaram a revolução cubana, as revoluções no continente africano com caráter socialista, os golpes militares na América do Sul, o movimento dos direitos civis e o combate ferrenho das ideias comunistas no período macarthista. Estas concepções que indicam a ABB como ligada ao Partido Comunista dos Estados Unidos acabam por tirar o protagonismo dos membros da organização radical em relação às suas demandas, além de minimizar o papel original de destaque que essas pessoas tiveram acerca das condições do racismo no globo.

Posteriormente, novos estudos historiográficos irão surgir com Winston James e Mark Solomon nos anos 90. Estes contestam a visão dos pesquisadores anteriores, demonstrando a

⁷⁵ The African Blood Brotherhood period of transition from nationalist-socialism to socialist-nationalism to Communism demonstrated, fundamentally, that the West Indians involved did not really believe that the American Negro *was* or *could be* genuinely nationalistic.

⁷⁶ Notwithstanding the confusion that has accumulated around the issue, the evidence points to the creation of the Brotherhood as a black auxiliary of the nascente Communist party from its inception, the first in a succession of such auxiliaries spawned over the years.

⁷⁷ The Communists at first influenced Briggs and his group to give up their original national bias in favor of American radicalism's traditional social egalitarianism.

independência da ABB do partido comunista e removem o véu de conspiração que existia no ar, enfatizando a inovação teórica do pensamento da organização com a raça e classe:

Apesar da extraordinária importância da African Blood Brotherhood como expressão do radicalismo negro na década de 1920 e de seu papel pioneiro no desenvolvimento do bolchevismo e marxismo negro, a irmandade é pouco conhecida, pouco estudada e pouco entendida.”⁷⁸ (JAMES, 2020, p. 113, tradução nossa).

James, por exemplo, busca mostrar como a ABB estava em um movimento *continuum* entre o nacionalismo negro e a ideologia socialista e, antes das desavenças de Briggs com Garvey, é possível perceber, através da *The Crusader*, editoriais que buscavam a união com a UNIA: “embora a ideologia do grupo mantivesse um equilíbrio instável, em nenhum momento ela toca se ou funde com a extremidade do continuum.”⁷⁹ (JAMES, 2020, p. 113, tradução nossa). Já Mark Solomon, realizando esse debate, vai além das colocações de James e coloca a ABB como uma entidade que fundiu essas duas ideologias.

Cyril Briggs havia começado uma longa jornada por uma estrada desconhecida. Ao contrário de outros radicais do Novo Negro, ele fundiu o nacionalismo negro com o socialismo revolucionário e introduziu a maré revolucionária global na América negra do século XX⁸⁰ (SOLOMON, 1998, p. 7, tradução nossa).

Ademais, James coloca que a aproximação da ABB a ideologia socialista estava ligada muito mais a elementos que o bolchevismo na época levantava do que a uma manipulação por parte de comunistas brancos sobre os negros. Para ele, a adesão de radicais negros levava em consideração os seguintes aspectos: primeiro, a posição nacional da Rússia soviética acerca das nacionalidades e minorias étnicas, especialmente os judeus; segundo, a retórica anticolonialista, anti-imperialista e do direito à autodeterminação dos povos oprimidos; terceiro, o lançamento da Terceira Internacional, por Lênin, em 1919, que materializou essa expressividade

⁷⁸ Despite the African Blood Brotherhood’s extraordinary importance as an expression of black radicalism in the 1920s, and despite its pioneering role in the development of black Bolshevism and Marxism in the early twentieth century, the Brotherhood is hardly known, little studied and poorly understood.

⁷⁹ Although the group’s ideology maintained a rather unstable equilibrium, at no point did it touch, let alone merge during its independent existence with, the politics represented at either end of the continuum

⁸⁰ Cyril Briggs had begun a long journey on an uncharted road. Unlike the other New Negro radicals, he merged black nationalism with revolutionary socialism and introduced the twentieth-century global revolutionary tide to black America.

anticolonial (JAMES, 2020, p. 117). Veremos mais à frente que esse é um argumento que deve ser complexificado, já que a ABB também foi crítica ao Comintern.

Solomon, por outro lado, tentou demonstrar as articulações da ABB com os princípios da primazia racial e o socialismo, apesar de colocar que quanto mais o tempo de organização foi passando, mais eles começaram a pender para o comunismo, e também busca demonstrar as tentativas de aproximação da entidade com a luta negra e a de outros povos: “durante o Red Summer, Briggs forjou uma ligação ideológica entre a consciência nacional, racial e de classe que deu base para os negros se juntarem ao movimento comunista”⁸¹ (SOLOMON, 1998, p. 8, tradução nossa). Outro exemplo é o de que, conforme as ideias comunistas de Briggs foram maturando, ele começou a observar que a opressão contra os negros e judeus compartilhavam de uma mesma experiência histórica, qual seja, a perseguição (SOLOMON, 1998, p. 12).

Os estudos historiográficos mais recentes de Minkah Makalani, nos anos 2000, vão ao encontro das perspectivas de James e Solomon sobre a independência da ABB com o partido comunista dos Estados Unidos. Entretanto, o historiador busca diferir-se de seus antecessores nas oscilações da organização entre raça e classe, nacionalismo e socialismo, ou a fusão direta dessas relações: “Solomon e James nunca se aventuram em detalhar como chegaram a suas conclusões sobre as múltiplas maneiras pelas quais raça, nação, classe e imperialismo imbricaram-se”⁸² (MAKALANI, 2004, p. 3, tradução nossa). O historiador parte da noção de que a ABB articulou uma compreensão internacionalista das noções colocada acima.

Ao invés de trazer uma consciência dos movimentos revolucionários internacionais para os negros, a ABB articulou uma compreensão da relação entre movimentos na África, Ásia e Europa para a libertação negra nos EUA e Caribe⁸³ (MAKALANI, 2004, p. 3, tradução nossa).

Além do mais, Makalani coloca que a história da ABB é crítica em relação ao entendimento do desenvolvimento do radicalismo negro na década de 1940 e seu ressurgimento no movimento pelos Direitos Civis e no Black Power, pois, para o autor, a ABB é a base do radicalismo negro no início do século XX.

⁸¹ During and after the 1919 Red Summer of antiblack rioting, Briggs forged an ideological link among national, race, and class consciousness that provided a basis for blacks to join the communist movement.

⁸² Solomon and James never venture why the ABB embarked on such an exploration, or detail how they arrived at their conclusions regarding the multiple ways race, nation, class, and imperialism were imbricated.

⁸³ Rather than bring an awareness of international revolutionary movements to black people, the ABB articulated an understanding of the relationship between revolutionary movements in Africa, Asia, and Europe to black liberation in the U.S. and the Caribbean.

Tomando o movimento do Novo Negro como o contexto político-social primário, o historiador argumenta que o radicalismo da ABB pode ser entendido como uma resposta às condições materiais obtidas nas comunidades negras – opressão racial e violência; a escravidão por dívida no Sul; a formação dos guetos; o surgimento de novas formas de racismo no Norte citadino industrial; as tensões sociais e culturais entre os afro-americanos e afro-caribenhos no nordeste urbano etc. – e como uma alternativa para com o que eles viram de inadequado nos vários programas políticos: nacionalismo, liberalismo, conservadorismo entre outros (MAKALANI, 2004, p. 4).

Outra historiadora, Michelle Ann Stephens, com seu trabalho “Black Empire”, apresenta uma nova abordagem sobre intelectuais caribenhos que estavam vivendo a conjuntura do início do século XX, em conjunto a uma análise de gênero. Em seu trabalho, ela busca apresentar a história das figuras masculinas negras caribenhas, mais especificamente, Claude McKay (membro da ABB), Marcus Garvey e C.L.R. James, os quais tentaram dar um curso para a questão racial nas encruzilhadas entre império, nação e estado.

Black Empire argumenta que esses três intelectuais caribenhos criaram uma visão da raça que se baseou no movimento de histórias transatlânticas, o movimento de escravos fugitivos e civilizações imperiais, os colonizados e os colonizadores, os sujeitos coloniais negros e os agentes do império, junto às noções de gênero na masculinidade negra identificadas recentemente nas discussões feministas, nacionalismo e a natureza do gênero no discurso da diáspora⁸⁴ (STEPHENS, 2005, p. 8, tradução nossa).

Black Empire expõe que os desejos e anseios por noções de autodeterminação, soberania, império e a criação de um Estado forte por esses intelectuais caribenhos foram capturados e imbuídos de uma forte metáfora de gênero e sexualização, o desejo de um estado poderoso negro estava mais ligado a figura do homem negro masculino. No caso da ABB, a historiadora coloca que isso foi materializado no propósito da construção da Federação Negra.

No Brasil, mais recentemente, as abordagens em relação à ABB começaram a ampliar-se. O tema aparece em sua dinâmica, com a influência da Revolução de Outubro de 1917 e os

⁸⁴ *Black Empire* argues that these three Caribbean intellectuals created a global vision of the race that drew on transatlantic histories of movement, the movements of fugitive slaves and imperial civilizations, the colonized and colonizers, and black colonial subjects and the agents of empire to gender notions of black masculinity in ways different from those recently identified in current feminist discussions of masculinity, nationalism, and the gendered nature of diaspora discourse.

movimentos de natureza socialista nos Estados Unidos⁸⁵, a transnacionalização do movimento negro nos EUA durante o período entre guerras⁸⁶, na ideia da Diáspora Negra, na sistematização da ideologia Pan-Africana, na emancipação do continente africano e na construção de Estados Socialistas Africanos⁸⁷. O que se percebe é que, em sua maioria, são pesquisas globais e com temas proveitosos para a apresentação de uma gama de conteúdo, entretanto, não se aprofundam na ABB como um todo.

No exterior, existem trabalhos que se aprofundam mais no tema. Temos um panorama contextual e a compilação do jornal *The Crusader*⁸⁸; o pioneirismo da ABB em relação ao comunismo nos EUA e a originalidade teórica da organização em questionar a relação entre classe e raça no interior da luta revolucionária⁸⁹; a formação de organizações que tinham como objetivo o fim da opressão racial, colonialismo, exploração de classe e a supremacia mundial branca⁹⁰; as redes de solidariedade construídas no contextos internacionalista do início do século XX, principalmente entre japoneses e afrodescendentes⁹¹. Ainda, artigos e estudos sobre a organização.

Nesse sentido, visamos contribuir com o debate abordando a relação da ABB com esse fenômeno construído, chamado modernidade, um fenômeno característico das transformações estruturais da sociedade ocidental. São acontecimentos que acabam por mudar as concepções de mundo e, ao mesmo tempo, geram as maiores angústias. Resgatar sua historicidade, portanto, é de extremo valor e apresentar suas contradições, particularidades, significados se faz necessária para que compreendamos a concepção da ABB sobre esse evento.

A temática da modernidade vem sendo debatida há bastante tempo, porém, visto aqui colocar um novo agente, o qual possa nos fornecer elementos para também discutir esse fenômeno: a African Blood Brotherhood. Dentro desse quadro, nas pesquisas sobre a ABB, a

⁸⁵ Tema estudado Weber Lopes Góes em seu artigo *Outubro no seio do movimento negro nos EUA: da revolução à política de concessões*. E também pelo mesmo em conjunto com Renata Gonçalves no artigo *A margem de Outubro: comunistas e a questão racial no Brasil*.

⁸⁶ Tema estudado pelo Doutor em História pela USP Matheus Cardoso da Silva em seu artigo intitulado *Do antirracismo local ao antifascismo global: A transnacionalização do movimento negro nos EUA entre as duas guerras mundiais*.

⁸⁷ Tese de Doutorado de Pablo de Oliveira de Mattos intitulado *The Silent Hero: George Padmore, Diáspora e Pan-Africanismo*.

⁸⁸ Tema trabalhado por Robert Hill na introdução *Racial and radical: Cyril V. Briggs, The Crusader magazine, and the African Blood Brotherhood, 1918–1922*, dentro do livro *The Crusader* em que compila em 3 volumes o jornal *The Crusader*.

⁸⁹ Temática debatida no livro *The Cry Was Unity* de Mark Solomon.

⁹⁰ Discutido no livro *In the cause of Freedom: radical black internationalism from Harlem to London, 1917-1939* por Minkah Makalani.

⁹¹ Pesquisa essa elaborada por Yuichiro Onishi com os textos *The New Negro of the Pacific: how African Americans forged cross-racial solidarity with Japan, 1917-1922*.

modernidade é raramente explorada a fundo e questionada⁹², ela não aparece como algo que participa da construção do objeto. Parascandola (2006) observa que a ABB representa o que aconteceria quando grupos de pessoas marginalizadas, sofrendo com injustiças de longos tempos, decide que a legislação por si só não é suficiente para reformar a sociedade.

Dessa forma, a ABB pode ser lida como uma voz contestatória que se levanta contra uma realidade violenta, sendo, portanto, uma rica fonte para observar a apreensão de um presente conflituoso. Além disso, ao analisar as formas como a organização age e rege no contexto político de seu tempo, constituímos elementos para perceber o que eles têm para nos ensinar.

⁹² Apesar de grande parte dos assuntos pesquisados em relação à ABB façam parte da temática, eles não a desenvolvem visando, debatendo, criticando o conceito.

3 THERE'S NO WAY, LIKE DE AMERICAN WAY - ESTADOS UNIDOS: UMA NAÇÃO CONSTRUÍDA NA E PELA BRANQUITUDE

Em agosto de 2019, foi publicado no New York Times um projeto de reescrita da história dos Estados Unidos conhecido como “Projeto 1619”⁹³, conduzida por Nikole Hannah-Jones. Seu pressuposto marcava a ideia de que a história do país deveria ser interpretada através do prisma racial, colocando no centro da formação da nação o fenômeno da escravidão. Foi nessa data que o primeiro navio documentado trouxe pessoas escravizadas à Virginia, até então colônia inglesa. A partir dessa relação propõe uma reconfiguração histórica da data de sua fundação, comumente relacionada a julho de 1776, ano de sua independência, para a data de 1619. Isso tem um simbolismo muito forte, já que vai de encontro a uma narrativa construída da nação como terra da liberdade e da democracia, lendo o país como a terra da escravidão e do racismo.

A reação para tal projeto não poderia ser mais condenatória, dos conservadores mais moderados até aos mais exaltados, o argumento utilizado é o de que a proposta seria um ataque à verdadeira história da nação, portanto, seria uma mentira; uma propaganda esquerdista de pautas identitárias; um ataque à honra do país e uma tentativa de chantagear a juventude na luta contra a pátria. Desse modo, não sobraram tentativas para barrar o projeto 1619, inclusive, ampliando esse impedimento para os debates raciais no país. Um exemplo foi a tentativa da criação da “Lei do Ensino Imparcial” no Arizona, em 2021, que propunha multas para professores do estado que correlacionassem o racismo com a história do país.⁹⁴ Outro amostra é a promulgação do “Relatório 1776”⁹⁵ comissionado pelo até então presidente dos Estados Unidos Donald Trump, em 2020, que se caracteriza como um material de propaganda ideológica visando uma “educação patriótica” e de representatividade dos valores construídos pela nação de liberdade e democracia.

Essas relações representam o que a psicóloga Cida Bento (2022) caracteriza como “pacto narcísico da branquitude”. Branquitude é, segundo o historiador Lourenço Cardoso (2010), a identidade racial branca que, de maneira dinâmica, reconstrói-se ao longo do tempo e em cada contexto, portanto não homogênea; um espaço estrutural onde o sujeito branco vê os

⁹³ Disponível em: < <https://www.nytimes.com/interactive/2019/08/14/magazine/1619-america-slavery.html> >. Acesso em: 03 out 2022.

⁹⁴ Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/06/projetos-para-limitar-discussao-sobre-racismo-nas-escolas-se-multiplicam-nos-eua.shtml> >. Acesso em: 3 out 2022.

⁹⁵ Disponível em: < <https://trumpwhitehouse.archives.gov/wp-content/uploads/2021/01/The-Presidents-Advisory-1776-Commission-Final-Report.pdf> >. Acesso em: 3 out 2022.

outros e a si mesmo e no qual ele pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo; é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivos que colaboram para construção social de privilégios e a reprodução do preconceito racial e racismo. Diferente do termo *brancura*, por exemplo, que diz respeito às características físicas que levam uma pessoa a ser classificada socialmente como branca. Dessa maneira, o pacto da branquitude refere-se a uma cumplicidade não verbalizada ou verbalizada entre pessoas brancas que visa manter seus privilégios.

No contexto dos Estados Unidos, essa foi uma base construída para que garantisse benefícios sociais tanto privados quanto públicos a pessoas de cor branca. Tal aspecto, o da construção da branquitude no país, estava ligado à própria formação do Estado nacional em seus diversos aspectos. Sua fundação e cimentação deu-se em meados do século XVIII e XIX, levando à constituição de narrativas e aparatos ideológicos que criava a identidade da nação, podemos caracterizar tamanhos atos como mitos fundadores. Tais mitos fazem fortes usos do passado, mobilizando símbolos e narrativas, reconstituem a história da nação de forma linear, contornando conflitos, aparando arestas e, como em uma saga ou em um épico, reverberando o êxito do presente (JUNQUEIRA, 2018, p. 13). Essa realização foi se estabelecendo ao mesmo tempo que o movimento histórico do país acontecia, com os vitoriosos apropriando-se da criação da narrativa.

Dentre os mitos fundadores mais conhecidos sobre a história dos Estados Unidos está a relação do excepcionalismo estadunidense, ou seja, a narrativa de que o país estaria fadado ao sucesso – político e econômico – e que conduziria a humanidade ao progresso. A própria formação da nação com a independência seria marcada por esse excepcionalismo em figuras como os “pais fundadores”, que nada mais seriam do que a elite que lideraria rumo ao processo independentista e desenharia os contornos do Estado nacional. Tais pessoas estariam predestinadas a alavancar as rotas de formação e a construir as bases do que viria a se tornar o país com ideais tal qual o da república federativa, da democracia, da liberdade, do liberalismo e da propriedade privada. Esses indivíduos foram criados como heróis nacionais que representariam e demonstrariam o exemplo de conduta na vida pública à população da nação, conferindo aos norte-americanos um sentimento comunitário – “nós somos frutos das ideias dos pais fundadores” – e um forte apelo por serem aqueles que defendem o que é o certo. Não por acaso, esses indivíduos tornaram-se os primeiros presidentes do país, George Washington, Thomas Jefferson, Benjamin Franklin, Abraham Lincoln seriam apenas alguns exemplos, e seus rostos acabaram, inclusive, esculpidos em uma montanha. A criação dos pais fundadores ajudou na consolidação do projeto dominante, porque foram escolhidos como ídolos a serem cultuados os protagonistas do projeto vencedor estadunidense, permitindo a criação de uma

atmosfera em que a unidade nacional minimizava os conflitos existentes na sociedade (JUNQUEIRA, 2018, p. 39) – e o exemplo da modelagem dos rostos dos presidentes no Monte Rushmore, território sagrado para diversos povos indígenas como os Lakota, Omaha, Kiowa e Apaches, torna isso evidente.

A branquitude, a criação de mitos e a formação de um Estado Nacional levaram, combinados, à justificativa da escravidão e do racismo como genitores inaugurais dessa nação. Dessa maneira, a racialização da identidade e a subordinação racial da população negra e dos nativos americanos estavam formando as bases do cativeiro e das invasões expansionistas. Pelos longos anos da curta história do país, essa relação moldou os liames entre negros e brancos.

No início da escravidão nos EUA, em meados do século XVII, as linhas que racializavam indivíduos não estavam bem definidas. Os africanos capturados e vendidos, quando chegavam ao novo mundo, foram catalogados e diferenciados entre uma população de servos contratados ou escravos. Não se tinha uma presunção irrefutável de que todos os indivíduos eram pessoas escravizadas (HARRIS, 1993, p. 1716). Paulatinamente, com a evolução e expansão do sistema de *chattel slavery* (escravidão de posse, propriedade), foi se criando um sistema de classificação que determinou as regras oficiais de descendência de origem nacional e a construção da identidade branca e da ideologia racial.

Por volta de 1660 o negro começa a ter status de escravo de posse reconhecido por lei. E entre 1680 e 1682 os primeiros códigos de escravidão apareceram, delimitando as depravações extremas de liberdade já existentes na prática social. Identidade racial era posteriormente fundida com status social e estratificação: a identidade racial "negra" marcava quem estava sujeito à escravidão; identidade racial "branca" marcava quem era "livre" ou, no mínimo, não era escravo. Essa marca ideológica e retórica de quem é escravo e quem é livre é um importante passo para a marcação de polos na construção social da raça. A partir desses códigos, institucionaliza-se o racismo (TURE; HAMILTON, 2021). O aspecto crítico dessas relações sociais escravistas estava na mercantilização do ser humano. As relações produtivas no início da sociedade estadunidense incluíam várias formas de venda da força de trabalho, muitas das quais eram altamente opressivas. Contudo, a escravidão distinguia-se das demais devido a sua permanência/lucratividade e a mercantilização total do ser humano na condição de escravo. A pessoa escravizada era uma propriedade que poderia ser transferida, atribuída, herdada, comprada ou até mesmo um substituto da moeda real.

Entretanto, a branquitude como propriedade não necessariamente significa o direito sobre algo físico (uma casa, terras, no caso da escravidão pessoas etc.). Além dessa relação, a

própria identidade é uma propriedade⁹⁶. Dito isso, a lei estadunidense moldou a ideia de propriedade para a branquitude. Em outras palavras, eu tenho direito a coisas porque tenho a propriedade da branquitude. Contudo, isso não se resume a um jogo de interesses, mas diz respeito à auto identidade e à personalidade psicológica do sujeito. A partir disso, externa-se o aspecto da identificação em um conceito físico, um objeto. Nesses meandros, pode-se dizer que a própria lei reflete a branquitude, mas também a historiografia, literatura e os diversos aspectos da sociedade.

Aprofundando-se ainda mais, essa relação trouxe várias consequências. Uma delas é o direito da exclusão/segregação. A branquitude tem sido não uma marca unificadora inerente, mas sim a exclusão de outros considerados “não brancos”. Aqueles que possuem a brancura, tem o direito concedido de excluir outros do privilégio de ser branco. E isso de tal forma que, para Harris (1993, p. 1737), o conceito de branquitude tinha como premissa a supremacia branca. O conceito foi se complexificando ao longo da história dos EUA com o propósito também da exclusão e subjugação racial.

No contexto de cientificismo/racionalidade dos séculos XVIII e XIX, a branquitude desenvolveu-se na tarefa primordial de classificação racial, aceitando e abraçando as atuais teorias de raça como fatos biológicos. Agora, além de relações com a identidade, lei, propriedade, a branquitude estava relacionada à biologia, assim como o indivíduo negro. O resultado disso foram práticas eugênicas de sangue e craniológicas.

Além de beneficiar uma burguesia nacional em ascensão, o pacto da branquitude também se apresentava na vida de trabalhadores brancos. Du Bois, em *Black Reconstruction*, aborda essa questão demonstrando como operários brancos se identificam mais com a burguesia branca do que com os trabalhadores negros: nota que a maioria dos trabalhadores brancos recebiam salários maiores que os negros e, mesmo quando não havia esse benefício, trabalhadores brancos gozavam de outras vantagens, como no tratamento social/pessoal; serviços melhores, custo de vida menor etc., isso é o que o sociólogo chamada de “salário público e psicológico” (DU BOIS, 1998, p. 700-701).

O conceito de branquitude foi cuidadosamente protegido devido à sua garantia de privilégios. A cidadania também está ligada à questão da identidade racial branca. Além disso, a trajetória de ampliação dos direitos democráticos dos brancos foi acompanhada pelo encolhimento dos direitos da população negra em um ciclo cada vez mais profundo de opressão.

⁹⁶ A definição clássica propriedade diz respeito a “coisas” pertencentes a pessoas, ou direitos de uma pessoa em relação a uma coisa.

Tal formação influenciou até mesmo no modo de governo republicano da nação que traziam ideias de liberdade e democracia. Era um republicanismo Herrenvolk (BERGHE, 1967), ou seja, aquelas sociedades nas quais grupos dominantes operam dentro da democracia, porém os grupos subordinados são sujeitos a regulamentações antidemocráticas e tirânicas. A visão racializada pela branquitude desse republicanismo Herrenvolk impedia qualquer visão da democracia de abordar as hierarquias de classe adversas para muitos que se consideravam brancos. A contradição inerente entre a escravidão dos negros e a retórica republicana que defendia a liberdade de todos os homens era resolvida postulando que os negros eram diferentes. Os direitos eram para aqueles que tinham a capacidade de exercê-los, capacidade denotada pela identidade racial.

Nos primeiros duzentos anos de existência do país, o sistema de privilégio racializado, tanto público como em esferas privadas, realizou essa ligação de direitos e desigualdade, e direitos e propriedade. A branquitude, nesse sentido, era o núcleo crítico de um sistema que afirmava as relações hierárquicas entre brancos e negros.

Mesmo depois do período da colonização do novo mundo e da escravidão, a branquitude continuou sendo uma das bases dos privilégios da sociedade. Após o desmantelamento da segregação racial legalizada, branquitude assume o caráter de propriedade no sentido moderno em que o privilégio relativo branco foi legitimado pelo status quo.

3.1 ESTADOS UNIDOS NO INÍCIO DO SÉCULO XX: DILEMAS DA POPULAÇÃO NEGRA

Dois séculos depois de sua formação e três décadas após uma guerra civil que dividiu a nação em duas, os Estados Unidos entrariam no século XX como uma das maiores potências mundiais. Sua produção industrial, cada vez mais exclusiva a grandes monopólios, começava a ultrapassar o domínio de nações europeias. Uma imigração massiva de pessoas de toda a parte do globo, nas últimas décadas do século XIX, vindos em busca de melhores condições de vida e oportunidades, consolidava grandes metrópoles como Nova York, Chicago, Boston, Filadélfia e Los Angeles. Ademais, ideias imperialistas, levantadas por membros do governo, aliados e pela burguesia econômica, lançaram projetos com o objetivo de obtenção territorial no Caribe, América Central e no Oceano Pacífico.

A estrutura da branquitude, junto à doutrina do darwinismo social dava as bases ideológica para o grande poder político e econômico da sociedade. Por exemplo, Russell Sage, um poderoso banqueiro, argumentava que sua inteligência superior, honestidade e habilidade

para negócios foram responsáveis para sua enorme fortuna pessoal (PURDY, 2018, p. 175). A exploração da classe trabalhadora era apresentada como algo natural da sociedade. Já o eugenista Lothrop Stoddard escrevia livros como “The Rise Tide of Color Against White World-Supremacy”, no qual argumentava que o crescimento populacional de pessoas de cor ameaçava a supremacia racial branca com uma guerra contra o branco e, consequentemente, sua extinção. A segregação formal e informal da população negra junto com políticas e leis discriminatórias contra os povos originários, imigrantes e latino-americanos foram justificadas por essa ideologia.

Nesse meio tempo, movimentos sociais dos mais variados surgiram a fim de contestar tal estrutura e políticas dessa nação. Feministas, sindicalistas, socialistas, religiosos, políticos, profissionais liberais, organizações representantes da comunidade negra etc., criticavam o racismo, a supremacia branca, a falta de direitos civis e políticos, a miséria nas grandes cidades e a acumulação de riqueza nas mãos de poucas pessoas. Artistas e escritores passam a enfatizar tais temas em suas obras. E novos setores da sociedade começam a formular suas próprias noções de liberdade e do sonho americano.

A African Blood Brotherhood e seus membros são frutos desse contexto emergente dos Estados Unidos do início do século XX e das dinâmicas mundiais que estavam ocorreram no período.

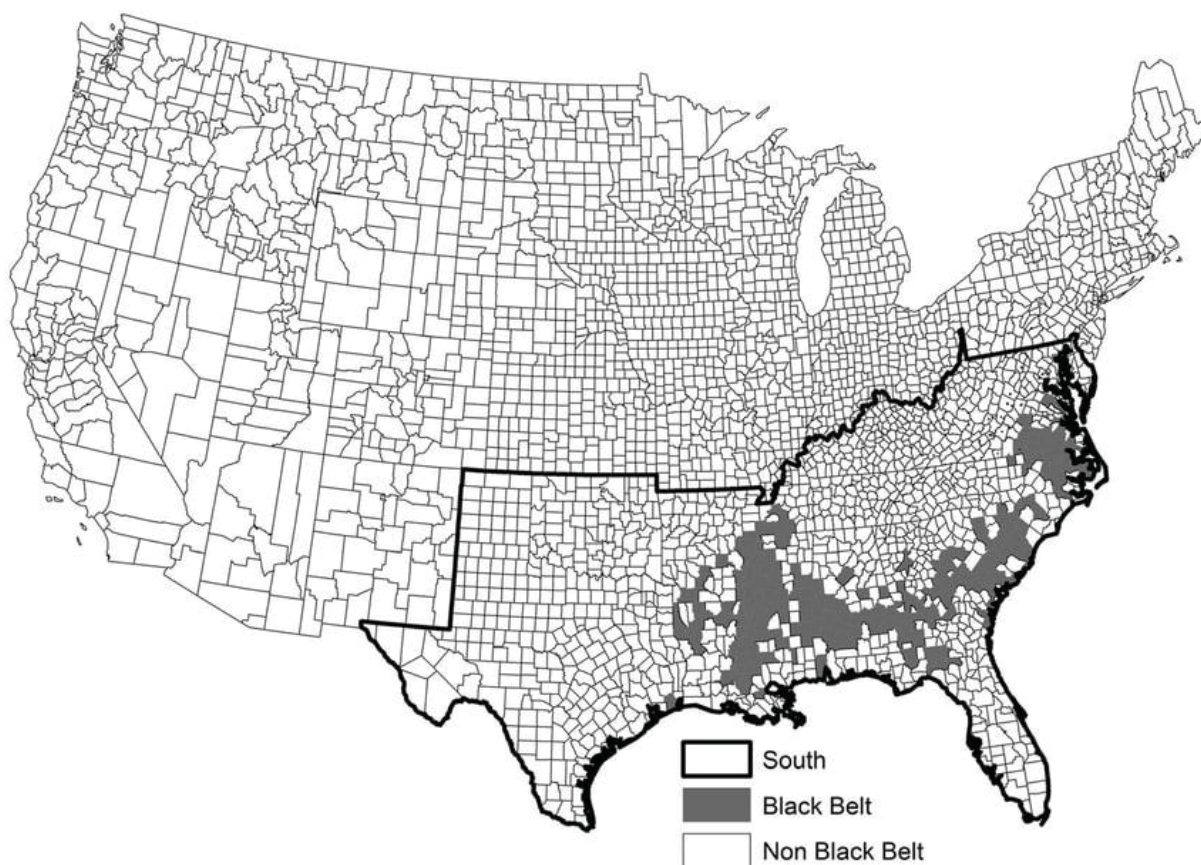
3.2 PLANTATION: UMA ESTRUTURA ECONÔMICA NO SUL DOS ESTADOS UNIDOS

O sul dos Estados Unidos é geograficamente composto por uma terra com abundância de recursos naturais, um solo rico, de clima ameno e propício para plantações. Não é de se surpreender que é nessa região que se estabelece o sistema agrícola chamado plantation⁹⁷. Dentro dessa estrutura, o algodão torna-se o principal subsidio de produção para o mercado mundial, enriquecendo famílias de agricultores em valores exorbitantes. O cultivo de algodão resultou em lucros que chegaram a 1,5 bilhão de dólares, mesmo na década de 1940 (HAYWOOD, 2020, p.36).

A principal região produtora de algodão se situa naquilo que viria a ser chamado de Cinturão Negro.

⁹⁷ Forma de agricultura comercial de larga escala com a utilização de latifúndios e mão de obra de pessoas escravizadas.

MAPA 1 - Cinturão Negro



FONTE: RESEARCHGATE (2022). Disponível em: < https://www.researchgate.net/figure/The-Black-Belt-Region_fig1_265805917 >.

Nessa localidade está localizada a maior parte da população negra do país, sendo o local com as raízes mais profundas da escravidão no início do século XX. A base para o sistema de plantation localizado nessa região é a exploração de seus trabalhadores, em um fluxo abundante de força de trabalho barata, subqualificada, subserviente e dependente para o crescimento de lucros e o giro econômico da nação. Alguns intelectuais do movimento negro dos EUA irão colocar essa região e esse sistema de plantation como um local que se assemelha às condições do trabalho colonial. É o caso de Stokely Carmichael, que posteriormente viria a ser chamado de Kwame Ture, e Charles V. Hamilton em seu livro “Black Power: a política de libertação nos Estados Unidos”.

Os negros são, em termos legais, cidadãos dos Estados Unidos com, em sua maioria, os mesmos direitos legais que os outros cidadãos. No entanto, são tratados como

sujeitos colonizados em relação à sociedade branca. Assim, o racismo institucional tem outro nome: colonialismo (TURE, HAMILTON, 2021, p. 35).

Dentro da dinâmica do plantation estão as bases para a sustentação desse sistema agrícola. Entre elas estão a utilização de técnicas rudimentares como a da “mula” e do “arado” e métodos de produção que levaram a exploração de recursos naturais e humanos. Dentre essas, a que chama a atenção é o arrendamento, na qual o indivíduo concede provisoriamente parte de sua terra para o chamado meeiro poder produzir e trabalhar nesse solo. O meeiro, assim, entrega parte de sua produção ao arrendador pelo direito de trabalhar em tal terra. Na primeira metade do século XX, mais da metade dos camponeses no sul estavam dentro desse processo (VANCE, 1936, p. 12). Assim, foi feita uma divisão do trabalho em que aqueles que possuem as maiores partes de terras não realizam qualquer trabalho agrícola, enquanto aqueles que realizam a maior parte do trabalho agrícola não possuem qualquer terra (HAYWOOD, 2020, p. 43).

No Cinturão Negro era onde era possível perceber a maior concentração de terras e, conseqüentemente, o local com maior proporção de arrendatários, assentando-se principalmente sobre o trabalho negro. Nove em cada dez famílias moradoras dessas terras arrendadas, são negras (RAPER, 1968, p. 3).

Como forma de manutenção de terras, formaram-se oligarquias hereditárias que continuavam o sistema de plantation.

Esta concentração da propriedade de (...) quase todas as melhores terras no seio de algumas relativamente poucas famílias (...) foi fortalecida pelas relações de parentesco entre as velhas famílias latifundiárias e por frequentes casamentos entre linhas colaterais consanguíneas na mesma família. Estes grupos consanguíneos estendidos assim se constituíram de forma a evitar a desintegração dos vastos latifúndios por meio da venda das terras para agricultores economicamente mais dinâmicos e para os forasteiros (...) A propriedade de uma velha plantation, de uma vasta extensão de terras ou de uma mansão na velha plantation foi considerada o traço essencial de uma pessoa branca da classe superior⁹⁸ (DAVIS, et al, 2009, p. 276-277, tradução nossa).

⁹⁸ This concentration of the ownership of [...] almost all of the most desirable land within a relatively few families [...] has been strengthened by extend kinship relation among the old planter-familie and by frequent intermarriage between colateral lines in the same family. These extended kinship groupings have operated so as to prevent the disintegration of large estates through the selling-off of a land to economically mobile farmers and to newcomers [...] The ownership of an old plantation, a large tract of land, or an old plantation mansion has been considered the most essential trait of a white person of the upper class.

Alguns autores como Harry Haywood, membro da ABB, e o sociólogo Rupert Vance, defendem que o sistema de plantation baseado em arrendamentos foi o resultado do fracasso da democracia estadunidense em resolver radicalmente o problema da terra e da escravidão no Sul durante o período da Reconstrução que se seguiu à Guerra Civil. A abolição da escravidão nesse sentido, seria meramente um episódio na história do sistema de plantation que cambaleou, porém, após um breve intervalo de tempo, reorganizou seu fornecimento de mão-de-obra em forma do sistema de arrendamento e meação (VANCE, 1937, p. 12). Para eles, a relação da terra e a libertação da população negra com a abolição da escravidão, colocou-os como sem-terra, despojados de seus principais meios de subsistência e, conseqüentemente, forçados a voltar às condições das plantations, porém, agora como uma remodelação que unia as características de um capitalismo com condições sobreviventes da escravidão, junto a condições de dominação de um capitalismo monopolista ascendente. Ou seja, agora o indivíduo que vive nessas circunstâncias precisa de um “contrato”, por exemplo, ou seja, em tese são precisas transações monetárias na venda de produtos etc.

A meação da população negra no sul dos EUA nos fins do século XIX e início do XX, foi, portanto, uma forma predominante à qual recorreram antigos senhores de escravos para manter as velhas relações escravistas sob novas condições de emancipação legal, mas que, no fim, devido a sua intensidade e forma, era basicamente análoga à escravidão (HAYWOOD, 2020, p. 57).

Ao final, muitos dos meeiros também terminavam endividados com parte de sua produção ou também em dinheiro, pois, basicamente eram dependentes do grande fazendeiro desde o período do plantio até a parte da comercialização. Muitos dos linchamentos que ocorriam no Sul, estavam ligados a dívidas com fazendeiro ou agiotas, além do terror racial (EQUAL JUSTICE INITIATIVE, 2017).

Além disso, a dívida também podia ser paga através da peonagem, ou seja, por meio do trabalho forçado até o pagamento da dívida. Através disso, donos de plantations, utilizavam-se da tática a fim de forçar homens pobres ao trabalho, como forma de não irem a prisão. O mesmo se aplicava as chamadas leis de vadiagem, que persistiam nos estados do Sul. Essas, eram utilizadas também para obter trabalho forçado, principalmente as plantations. Trabalhadores desempregados e sem meio aparente de subsistência eram presos como vadios. No ato da prisão, era dado a eles as opções de escolher entre aceitar um emprego em uma fazenda ou serem sentenciados a trabalhos forçados na prisão (HARRIS, 1993).

Tal prática levou a uma verdadeira “indústria” de dívidas, na qual são cobradas fianças pelos menos ou mais irreais crimes, sob acusações mais duvidosas. Grupos de pessoas negras

eram frequentemente entregues pelo preço da fiança a um fazendeiro ou empregador interessados, os quais estariam com escassez de mão-de-obra.

Esse sistema, com diversas cordas, estava atado à relação racial, que lograva a cumprir um papel decisivo na opressão socioeconômica de um povo. Ela opera para reforçar os constrangimentos sociais impostos à população negra. Como consequência disso, os negros ficaram concentrados nas mais baixas hierarquias de propriedade, em termos de posse de terra, tamanho de terra, qualidade de vida, renda, moradia e educação (HAYWOOD, 2020, p. 71).

Não surpreende, portanto, que o sistema de plantation no Sul do país tenha beneficiado as maiores forças econômicas da região Norte, as quais foram favorecidas pela opressão da população negra, fato que também gerou, ao mesmo tempo, o crescimento de indústrias, ferrovias, automóveis, cidades, entre outros.

3.3 CAPITALISMO E O BOOM INDUSTRIAL NO NORTE

A ascensão e a estabilidade da região Norte veio muito após a Guerra Civil e a Reconstrução, quando uma nova e crescente classe capitalista se estabeleceu nos mercados do Sul. A derrota militar das oligarquias escravistas e a abolição da escravidão limpou os principais obstáculos para a penetração capitalista no Sul.⁹⁹

⁹⁹ Entre os anos de 1861 e 1865, os Estados Unidos atravessaram uma violenta guerra civil que envolveu como partes beligerantes, dois projetos capitalistas. De um lado, os interesses capitalistas do Norte, e, de outro, os interesses capitalistas escravistas dos latifundiários do Sul. Estes latifundiários, que controlavam os governos dos estados do Sul, levaram a cabo um processo de secessão em relação ao restante do país, sob o receio de que o desenvolvimento capitalista penetrasse nessa região e terminasse por abolir a escravidão e realizar uma reforma agrária, como ocorria no Norte e no Oeste dos Estados Unidos. Assim, contra os movimentos de secessão, os republicanos do Norte invadiram o Sul como forma de manter a unificação do país e concluir sua penetração e estabilidade do desenvolvimento capitalista que vinha sendo realizado. Em 1865, o general Robert E. Lee depunha suas armas, o Sul rendia-se e a escravidão era abolida. Com o fim da Guerra Civil, o país encontrou-se totalmente dividido e, portanto, seu desafio agora era a unidade. Contudo, isso era uma solução extremamente complexa que teria que lidar com os problemas econômicos que o Sul enfrentava e, principalmente, com o lugar que a população negra liberta ocuparia perante a sociedade em geral. Começava o período da Reconstrução (1865-1877). Uma série de tensões inundou o país sobre quais medidas eram necessárias: alguns acreditavam que os donos de escravos não recebessem nenhum tipo de indenização e que a população negra se beneficiasse dos direitos básicos da cidadania estadunidense, outros já acreditavam que essa população de libertos tivesse nada mais que sua liberdade. Durante esse período de anseios, o presidente Abraham Lincoln é assassinado e levado ao patamar dos pais fundadores. No ano de 1876, foram realizadas eleições presidenciais nas quais concorreram o republicano nortista Rutherford B. Hayes e o democrata sulista Samuel J. Tilden. Recebendo a maioria dos votos, Tilden ascenderia à presidência dos EUA. Contudo, mediante manobras legislativas e judiciais, o republicano Hayes seriam quem subiria ao cargo de presidente. As consequências dessas disputas políticas pelo projeto da nação terminariam no famoso Compromisso Hayes-Tilden, em 1877, no qual em troca do cargo de presidente, o republicano Hayes retirou as tropas federais do Sul e entregou o controle político e econômico da região, mais uma vez, aos sulistas brancos escravistas. Dessa maneira, devido à manobra eleitoreira de Hayes e dos republicanos, a consolidação do projeto do Norte estadunidense acabou por não ter sido concluída nos estados do Sul. Aqui, não foi realizada a reforma agrária, e as sobrevivências da escravidão e do feudalismo não somente foram mantidas como até mesmo fortalecidas. A população negra, que tinha conseguido direitos civis importantes entre o período de 1865-1877, foi novamente relegada à condição de “casta

Após o período de 1877, os capitalistas do Norte haviam se desenvolvido com uma grande concentração de poder econômico e político em suas mãos. Posteriormente ao tratado Hayes-Tilden, a economia do Sul, sua agricultura, indústria, mineração e transportes, foram sujeitos ao desenvolvimento acelerado do capital do Norte. No que tange ao plantation, por exemplo, seu objetivo maior agora era o comércio. Funcionava principalmente como um capital de empréstimo usurário, impulsionando e preservando as sobrevivências econômicas e sociais da ordem escravista que era descartada. Sendo assim, tornaram-se a base social do novo latifundismo e este, por sua vez, aliado indispensável do capitalismo do Norte, cujo o objetivo principal era preservar o monopólio da fonte de algodão e manter sua produção barata para as indústrias têxteis de sua região (HAYWOOD. 2020, p. 80).

As décadas de 1880 e 1890 trouxeram uma nova etapa para o capitalismo nos EUA. Como resultado da concentração crescente e constante da riqueza e recursos econômicos nas mãos de um círculo de grandes capitalistas. Alguns já ricos, ficaram riquíssimos após a Guerra Civil. E, durante a primeira década do século XX, o capital financeiro logrou monopolizar pontos-chaves da indústria, transporte e comércio no país, bem como suas fontes de matérias-primas. Houve a união entre banqueiros e empresários para a obtenção de grandes lucros e, conseqüentemente, a ampliação de seus negócios. As grandes companhias, na época geralmente controladas por famílias, adquiriram tamanhos descomunais. Não surpreendentemente, expandiam-se e monopolizavam a produção, comprando e tirando os negócios das mãos de concorrentes ou levando-os a falência (JUNQUEIRA, 2018, p. 135).

Era o período dos Rockfeller na distribuição e controle de petróleo; dos Carnegie e Frick no aço; dos Morgan nos bancos; dos Swift na indústria bovina; dos Vanderbilt, dos Harriman e Hill nas ferrovias. Ficaram super ricos com o poder de decidir preços para fornecedores, controlar a matéria-prima, o transporte e regular o comércio.

Período em que a ideologia do *self-made man* ascendeu, pois essas famílias eram tidas como exemplos daqueles que surgiram do nada e, com esforço e inteligência, souberam crescer com as oportunidades que o país lhe dava. Influenciando a população, incluindo a comunidade negra com essas ideias.

Eles controlavam não só a produção do país como também financiavam partidos políticos, interferindo nas decisões políticas deste ou daquele governo. Eram também capazes

inferior” e teve quase todos os seus direitos políticos suprimidos, incluindo o direito ao voto. Traço fundamental do Sul, pós 1876, foi não somente a manutenção das sobrevivências da escravidão, como também a crescente submissão econômica e política da região aos interesses capitalistas do Norte, conformando uma “colônia interna”.

de subornar juízes, espionar competidores, difamar concorrentes e manter o controle sobre opiniões emitidas na imprensa a seu respeito ou sobre suas companhias, para favorecer as suas causas (JUNQUEIRA, 2018, p. 136-138). Tais famílias e companhias dominavam os postos de comando da vida econômica sulista. Controlavam o aço, ferrovias e provisões do Sul.

Com isso, uma urbanização crescente começava a aparecer no Norte dos EUA já na década de 1890. Nesse meio urbano, formava-se uma crescente classe média que refletia uma nova sociabilidade. Admiradora de esportes, leitura de revistas e romances de grande circulação, um otimismo tomava conta da propaganda estadunidense no exterior. As cidades concentravam indústrias que funcionavam como polos de atração para imigrantes, negros e estadunidenses que vinham do interior. Essas metrópoles tornaram-se locais de grande concentração de serviços, desenvolvimento cultural, reunião de trabalhadores e surgimento do movimento operário organizado, assim como o retrato das grandes contradições de sua época. Nelas, tinham lugar reformas bilionárias para reconstruir centros antigos, utilizando-se da mais moderna tecnologia, enquanto nas periferias proliferavam os bairros que concentravam a população marginalizada (JUNQUEIRA, 2018, p. 147-148). Essa nova forma de viver, das grandes cidades, tinha um caráter dúbio para os valores tradicionais norte-americanos: ao mesmo tempo que se louvavam as promessas materiais de uma economia industrial madura, temiam-se as desigualdades profundas geradas pelo monopolismo. Competiam a profunda crença nos direitos da propriedade, que se aliava aos influentes interesses da indústria, e a também enorme crença na livre concorrência e nas oportunidades da “Terra da liberdade” (FERNANDES; MORAIS, 2018, p. 155-156).

O enorme crescimento econômico dos Estados Unidos dependia de uma mão-de-obra massiva e uma das soluções encontradas foi a imigração. A partir de 1880, os EUA, instalaram agências de turismo na Europa para atrair imigrantes, com o objetivo de induzi-los ao trabalho nas fábricas. Conglomerados de pessoas, vindos de diversas regiões do globo, chegaram ao “país da oportunidade” por diversos motivos, um deles é a crise que assolava os seus países de origem e as promessas de uma vida melhor representada na propaganda estadunidense com a industrialização. O governo dos EUA encorajava a imigração e permitia que as grandes companhias contratassem estrangeiros. Entre 1880 à 1920, cerca de 22 milhões de imigrantes desembarcaram nos diversos portos pelo país. Chineses, filipinos, russos, italianos, judeus, húngaros, poloneses, gregos etc. foram alguns deles. (JUNQUEIRA, 2018, p. 145).

Chegando no novo país, estabeleceram-se nessas grandes cidades ao redor de suas indústrias. Desorientados por essa mudança, recebendo salários irrisórios e em condições trabalhistas pífias, assim como alojamentos com condições miseráveis, essa população decidiu

optar pela proximidade com seus conterrâneos, evitando também o tratamento preconceituoso da população estadunidense. Assim, surgia bairros famosos como Chinatown, Japantown, Little Italy e Little Hungary.

A presença massiva de outros povos, falando idiomas que fugiam do senso comum, praticando religiões “desconhecidas”, com seus próprios trejeitos, fez com que surgisse nos EUA um movimento chamado “nativismo”, no qual parte dos estadunidenses rejeitavam os novos imigrantes, reforçando o pacto da branquitude e preconceitos que nutriam contra culturas diversas. Acreditavam que era um erro do governo aceitar imigrantes considerados inferiores e menos civilizados. Nesse período surgiram muitas tradições estadunidenses como o juramento a fidelidade à nação, a prática de ficar de pé durante o Hino Nacional e a comemoração do Dia da Bandeira (PURDY, 2018, p. 179). Nesse sentido, os estadunidenses moldavam a maneira correta desses imigrantes viverem e, caso eles não as seguissem seriam excluídos. Frequentemente, essa população teve que se adaptar às condições dessa nova sociedade, desde comida, roupa, língua e estilo de vida, para sobreviverem.

Devido às complexidades dessa sociedade estadunidense, com a concentração de renda e monopólios, os preconceitos contra imigrantes, a industrialização, condições de trabalho degradantes etc. surgiram movimentos que criticavam e buscavam novas alternativas para essas relações. Um desses movimentos era o chamado “progressivismo”. Essa corrente lutava pela regulação dos monopólios e da regeneração política que estava permeada por corrupção (JUNQUEIRA, 2018, p. 138-139). Para eles, era necessário regenerar a sociedade estadunidense. O movimento era eminentemente reformista e reunia políticos, profissionais e indivíduos do estrato médio da sociedade. Denunciavam problemas no sistema eleitoral, argumentando também que o processo eleitoral deveria ser regenerado, evitando o voto de analfabetos, mas simultaneamente apoiavam o sufrágio feminino. Para eles a sociedade estava corrompida. Sustentaram a chamada “Lei Seca”, pois acreditavam que o álcool era o agente dessa degeneração. Segundo eles, a prostituição e o divórcio eram vícios. E acreditavam que muitos dos problemas seriam resolvidos através da regeneração e modernização da educação.

Como esse movimento, surgiram outros. Destaque para as feministas que defendiam bandeiras variadas. A tendência predominante durante o século XIX era a que defendia as mulheres com um papel mais amplo e mais importante como cidadã da nação do que aquela ideia de que elas deveriam desempenhar naturalmente o papel de mulher como mãe, esposa, irmã e filha. No início do século XX, segundo Purdy (2018, p. 188), essa mensagem foi moderada e transformou-se num chamado “feminismo materno”, que enfatizava o “instinto” de mãe e as habilidades das mulheres no cuidado das crianças e da casa. Nessa perspectiva, as

pessoas que defendiam o sufrágio feminino acreditavam que as mulheres, devido a esse “instinto”, seriam capazes de cuidar com eficiência das políticas nacionais. Inserindo-se nos debates nacionais, as sufragistas conseguiram em 1920 uma Emenda à Constituição que garantiu o direito ao voto. Entretanto, o movimento apresentava contradições, como a aceitação de ideias discriminatórias sobre a raça.

Também tivemos os chamados Wobblies, que englobava sindicalistas socialistas e anarquistas na fundação da Industrial Workers of the World (IWW). Buscando uma alternativa ao sindicalismo conservador, eles organizaram diversas camadas da classes trabalhadora. Lutavam por melhores condições de trabalho, rejeitando táticas reformistas na hora da luta trabalhista. Para eles, fazia mais sentido a utilização da “ação direta” – greves, mobilizações e manifestações – como táticas mais eficientes. Com a busca pela construção de um grande sindicato de todos os trabalhadores, eles tinham como objetivo a tomada do poder por essa classe.

Foi por meio das dominações dos pontos chaves do Sul que a riqueza desta região foi drenada em benefício de Wall Street, a industrialização se intensificou e surgiram as grandes metrópoles. A comunidade de interesses entre os industriais-financistas do Norte em conjunto aos latifundiários do Sul nesse período foi ainda mais fortalecida, gerando ainda mais opressão à população negra.

Du Bois (2014, p. 48, tradução nossa) descreveu o efeito do capital financeiro sobre o povo negro no seio da nação: “O eco do imperialismo industrial nos Estados Unidos foi a expulsão do homem negro da democracia americana, sua sujeição ao controle de casta e à escravidão assalariada. Essa ideologia foi triunfante em 1910”¹⁰⁰. Durante a década de 1890, os estados do Sul começaram a decretar uma série de leis repressoras destinadas a suprimir totalmente os direitos civis da população negra nessa região, como por exemplo o voto. Entre 1895 e 1909, o Sul inteiro suprimiu o direito ao voto dos negros por restrições injustas e ilegais, e decretou uma série de leis – denominadas ‘Jim Crow’ – que transformaram o cidadão negro em uma casta subordinada (DU BOIS, 2014, p. 28-29). Os anos também testemunharam o ressurgimento do chamado Código Negro¹⁰¹, do terror racial com a Ku Klux Klan e grupos supremacistas brancos.

¹⁰⁰ The echo of this industrial imperialism in America was the expulsion of black men from American democracy, their subjection to caste control and wage slavery. This ideology was triumphant in 1910.

¹⁰¹ Uma ferramenta jurídica utilizada na forma da lei para manter a população negra em condições semelhantes a da escravidão.

Assim, a plantation, com seus controles de casta e político, tornou-se papel integral da vida política e econômica dos Estados Unidos, um entrelaçamento com a estrutura e a subestrutura do imperialismo estadunidense. Haywood (2020, p. 101) comenta que tal estrutura, em conjunto com a posição da população negra do Sul, fornece as pistas para entender as desigualdades econômicas, sociais, culturais e políticas do país, afetando brancos, homens, mulheres, povos originários e imigrantes. Para ele, não é acidental que onde quer que os negros sejam mais oprimidos, a posição dos brancos é também mais degradada.

A ‘supremacia branca’ significa a maior proporção de arrendatários e meeiros do país, a sua maior taxa de trabalho infantil, a sua exploração mais degradante e generalizada das mulheres, o seu pior estado de saúde e moradia, o seu maior nível de analfabetismo e menor proporção de estudante em escolas e faculdades, as suas taxas mais altas de óbitos e doenças com seu nível mais baixo de organização sindical e menos democracia (HAYWOOD, 2020, p. 102).

O intelectual ainda coloca que a influência do plantation do Cinturão Negro explica também a situação degradante das mulheres dessa região, que são sujeitas a uma exploração ainda mais intensa que aquelas sofridas pelos homens. Além do mais, os linchamentos contra a população negra, também se voltavam a operários brancos sempre que tentavam melhorar suas condições ou unir forças com os negros na luta por direitos (HAYWOOD, 2020, p. 103-105).

Contudo, não é apenas no Sul que os efeitos da plantation e do terror racial se manifestam. Ela é uma epidemia nacional que atormenta a sua principal vítima, a população negra, onde quer que este possa buscar refúgio.

3.4 GRANDE MIGRAÇÃO NEGRA

Com o sistema de terror racial no Sul dos Estados Unidos, a população negra se viu compelida a um êxodo em direção ao Norte, o que foi denominado de a Grande Migração. Entre as primeiras décadas do século XX, estima-se que cerca de 3,5 milhões de pessoas se deslocaram para o Norte (GREGORY, 2005, p. 13). Sendo assim, a vida urbana nas grandes cidades mudava completamente com a chegada de sujeitos motivados por salários melhores do que os encontrados no Sul, a possibilidade de um emprego estável, fora do terror racial aberto. Essa procura por um emprego estável estava relacionada também a Primeira Guerra Mundial, pois os EUA, participando desse conflito, fez com que muitos trabalhadores fossem convocados para atuar no front, portanto, abria-se o mercado de trabalho para a população negra e mulheres.

Até as indústrias criaram programas assistencialistas para atrair essa população para as companhias.

FIGURA 10 - Família se deslocando para região Norte dos Estados Unidos



FONTE: STUDENTS OF HISTORY (2023). Disponível em < <https://www.studentsofhistory.com/the-great-migration> >.

Entre 1910 e 1920, a população negra de Detroit subiu de 5 mil para 41 mil pessoas; em Cleveland, de 8,4 mil para 35 mil; em Chicago, de 44 mil para 110 mil e, em Nova York, de 91,7 mil para 152 mil (PURDY, 2018, p. 183).

Com a ocupação da população negra desses espaços urbanos, uma nova configuração de sociabilidade e de vida será formada em volta daquilo que ficou conhecido como gueto. O bairro do Harlem, por exemplo, começa a ficar reconhecido como a Meca da cultura negra nos

Estados Unidos. A historiadora Saidiya Hartman (2022, p. 23-24) demonstra o que era esse espaço urbano:

Forasteiros chamam de gueto as ruas e vielas que constituem seu mundo. Para ela, é apenas o lugar onde vive. Você nunca pinta na quadra dela a menos que more lá também, ou que tenha se perdido, ou que tenha saído em uma noitada à procura dos prazeres oferecidos por gente de outra laia [...] Seu distrito é um labirinto de vielas fedorentas e becos escuros. É uma cidade africana, o quarteirão negro, a zona nativa [...] É um mundo escondido atrás da fachada da metrópole ordenada [...] Ao adentrar a estreita passagem do beco, cruzamos o limiar de um mundo barulhento e desordenado, um lugar definido pelo tumulto, pelo coletivismo vulgar e pela anarquia. É uma pocilga humana povoada pelos piores elementos. É um reino do excesso e de maravilhas. É um ambiente miserável. É a plantation estendida a cidade. É um laboratório social. O gueto é um espaço do encontro [...] Adentrar e seguir em frente é o que estabelece os ritmos do cotidiano [...] Ninguém se estabelece aqui, apenas vai ficando, espera por algo melhor e segue adiante; pelo menos, essa é a esperança [...] No gueto, tudo está em falta, exceto sensação. A experiência é *abundante*.

Assim, as comunidades negras ampliaram-se nessas cidades, formando bairros tais como Harlem e a zona sul de Chicago. Espalhavam-se bares, clubes, casas de show e igreja de fiéis negros. Artistas, músicos, atrizes e escritores traduziram a nova experiência de migração e vida urbana negra em diversas culturais (PURDY, 2018, p. 183).

Entretanto, a vida no Norte também não era fácil para a população negra. Havia uma segregação informal que refletia a estrutura racista e o pacto da branquitude daquela sociedade. A sombra da plantation recai sobre o negro no Harlem, no sul de Chicago, nas centenas de ‘Cinturões Negros’ urbanos que existem no país. Os irmãos gêmeos e maléficos, pobreza e Jim Crow, assentam suas raízes e estabelecem o padrão em sua nova vida urbana, frustrando quaisquer esforços no objetivo da melhoria econômica e social (HAYWOOD, 2020, p. 107). A “hierarquia racial” que opera no Sul também irá operar no Norte industrial, relegando a população negra a entrar em categorias de empregos de baixa remuneração e insalubres, assim como no trabalho árduo de serviços domésticos e pessoais.

A discriminação no mercado de trabalho negava o direito de competir livremente pelo tipo de trabalho que os interessavam e para quais eles eram qualificados. Ademais, a discriminação racial iria além através de vários dispositivos – mesmo quando as pessoas estavam inseridas nesse mercado de trabalho – como a discriminação na aplicação de regras de progressão de carreira, nas oportunidades para treinamento e aperfeiçoamento interno, bem como cursos de formação privados. Finalmente, muitas barreiras da Jim Crow operavam em

sindicatos corporativos. A barreira que se criava fechava as portas para qualquer avanço significativo da população negra para além do nível de semiquualificados.

A Jim Crow também aparecia no meio de sociabilidade negra e nas práticas cotidianas, Era a segregação territorial que jogava essas massas negras para as áreas mais desfavoráveis de se viver. Eram as faltas de condições sanitárias básicas que se intensificavam com a superlotação, com famílias literalmente empilhadas umas sobre as outras. Era a cobrança de aluguéis exorbitantes e opressivos. A Jim Crow também significava comida e mercadorias em geral de qualidade inferior vendidas em lojas de bairro a preços mais elevados. Era a maior taxa de mortalidade da população negra. Eram os chamados “Pactos Restritivos”, acordos entre proprietários de bairros brancos adjacentes para não alugar ou vender propriedades aos negros. E, também, era o terrorismo racial que também acontecia no Norte dos Estados Unidos, como por exemplo, o vandalismo incendiário¹⁰² (DRAKE; CAYTON, 2015).

Embora com a Primeira Guerra Mundial a população negra tenha ganhado uma posição na planta fabril do Norte, essa posição sempre foi precária. Do ponto de vista da política das grandes empresas, eles eram descartáveis. E isso se tornou uma estratégia do capitalismo no Norte, tática esta que os colocava como reserva de trabalho barato e desprestigiado.

O pivô central nessa política é preservar, por todos os meios, legais e ilegais, o isolamento social do negro, cerca-lo com a parede intransponível da Jim Crow, reforçada por preconceitos raciais artificialmente fomentados. A condição primordial para a continuação dessa política no Norte é a preservação do sistema de tortura medieval do campesinato negro do Sul (HAYWOOD, 2020, p. 112).

A Jim Crow, nesse sentido, tinha como premissa a manutenção do medo da população do Norte e Oeste em relação a uma potencial perda de seu padrão de vida.

Tem sido uma tática tradicional da classe empregadora utilizar os meeiros negros migrantes do Sul e os camponeses mais pobres da Europa, México e Ásia como fura-greve e operários mal remunerados que pressionam salários para baixo; e utilizar o ressentimento resultante dos operários brancos para fomentar o preconceito contra estes grupos, dividindo-os da principal massa do operariado americano e persuadindo

¹⁰² Um caso exemplar desse vandalismo incendiário foi noticiado pelo Chicago Defender com o editorial “Danger: Dynamite at Large” que relata a ocorrência de um grupo de incendiários que atacaram cerca de 30 casas ocupadas por negros na região sul de Chicago.

salários e padrões de vida que prejudicam os seus próprios (HAYWOOD, 2020, p. 113).

A preservação do sistema de plantation no Sul, com a leva de migrantes fugitivos das condições precárias que viviam, famintos e sem instrução para o Norte, era essencial para a continuação do desenvolvimento capitalista dos grandes monopólios.

3.5 COMUNIDADE NEGRA

Com a abolição da escravidão em 1863 e o período da Reconstrução, acreditava-se que melhorias significativas viriam acompanhadas dessas mudanças estruturais para a população negra. A esperança era a de uma plena integração do negro na vida estadunidense como cidadão livre e igual. Entretanto, mais uma vez, essa demanda foi abortada com o marco do acordo Hayes-Tilden em 1877. Negros e negras ficaram sem terras e à mercê dos antigos senhores de escravos, o que ocasionou um grande baque na esperança de uma absorção democrática da população negra na vida nacional dos Estados Unidos.

Contudo, ocorreu uma mudança qualitativa durante esse período das décadas finais do século XIX. Livres da escravidão, algumas parcelas dessa massa conseguiram um crescimento econômico dentro de seu próprio grupo. O processo de sedimentação de classes entre a população negra foi lento e tortuoso, acontecendo com grande repressão pós reconstrução. Apesar disso, aconteceu, de modo que os negros que à altura da abolição da escravidão compreendiam uma massa camponesa quase indiferenciada passaram por uma transformação, no início do século XX, que marcava os processos de estratificação da modernidade capitalista. Junto a uma massa de trabalhadores assalariados, começou a surgir também uma classe média de pequenos empresários com aspirações capitalistas. E também o surgimento de uma burguesia negra que, empenhada em defender seus próprios interesses nas condições estadunidenses, estava destinada a iniciar um movimento histórico que só poderia desenvolver-se no sentido da liberdade nacional (HAYWOOD, 2020, p. 206). Uma das singularidades das relações raciais nos Estados Unidos do início do século XX foi que a população negra esteve de fora das transformações democráticas do país, o que possibilitou a criação de novas viabilidades e cenários produzidos por esses próprios excluídos.

No Sul dos Estados Unidos, embora seja uma região conhecida pelo trabalho agrícola, existiam também entrepostos comerciais e indústrias bem estabelecidos. Cidades como Atlanta,

Nova Orleans e Memphis eram todas situadas no Cinturão Negro. Com o avanço das relações capitalistas a estratificação da classe também ocorreu nessa região. Não existiam apenas trabalhadores negros nas lavouras de algodão e tabaco, trabalhavam também em minas de carvão, siderúrgicas, serralherias, marcenarias, fábricas, indústrias químicas, nas ferrovias e na exploração de madeiras.

A partir desses processos também surgiu uma camada negra de classe média e raramente burguesa que vivia majoritariamente em comunidades urbanas, mas também em rurais, esforçando-se para ampliar seus mercados. Operavam principalmente na área de seguros, imobiliário, microcréditos, negócios ferais e outros serviços para a comunidade negra. Esta burguesia negra tinha como seus ideólogos as classes médias instruídas, lutando pelo desenvolvimento moderno de seu povo. Há também a camada dos profissionais liberais, como médicos, advogados, professores, assistentes sociais e pastores.

Umas das localidades mais conhecidas por esse processo ficava justamente em Tulsa, o distrito de Greenwood, local onde ocorreu o massacre em 1921 e onde a ABB ganhou repercussão nacional na proteção da comunidade negra, utilizando métodos da autodefesa (JOHNSON, 1998).

A partir das relações de opressão que estruturam a sociedade estadunidense, surge uma história de resistência negra que data desde as primeiras pessoas escravizadas que chegaram em Jamestown, no ano de 1619. Esse racismo foi perpassando pela história dessa nação com o surgimento de figuras emblemáticas que lutavam contra a miséria do escravizado e de sujeitos que imprimiam insurreições totalmente suprimidas. A história do povo negro infundiu em tais figuras esperanças, ideais, costumes e traços que são mesclados em uma psicologia na qual anseios e atividades se movimentam milhares de vezes em direção a liberdade e igualdade (HAYWOOD, 2020, p. 211). O desenvolvimento da música, literatura, poesia, pintura, igrejas, fraternidades e movimentos sociais feitos pela população negra carregam a marca da luta pela libertação.

Du Bois (1947, p. 1, tradução nossa), em seu apelo as Nações Unida em 1947, resumiu a dinâmica da comunidade negra:

O chamado grupo negro americano, desse modo, enquanto não é, de forma alguma, totalmente desligado fisicamente dos seus companheiros americanos, tem ainda sim uma forte e hereditária unidade cultural, nascida da escravidão, de sofrimento comum, prolongada opressão e restrição de direitos políticos e civis; e especialmente por incapacidades econômicas e sociais. A partir deste fato, em grande medida, nasceu a sua contribuição cultural para a América – seu ritmo, música e canções populares de

raiz; sua fé e costumes religiosos, suas contribuições para arte e literatura estadunidenses, a defesa de seu país em toda guerra, no mar, na terra e no ar; e especialmente a dura e continua labuta sobre a qual a prosperidade e riqueza deste continente foram em grande medida construídas [...] O resultado, foi tornar os negros estadunidenses amplamente provincianos, introvertidos, inseguros e estreitamente fiéis à raça, mas também inspirou neles o esforço frenético e frequentemente vitorioso de atingir, merecer e mostrar ao mundo sua capacidade de participar da civilização moderna. Como resultado, quase não há área da sociedade Americana na qual o negro não tenha tido feitos honestos mesmo diante de todas as dificuldades.¹⁰³

A necessidade psicológica e econômica da luta continua para se ganhar a condição de igualdade democrática, se livrar dos grilhões da opressão e assumir a postura íntegra de um povo livre é e tem sido a dinâmica da cultura negra nos Estados Unidos.

A cultura e comunidade negra tem seus próprios traços distintos. Assim, foi sendo criado no corpo social uma estrutura sociocultural que correspondia à condição de desigualdade que era imposta a eles pela nação branca dominante. Entre a comunidade negra, existem múltiplas organizações, nacionais e locais, dedicadas a todo campo de empenho e interesse humanos: para a educação, direitos civis, interesses particulares de profissionais, mulheres, da juventude, de veteranos, de empreendimentos de negócios e religiosos (HAYWOOD, 2020, p. 212-213).

Os sociólogos St. Clair Drake e Horace R. Cayton utilizam de exemplo para demonstrar os traços distintos da comunidade negra, em relação à branca nos Estados Unidos, o bairro de Bronzeville na cidade de Chicago:

O povo de Bronzeville, ao longo dos anos, cristalizou determinados padrões diferentes de comportamento e de pensamento [...] Enquanto as instituições de Bronzeville pouco diferem em formato das outras comunidades do Centro-Oeste, diferem consideravelmente em conteúdo. A diferença é resultado principalmente de dois fatores: pelo fato da comunidade ser espiritualmente isolada do mundo restante, o

103 The so-called American Negro group, therefore, while it is in no sense absolutely set off physically from its fellow Americans, has nevertheless a strong, hereditary cultural unity, born of slavery, of common suffering, prolonged prescription and curtailment of political and civil rights; and especially because of economic and social disabilities. Largely from this fact have arisen their cultural gifts to America—their rhythm, music and folk-song’ their religious faith and customs; their contribution to American art and literature; their defense of their country in every war, on land and sea; and especially the hard, continuous toil upon which the prosperity and wealth of this continent has largely been built [...] The result has been to make American Negroes to a wide extent provincial, introvertive, self-conscious, and narrowly race loyal; but it has also inspired them to frantic and often successful effort to achieve, to deserve, to show the world their capacity to share modern civilization. As a result there is almost no area of American civilization in which the Negro has not made credible showing in the face of all his handicaps.

desenvolvimento das suas famílias, igrejas, escolas e associações avançou de modo bastante diferente do caminho tomado por instituições brancas análogas; em segundo lugar, a ‘cultura’ de Bronzeville é parte de uma cultura negra maior e nacional, com seu povo estando atado a treze milhões de outros negros por laços inumeráveis de parentesco, associações e participação na igreja, e na condição comum de minorias. Os costumes herdados por Bronzeville têm crescido lentamente entre os negros americanos durante os oitenta anos desde a escravidão¹⁰⁴ (DRAKE; CAYTON, 2015, p. 396, tradução nossa).

O padrão cultural de Bronzeville, em Chicago, tem suas relações com os outros bairros negros de outras metrópoles. A cultura negra nesses locais, e nacionalmente, encontram sua expressão em um rico folclore na música, dança no teatro e em uma literatura altamente desenvolvida. Tais expressões são difundidas em uma imprensa em ascensão durante esse período.

Vindas do coração das massas do povo unidas por anseios semelhantes, agitado pelas mesmas causas, essa cultura expressa aspirações profundas do povo negro, seus esforços em quebrar os muros do gueto Jim Crow e alcançar a condição reconhecida de um povo livre (HAYWOOD, 2020, p. 214). Esse movimento encontrou-se com os anseios de Langston Hughes, Alain Locke, Margaret Walker, Richard Wright, Ann Petry, James Weldon Johnson, Shirley Graham, Paul Robeson, Richard Barthe, Marian Anderson, Du Bois, Carter Woodson, os membros da ABB e inúmeros outros.

Além disso, aos esforços pela libertação negra somou-se a criação de organizações, grupos, agências que buscaram concretizar o ideal de igualdade com a população negra. Esse empenho refletiu inúmeras abordagens de como alcançar o objetivo máximo da libertação negra. Vamos a algumas delas.

3.5.1 MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO

Harry Haywood (2020, p. 239-242) divide os movimentos de libertação negra nos Estados Unidos, a fim de didatizar, em três categorias que correspondem ao período do final do

¹⁰⁴ The people of Bronzeville have, through the years, crystallized certain distinctive patterns of thought and behavior [...] While Bronzeville's institutions differ little in form from those in other Midwest Metropolis communities, they differ considerably in content. The dissimilarity springs primarily from two facts: Because the community is spiritually isolated from the larger world, the development of its families, churches, schools, and voluntary associations has proceeded quite differently from the course taken by analogous white institutions; and, second, Bronzeville's "culture" is but a part of a larger, national Negro culture, its people being tied to thirteen million other Negroes by innumerable bonds of kinship, associational and church membership, and a common minority status. The customs inherited by Bronzeville have been slowly growing up among American Negroes in the eighty years since slavery.

século XIX a primeira metade do século XX, e que trarão os antecedentes históricos e sociais para as organizações e agentes que surgiram desse processo.

Segundo ao autor, durante a virada do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, o movimento negro organizado estava ligado a um pequeno segmento da classe média intelectualizada e que foi expressa na figura de Booker T. Washington e seus projetos educacionais, junto ao movimento Niágara de 1906 e National Association for Advancement of Colored People (NAACP). Tais interpretações buscavam uma abordagem mais “comedida” na hora da luta contra a desigualdade e pelo fim do racismo, além de valorizar muito mais o empreendedorismo negro e a importância da educação entre a população negra como forma de se integrar a sociedade estadunidense, de modo que, por fim, os negro tivessem uma melhor formação e instrução para adentrarem no mercado de trabalho. O movimento encabeçado por Washington era o do Tuskegee, uma escola profissionalizante para pessoas negras. Com ela, buscava-se orientar a população ao mercado de trabalho como forma de melhoria de sua condição econômica, adquirir habilidades que o capacitariam a lidar com seu novo ambiente de “liberdade” e acelerar sua ascensão para um lugar no novo mundo industrial. Esse movimento foi comumente associado à população negra da região Sul dos Estados Unidos. Essas práticas mais “prudentes”, estavam associadas justamente ao fato que nessa localidade, as condutas de violência eram muito mais intensas e explícitas; linchamentos, enforcamentos e esquartejamentos eram mais comuns nessa área, explica o historiador Flávio Thales Ribeiro (2015, p. 63-65). Inclusive, os indivíduos que acompanham essa abordagem, como Washington, foram acusados de serem símbolos de uma abordagem menos eficaz, marcada pela união com setores conservadores que advogavam um lugar secundário para a população negra. Portanto, foram associados por seus contemporâneos ao comodismo em relação ao racismo, mesmo que tenham contribuído para a educação e formação de pequenos empreendedores negros.

O segundo momento está relacionado ao pós Primeira Guerra Mundial e aos frutos da Grande Migração de negros do Sul rural para os centros urbanos industriais. As consequências desses processos históricos levaram a um maior envolvimento das massas negras na luta por seus direitos, devido às novas forças sociais que estavam enfrentando. O resultado foi um rompimento com setores anteriores ligados a uma intelectualidade negra mais comedida, levando à escalada da condição de lideranças das massas negras revoltosas. Ao invés de um programa com soluções pacíficas, por meio da colaboração com líderes brancos, essa nova tradição levava adiante palavras de ordem como “retorno a África” e “pela fundação de um Estado negro em sua terra ancestral”. Surgia um nacionalismo separatista que se opunha à cooperação com qualquer parte da camada branca. A figura que mais se destacou nesse processo

foi a de Marcus Garvey e a organização Universal Negro Improvement Association (UNIA). Tal movimento direcionou suas forças para uma classe média baixa que era extremamente afetada pela deterioração das suas condições de vida. Conversou com o pequeno lojista que era afetado por uma crise econômica, com médicos e advogados que sofriam com a falta de clientela, com vendedores e estudantes empobrecidos. O chamado garveyismo refletia o desespero desses estratos distante das implacáveis ações de monopólios nos mercados já escassos (HAYWOOD, 2020, p. 280). Foi uma tentativa de escapar da crescente opressão nacional, do terror da repressão “racial”, dos inúmeros linchamentos e da frustração social e econômica. A UNIA também iniciou uma rede de cooperação de iniciativas empresariais, incluindo supermercados, lavanderias, restaurantes, hotéis e gráficas. Seu mais ambicioso projeto foi a Black Star Line. O programa também era acompanhado pelo renascimento cultural que buscava quebrar todas as noções de inferioridade da população negra e instalar neles o sentimento de orgulho racial, da ancestralidade negra e da autoafirmação. O movimento de Garvey rompeu com outras organizações que buscavam políticas assimilacionistas e de integração na sociedade estadunidense. Garvey propunha que a população negra renunciasse aos seus direitos nos EUA e se retirasse para a África. Mesmo com o declínio desse movimento, ramificações sobreviveram, representadas em outras circunstâncias, chegando a influenciar até mesmo no movimento pelos direitos civis da década de 60 e personalidades como Malcolm X.

Por fim, o terceiro processo histórico dos movimentos de libertação negra estava ligado à crescente classe operária negra, que estava ganhando importância e maturidade política. Liderados por ideias comunistas, sua filosofia, programa e estratégia se diferenciava dos movimentos anteriores que haviam até então dominado a luta organizada pelos direitos da população negra. Também começou a ganhar destaque no pós Primeira Guerra Mundial. Essa linha associava a luta pela libertação negra com as lutas da classe operária contra a dominação do sistema capitalista e o imperialismo. Também uniu forças com o operariado branco e divergiu de táticas reformistas que acompanhavam essa classe operária. Nos escalões destacados dessa nova linha que surgia estava a African Blood Brotherhood com seu periódico *The Crusader*, junto com a *Industrial Workers of the World* (IWW), o partido comunista dos Estados Unidos e a publicação de órgão da imprensa negra como o *The Messenger*, *The Emancipator* e o *The Challenger* (HAYWOOD, 2020, p. 287-290).

O plano de fundo filosófico desse momento estava marcado pelos debates de ideias do velho e novo negro. Tais debates visavam pensar as mudanças que os Estados Unidos estavam sofrendo desde a abolição da escravidão até as primeiras décadas do início do século XX, com o ápice da modernidade, e, com isso, uma nova experiência de pensamento sobre a população

negra deveria acompanhar essas mudanças ocorridas na sociedade estadunidense. Eles precisariam ser novos negros. Parte dessa ideia estava associada com a desconstrução da representação da população negra como marcada pela escravidão, dos blackfaces e dos shows menestréis, os chamados velhos negros.

3.5.2 DIVERSIDADE DE ORGANIZAÇÕES

As sociedades e intelectuais relatados acima não comportam toda a grandiosidade de movimentos que surgiram durante esse período. Também existiam organizações profissionais e de negócios que tinha como objetivo suprir a demanda dessa vasta população negra. Entre elas temos a National Negro Business League (NNBL), fundada por Booker T. Washington em 1900, a National Negro Bar Association (NNBA), no ramo da educação tivemos a National Association of Teachers in Colored Schools e a American Teachers Association, entre outras. Essas organizações e movimentos foram originados para atender as necessidades do povo negro, muito devido ao resultado das políticas segregacionistas Jim Crow de organizações paralelas brancas.

Entre organizações para melhoria das condições dos negros, destacam-se grupos de mulheres, como a National Association of Colored Women's Clubs (NACWC), National Council of Negro Women (NCNW) que foi encabeçada pela educadora Mary McLeod Bethune, a National Association of Colored Graduate Nurses, formada por enfermeiras em 1908, e também a Empire Friendly Shelter, que era um lar para mães solteiras e desempregadas, coordenado por Grace P. Campbell.

Importante mencionar também movimentos interracialistas existentes na época que ampliariam bastante suas atividades ao longo do tempo na escala comunitária, estadual e nacional. Embora não façam parte do movimento negro propriamente dito, esses grupos eram auxiliares do movimento na medida em que são organizados em torno de programas para “diminuir o atrito” e promover melhores relacionamentos e harmonia entre a população branca e negra. Tivemos a Young Women's Christian Association (YWCA) e a Young Men's Christian Association (YMCA). Esses movimentos interracialistas receberam críticas também do movimento negro, pois, segundo tais críticas, em geral se concentravam nos excessos mais flagrantes da opressão com a população negra, contudo, se esquivavam das causas que geravam as condições que tanto deploravam.

A maioria dessas organizações conduzia atividades com finalidades como pressionar e exigir várias reivindicações e participar de ações articuladas com outros grupos em torno de

exigências decorrentes da opressão negra. Isso também vale para igrejas, alojamentos e clubes sociais no país. Tais sociedades eram dirigidas desde formas mais conservadoras até outras mais progressistas.

3.5.3 CONSERVADORISMO NEGRO

Outra tradição forte dentro do movimento negro nos Estados Unidos é a do conservadorismo, apesar de se ter uma associação em relação a aspectos progressistas e de uma esquerda radical quando se fala luta negra estadunidense. Segundo estudiosos do tema, a ligação histórica conservadora data desde os séculos XVIII e XIX, ainda no período da escravidão no país. Dentre essas figuras, destacam-se a personalidade de Jupiter Hammon, que viveu quase o século XVIII inteiro e foi uma pessoa escravizada durante toda a sua vida. Apesar dessa condição, conseguiu escrever panfletos, poemas e sermões que trabalhavam com questões sociais. Seus escritos tinham um forte tom religioso devido à sua criação e defendiam a prudência de escravizados com relação aos seus senhores. Importante salientar que ele não defendia a escravidão, mas por sua vivência religiosa, acreditava que ao desrespeitarem a ordem, acabariam por cometerem atos pecaminosos e, conseqüentemente, teriam uma vida após a morte trágica. O escritor acreditava que uma política de respeitabilidade confrontaria ideias de superioridade racial, pois, ao seguirem uma vida ordeira, com ética e trabalho duro, eles revelariam as hipocrisias da sociedade branca, ajudando na desconstrução dos estereótipos racistas.

Outros atores como Richard Allen e James Forten defendiam uma agenda conservadora entre a população negra no século XIX. Eles acreditavam no empreendedorismo e na independência econômica como recompensa por um trabalho duro. Também reconheciam o patriotismo como o caminho de sucesso econômico nos EUA.

Entretanto, talvez a figura mais reconhecida dessa linhagem conservadora tenha sido Booker T. Washington.

FIGURA 11 - Booker T. Washington



FONTE: WIKIPEDIA (2023). Disponível em < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Booker T. Washington](https://pt.wikipedia.org/wiki/Booker_T._Washington) >.

A ascensão da figura de Washington se deu ao mesmo tempo que a institucionalização da segregação racial nos Estados Unidos com o caso Plessy vs. Ferguson, em 1896. Sua trajetória de vida foi marcada pelos últimos anos da escravidão e pelos decretos pela melhoria das condições da população negra recém liberta. Viveu a ascensão das escolas profissionalizantes no Sul e, conforme a sua formação dentro desse ambiente, começou a defender a educação profissional como objetivo principal para os negros, ao invés de uma educação clássica ou universitária. Para ele, era mais importante para educação a população saber manusear uma ferramenta ou construir uma casa do que aprender latim ou grego (DU

BOIS, 2021, p. 63). O historiador Francisco (2020, p. 360) caracteriza o conservadorismo negros nos Estados Unidos, propagado por Washington, como uma filosofia da acomodação, que orientava práticas políticas de setores das elites negras, privilegiando a construção de redes empreendedoras como uma maneira de superar os limites impostos pelas leis segregacionistas. O líder conservador do Sul ficou conhecido internacionalmente através de seu discurso em Atlanta no ano de 1895, quando enfatizou a necessidade de se firmar um compromisso com a comunidade branca, colocando que a população negra seguiria o trabalho duro para progredir economicamente, “respeitando as fronteiras da segregação racial”. Para Washington, existia um atraso econômico e social dos negros, e, portanto, era preciso primeiro ligar com essa situação para depois almejar a igualdade. Ele revelava uma confiança na capacidade do capitalismo dos EUA de promover a ascensão econômica dos negros (FRANCISCO, 2020, p. 357). O educador foi duramente criticado por seus contemporâneos, em especial Du Bois, com o argumento de aceitar o racismo. Porém, espalhou as ideias conservadoras dentro da nação e acabou influenciando outras personalidades que viriam posteriormente.

O historiador Russell Kirk, baseado na obra de Edmund Burke, propõe a definição de um conservador a partir da crença em uma ordem moral, do respeito às convenções sociais, da ligação entre liberdade e propriedade etc.. Já em 1976, o historiador George Nash, também busca analisar as origens do conservadorismo estadunidense e, diferentemente de Kirk, desenvolve uma abordagem que privilegia a definição dos princípios conservadores nos EUA através da articulação de redes de intelectuais e políticos: para ele o conservadorismo nos EUA se desenvolve por liberais clássicos, por tradicionalistas e por anticomunistas (FRANCISCO, 2020, p. 351-353).

Entre as personalidades negras conservadoras durante a primeira metade do século XX nos Estados Unidos dentro do movimento, destaco Kelly Miller e George Schuyler, este último que realizou um movimento interessante ao apoiar ideias socialistas, porém, posteriormente acabou adotando pelo conservadorismo. Vale lembrar também Hubert Harrison, que ajudou na formação da ABB e que teve caminho semelhante na década de 1920.

Miller, comparava figuras históricas da luta negra nos Estados Unidos acolhendo as ideias conservadoras que essas personalidades tinham. Por exemplo, acreditava que Frederick Douglas, ao desafiar a escravidão de maneira mais enfática, seria um sujeito imprudente. Já Washington, para ele, era uma pessoa mais centrada que não confrontava esses opressores cara a cara, privilegiando assuntos econômicos e educacionais sem se arriscar em protestos e em uma luta por igualdade de direitos (MILLER, 1968).

Já George Schuyler, participou de ligações com os círculos de esquerda. Em Nova York, conheceu A. Philip Randolph e escreveu no *The Messenger*, com textos sarcásticos que retratavam figuras afro-estadunidenses como Garvey e organizações racistas como a KKK. Contudo, foi ganhando afeição pelo conservadorismo defendendo ideias de autossuficiência, autodeterminação, temperança, acomodação bookertiana, respeito pelas instituições e a crença na capacidade do capitalismo de promover o progresso dos negros em uma sociedade marcada por uma rígida hierarquia racial. Para ele, os EUA seria o local em que a população negra poderia se desenvolver mesmo com a segregação. Ademais, Schuyler refletia um desconforto com a ideia de uma identidade racial. Para ele, os negros estadunidenses não poderiam criar uma arte especificamente negra porque estavam inseridos em uma cultura matriz anglo-saxônica; a população negra estava ligada a uma perspectiva de identidade nacional ao invés de identidade negra; os EUA era uma nação excepcional e os negros faziam parte da sua história. Essas posturas fizeram com que ele se distanciasse de perspectivas de afro-estadunidenses que viam o Brasil, por exemplo, como um paraíso racial. Também se nutria de um sentimento que acabou por se tornar anticomunista, alegando que os comunistas não poderiam fazer a defesa negra, pois eram considerados elementos subversivos pela sociedade, ou seja, o comunismo era uma ideologia desagregadora em sua visão (FRANCISCO, 2020).

3.6 IMPRENSA NEGRA NOS ESTADOS UNIDOS

O *The Crusader*, periódico da ABB, faz parte de uma longa tradição de periodismo entre a população negra nos Estados Unidos. O início desse legado data do século XIX, ainda no período da escravidão, no qual lideranças negras, muitas delas livres, manifestavam-se publicamente contra o escravagismo existente e o debate da hierarquia racial que estruturava a ideia de uma superioridade racial do branco. Segundo o historiador Eric Foner (2011, p. 331), no início do século XIX os Estados Unidos passavam pelo fenômeno chamado “revolução do mercado”. Esse evento foi uma mudança drástica na economia do mercado, caracterizando uma aceleração no desenvolvimento que já vinha sendo percebida na era colonial. Uma de suas características foram as criações de canais fluviais como o de Erie, facilitando aos agricultores o transporte de seus produtos para os centros mais populosos. Tal acontecimento tinha como uma de suas consequências a expansão da economia de mercado: por exemplo, muitos agricultores começavam a produzir mais para o comércio do que para sua própria subsistência. Ademais, isso estava inserido no contexto de expansão para o oeste – o povoamento dos

territórios considerados “inóspitos” com a consequente dizimação os povos originários que lá viviam.

Nesse sentido, cada vez mais pessoas eram atraídas pelas relações de mercado, pelo trabalho assalariado dos espaços urbanos e pelo comércio. O debate político era outro aspecto dessa conjuntura: bancos, moeda, tarifas protetivas, livre comércio, perguntas como “o governo deve pagar pelo desenvolvimento dos canais? Das ferrovias? Deveria o governo criar as possibilidades para o crescimento econômico ou deveria ficar de lado e deixar o mercado se autorregular?” Entre outros (FONER, 2011, p. 331).

Utilizando das ferramentas trazidas pela revolução do mercado, o movimento abolicionista trouxe outro aspecto para o debate político: a escravidão. A impressora a vapor, que possibilitava a produção de panfletos, litografias, livros, sermões e apelos, proporcionou a utilização desses utensílios para propaganda de ideias. Ademais, a redução do tempo de deslocamento também foi fator importante. Com mais canais fluviais e ferrovias, a viagem de palestrantes pelo país espalhando a mensagem abolicionista tornava-se mais frequente. Essa mensagem era a de que a escravidão feria os princípios americanos básicos e que deveria ser abolida imediatamente. Com essa abolição, os afro-americanos deveriam tornar-se cidadãos iguais nos Estados Unidos.

O primeiro jornal da imprensa negra nos EUA foi o periódico *Freedom's Journal* (1827), publicado por John Russwurm e Samuel Cornish. O jornal continha notícias nacionais e internacionais, adicionando biografias, editoriais, anúncios, datas de nascimento e morte dos afro-americanos da comunidade local. O historiador Flávio Thales Ribeiro (2018, p. 57) relata que o periódico fazia uma oposição direta a editoriais racistas e pró-escravistas como o *New York Enquirer* (1826-1829), de Mordecai Noah (1785-1851), procurando assim responder as ideias de que brancos e negros não poderiam viver com igualdade de direitos. Outro proeminente no assunto foi Frederick Douglass (1818-1895), um abolicionista e figura central na luta nas lideranças negras, criou o jornal *North Star* (1847-1851), que teria outros nomes posteriormente. O periódico apareceu como uma alternativa às gazetas publicadas por abolicionistas brancos¹⁰⁵ e condenava a escravidão de forma enfática, apresentando as contradições da sociedade estadunidense na sua constitucionalidade.

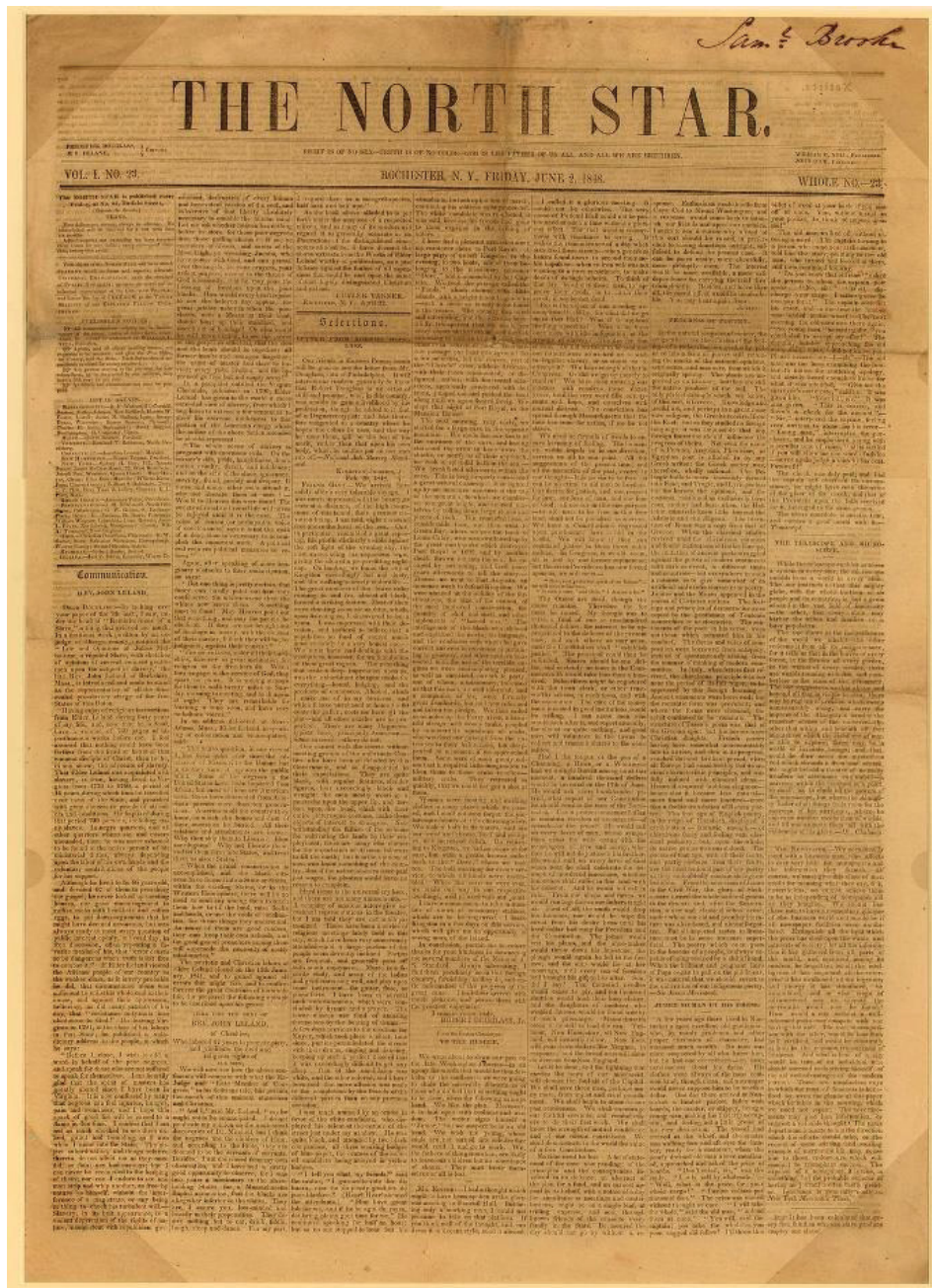
¹⁰⁵ É o caso do jornal *Liberator*, de William Lloyd Garrison, diretor da Sociedade Abolicionista de Massachusetts e que convidou Douglass a aderir ao movimento abolicionista, contratando-o como orador. Lloyd foi quem escreveu o primeiro prefácio da autobiografia de Douglas. Contudo, discordâncias em relação às estratégias e aos rumos do abolicionismo levaram os dois a se desencontrarem (FERRAZ, 2021, p. 187).

Exigirá muito espaço e tempo para expor os argumentos que demonstram a inconstitucionalidade da escravidão; porém estava convencido de que esse era meu dever na conduta de meu jornal ¹⁰⁶ (DOUGLASS, 2012, p. 617, tradução nossa).

O jornalista Patrick S. Washburn (2006, p. 51), se utilizando do historiador Waldo E. Martin, indica que o jornal de Douglass foi o resultado de um profundo desejo de expressar sua independência intelectual, ou seja, ele queria provar que um indivíduo racializado como negro poderia publicar um jornal que fosse intelectual e jornalisticamente tão bom ou melhor que as publicações dos brancos.

¹⁰⁶ It would require much time and space to set forth the arguments which demonstrated to my mind the unconstitutionality of slavery; but being convincend of the fact my duty was plain upon this point in the farther conduct of my paper.

FIGURA 12 - The North Star de Frederick Douglass



FONTE: Wikipédia (2022). Disponível em: < [https://en.wikipedia.org/wiki/The_North_Star_\(anti-slavery_newspaper\)](https://en.wikipedia.org/wiki/The_North_Star_(anti-slavery_newspaper)) >.

Essa primeira geração de jornalistas negros tinha, além de suas posições abolicionistas, questões relacionadas ao universo dos negros livres como a solidariedade racial, direito ao voto, a luta contra a discriminação no ambiente do trabalho e uma educação fundamentada no progresso social dos negros, permeando valores de autodomínio, a contenção sexual e um rigoroso código de conduta (RIBEIRO, 2015, p. 57).

Após a Guerra Civil (1861-1865), evento que marcou o fim da escravidão, novas relações para a imprensa negra foram trazidas. Esse período pós secessão ficou conhecido como Reconstrução (1865-1877).¹⁰⁷ Nesse contexto, a alfabetização da população negra teve um crescimento e, conseqüentemente, a imprensa negra, aos poucos, começou a ganhar um número maior de leitores. Os estados sulistas, onde as sociedades escravocratas proibiam o letramento dos cativos, viu surgir vários periódicos publicados por jornalistas negros, tal qual *True Southerner* (1865-1866), *Tennessean Colored* (1865-1866), *Arkansas Freeman* (1869-1899), *Colored Citizen* (1867-...), entre outros (RIBEIRO, 2015, p. 58).

Com o fim da Reconstrução e a retomada de políticas segregacionistas através da retirada de direitos da população negra, os Estados Unidos se apresentavam como o palco de inúmeras demonstrações violentas de racismo. Partindo desses princípios, os jornais foram obrigados a trabalhar com uma liberdade restrita, evitando confrontos e assumindo uma postura de acomodação frente à opressão racial (RIBEIRO, 2015, p. 59). A ativista Ida B. Wells (1862-1931) é muito importante nessa conjuntura uma vez que, desafiando a segregação racial, bateu de frente com a supremacia branca através do jornal *Memphis Free Speech* (1881-1892). Aqueles que desafiavam a segregação racial eram empastelados por vários que defendiam a superioridade branca, obrigando jornalistas a se mudarem para outras cidades (RIBEIRO, 2015, p. 59). Esse foi o caso de Wells, após o seguinte editorial que ela escreveu:

Oito negros linchados desde a última publicação no *Free Speech* [...] os últimos três por matarem um homem branco, e os outros cinco pelo mesmo velho discurso – o do estupro de mulheres brancas. A mesma rotina de pendurar e depois atirar nos corpos sem vida foi seguida ao pé da letra. Ninguém nessa parte do país acredita na velha mentira de que o homem Negro estupra mulheres brancas. Se os homens brancos sulistas não forem cuidadosos e exagerarem, o sentimento público reagirá a tais atos;

¹⁰⁷ O período da Reconstrução ficou marcado pela tentativa do governo federal na realização de reformas atreladas ao partido Republicano e de integração da população negra, liberta da escravidão, na sociedade estadunidense. Tendo como principal questão: como reconstruir o sistema político pós Guerra Civil? Várias reformas foram realizadas nesse empreendimento, tendo como destaque o Gabinete dos Libertos. Um departamento que tinha como objetivo criar um estrutura para que os libertos fossem educados como cidadãos livres, de maneira que, conseqüentemente, foram criadas instituições de ensino básico e superior para a população negra, como a universidade de Fisk (1866) e Howard (1867). Além disso, realizou-se a distribuição de terras abandonadas entre a população negra. Como forma de contrarrevolução a essa conjuntura foram criados os chamados “Black Codes” na tentativa de retornar os negros libertos à condição de escravidão, sendo precursoras das Leis Jim Crow (1877-1964). Ademais, surgiram grupos suprematistas brancos como a Ku Klux Klan (1865), a White League (1874), Knights of the White Chamelia (1874) e os RedShirts (1875). A Reconstrução teve fim com o tratado de Hayes-Tilden (1877), ou “A Grande Traição”.

a conclusão seria muito prejudicial à reputação moral de suas mulheres¹⁰⁸ (WELLS, 2005, p. 5, tradução nossa).

Jornais brancos como o *Daily Commercial* tiveram uma reação racista revidando o que Wells escreveu:

Aqueles negros que estão tentando fazer com que o linchamento de indivíduos de sua raça se torne um meio de despertar as piores paixões de sua espécie, estão brincando com um sentimento perigoso. O negro pode entender muito bem de que não há misericórdia ao estuprador negro e pouca paciência com seus defensores. Há um órgão impresso negro nessa cidade que, em uma edição recente publica o seguinte parágrafo atroz: Ninguém nessa parte do país acredita na velha mentira de que o homem Negro estupra mulheres brancas. Se os homens brancos sulistas não forem cuidadosos e exagerarem, o sentimento público reagiria a tais atos; a conclusão seria muito prejudicial à reputação moral de suas mulheres. O fato de que um negro canalha possa proferir tais calúnias repulsivas é uma considerável paciência maravilhosa dos brancos do sul. Contudo, já estamos fartos disso.¹⁰⁹ (WELLS, 2005, p. 5, tradução nossa).

Em seguida, com ataques presenciais, invadindo a sede do jornal, destruindo a redação e as ferramentas do maquinário enquanto a ativista estava de férias em outra localidade.

Seguindo o conselho, os principais cidadãos se reuniram no edifício Cotton Exchange na mesma noite e ameaças de linchamento foram realizadas livremente não por indivíduos ilegais que têm sua estada no Sul perverso – mas pelos principais homens de negócios em seus centros empresariais. O senhor Fleeming, gerente de negócios e dono de metade do *Free Speech*, teve que deixar a cidade para escapar da multidão e foi posteriormente ordenado a não retornar. Cartas e telegramas foram enviados a minha pessoa em Nova York, onde eu estava passando as minhas férias, advertindo

¹⁰⁸ Eight negroes lynched since last issue of the Free Speech [...]the last three for killing a white man, and five on the same old racket—the new alarm about raping white women. The same programme of hanging, then shooting bullets into the lifeless bodies was carried out to the letter. Nobody in this section of the country believes the old thread-bare lie that Negro men rape white women. If Southern white men are not careful, they will overreach themselves and public sentiment will have a reaction; a conclusion will then be reached which will be very damaging to the moral reputation of their women.

¹⁰⁹ Those negroes who are attempting to make the lynching of individuals of their race a means for arousing the worst passions of their kind are playing with a dangerous sentiment. The negroes may as well understand that there is no mercy for the negro rapist and little patience with his defenders. A negro organ printed in this city, in a recent issue publishes the following atrocious paragraph: "Nobody in this section of the country believes the old thread-bare lie that negro men rape white women. If Southern white men are not careful they will overreach themselves, and public sentiment will have a reaction; and a conclusion will be reached which will be very damaging to the moral reputation of their women." The fact that a black scoundrel is allowed to live and utter such loathsome and repulsive calumnies is a volume of evidence as to the wonderful patience of Southern whites. But we have had enough of it.

que mal esperavam o meu retorno. Os credores tomaram posse do escritório e venderam a unidade, o *Free Speech* se foi como se nunca tivesse existido.¹¹⁰ (WELLS, 2005, p. 5, tradução nossa).

Nesse contexto, a maioria dos periódicos negros era publicada no norte do país. Os periódicos do sul, segundo Ribeiro (2015, p. 60), não se manifestavam claramente contra os ataques aos direitos da população negra, devido a todas as ameaças que sofriam, preferindo estimular o progresso social e econômico do indivíduo. Posteriormente, com os processos históricos já relatados anteriormente – a grande migração, a vinda de imigrantes estrangeiros etc. –, a estrutura da imprensa negra também acabou sofrendo alterações e imprimiu uma nova dinâmica no modo de fazer jornalístico.

O *Chicago Defender* (1905-até os dias atuais) de Robert Abbott, por exemplo, assumia uma nova linguagem inspirada em Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst, com a difusão de informações utilizando-se de recursos narrativos de ficção e novas técnicas de diagramação dos jornais, com títulos destacados, hierarquização de notícias, a utilização de imagens fotográficas e abertura para anúncios publicitários. Muitos jornais acabaram incorporando esses elementos, inclusive os da população negra (RIBEIRO, 2015, p. 62).

¹¹⁰ Acting upon this advice, the leading citizens met in the Cotton Exchange Building the same evening, and threats of lynching were freely indulged, not by the lawless element upon which the deviltry of the South is usually saddled—but by the leading business men, in their leading business centre. Mr. Fleming, the business manager and owning a half interest the *Free Speech*, had to leave town to escape the mob, and was afterwards ordered not to return; letters and telegrams sent me in New York where I was spending my vacation advised me that bodily harm awaited my return. Creditors took possession of the office and sold the outfit, and the *Free Speech* was as if it had never been.

FIGURA 13 - Primeira página do Chicago Defender de janeiro de 1922

FEAR HOSPITAL SHAKE-UP FOLLOWING SUIT

World's Cruellest Slayer and His Georgia "Congo"
(See Page Three, Part Two)

Chicago Defender
WORLD'S GREATEST WEEKLY

20 PAGES
This Paper Not Complete Without TWO PARTS

VOL. XVII NO. 4 CHICAGO, SATURDAY, JANUARY 28, 1922 PRICE TEN CENTS

JEALOUS GIRL SHOOT'S PHYSICIAN

WOMAN OF MYSTERY IS NOW SOUGHT

Doctor Is Blinded by Office Girl's Bullets; Pass Over Unknown Victim

Chicago, Jan. 27.—(AP)—A woman of mystery, who shot and blinded a physician in his office, is being sought by police. The woman, who is believed to be a white woman, is thought to be a patient of the physician, who is a well-known doctor in the city. The woman is believed to be a white woman, who is thought to be a patient of the physician, who is a well-known doctor in the city. The woman is believed to be a white woman, who is thought to be a patient of the physician, who is a well-known doctor in the city.

Marcus Garvey Is Out on Bail; Case Postponed

Chicago, Jan. 27.—(AP)—Marcus Garvey, leader of the Universal Negro College, was released on bail today after being held in custody for several days. His case is postponed until a later date.

High Mason Slugged by Flip Clerk

Professor Bowles, Fort Scott, Kan., Victim of Assault; Fined by Court, Appeals

Fort Scott, Kan., Jan. 27.—(AP)—A high mason was assaulted by a flip clerk today in Fort Scott, Kansas. The victim, Professor Bowles, is a well-known figure in the community. He is currently appealing the court's decision to fine him.

Ku Klux Klan Stops Giffin's Tour of South

Chicago, Jan. 27.—(AP)—The Ku Klux Klan has stopped the tour of the South by Giffin, a prominent figure in the movement. The tour was intended to promote the Klan's activities in the region.

Internes Revolt at Iron Rule

St. Louis Hospital Head, Is Accused of Humiliating Doctors of New Race

St. Louis, Mo., Jan. 27.—(AP)—A revolt among internes at a hospital in St. Louis has broken out. The internes are protesting against the "iron rule" of the hospital head, who is accused of humiliating doctors of the new race.

Chicago Girl Honored

WHITE MEN MUST SERVE JAIL TERMS

Members of Oklahoma City Mob Convicted of Part in Jake Brooks Lynching

Chicago, Jan. 27.—(AP)—A Chicago girl has been honored for her bravery in the face of danger. She is a member of the Chicago Girl Scouts and has been recognized for her service to the community.

Tuskegeens Talk Farm, Home Life

Chicago, Jan. 27.—(AP)—A group of Tuskegeens are talking about their farm and home life. They are discussing the challenges they face and the progress they have made.

Ship Didn't Sail; Want U. S. Quiz

Chicago, Jan. 27.—(AP)—A ship that was supposed to sail today has not done so. The reason for this is that the ship's crew wants to be quizzed by the U.S. government.

Europeans Would Grab Abyssinnia

St. Louis 'Y' in Quarrel Over Wages

St. Louis, Mo., Jan. 27.—(AP)—Europeans are planning to grab Abyssinnia. This move has caused a quarrel between the St. Louis 'Y' and the local community over wages.

Attention!

The Chicago Defender is a weekly newspaper that provides news and information for the African American community. It is published by the Chicago Defender Publishing Company.

Reproduced with permission of the copyright owner. Further reproduction prohibited without permission.

FONTE: Library of Congress. Disponível em: < <https://www.loc.gov/item/sn84037018/> >.

Esse jornalismo negro olhava para os Estados Unidos das mais diversas formas, o que caracterizava em um pluralismo de ideias, de interpretações e de práticas para a mudança da sociedade e da condição do negro. *Negro World* (1917-1933) de Marcus Garvey, *The Negro Worker* (1928-1937), da *International Trade Union Committee of Negro Workers*, o *The Messenger* (1917-1928) de Chandler Owen e A. Phillip Randolph, entre outros. O *The Crusader*

aparece nesse contexto trazendo para sua abordagem particular o marxismo junto à primazia racial como análise da situação dos EUA (MATTOS, 2018, p. 46).

4 AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD: HISTÓRIA, ORGULHO RACIAL E EDUCAÇÃO COMO CONTRAPONTO A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE

Nós viemos – não como o mendigo
Para pedir coisas imerecidas;
Mas com uma voz triunfante
Que não pode ser desprezada.

Nós viemos – não de uma seção;
Mas de todo o mundo
Para te chamar caucasiano
Para se encontrar em terreno comum

Chegamos com a força de inúmeros;
Reforçado com a causa do direito
Para abrir os portais da justiça
Tanto para o homem negro quanto para o branco.

Nós viemos com a carta primordial
Que fala de seus muitos crimes,
Desde os primórdios da civilização,
Até estes tempos modernos.

Nós viemos com os nomes de nossos soldados
Que morreram pela causa da Democracia;
E descansam nas sepulturas com seus irmãos,
Nossos heróis de outras guerras.

Nós viemos com nossos milhares de enfermeiros
Que estavam dispostos a fazer sua parte;
Foi você caucasiano – que os impediram
De dar-lhe uma mão?

Nós iremos – embora a marcha possa ser cansativa,

E o objetivo possa estar longe,
A marcha continuará em andamento
Para o amanhecer de um dia glorioso,

Quando os homens — não importa a cor.

Que trabalham sob o sol,
Compartilharam de igual justiça
O fruto dos dias que virão.¹¹¹

(FRANCIS, Jr. 1987, p. 250, tradução nossa).

É notório que o *The Crusader* deixa entrever a Irlanda como exemplo de luta anticolonial. A ABB formou-se com uma influência da *Irish Republican Brotherhood*, porém mais no seu formato do que em seu programa. A ABB se manteria como organização secreta até outubro de 1919 quando no *The Crusader*, Briggs anunciou a ABB. Apesar, do editorial pequeno de anúncio, ele motivou pessoas ao redor do país a escrever na procura de adentrarem a organização, ganhando atenção da população da Filadélfia, Chicago, Índias Ocidentais (Caribe) e a zona do canal na América Central. Em 1921, a organização teve um grande crescimento.

As evidências disponíveis revelam pouco sobre os desenvolvimentos e as políticas do período, trazendo dificuldades de uma completa reconstrução de sua atividade. É de igual dificuldade ter um preciso panorama de seu tamanho, quem eram seus membros, o que eles fizeram individualmente e onde estavam localizados. Por exemplo, sabe-se que em Chicago a ABB era composta quase que totalmente por trabalhadores negros do movimento sindical independente; em Montgomery, West Virginia, eram mineradores negros; e em Tulsa, eram veteranos da Primeira Guerra. Contudo, os membros eram poucos conhecidos, sabemos de alguns como Charles White, membro de Montgomery. Apesar disso, a importância da ABB não se resume ao seu tamanho. Quando comparada com outras organizações como a UNIA e a

¹¹¹ We come – not as the beggar; to ask for things unearned; but with a voice triumphant; that cannot well be spurned/ We come – not from one section; but from the whole world round; to call on you caucasian; to meet on common ground/ We come with strenght of numbers; Re-enforced with cause of right; to open the portals of justice; to the black man as well as the white/ We come with the charter primeval; that tells of your many crimes; from the dawn of civilization; up to these modern times/ We come with the names o four soldiers; who’ve died for democracy’s cause; and rest in the graves with their Brothers; our heroes of other wars/ We come with our thousands of nurses; who were willing to do their share; was it you – who stopped them caucasian; from giving a hand “over there”?/ We’ll come – though the march my be weary; and the goal may be far away; the march will continue in progress; to the dawn of a glorious day/ When men – no matter the color; who labor under the sun; will share with equal justice; the fruit of the days to come.

NAACP, a organização era pequena, entretanto, ao lado de outras seu escopo era impressionante. Mais importante: seu real significado de importância estava em suas "inovações teóricas".

As características dos membros da ABB provem uma perspectiva das interações de suas experiências vividas com a emergência da classe trabalhadora urbana negra. A ABB emergiu como uma organização paramilitar com expressas posições de esquerda no auge do medo vermelho. É notável que eles tenham conseguido construir uma organização como a deles. Seus números cresceram até 3000 membros por volta de 1923, e a ABB recebeu contribuições de possíveis outras 5000 pessoas. Além disso, as mulheres tinham parte significativa entre seus componentes.

Na edição de março de 1919 do *The Crusader*, o poema “Ode ao caucasiano”, de W. Francis, Jr, aparecia como um texto que buscava delimitar a chegada da luta do novo negro nas trincheiras da modernidade. Seu periódico mixava história e política com o cotidiano, dialogando com as complexidades da escravidão, a exploração e a violência racial, as relações de poder, as estruturas da sociedade estadunidense e os sistemas de dominação espalhados pelo globo. Ao mesmo tempo, oferecia uma mistura de dicas de casa, receitas, soluções para os problemas mundanos, poesia, drama, cobertura esportiva e cartas ao editor sobre variados assuntos. Incluía também uma seção feminina que fornecia métodos de beleza, dicas para saúde e manutenção da casa, visando a construção de uma feminilidade negra.

Ao contar as suas histórias, a ABB narrava um contexto histórico marcado por profundas ansiedades que atordoavam parte significativa da sociedade estadunidense. A questão sobre a qual este capítulo visa debruçar-se está relacionada aos seguintes aspectos: a estrutura ideológica e política que a organização seguia; a estrutura organizativa e formação desse grupo; assim como um dos principais fios condutores de calorosos debates entre seus integrantes no Harlem – a construção de uma história que contasse os feitos da população negra contra aquilo que eles chamavam de *educação alienante* produzida pela modernidade; e os debates relacionados a gênero.

A despeito das generalizações, as últimas décadas do século XIX foram vivenciadas por muitos de seus contemporâneos como um período de incertezas geradas por uma complexa soma de fatores, dentre os quais se destacavam os medos com relação à mobilidade e o conflito entre classes sociais, a percepção de um estado de anarquia sexual e desordem moral, as reações coloniais e a competição internacional no terreno do imperialismo, e uma crescente sensação de incapacidade de controlar o próprio ambiente social, sobretudo, nos cenários urbanos.

A emergência das teorias evolucionistas na metade do século enredou a hipótese do retrocesso racial, do declínio a uma condição ancestral e selvagem. Crescia a sensação de que o progresso industrial e tecnológico, o crescimento desenfreado dos centros urbanos, o contato e a miscigenação com populações de imigrantes estrangeiros, entre outros fatores, acarretariam em um vasto leque de figuras “anormais” e condições patológicas. Das figuras “anormais”, o negro foi colocado como um dos principais elementos que carregavam as características do impróprio. A ideia de um criminoso nato, biologicamente propenso à delinquência, ganhou importância nas discussões promovidas por médicos, juristas, letrados e literatos.

Dentro da história dos Estados Unidos isso se fez presente na prática do *blackface*, por exemplo. A socióloga nigeriana, Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021), considera que no pensamento ocidental a ideia de corpo ganha um destaque na cosmovisão da sociedade.¹¹² Segundo ela, nesses espaços muitos acreditam que a partir do corpo é possível determinar as crenças e a posição social de um sujeito. O discurso ocidental criou um binarismo entre corpo e mente, e, a partir dele, grupos marginalizados, ao longo da história – como mulheres, africanos, pobres, judeus – foram tomados como corpos dominados pelo afeto e pelo instinto, não agindo pela razão.

Ora, é possível afirmar que nos Estados Unidos a prática de *blackface* era uma forma de representação dos corpos negros que, muitas vezes, excluídos da cultura *mainstream*, eram retratados por sujeitos brancos, que utilizavam o próprio ato de pintar o corpo de negro como um instrumento de humor em si. O sucesso dos *minstrels* começou em cidades como Nova York, Boston e Filadélfia, cujos moradores tinham pouco ou nenhum contato com escravos, revelando também o fato de que a imagem da cultura negra em estados do Norte começou com os *minstrels*. Nestes, os escravos eram retratados como “passivos, felizes e satisfeitos com a vida no *plantation*” e, constantemente, buscavam imitar brancos para se erguerem.

Nesse contexto, as mulheres negras também estavam incluídas nos *minstrels*, porém, de maneira mais grotesca, segundo a historiadora Lisa M. Anderson (1996, p. 17). As personagens eram interpretadas também por homens brancos. Posteriormente, filmes *hollywoodianos* utilizaram mulheres brancas para interpretar mulheres negras. É o caso de Judy Garland, em “Diabinho de Saia” (título original: *Everybody Sing*, 1938).

Para além dos *minstrels*, a *blackface* foi uma prática utilizada em diversos filmes populares. “O Nascimento de uma Nação” (título original: *The Birth of a Nation*, 1915), por

¹¹² Oyěwùmí define “cosmovisão” como um termo utilizado no Ocidente que caracteriza uma lógica que rege a sociedade. A autora, no entanto, usa o termo “cosmopercepção” quando fala dos povos iorubás, que não privilegiam o sentido visual tal como é feito no Ocidente.

exemplo, que contava a história da Guerra Civil Americana e o período da Reconstrução, juntando saudosismo e americanismo desse passado. União e preservação dos valores familiares representados em seus personagens, principalmente, da família Cameron, simbolizavam a essencialização racial branca nos EUA, colocando-os como a quinta-essência da humanidade. Porém, como nos alerta Fanon (2020, p. 38), isso significa não preservar a “originalidade do pedaço de mundo em cujo seio elas cresceram, e sim para garantir a sua brancura”. A emancipação dos ex-escravizados fora exibida como uma forma de perigo para esses valores. Preguiçosos, corruptos, estupradores e ambiciosos são alguns elementos que foram utilizados para representá-los. O *blackface* foi um dispositivo que D.W. Griffith, diretor do longa, se utilizou para excluir o “sangue negro” (MOÇO, 2010).

Notamos aquilo que Oyěwùmí (2021, p. 27) caracteriza uma sociedade constituída por corpos e como corpos, isto é, a corporificação ganha um caráter de metonímia, em que a fisicalidade se apresenta como fundamental na cultura ocidental¹¹³ e, consequentemente, ao corpo é dada uma lógica própria na qual se pode, ao olhar para ele, inferir crenças, posições sociais, exclusões etc. Um dos critérios que a pesquisadora utiliza para exemplificar sua teoria nos Estados Unidos é um determinismo biológico na explicação de predisposições de grupos sociais a um determinado ato, o que cairia em um “senso comum cotidiano da raça: uma maneira de compreender, explicar e agir no mundo” (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 32).

As suposições dessa população ou grupo que determina as relações sociais nos EUA, estruturarão as explicações apresentadas e o negro reproduziria tal estereótipo pois “têm tal propensão”. Adicionando o ato do *blackface* a esse contexto, o historiador Henry Louis Gates (2019, p. 182), se apropriando de Brian Roberts, vincula o crescimento de tal prática, ao estupro como uma desculpa para os linchamentos. Logo, além de se ter a especificidade do determinismo que Oyěwùmí apresenta, contém também uma relação de poder para manter hierarquias, ou seja, a função aí era desumanizar o indivíduo, bestializá-lo sobre o princípio racial, algo que Mbembe (2018, p. 74-75) chama de “lógica do curral”, fixando precisamente limites, em que podem circular os espaços que podem ocupar, assegurando que a circulação se faça num sentido que afaste quaisquer ameaças e garanta a segurança geral, assim podendo ser neutralizados antecipadamente das mais diversas maneiras.

¹¹³ Quando se trata de cultura ocidental, Oyěwùmí nos alerta de que não se negue necessariamente que tenha havido tradições no Ocidente que tentaram explicar a sociedade com critérios diversos que tentassem fugir da lógica do corpo, como o marxismo, a sociologia e a antropologia, porém, segundo a socióloga, ao mesmo tempo, não pode se dizer que os corpos estão ausentes dessas teorias.

Tal aporte está em diálogo com toda uma estrutura complexa de formação da modernidade. Resgatando Mbembe, novamente, um dos elementos dessa modernidade é a construção da alcunha “negro”. Para o filósofo, o substantivo teve como função três princípios: a atribuição, interiorização e subversão. Primeiro, os designando como um *gênero particular*; segundo, pessoas que, por sua aparência física, seus usos, costumes e maneiras de estar no mundo, foram colocados como testemunhos da *diferença* em seu estado natural; e, terceiro, por serem apresentados como evidências do diferente, representavam até o extremo do caricatural, o *princípio de exterioridade*, consequentemente, só poderiam existir sob o *elo da separação*.

Apesar do historiador falar do contexto colonial, defende a transnacionalização desse caráter ao redor do globo. E, no caso particular dos EUA, isso se evidenciou através da escravidão de *plantation*, e, posteriormente, nas leis de segregação que também receberam o nome de Jim Crow.

Este capítulo também se detém na relação do orgulho racial da ABB como combate a essa chamada modernidade. A construção de uma história que os representasse e que pudesse combater a realidade racista que eles estavam enfrentando. Para isso, abre-se um tópico sobre o orgulho racial – afrocentrismo, afrocentricidade; outro para a visão educacional da ABB; outro para a visão histórica.

4.1 A ESTRUTURA IDEOLÓGICA E POLÍTICA

Em uma das últimas edições da *The Crusader*, mais especificamente a de junho de 1921, é possível encontrar a chamada “Constituição da African Blood Brotherhood”. Esse editorial, encabeçava uma série de diretrizes seguidas pela organização e era entregue a novos membros, que procuravam por um alistamento, após uma reunião realizada com um dirigente de um núcleo da unidade espalhada pelo país. Esse é o relato de James Worley Jones, quando se infiltrou na irmandade:

Senhor: informarei que acabo de me tornar um membro por completo da African Blood Brotherhood, tendo me juntado ontem à noite. Consegui uma constituição na reunião de terça-feira à noite e enviarei imediatamente a você.¹¹⁴

¹¹⁴

Disponível

em:

<<https://archive.org/details/fbi-hq-61-826-negro-organizations/page/n25/mode/1up?view=theater>>. Acesso em 16 de julho de 2022. Tradução livre

Dentro dessa chamada constituição, é possível visualizar uma série de seções, precedidas por divisões, que apresentam os motes principais que a organização segue e também sua forma organizativa. Iremos nos deter primeiro em suas interpretações ideológicas.

FIGURA 14 - Logo da ABB



FONTE: WIKIPÉDIA (2023). Disponível em < https://en.wikipedia.org/wiki/African_Blood_Brotherhood >.

Começando por sua logo, que dizia “Permanece inabalável a rocha guardiã contra o mar violento – A ABB, a rocha Negra de Gibraltar”. Fazendo referência ao estreito de Gibraltar. No *The Crusader* conseguimos encontrar alguns artigos que podem nos ajudar a entender mais do porquê desse simbolismo. A primeira aparição de um texto fazendo uma analogia ao estreito de Gibraltar foi o artigo de Franklin Peters intitulado “Martelando em Gibraltar”, o qual buscava responder a seguinte pergunta “O Negro nos Estados Unidos está tentando o impossível? Ou

pode reverter as lições da História?¹¹⁵ (BRIGGS, 1987, p. 1043, tradução nossa). Tal escrito debatia um fenômeno, que, segundo ele, estava acontecendo dentro do movimento negro dos EUA: a incansável procura de soluções para o “problema do negro” que não davam resultados efetivos para a população. Nesse texto, criticava-se duas linhas políticas e ideológicas dentro desse chamado movimento negro, uma perspectiva mais assimilacionista, que buscava a luta através do sistema de justiça dos EUA; e outra que partia de uma ala que buscava um nacionalismo negro mais exacerbado, fechando-se para uma solidariedade com outras pessoas. A conclusão trazida era a de que “as concepções errôneas e falaciosas sobre nossas pautas nunca podem trazer a solução. O Negro na América está martelando Gibraltar, e ele pode continuar martelando até que cada martelo se estilhasse em pedaços¹¹⁶ (BRIGGS, 1987, p. 1043, tradução nossa).

Entretanto, A ABB não se via como um desses movimentos que seguiam martelando um propósito impossível. A identificação deles com a rocha de Gibraltar vinha com um outro significado. Seguia o sentido da liderança que representava a construção de uma cultura negra para a população negra. Mais adiante, na edição de maio de 1921, conseguimos visualizar um artigo de Theo Burrell intitulado “Cultura Negra para Negros”, que tinha como objetivo argumentar justamente as ideias que o título trazia. Parte disso estava ligada à construção e retomada da História Negra “perdida”. Assim o texto vai evoluindo para um debate de feitos que a população negra realizou, até que o estreito de Gibraltar é mencionado como uma localidade guia para astrônomos visualizarem as estrelas. Um farol que poderia liderar os indivíduos em uma densa névoa do desconhecido representado no céu.

Nesse sentido, tal interpretação salienta que a ABB vai se apoderar dessa imagem e se autointitular o guia da população negra. Em seu programa, isso ficou representado na imagem do mar tempestuoso, em meio a isso, a organização seria os lemes do navio que libertaria a raça.

A raça sem um programa é como um barco no mar sem um leme. Está absolutamente à mercê das intempéries. É golpeada aqui e ali e em uma tempestade está fadada a tropeçar. É em uma situação difícil como essa que a raça Negra tem estado pelos últimos cinquenta anos e mais que se passaram. Raramente se sabe o que está procurando e nunca se formula um plano inteligente e viável de encontrar o que se procura. Até mesmo em instâncias raras quando se sabe o que quer. É por se encontrar em uma condição infortuna como está e para fornecer um leme ao navio Negro do Estado – uma força de direção definitiva – que o programa a seguir adaptado pela

¹¹⁵ Is the Negro in America attempting the impossible? Or can he reverse the lessons of History?

¹¹⁶ The misconceptions and fallacies concernig our problem can never bring a solution. The Negro in America is hammering at Gibraltar, and he may go on hammering until every Hammer is beaten to pieces.

African Blood Brotherhood está aqui para oferecer uma consideração para outras organizações negras e de raça no geral¹¹⁷ (BRIGGS, 1987, p. 1249, tradução nossa).

Contudo, uma organização que se via liderando o movimento negro nos Estados Unidos precisava de bases ideológicas que dariam sustentação ao seu programa. Um dos motes e lemas que a ABB levantava era o do “Um por todos e todos por um”, referenciado na seção 3 de sua constituição. Historicamente, o significado desse lema está relacionado à unidade e solidariedade de classe e raça.

Mais adiante, temos a seção de objetivos e nortes políticos que a organização deveria seguir. Primeiramente, eles se viam como uma irmandade propagandística. Isto é, com o intuito de desenvolver uma propaganda intensificada e consistente dentro da população negra pela mobilização e educação do pensamento negro, a fim de conquistar a solidariedade negra em todo o mundo; além de rebater o que eles chamavam de propaganda antinegra do capitalismo vicioso, reproduzida pelo proletariado branco e que dividia as fileiras do trabalho (BRIGGS, 1987, p. 1155). Esse foi um aspecto apontado na primeira constituição, posteriormente, esse tópico será apagado. Isso se deu muito pelo fato de não se verem mais como propagandistas, mas sim organizadores.

Continuando nesse processo, eles elencavam mais tópicos.

- 1) Cimentar uma grande Fraternidade universal para todas as pessoas que possuem, em qualquer grau, o glorioso sangue africano;
- 2) Trabalhar por uma África Livre e pela proteção irrevogável da libertação Negra em todos os lugares;
- 3) Garantir a absoluta igualdade racial – política, econômica e social; junto a aplicabilidade igualitária da lei onde quer que os Negros tenham que viver e trabalhar;
- 4) Procurar desenvolver empreendimentos comerciais entre negros em várias localidades do globo;
- 5) Salvaguardar a recompensa total do Trabalho Negro e impedir a exploração e opressão capitalista dos trabalhadores da raça;
- 6) Disseminar o conhecimento da História Negra com o objetivo de fomentar o orgulho e esforço racial;
- 7) Estabelecer uma verdadeira aproximação e companheirismo com as raças mais escuras;

¹¹⁷ A race without a program is like a ship at sea without a rudder. It is absolutely at the mercy of the elements. It is buffeted hither and thither and in a storm is bound to flounder. It is in such a plight as this that the Negro race has drifted for the past fifty years and more. Rarely ever did it know exactly what it was seeking and never once did it formulate any intelligent and workable plan of getting what it was seeking, even in the rare instances when it did know what it wanted. It is to meet this unfortunate condition and to supply a rudder for the Negro ship of State — a definite directive force — that the following program adopted by the African Blood Brotherhood is herewith offered for the consideration of other Negro organizations and of the race in general.

- 8) Ajudar em um desenvolvimento racial de forma balanceada, com o propósito de encorajar instituições religiosas e educacionais particularmente adaptadas às nossas necessidades e lideradas por homens e mulheres negras;
- 9) Lutar por uma federação de todas as organizações negras, de qualquer caráter, a fim de apresentar uma frente unida de autodefesa e coordenar nossos esforços pela libertação (BRIGGS, 1987, p. 1322).

Ademais, tais itens foram complementados com a busca pelo desenvolvimento e organização de forças políticas e econômicas do negro no Norte, que tinha o propósito de eliminar a condição serviçal, desemprego, etc. Já no Sul, buscavam emancipar o status segregacionista da população negra nas seções do país. Também tinham como aspectos importantes a necessidade de organizar a força nacional de todo o grupo negro na América com o propósito de deixar a organização mais conhecida e, caso fosse necessário, liderar os chamados irmãos de sangue no continente da África, no Haiti e nas índias Ocidentais em sua luta contra a exploração capitalista. Ainda, lutavam pela promoção do auto respeito racial, por meio da disseminação histórica da contribuição da população negra na civilização moderna. Evidenciando também as conquistas que foram possíveis, no mundo antigo, devido a população africana. Acreditavam promover e encorajar cooperativas que iriam beneficiar a população negra. Bem como a união industrial entre negros e, ao mesmo tempo, a luta para acabar com o preconceito que são estimulados e encorajados em sindicatos. E também, estabelecer alianças e coordenar ações com as massas negras e os chamados verdadeiros trabalhadores brancos com consciência de classe que procuram a abolição da exploração humana.

Por fim, a temática educacional também estava presente, seguindo o lema “conhecimento é poder”. Para eles, a população negra ou grupos, estariam melhor formados ao adquirirem conhecimento. Caso não conseguissem uma boa educação, ficariam para trás por causa de sua incapacidade de superar a ignorância. Nesse sentido, a ABB propôs o envio de palestrantes pelas Américas, estabelecimento de fóruns, jornais etc. (BRIGGS, 1987, p. 67-70).

4.2 ESTRUTURA ORGANIZATIVA

Em relação à estrutura organizativa da ABB, também em sua constituição estão os principais pontos que demonstram como essa irmandade vivia politicamente:

Filiação de membros: a ABB trabalhava com uma filiação de membros que ia evoluindo de acordo com a experiência na organização. Para eles, todas as pessoas descendentes do

continente africano, a partir dos cinco anos de idade, podiam se associar como membros. A partir do momento que uma pessoa se filia, ela recebia o primeiro grau de experiência. A ideia da organização é de que haveria outros seis graus de organização, que seriam trabalhados secretamente de maneira interna por esses indivíduos, conforme eles fossem se qualificando. O único grau que realizaria trabalhos em reuniões abertas e trataria de assuntos mais gerais é o primeiro.

Taxas e Avaliações: para uma pessoa entrar na ABB, ela deveria pagar uma taxa de um dólar. Após o primeiro mês de trabalho, seria cobrado taxas mensais de vinte e cinco centavos. Os membros que estivessem interessados no plano de saúde da organização deveriam pagar um adicional de vinte e cinco centavos também. Após o primeiro degrau de experiência na ABB, os próximos careciam do pagamento de uma taxa de setenta e cinco centavos para avançar ao grau seguinte. Por fim, também era cobrado uma taxa anual de um dólar para a manutenção da administração central e da promoção dos seus objetivos.

FIGURA 15 - Cartão de filiação da ABB

ONE FOR ALL, ALL FOR ONE

APPLICATION BLANK

I, the undersigned Negro and proud of it, being fully cognizant of the value of organization and convinced of the necessity for a Negro organization created for **IMMEDIATE PROTECTION AND ULTIMATE LIBERATION OF NEGROES EVERYWHERE**, and recognizing in the historic **AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD** the protective organization par excellence as demonstrated at Tulsa, etc., and the most effective Negro organization working for the liberation of the Negro Peoples of the world as evidenced by the success that have already repaid the energetic application of its intelligent program, and further realizing the need of secrecy, centralized authority and enlightened and courageous leadership do hereby make application for membership in the said **AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD** and do hereby pledge myself, if accepted for membership to energetically advance the interests of the **AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD** and the sacred Cause of Negro Protection and Liberation for which it fights, and to faithfully carry out the mandates of the **SUPREME COUNCIL** of the organization and give due respect and obedience to all my officers and courageously oppose lynching, jim-crowism, mob-violence and all forms of oppression.

In witness of my earnestness in making application and my willingness to abide by the laws of the organization, I do hereby affix my true signature.

.....
Signature of Applicant

.....
Signature of Officer

.....
Address

O Conselho Executivo Supremo: a estrutura organizativa da ABB era centralizada no chamado Conselho Executivo Supremo, composto por um Chefe Supremo e oito Chefes Departamentais. O Chefe Supremo era eleito pelo Congresso Internacional da organização para um mandato de quatro anos. Este Chefe que iria determinar os de Departamentos, e estes teriam um gabinete cada, nos quais eles estariam encarregados das particularidades de sua repartição. Se por acaso o cargo de Chefe Supremo estivesse vago, os demais membros do Conselho Executivo Supremo elegeriam um deles para preencher tal vaga até o próximo Congresso Internacional.

Departamentos da S.E.C: os objetivos e propósitos da ABB deveriam ser conduzidos através e por oito departamentos, intitulados: Departamento de Registros, Departamento de Finanças, Departamento de Publicidade, Departamento de Religião e Educação, Departamento de Cultura Física e Vitalidade, Departamento do Trabalho e Comércio, Departamento da Equidade e Justiça, Departamento da Federação e Correlações. À frente desses departamentos deveria estar o Departamento Chefe. Cada um destes, assim como o Chefe Supremo, precisaria apresentar no Congresso Internacional um relatório de atividades de cada departamento, desde que seja permitido pelo Conselho Executivo Supremo. Caso não, seria necessário guardar a informação sem sua divulgação para não vazar qualquer conhecimento tático.

Unidades locais: cada unidade local da ABB deveria ser designada como Postos, e cada uma teria que ser nomeada com uma figura histórica, seja homem ou mulher, de sangue africano. Tal escolha teria de ser feita através da votação majoritária dos membros de seus respectivos Postos e submeter a escolha ao Conselho Executivo Supremo para sua aprovação e registro. Segundo Briggs (1987), qualquer grupo de dez pessoas com sangue africano e que tenham bons costumes, inteligência e consciência de raça, pode-se eleger ao Conselho Executivo Supremo e de lá receber uma carta, para estabelecer um referido Posto na comunidade. A taxa para abrir um Posto era de vinte dólares (em valores atuais, aproximadamente U\$359,75), cujo o valor seria enviado no momento da solicitação, junto ao nome proposto do Posto.

Dirigentes das unidades locais: os dirigentes dos Postos eram os seguintes: Comandante do Posto, Tenente-Comandante do Posto, Secretário Geral do Posto, Tesoureiro do Posto, Secretário de Finanças do Posto, Dirigente de Publicidade do Posto, Capelão do Posto, Diretor

Físico do Posto, Diretor e Economias do Posto e Advogado do Posto. O Comandante do Posto e o Secretário Geral eram nomeados pelo Chefe Supremo. Todos os outros dirigentes eram eleitos anualmente através da votação de membros dos Postos Financeiros. As mulheres poderiam se tornar elegíveis para qualquer cargo, exceto o de Tenente-Comandante. Em Postos com mais de cem membros, os assistentes podiam ser eleitos para qualquer um dos Postos de oficiais já mencionados.

Atribuições dos Dirigentes dos Postos: O Comandante do Posto deveria presidir e administrar os dirigentes dos outros Postos e de todas as suas filiais e organizações. O Tenente-Comandante teria de ajudar o Comandante do Posto em deveres que ele designasse e, no caso de ausência, doença ou vacância por qualquer motivo, assumiria todas as funções do Comandante do Posto até que tal vaga seja preenchida. Os deveres do Secretário Geral do Posto eram o de manter todas as transações e conduzir correspondências necessárias. O Secretário de Finanças do Posto, recebia as quotas e contribuições de membros e todas as outras finanças do Posto, entregando ao tesoureiro; também realizava relatórios de cada reunião e também escrevia registros mensais ao Departamento Chefe de Registros do Conselho Executivo Supremo. O Tesoureiro atuava com o intuito de receber todo o dinheiro guardado pelo Secretário de Finanças; manter as contas adequadas e depositar em bancos direcionados pelo Posto. Em relação ao Dirigente de Publicidade, ele deveria publicar e circular dentro do Posto, com seus membros, *o The Crusader* e *o The Liberator*, cuja as cópias serão fornecidas pelo Secretário de Finanças. Ele também devia disseminar através da imprensa local, plataformas de informação e púlpitos a ABB. O Capelão era reconhecido pelo caráter moral, religioso e pela boa educação; era ele quem ministrava palestras sobre os objetivos e propósito da irmandade, assegurando assistências que julgava adequadas para a população; também conduzia exercícios religiosos nas reuniões do Posto e treinava os membros jovens no curso da instrução, a ele fornecida pelo Departamento de Religião e Educação do Conselho Executivo Supremo. O Diretor Físico, caso fosse possível, era uma pessoa com experiência de treinamento militar, cujo o dever era o de instruir o treinamento físico dos membros e a disciplinas fornecida pelo Departamento de Cultura Física e Vitalidade; também atuava como o organizador local e diretor dos corpos uniformizados; dava em especial atenção o atletismo, tanto para desenvolvimento físico quanto para propósitos sociais. Já o Diretor de Economias operava na distribuição de uma literatura adequada e investigava as condições trabalhistas locais, reportando-as ao Chefe Departamental; ele também atuava em exercitar a liderança em todos os conflitos entre trabalhadores e capital, junto ao desenvolvimento da classe trabalhadora comercial; ele organizava a classe trabalhadora negra

na proteção contra a opressão capitalista e buscava estabelecer a cooperação e solidariedade entre trabalhadores de todas as raças, sempre procurando por proteção trabalhista, maiores salários e carga horária menor. Por último, o Advogado do Posto nomeava em seu mandato um conselho de sete pessoas que seriam reconhecidas como o Conselho de Justiça, o qual seria presidido por ele; e todas as intrigas internas entre os membros, cobranças de violação das leis da irmandade ou a flagrante frouxidão moral eram ouvidas por este Conselho, que o relatava nas reuniões dos Postos; ele também nomeava um escrivão ao seu Tribunal; todas as denúncias deveriam chegar ao Conselho de Justiça, que reportava ao Chefe de Equidade e Justiça, todos os casos locais de discriminação e opressão contra a raça em sua comunidade.

Conselho Executivo dos Postos: o Conselho Executivo devia conter todos os Dirigentes dos Postos, com o Comandante presidindo-o. Ele ficava encarregado de colocar em operação todas as ordens recebidas do Conselho Executivo Supremo e deveria guardar fielmente todas as informações transmitidas da referida fonte. Também preparava uma agenda de encontros públicos e promovia o crescimento da ABB em suas localidades. E era responsabilizado pelo Conselho Executivo Supremo para o bem estar do Posto, devendo reunir-se pelo menos duas vezes por mês em reuniões.

Chefes e Conselheiros Territoriais: esses encarregavam-se de promover o estabelecimento de novos Postos em territórios decididos pelo Conselho Executivo Supremo e visitá-los frequentemente construindo relatórios de suas condições para o Executivo Supremo, que fornecia os próximos passos dos Postos. Para essa atividade, um Dirigente Territorial deveria presidi-la. Esse, também tinha que se encontrar pelo menos uma vez ao ano com o Congresso Internacional para discutir a uniformidade dos métodos da organização, a harmonia das ações e a saúde dos Postos.

Estatutos: todos os Postos deviam construir estatutos que não entrassem em conflito com as diretrizes centrais da constituição da ABB. Esses estatutos deveriam operar apenas depois da devida aprovação e consentimento do Conselho Executivo Supremo.

Congresso Internacional: o Congresso Internacional da ABB deveria, até outra ordem, acontecer anualmente no dia 16 de julho, aniversário de falecimento de Toussaint L'Ouverture. Ele teria que ser preparado pelo Conselho Executivo Supremo e circular entre os Deputados no dia da inauguração. As sessões de negócios necessitariam ser feitas em portas fechadas, mas os

arranjos em encontros públicos. O Chefe Supremo era o presidente do congresso e podia demandar o auxílio de qualquer membro do Conselho Executivo. O Chefe de Departamento de Registros seria o secretário do Congresso Internacional.

Membros juniores: os membros juniores consistiam em garotos e garotas de 5 à 14 anos que deveriam ser identificados como *Young Crusaders*. Eles devem estariam submetidos ao Diretor Físico do Posto, o Capelão e uma matriarca apontada pelo Comandante do Posto. Suas atividades consistiam na assistência em escritórios e em reuniões. O Secretário de Finanças deveria cuidar das taxas e marcar todos os cards dos *Young Crusaders*.

FIGURA 16 - Cartão de anuidade de filiação da ABB

A. B. B. Members' Dues Card
(To be Issued to Members Only after Enlistment Fee and First Month's Dues have been paid).

No. XIII
Post. [illegible]
Date of Enlistment. July 1921

Jan.	Jan.
Feb.	Feb.
Mar.	Mar.
Apr.	Apr.
May	May
June	June
July	July
Aug.	Aug. 25
Sept.	Sept. 2
Oct.	Oct.
Nov.	Nov.
Dec.	Dec.

A. B. B. Members' Dues Card
(To be Issued to Members Only after Enlistment Fee and First Month's Dues have been paid).

No.
Post.
Date of Enlistment.

Jan.	Jan.
Feb.	Feb.
Mar.	Mar.
Apr.	Apr.
May	May
June	June
July	July
Aug.	Aug.
Sept.	Sept.
Oct.	Oct.
Nov.	Nov.
Dec.	Dec.

FONTE: ARCHIVE.ORG (2023). Disponível em < <https://archive.org/details/fbi-hq-61-826-negro-organizations/page/n2/mode/1up?q=1921> >.

Jornais e Revistas: o órgão oficial da ABB seria o *The Crusader* e o *The Liberator*. Assim que possível, teria que se criar uma publicação juvenil e mandá-la para aprovação no Conselho Executivo Supremo, para os *Young Crusaders*.

Transferência de membros: qualquer membro podia demandar, através do Secretário Financeiro, a transferência para outro Posto. Caso ocorresse, deveria comunicar imediatamente aos Chefe de Registro sobre o ocorrido.

Benefícios e Subsídios: qualquer membro da ABB podia ter um plano no Departamento de Saúde e Falecimento através do pagamento de uma taxa de vinte e cinco centavos. Desse montante, quinze centavos iriam para o financiamento do setor funerário e outros dez para o de saúde. O Posto é quem decidia os procedimentos em caso de adoecimento de seus membros. Filiados que tivessem em atraso com o pagamento de suas taxas não teriam o benefício de ter o plano de saúde e funerário.

Honorários, quota e subsídios da filiação júnior: os *Young Crusaders* pagavam uma taxa de entrada na ABB de cinquenta centavos. E mensalmente uma de quinze centavos. Além disso, eles não pagariam as taxas de um dólar anual até completarem 15 anos. Aqueles que quisessem o plano de saúde e funerário deveriam pagar as mesmas taxas dos outros e receberiam os mesmos benefícios.

Receita monetária: as receitas da ABB precisariam derivar das taxas de entrada e graus, quotas mensais e anuais, arrecadações, palestras e entretenimento.

Salários: os salários do Chefe Supremo e dos Chefes de Departamentos seriam estabelecidos no Congresso Internacional e quitados do Fundo Central Geral do Conselho Executivo Supremo. Já os dos Chefes Territoriais deveriam ser definidos pelo Conselho Supremo com base no tamanho de cada território e nos resultados de seus trabalhos. Também necessitariam ser pagos com o Fundo Central. Já os Dirigentes dos Postos receberiam seus pagamentos do Fundo Central dos Postos.

Ano fiscal: o ano fiscal da ABB começaria no dia primeiro de julho de um ano, encerrando-se no dia 30 de junho do ano subsequente.

4.2.1 AUTODEFESA, O PROCESSO HISTÓRICO DE TULSA E A LUTA CONTRA A KU KLUX KLAN

Ponto central na prática organizativa da ABB era a autodefesa da população negra. Dentro do *The Crusader* podemos perceber alguns escritos que demonstram essa preocupação, através do mote de que a população negra deveria ser forte politicamente e militarmente (MAKALANI, 2004, p. 101).

Apesar da cultura armamentista dentro do país, o pacto da branquitude estrutural na nação e a defesa do sistema possibilitavam manobras legislativas que poderiam rever a posse de armas, angariar prisões e extradições do país. Na década de 60, por exemplo, quando o Partido dos Panteras Negras patrulhava com seus membros pelas ruas da Califórnia portando armamento pesado, a *National Rifle Association* (NRA), entidade que atua no ramo da legislação armamentista, não tardou a referendar uma alteração que propunha a redução no acesso às armas. Com boa parte da população branca escandalizada pelo que estavam vendo, o corpo legislativo da Califórnia rapidamente promulgou a Lei Mulford que proibia o porte público de armas de fogo carregadas sem a devida permissão. O mesmo vale pela infiltração do FBI nas entidades do movimento negro.

Na ABB, como uma organização que tinha o propósito da defesa armada e da destruição do sistema capitalista, não poderia deixar explícito em seus meios de divulgação as formas que lidavam com esses processos, pois estariam sujeitos, basicamente, ao desmantelamento da entidade. Por isso, dentro do *The Crusader* conseguimos encontrar “apenas” textos informativos da necessidade da autodefesa contra o terror racial e a supremacia branca organizada. Esse “apenas”, na verdade, era a conduta ideológica principal.

FIGURA 17 - Publicidade relatando a necessidade da autodefesa e organização dentro da ABB

WISE NEGROES WILL

Organize for Self-Defense Against Wanton Attacks!
Enlist for Protection With the

AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD

A peace-loving, but red-blooded organization functioning for the protection
of Negro lives and the advancement of Negro Rights!

President Harding says, It's Up to Us:
 "The Negro race, to come into its own, must do the great work itself....."
 "No government can wave a magic wand and take a race from bondage....."
 ".....One of the great difficulties of popular government is that citizenship
 expects government to do what it ought to do for itself."

Negroes! It's Up to Us to Organize for Self-Protection!

JOIN THE A. B. B. NOW!

\$1.00 Entry Fee—25c a Month

FONTE: BRIGGS (1987, p. 1230).

Outro panfleto relata a necessidade da luta contra a KKK:

FIGURA 18 - Panfleto que relata a necessidade da autoproteção contra a Ku Klux Klan

THE KLAN FORCES US TO PROTECT OURSELVES!

NEGROES! Organize Under the Protective Shield of

THE AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD

(A Peace-Loving, but Red-Blooded Organization)

for "IMMEDIATE PROTECTION AND ULTIMATE LIBERATION OF NEGROES EVERYWHERE." Enjoy the Benefits of Protective and Fraternal Organization! Enlist in the Liberation Movement for a FREE AFRICA and the

LIBERATION OF NEGROES EVERYWHERE!

No loose-talking in the A. B. B. No cowardly compromises. No servile surrender of Negro rights. No illusion about the task before us. No attempt to operate without a program.

The AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD (A. B. B.) is the only EFFECTIVE protective Negro organization in the world, with the grandest lineage of any FRATERNAL organization in all history, dating from the dawn of history on the banks of the upper Nile and operating uninterruptedly through all the centuries in the ennobling ceremony of blood brotherhood which is practised to this day in Central Africa.

The A. B. B. has posts throughout the United States, the West Indies, Central America, South America and the Motherland, Africa. If you want to help Yourself, if you want to help your Race,

IF YOU ARE IN REAL EARNEST

you will cut out and sign the accompanying application blank and mail it at once with enlistment fee of three (\$3.00) dollars, money order or registered mail to

CYRIL V. BRIGGS, Executive Head

AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD

2299 Seventh Avenue, New York, N. Y., U. S. A.

DON'T PUT OFF YOUR LIBERATION! SEND IN YOUR APPLICATION NOW!

..... CUT HERE

"ONE FOR ALL, ALL FOR ONE"

APPLICATION BLANK

I, the undersigned, Negro and proud of it, being fully cognizant of the value of organization and convinced of the necessity for a Negro organization created for IMMEDIATE PROTECTION AND ULTIMATE LIBERATION OF NEGROES EVERYWHERE, and recognizing in the historic AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD the protective organization par excellence as demonstrated at Tulsa, etc., and the most effective Negro organization working for the liberation of the Negro Peoples of the world as evidenced by the successes that have already repaid the energetic application of its intelligent program, and further realizing the need of secrecy, centralized authority and enlightened and courageous leadership do hereby make application for membership in the said AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD and do hereby pledge myself, if accepted for membership, to energetically advance the interests of the AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD and the sacred Cause of Negro Protection and Liberation for which it fights, and to faithfully carry out the mandates of the SUPREME COUNCIL of the organization and give due respect and obedience to all my officers and courageously oppose lynching, Jim-crowism, mob-violence and all forms of oppression.

In witness of my earnestness in making application and my willingness to abide by the laws of the organization, I do hereby affix my true signature.

.....
Signature of Applicant
.....
.....
Address
.....

FONTE: BIBLIOTECA PÚBLICA DE NOVA YORK (2022). Disponível em <
<https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47df-a171-a3d9-e040-e00a18064a99>>.

Percebe-se que o intuito dos escritos está ligado à luta contra o terror racial e à necessidade da proteção da população negra. Os editoriais que realizavam uma crítica aberta a

KKK começaram a ser publicados no final de 1920 e, principalmente, depois dos ocorridos em Tulsa no ano de 1921.

O poema de Claude McKay “If We Must Die”, relatava bem como eles pretendiam lutar contra esse terror.

Se temos que morrer, que não seja como porcos
 Caçados e acuados em um lugar inglório
 Enquanto a nossa volta latem os cães raivosos e famintos
 Zombando de nosso amaldiçoado destino
 Se temos que morrer, oh, que seja de forma gloriosa
 Para que não se derrame nosso precioso sangue em vão
 Assim até mesmo os monstros que desafiamos
 Sejam obrigados a honrar-nos se estivermos mortos
 Oh, irmãos! Devemos enfrentar nosso mesmo inimigo
 Apesar de sermos em menor número, sejamos corajosos
 E contra seus mil golpes revidemos com um só mortal
 Que importa se a tumba aberta nos aguarda?
 Enfrentemos como homens a assassina e covarde matilha
 E, contra a parede, morramos, porém lutando!¹¹⁸
 (MCKAY, 1919, p. 441, tradução nossa)

Complementando, um artigo no *The Crusader* visa entender e explicar o que eles chamam de “Dominação Mundial Branca”. Esse texto vai argumentar que as relações por trás do terrorismo racial, da branquitude imperialistas e nacionalista, está o capitalismo branco. Ao longo do escrito, são rememorados figuras históricas e eventos, que protagonizavam a supremacia branca, como o colonizador britânico Cecil Rhodes e a KKK, mostrando como esses receberam aval para praticar sua violência pela classe política dos Estados Unidos. Através disso eles se perguntam: “são esses aliados da Supremacia Branca?” A resposta é sim, e eles argumentam que o chamado capitalismo branco é a base de sustentação para a

¹¹⁸ If we must die, let it not be like hogs Hunted and penned in a inglorious spot, While around us bark the mad and hungry dogs, Making their mock a tour accursed lot. If we must die, oh, let us nobly die, So that our precious blood may not be shed In vain; then even the monsters we defy Shall be constrained to honor us, though dead! Oh, kinsmen! We must meet the common foe; Though far outnumbered, let us still be brave, And for their Thousand blows deal one death-blow! What though before us lies the open grave? Like men we'll face the murderous, cowardly pack, Pressed to the wall, dying, but fighting back!

proliferação da ideologia. Portanto, além de uma luta com a autodefesa, a população negra também deveria unir-se aos outros povos que não estão ligados à branquitude, e destruírem o sistema capitalista. Além do mais, eles colocavam a KKK comparados ao fascismo italiano.

Em edição subsequente do *The Crusader*, um texto intitulado “O Ku Kluxismo exposto” aparece arguindo que a ideologia do Ku Kluxismo está impregnada em outros setores da sociedade estadunidense como a polícia, o exército e a marinha. Com a guerra, a cultura armamentista e a absorção da cultura pelas forças armadas do país, houve uma otimização nas táticas da KKK com, por exemplo, a pilotagem de aviões e outras táticas militares. Ainda, a ideologia do Ku Kluxismo estaria incutida em setores da mídia, política, trabalho, cultura etc. O que queriam dizer, basicamente, era que a Ku Klux Klan era a personificação da Supremacia Branca.

A ênfase que a população negra deveria ser forte tanto política quanto militarmente ficou evidenciada no capítulo do Massacre de Tulsa em 1921. Quando chegou a notícia de que um grupo de supremacistas brancos estava se dirigindo ao local na busca do linchamento de Dick Rowland, acusado de abusar uma garota branca, cerca de 75 homens negros armados se dirigiram ao tribunal onde o Rowland estava. Esses supremacistas brancos, sentindo-se desafiados, acabaram por iniciar um conflito que culminou por destruir a localidade, mais especificamente o bairro de Greenwood, que era conhecido como uma das regiões mais saudáveis da comunidade negra nos Estados Unidos. Casas foram incendiadas, tiros e bombas lançadas, assim como aviões foram utilizados. Inclusive, esse episódio protagonizou um dos primeiros ataques aéreos ocorridos nos Estados Unidos.

A repercussão na imprensa era a de que havia tido um motim/distúrbio na localidade entre brancos e negros. Essa foi a principal palavra utilizada para caracterizar o evento pela historiografia, com seus poucos estudos sobre o evento. Entretanto, estudos mais recentes remodelaram essa definição e definiram o incidente como um massacre, pois, ao argumentarem que o ocasionado era um motim ou distúrbio, estavam igualando a correlação de forças entre as duas massas, o que de fato não ocorreu. A maior parte da população que foi morta era negra e o armamento moderno utilizado era branco.

Tal fato teve repercussão nacional e internacional. Após três dias dos seus acontecimentos, o New York Times escreveu um editorial na primeira página colocando a seguinte alegação:

Um oficial que está em contato próximo com os militares daqui declarou esta noite que as “autoridades” tinham evidências em suas mãos de que os organizadores da “African Blood Brotherhood” passaram por Oklahoma cerca de sessenta dias atrás e organizaram um de seus “capítulos” em Tulsa. Ele afirmou que esta evidência indicava que alguns líderes do distúrbio que se reuniram no Tribunal foram identificados como membros dessa sociedade, que era de caráter “altamente agressivo” e procurava fomentar a agitação entre os negros; que esta sociedade tinha alcance nacional e era chefiada por um negro [Briggs] de Nova York, e que havia realizado atividades em outras partes de Oklahoma e no sudoeste. Foi dito também que havia a suspeita de que um depósito de munições, que explodiu com a queima da nova igreja do bairro negro, era suspeito de ser o arsenal dessa sociedade (HILL, 1987, p. 33).

O editorial apontava que a ABB fomentava o ódio na população negra e, dessa forma, tinha algum grau de culpa nos acontecimentos. Assim, a imprensa jornalística colocava a organização ao centro das atenções. O New York Times forneceu um direito de resposta à ABB que deveria ser publicado no jornal, o que cimentou ainda mais a existência da entidade (HILL, 1987, p. 34). Esse direito de resposta foi publicado no *The Crusader* também, assim como outros textos que relatavam os acontecimentos do evento histórico.

No texto “The Tulsa Riot and the African Blood Brotherhood”, Briggs comenta as acusações que a sociedade vinha sofrendo. Fez críticas a posturas da imprensa de acusá-los de fomentar o massacre. Porém, confirmou que a ABB tinha um Posto na localidade e também ajudou na organização da comunidade negra em direção a autoproteção.

As acusações de que a ABB procura fomentar a agitação entre os Negros é falsa e as autoridades brancas de Oklahoma e todos os seus irmãos em outros estados sulistas sabem disso. A ABB é organizada não para a agressão, mas para a proteção da população negra indefesa. Não precisamos fomentar agitação entre eles, quando esta já existe entre eles. A agitação não é necessária, uma vez que os muitos atos de injustiça e crueldade do homem branco também servem ao propósito efetivamente. O problema com o homem branco é que ele esquece que o negro é humano e, portanto, reagirá da mesma maneira para com os erros e injustiças. Crueldade e bondade não precisam de interpretação, mas são seus próprios interpretes. Não é necessário, como o homem branco parece acreditar, para que “agitadores” negros interpretem e expliquem as massas negras os atos de injustiças do homem branco contra eles. Os negros não precisam saber que os linchamentos e assassinatos são atos bárbaros de injustiça [...] Na verdade, no entanto, a acusação contra a ABB não vem de uma crença honesta por parte das autoridades de Oklahoma, de que esta organização teve alguma participação em fomentar ou iniciar o recente distúrbio, mas sim de um crença que somos responsáveis pelas táticas e organização que permitiu aos negros atacados a se defenderem de forma tão eficaz que em anos anteriores não era possível. Quanto a isso, não negamos nem afirmamos. Nós apenas esperamos que todos os Negros dos Estados Unidos sejam sábios o suficiente para imitar as políticas nacionais da nação e se prepararem em caso de ataques, para venderem caro suas vidas. Para esse propósito defensivo e essencialmente não agressivo, convocamos todas as mulheres e homens para se inscreverem na African Blood Brotherhood, uma organização amante

da paz, mas protetora da população negra de sangue vermelho.¹¹⁹ (BRIGGS, 1987, p. 1178-1779, tradução nossa).

A ABB e Briggs receberam uma cobertura adicional novamente no New York Times em 20 de junho de 1921, com um texto falando das ações que eles realizaram no Harlem com a comunidade negra, para tirar dúvidas sobre o ocorrido em Tulsa. “Todo Negro cansado de linchamento, segregação e cassação de direitos, deve sair e ouvir nosso plano de ação para acabar com essas injustiças que sofremos”¹²⁰ (BRIGGS, 1987, p. 1181, tradução nossa). Durante uma reunião de esquina, W.A. Domingo reafirmou o direito à autodefesa da população negra: “Nosso objetivo é permitir que aqueles que nos atacam escolham as armas. Se forem com fuzis, responderemos também com fuzis”¹²¹ (MAKALANI, 2011, p. 66, tradução nossa).

A posição pública da ABB após o evento foi projetada para extrair ao máximo, de forma propagandística, do ocorrido a fim de valorizar sua imagem como um organização que protegeria a população negra através da autodefesa. A acusação de ter organizado e liderado a população negra armada em Tulsa rendeu-lhes reputação (HILL, 1987, p. 34). O incidente também os ajudou a formular uma visão internacionalista da violência racial. No *The Crusader*, Briggs lembrou aos seus leitores que os judeus russos receberam tratamento semelhantes “até que os trabalhadores de todas as raças se levantaram e derrubaram o capitalismo czarista e estabeleceram soviets”. Tulsa forneceu aos negros mais um exemplo da necessidade de a população negra alinhar-se com as forças radicais do mundo que estão trabalhando para derrubar o capitalismo (MAKALANI, 2011, p. 66).

¹¹⁹ The accusation that the A. B. B. seeks to foment unrest among Negroes is false. And the white authorities of Oklahoma and all of their cracker brethren in other south ern states know it to be such. The A. B. B. is organized not for aggression, but for protection of otherwise defenceless Negroes. We do not have to foment unrest among Negroes when unrest already exists among them. Agitation is not needed, since the white man's many acts of injustice and malicious cruelty serve the purpose all too effectively. The trouble with the white man is that he forgets that the Negro is human and will accordingly react in much the same manner as other humans to wrongs and in justices. Cruelty and kindness need no interpretation, but are their own interpreters. It is not necessary, as the white man seems to believe, for Negro "agitators" to interpret and explain to the Negro masses the white man's acts of injustice against them. Negroes do not have to be told that lynchings and mob murders are barbarous acts of injustice. As a matter of fact, however, the accusation against the A. B. B. comes not of an honest belief on the part of the Oklahoma authorities that this organization had any part in fomenting or starting the recent riot, but rather from a belief that we are responsible for the organization and tactics which enabled the attacked Negroes to defend themselves so effectively and eliminate the easy massacre of leaderless Negroes which in earlier years regularly featured the so-called race riots of that time. As to that, we neither deny nor affirm. We merely hope that all Negroes in the United States will be wise enough to emulate the national policies of the United States and prepare in event of wanton attack to sell their lives dearly. For this defensive and essentially non-aggressive purpose we call upon all Negro men and women to enroll with the African Blood Brotherhood, a peace-loving but protective organization of red-blooded Negroes.

¹²⁰ Every Negro tired of Lynching, peonage, jim-crowism, disfranchisement, etc., to come out and hear our Plan of Action for Removing These Injustices which we suffer.

¹²¹ Our aim is to allow those who attack us to choose the weapons. If it be guns, we will reply with gun.

O episódio de Greenwood foi uma mudança de chave na ABB, pois agora, com o reconhecimento nacional e internacional, eles não poderiam mais se destacar como uma organização secreta, mas sim uma que busca mobilizar as massas. À medida que os meses foram passando, a ABB foi recebendo cada vez mais membros, ganhando popularidade e crédito pela luta com a autodefesa.

4.3 QUAL VEM ANTES, RAÇA OU CLASSE?

Na virada do século XIX para o XX, os Estados Unidos estavam vivendo as consequências da Guerra Civil, da emancipação de pessoas escravizadas. A dinâmica racial transformava-se nos EUA apresentando suas particularidades. Como nos lembra Cheryl Harris, a construção da identidade branca e da ideologia racial está intimamente ligada com a evolução e expansão do sistema de escravidão por posse¹²². Em meados de 1680, os primeiros códigos da escravidão começavam a aparecer, surgindo uma identidade racial ligada ao *status* social: a identidade racial negra marcava quem era sujeito a escravidão, enquanto a identidade racial branca delimitava aquele que era livre, ou, ao menos, não era escravo. A escravidão se tornava assim uma instituição, que colocava pessoas como formas de propriedade que poderiam ser vendidas, trocadas, herdadas etc. Por causa dessa relação, a branquitude manifestava-se como um escudo contra a escravidão, uma linha de proteção e demarcação. Ter a identidade racial branca era crucial, virando também uma forma de propriedade, pois a propriedade de ser branco garantia as características dos direitos dos humanos livres. O historiador Paulo Farias (2003, p. 318) lembra que era uma época em que “bastava ‘uma gota de sangue negro’ para tornar negra mesmo a mais branca das pessoas”.

Nesse período, os chamados “Novos Negros” compunham os intelectuais que debatiam as várias estratégias de resolução para o “problema da raça”, desde a integração social dessas pessoas, até formas de combate aos linchamentos, a violência policial e ao fim do racismo estrutural¹²³ que assolava o país mesmo após o fim da escravidão (BALDWIN; MAKALANI, 2013, p. 5). Dentre estes, estavam militantes do partido socialista da época, imigrantes caribenhos que se instalaram nos EUA, afro-americanos que fizeram parte do

¹²² Quando um indivíduo adquire direitos de posse sobre o outro. São pessoas tratadas como propriedade por completo, para serem vendidas e compradas.

¹²³ Racismo estrutural aqui, quer dizer, que o racismo decorre e molda as relações políticas, econômicas, jurídicas e familiares da estrutura social, estando ligada as peculiaridades históricas da formação social (ALMEIDA, 2019, p. 33-37).

fenômeno da Grande Migração¹²⁴, veteranos da Primeira Guerra Mundial, nacionalistas, Pan-Africanistas etc. Alguns dos nomes desses intelectuais são Booker T. Washington, W.E.B. Du Bois, Hubert Harrison, Marcus Garvey, Cyril Briggs, entre outros.

Por volta de 1921 em diante, a ABB começava a se estabelecer como uma força no Harlem. Seus membros começavam a pautar debates e enquadrar questões críticas que confrontavam a comunidade negra, aprofundando-se no próprio corpo social e proporcionando uma maior influência entre essa comunhão. Entretanto, mesmo com um maior estabelecimento, a ABB continha problemas de organização.

Tal contexto movimentava diversas disputas por ideias que iam desde o papel do ensino para a população negra ingressar no mercado de trabalho, a criação de um método educacional para a consciência crítica da realidade, a função do Estado e do nacionalismo como forma de combate ao colonialismo, até as discussões em torno do que deveria ser tomado como forma primária, a raça ou a classe como forma de análise das condições da sociedade e de sua transformação.

A posição da classe como primazia de análise estava articulada por militantes e lideranças do Partido Socialista da época (BUSH, 2009, p. 92). Segundo o historiador Jacob Zumoff (2012, p. 56, tradução nossa), no princípio da chegada das ideias comunistas aos EUA, a “maioria dos socialistas de esquerda eram opositores do racismo, contudo, eles não viam a opressão racial contra os negros como algo central ao capitalismo Americano”¹²⁵¹²⁶. Bush pontua que o Partido Socialista se via como o partido do proletariado e que não tinham um caráter específico para uma parte da classe. Os negros, para eles, eram simplesmente parte da classe trabalhadora. A base do racismo estava na tática de dividir e conquistar dos capitalistas, procurando colocar a classe trabalhadora branca, negra e de outras raças uma contra a outra. O

¹²⁴ Foi o movimento em que milhares de indivíduos negros se redirecionaram para as cidades nortenhas dos EUA, devido às más condições de vida e segregação racial que prevaleciam no Sul, lembrando que isso não caracteriza que no Norte essas relações não eram visíveis, e ao boom industrial da Primeira Guerra Mundial.

¹²⁵ “Most left-wings socialists opposed racismo, but they did not see black oppression as central to American capitalismo.

¹²⁶ Zumoff em seu artigo dá o exemplo de Victor Berger e Eugene V. Debs como lideranças que viam a questão racial como algo secundário em relação a exploração de classe, através do escrito de Debs “The Negro in the classe struggle” (1903). Contudo, o historiador William P. Jones no artigo “Nothing Special to Offer the Negro: Revising the Debsian View of the Negro Question” (2008), contraria a visão de Zumoff, colocando que Debs não seria o melhor exemplo a se dar em relação a essa indiferença sobre a raça. Para Jones, o líder socialista estaria inserido em um setor do Partido Socialista que se alinhava a luta antirracista, insistindo que a luta dos Afro-Americanos era fundamental para a realização da promessa dos EUA de democracia e liberdade. Apesar dessa discordância, ambos concordam que o Partido Socialista da época estava alinhado a uma política que colocava a raça como algo exterior a luta de classes. Um exemplo melhor disso seria a figura de Victor Berger qual estava abertamente alinhado à política da Jim Crow. Portanto, percebe-se que apesar dessa relação, o partido continha setores engajados a luta antirracista, não sendo possível delimitar que a associação como um todo lutava pela luta de classes à frente de outras questões.

estabelecimento de uma sociedade socialista e o fim da exploração do homem pelo homem daria fim ao racismo.

Dessa forma, qualquer maneira de lidar com a questão do racismo antes da fundação do socialismo estaria caindo na tática capitalista e dividindo a classe trabalhadora (BUSH, 2009, p. 92). Os principais proponentes dessa visão entre a população negra era A. Phillip Randolph e Chandler Owen que, após organizarem a *Brotherhood of Sleeping Cars Porters* (BSCP)¹²⁷, tiveram desavenças com essa posição. Tal postura duraria até meados da década de 1910, quando socialistas judeus e negros desafiavam a lógica do argumento do reducionismo de classe (MAKALANI, 2004, p. 29). A principal figura nessa questão foi Hubert Harrison, conhecido como o “Pai do radicalismo no Harlem”.

Em relação à posição da primazia racial, aqueles que concordavam com tal arranjo sustentavam que os negros eram, antes de tudo, vítimas da opressão racial, mas não negavam a importância da classe: “eles argumentavam que a estrutura de classe da sociedade estadunidense e do mundo capitalista em geral, só pode ser entendido em termos do impacto da raça e da opressão racial”¹²⁸ (BUSH, 2009, p. 93). Essa perspectiva tinha como principais integrantes Harrison, Briggs, Richard B. Moore, W.A. Domingo e Marcus Garvey.

A African Blood Brotherhood, nesse contexto, segundo Clifton Hawkins (2000, p. 336-337, p. tradução nossa) “propôs uma ideologia abrangente e coerente que unisse tanto as filosofias da ‘primazia racial’ e da ‘primazia classista’”¹²⁹. Contudo, não foi sempre assim, Briggs, dado que no começo do *The Crusader* havia um alinhamento a um programa semelhante ao da *Universal Negro Improvement Association and African Communities League* (UNIA), de Garvey. Enfatizando o nacionalismo negro, o orgulho racial, a autodeterminação, uma pátria africana forte e independente, e a autodefesa contra o terrorismo branco. Porém, com o tempo e com o contato de militantes socialistas que compunham a ABB, aproximou-se de uma perspectiva de aliança com trabalhadores brancos. No fim de vida da organização, diversos membros se filiaram ao Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA). Segundo Makalani (2004, p. 57-58, tradução nossa) a ABB era composta por:

Intelectuais Pan-Africanos que eram imersos consciente e criticamente nos movimentos comunitários e nas políticas populares. Eles embarcaram em um

¹²⁷ Organização sindical liderada por Afro-Americanos e fundada por Randolph.

¹²⁸ They argued that the class structure of U.S. society and of the capitalista world more generally can be understood only in terms of the impacto f race and racial opression.

¹²⁹ Briggs, the ABB, and the Crusader propounded a coherent and wide-ranging ideology that cogently united Garvey's "race first" and Randolph's "class first" philosophies.

comprometimento pela insurgência coletiva contra a opressão e exploração, buscando pautas de igualdade e generosidade na ordem global.¹³⁰

Naquele mesmo período, os debates entre afro-americanos e afro-caribenhos se intensificavam. Questões sobre como a população negra poderia não apenas alcançar a igualdade racial, mas também a “verdadeira liberdade”, surgiam. Artifícios de aliança entre negros e brancos liberais em instituições tradicionais, criar as próprias organizações políticas, econômicas e culturais com teor separatista, aliar-se a movimentos radicais predominantemente brancos como a SPA, a *Industrial Workers of the World* (IWW), ou melhorar suas posições sociais por meio de produções culturais e artísticas, foram alguns dos tópicos levantados. Contudo, a historiadora Michelle Ann Stephens nos lembra de outra perspectiva importante quando se pensa essa conjuntura. O aspecto da soberania racial e autodeterminação ligadas às noções imperiais da época: “Nos anos durante e na sequência da Primeira Guerra Mundial, os nacionalismos e modelos de estado-nação rapidamente tornaram-se as normas políticas internacionais do início do século XX¹³¹ (STEPHENS, 2005, p. 2, tradução nossa).

Intelectuais masculinos caribenhos, que viviam nos EUA durante esse período, experienciaram políticas de autodeterminação em um ângulo bem particular. Devido ao colonialismo e o racismo nas ilhas caribenhas, era difícil para as pessoas terem um senso de nação. Na primeira Guerra Mundial, por exemplo, muitos soldados caribenhos que lutavam por suas colônias, vivenciaram atos de racismo que colocava uma linha divisória em seu status social. Estavam num beco sem saída. Nas colônias, se referenciavam como sujeitos da coroa britânica, a título de exemplo, mas quando saíam de suas terras natais eram colocados como colonizados. Durante e posteriormente a Primeira Guerra Mundial, várias formas e expressões do internacionalismo negro e da libertação negra estavam ligadas pela ideia de soberania racial. Segundo Stephens (2005, p. 5, tradução nossa):

As noções de soberania – as políticas de autodeterminação da raça como uma visão de mundo; a libertação negra fundamentada na visão de um Estado negro

¹³⁰ Pan-African intellectual, someone who is “consciously] and critically] immersed] in community movements and popular politics, embarking on a vocation of creative commitment to collective insurgency against oppression and exploitation, the principled pursuit of humane causes and a more egalitarian and generous global social order.

¹³¹ In the years during and immediately following World War I, nationalism and the model of the nation-state rapidly became *the* international political norms of the early twentieth century.

independente – emergiram muito em oposição aos novos impérios que se seguiram da Primeira Guerra Mundial.¹³²

Isso fez com que uma heterogeneidade de ideias surgisse no movimento do Novo Negro. Cada organização, cada intelectual teria uma forma de pensar essa relação da soberania. Um dos modos de pensamento mais associadas a esses intelectuais é o Pan-Africanismo¹³³. Para Stephens, essa conjuntura fez com que intelectuais masculinos caribenhos ambicionassem por noções imperiais particulares que foram capturadas por uma forte metáfora do gênero e da sexualização.

Intelectuais Caribenhos masculinos com desejos e anseios pelo Estado foram capturados incorporados por metáforas de gênero e sexualização poderosas – a visão de um Estado soberano estava ligada mais a soberania do homem negro, já o desejo por um lar em um nível mais afetivo estava ligada a mulher de cor¹³⁴ (2005, p. 13, tradução nossa).

Essa circunstância criou um espaço para noções de liberdade altamente masculinas, incorporada na figura do homem negro revolucionário. Ao mesmo tempo que criticavam as relações imperiais da época, foram influenciados pelo discurso Imperial em suas ideias.

4.4 WHY I AM PROUD? ORGULHO RACIAL DA ABB

Com a influência do contexto da época, a ABB uniu a ideologia da primazia racial com uma perspectiva anticapitalista e socialista, pois entenderam que a dinâmica da estrutura de classes estava ligada à raça. O orgulho racial que ela busca produzir encontrava-se encadeada ao antirracismo e à autodeterminação dos povos. Por exemplo, no primeiro editorial da revista *The Crusader*, “Africa for the Africans”, contrapõe-se à ideia racista e imperialista de governos que reivindicavam a noção de que certos povos, nesse caso os das colônias, não conseguiriam

¹³² During and immediately after World War I, various forms and expressions of black internationalism were linked by a profound investment in the ideal of racial sovereignty. Black notions of sovereignty – the political self-determination of the race as a worldwide community; black freedom grounded in and embodied by a vision of the independent black state – emerged very much in the face of and in opposition to new formations of empire following from World War I.

¹³³ Segundo Esedeb (1980 apud BARBOSA, 2021, p. 61), o Pan-Africanismo é um “Movimento político e cultural que considera a África, os africanos e os descendentes dos africanos de além-fronteiras como um único conjunto, e cujo objetivo consiste em unificar a África”.

¹³⁴ Male Caribbean intellectuals discussed here, these desires and longings for the state were captured in and embodied by powerfully gendered and sexualized metaphors—the vision of the sovereign state figured in the black male sovereign; the desire for home at a more affective level figured in the woman of color

governar a si próprios. No artigo, remete-se à história de países como Egito, Etiópia, Benin e outros estados africanos antigos para opor-se a essa ideia. Sendo um texto de crítica ao imperialismo e colonialismo, junto ao aporte ideológico construído pela modernidade capitalista de maneira binária, tal qual na época, de “superioridade” e “inferioridade” entre povos, a revista postula um pensamento de trocas entre povos: “nenhum governo pode negar a autodeterminação dos povos sob o pretexto de que existem populações ‘superiores’ e ‘inferiores’ [...] e a principal desculpa da Europa para sua invasão na África é a de que eles estão levando a civilização para os africanos”.

Ora, se eles estão levando a civilização, porque a educação é negligenciada – quando não negada, suas ações não têm validade para levantar o nível econômico e moral dos negros. Não há escolas governamentais nem uma única instituição administrada pelo governo que busque a formação dos nativos nas artes ou na indústria. Não, o grande promotor da civilização não é a conquista ou a subjugação dos povos como fez Roma, reclamadas pelos imperialistas modernos. Não é a conquista militar ou conquista por qualquer meio de força. O grande promotor da civilização é a troca” (BRIGGS, 1987, p. 4-5).

Partindo dessa perspectiva, eles retomam a história do Egito, Fenícia e Grécia, como amostras de civilizações que construíram suas sociedades através das trocas, “não era esse o caso dos tempos antigos? Os egípcios, fenícios, e gregos não espalharam e reuniram o melhor de cada civilização diferente através da troca?”¹³⁵ (BRIGGS, 1987, p. 5, tradução nossa). Tal perspectiva, inclusive, seria apropriada por filósofos, intelectuais como o próprio Samir Amin e Cheik Antah Diop, para explicar a história dessas civilizações, ou até mesmo historiadores mais recentes que ao estudarem e debaterem a chamada “História Antiga”, buscam caracterizá-la num processo de integração com o mediterrâneo como objeto central.

O *The Crusader* foi criado com o objetivo de dar suporte a uma História Negra e desafiar uma educação que exaltasse o homem branco, trazendo um orgulho racial para a população negra. Artigos como “Alien Education”, “The Truth About Africa”, “Race Cathecism”, “The African origins of the Grecian Civilization”; poemas como “Why i am proud” e “The Call”; e outros textos como provérbios africanos, principalmente, nas primeiras edições da revista, são exemplos da interiorização do orgulho racial como uma medida necessária para se combater o racismo nos EUA, como também no globo.

¹³⁵ Was not this the case in ancient times? Did not the Egyptians, the Pheonicians and the Greeks spread and gather the best of the different contemporaneous civilizatio ns through trade.

Ainda mais prejudicial do que o linchamento, é o perverso e malicioso sistema de educação em voga nas escolas dos EUA, onde a raça branca é exaltada e a Negra difamada. As mentes jovens são ensinadas que progresso, cultura e facilidades, para se autogovernar, são inerentes à raça caucasiana, à pele branca e à religião Cristã. O negro é referido com base na escravidão. Nossas crianças são ensinadas das glórias de Roma, Grécia, mas nada da Ethiopia, Egito e Meroé. Não só isso, o sistema do homem branco de educação não só apaga as glórias antigas da raça negra, mas também as conquistas modernas¹³⁶ (BRIGGS, 1987, p. 7, tradução nossa).

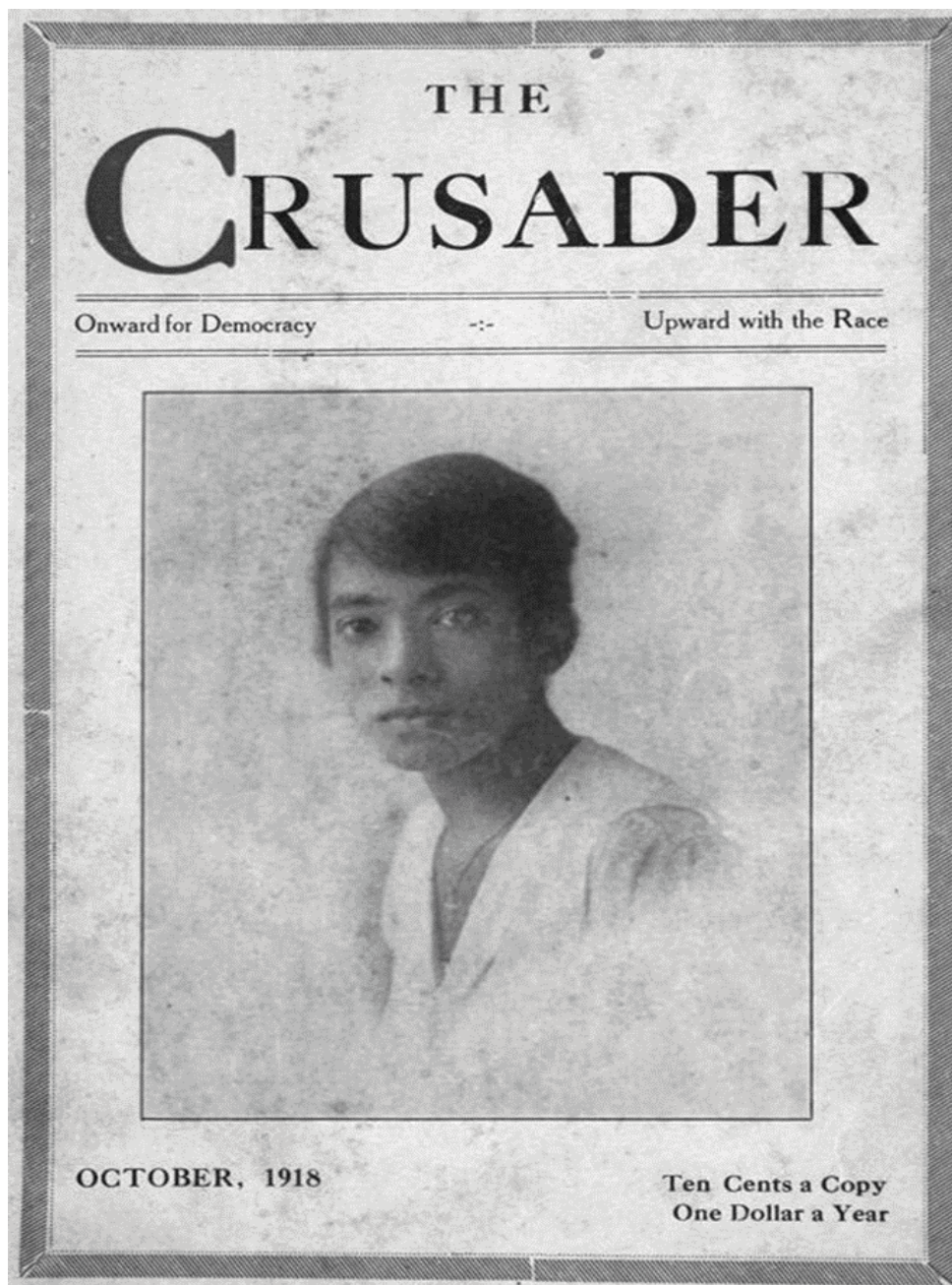
Nesse sentido, a revista propunha uma remodelação historiográfica que atendesse uma história verdadeiramente global ou, ao menos, que não apagasse os feitos negros. O editorial “Race Cathecism” complementa essa linha no formato de perguntas e respostas, e apresenta a seguinte visão sobre a raça negra:

Como você se considera em relação a sua raça? Sentimento de unidade. O que é isso? O sentimento que a raça negra de todas as raças é a mais favorecida de Musas, Poesia e Arte, mais posses de qualidade como honra, coragem e inteligência. Quais são os deveres da raça? Amar a raça acima de si mesmo e colocar os interesses em comum acima dos individuais. Como você pode atingir tais objetivos? Espalhando o Patriotismo Racial, combatendo a educação alienante, escolhendo industrias racializadas como negras ao invés de outras; por você tem orgulho de sua raça? Porque nas veias da humanidade não existe sangue mais generoso do que o nosso (BRIGGS, 1987, p. 13).

Dilemas esses que o periódico buscava materializar em sua própria construção, portanto, não apenas seria necessário a mudança na concepção historiográfica e educacional, como também apresentava essas histórias da população negra, exibia figuras negras importantes desde antigamente até sua contemporaneidade. As capas da revista são uma amostra dessa relação:

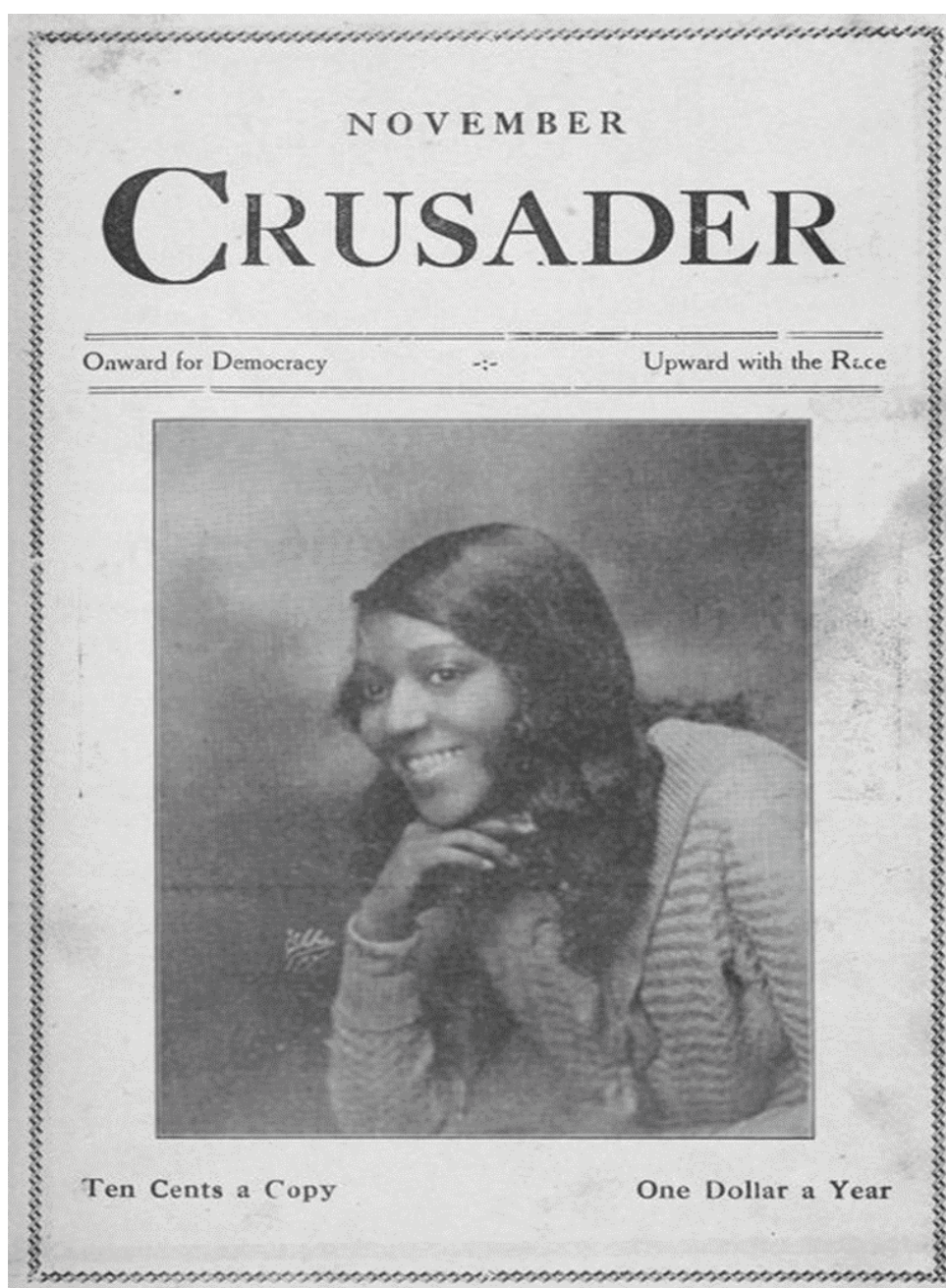
¹³⁶ Far more injurious than lynching is the perverse and malicious system of Education in vogue in American schools where in the white race is sunduly exalted in the eyes of the children and the Black race correspondingly deleased. The Young minds are taught that progress, culture and the faculty of self-government are inherent to the caucasian race, a white skin and the Christian religion. The Negro is dealt with on the basis of a slave race. Our children along with the white children, are taught of the glory that was Rome and Greece but naught of the first dawn of civilisation upon Ethiopia, Meroe and Egypt. In fact, not only does the white man’s system of Education effectually cover up the ancient glories of de race, but covers up as well the recente and by no means insignificant achievements of the Race in modern times.

FIGURA 19 - Capa da edição de outubro de 1918 com James Conick Jr, campeão de tênis do estado de Nova York



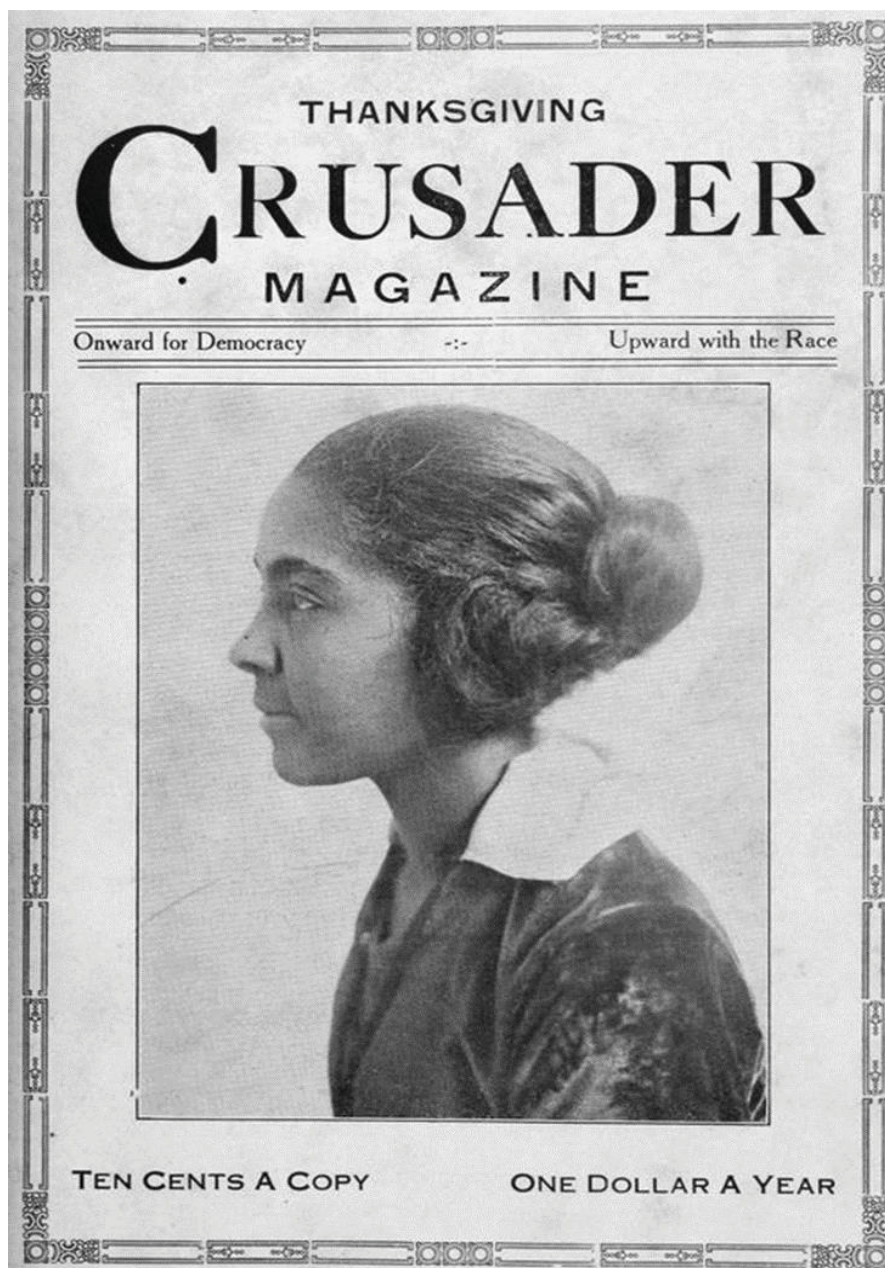
FONTE: Biblioteca Pública de Nova York (2022). Disponível em: <
<https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47df-a135-a3d9-e040-e00a18064a99>>.

FIGURA 20 - Capa da edição de novembro de 1918 com atriz Evelyn Ellis



FONTE: Biblioteca Pública de Nova York (2022). Disponível em <
<https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47df-a13a-a3d9-e040-e00a18064a99>> .

FIGURA 21 - Capa da edição comemorativa do dia de ação de graças com Grace Fowler



FONTE: Biblioteca Pública de Nova York (2022). Disponível em <
<https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47df-a13d-a3d9-e040-e00a18064a99>>.

4.5 RELAÇÕES DE GÊNERO E BELEZA NEGRA

Visualizando as capas acima, percebemos a grande representatividade feminina negra que a ABB buscava construir. Parte do objetivo era contrariar a ideia negativa que se tinha da beleza negra, se afastando dos critérios brancos. Quando juntamos retratos de fotografias de mulheres negras com pose ereta e fina, o desejo era desafiar os presentes complexos de tensões

na comunidade negra que geralmente colocavam a mulher com a pele retinta como suja e imoral.

Importante destacar a ideia de beleza negra que o periódico buscava desenvolver. A historiadora Giovana Xavier (2013, p. 430) salienta que a categoria de beleza negra surgia como uma estratégia para “superar as marcas de um passado repleto de dores e subtrações sem, contudo, apagar as glórias, a força e a inventividade de escravas e descendentes”. Nesse caso, a figura feminina negra desempenhou papel de centralidade nos processos de produção de outros sentidos de representação para a comunidade negra (XAVIER, 2012, p. 379).

Partindo dessa relação, uma ideia de beleza “cívica” foi sendo construída como contraposição às antigas imagens de mulheres negras estereotipadas a uma condição de pessoas escravizada, empregadas domésticas prontas para servirem de como modelo de “complexão escura”, pois, em um contexto de libertação recente e construção dessa liberdade, era preciso oferecer outras formas representativas diferentes daquelas animalizadas, bestializadas, subservientes, imorais e caipiras. Naquele contexto, as fotos desafiavam a lógica supremacista branca que discriminava os valores negros. As fotos das mulheres negras comunicavam uma ideia positiva dos fenótipos negros que eram difamados no período. Além disso, as imagens ajudaram mais do que positivar as características negras, delimitaram o papel da mulher negra na luta pela libertação (MAKALANI, 2004, p. 122).

Nesse sentido, o tratamento de gênero da ABB também era aparente dentro da revista, naquilo que eles chamavam de “Departamento das mulheres”¹³⁷, que ocorreu por 1 ano. Ocupando o espaço de duas páginas por edição, o editorial estava ligado à beleza e aos cuidados de casa. As páginas reforçavam o pensamento dominante sobre a mulher e a família. Colocavam avisos na aplicação de cosméticos, higiene, e declaravam que cozinhar era importante para a libertação da raça tanto quanto a arte e a literatura. Sentindo que estava oferecendo ajuda para as mulheres e para o lar, as páginas da revista começaram a propor melhores condições de trabalho para exercer o emprego doméstico e para aliviar o fardo que toda dona de casa deve carregar por esses extenuantes tempos: “já está na hora de discutirmos o problema dos criados.”¹³⁸ (HALL, 1987, p. 84, tradução nossa).

Para esse fim, a revista e a ABB concentraram-se em esticar os orçamentos apertados para atender às necessidades domésticas, oferecendo receitas para transformar sobras, aparentemente inúteis, em refeições saudáveis, que durariam muitos dias. Obviamente, isso funcionou para reforçar a visão de cozinhar e deveres domésticos como trabalho feminino, mas

¹³⁷ Women's Department.

¹³⁸ It is time now that we, too, were discussing the servant problem

também procurou lidar com as limitações materiais e financeiras muito reais, confrontado por famílias negras pobres e da classe trabalhadora no norte urbano. Porém, isso não foi acompanhado por uma crítica de gênero ligada ao racismo. A experiência das mulheres negra requeria um alargamento das análises de raça e opressão racial.

Essas dinâmicas irão aparecer nos textos de autoria feminina dentro do *The Crusader*, com Gertruge E. Hall tendo destaque. Ela foi a única mulher a publicar no periódico, apesar da abundância de mulheres negras jornalistas na época. Segundo Minkah (2004, p. 123) seus escritos tinham um caráter reacionário e essencialista. Seus olhares voltarem-se para as mulheres negras ao invés das críticas à opressão patriarcal. No artigo "A street episode", Gertrude (1987, p. 55) descreveu um incidente de roubo por dois meninos contra uma mulher branca. Gertrude colocou sua atenção na questão da educação e da masculinidade. Ela insistia em dizer sobre a necessidade das mulheres negras ensinarem os seus filhos a ter uma verdadeira masculinidade que pudesses expressar respeito aos demais. Portanto, o problema era das mulheres negras. Apesar disso, relações de gênero estavam ausentes da grande literatura organizacional da ABB. Nem em seu programa ou em seus membros havia o engajamento proporcional à centralidade da questão. Contudo, uma figura de destaque aparece aí.

4.5.1 GRACE CAMPBELL: PIONEIRA NA TRADIÇÃO RADICAL NEGRA FEMININA

“Grace Campbell mostrou-se uma ardente comunista. Empregada pela Administração Municipal, é verdadeira em sua desaprovação e disse que a única maneira de remediar a situação era instalar o bolchevismo no lugar atual do governo”¹³⁹ (MCDUFFIE, 2011, p. 25, tradução nossa). É assim que o FBI caracteriza Campbell. Única mulher a fazer parte do Conselho Executivo Supremo da ABB. Era uma figura indispensável para a estrutura da organização, ela provia habitação temporária para seus membros, espalhava uma literatura que ajudava na organização e seu apartamento servia de escritório central para os serviços de Briggs e as publicações do *The Crusader*. A historiadora Lydia Lindsey (2019, p. 114) a coloca como, provavelmente, a membra mais proeminente da organização devido a sua experiência com o trabalho social, sendo a integrante mais velha entre os outros do Conselho Executivo Supremo.

O fato de a organização ser incapaz de funcionar sem Campbell decorreu em grande parte das funções de secretaria delegadas exclusivamente a ela (MAKALANI, 2004, p. 125), o

¹³⁹ Grace Campbell showed herself an ardent Communist . . . Though employed by the City Administration, is frank in her disapproval of it and said the only way to remedy the present situation was to install Bolshevism in place of the present Government.

que deve ter sido uma atividade pesada, visto que ela ao mesmo tempo cuidava de um estabelecimento para adolescentes negras. Ela também foi emblemática pois interpretava as complexidades da ascensão racial, fora do eixo de apenas uma ideologia.

Segundo McDuffie (2011, p. 26), ela se tornou a mais proeminente figura feminina do Harlem no período, sendo a primeira mulher negra a se juntar oficialmente ao partido comunista, em 1923. Ganhou a reputação de uma hábil organizadora comunitária e confiável assistente social comprometida pela dignidade e na sobrevivência de mulheres negras, crianças e de toda a comunidade.

Uniu-se a figuras como Williana Burroughs, Maude White e Hermina Dumont Huiswoud, combinando uma abordagem pragmática do trabalho comunitário junto a uma visão política internacional da liberdade das mulheres negras. Contudo, Campbell era uma figura complexa: no começo de sua militância apresentava argumentos de uma respeitabilidade relacionada a classe média/burguesa, abraçando visões conservadoras em relação à domesticidade e expressava alardes sobre supostas imoralidades sexuais de trabalhadoras negras (MCDUFFIE, 2011, p. 31). Visão semelhante à de Gertrude Hall. Dando uma entrevista em 1911 sobre seu trabalho na proteção de jovens negras da prostituição e do encarceramento em massa, revela esses sentimentos e chegou a argumentar que existia um contraste na proteção de mulheres brancas, quando comparadas às negras. Contudo, ela acusou as agências de emprego brancas de se aproveitarem de “garotas negras inocentes” com tentações, levando-as à prostituição (MCDUFFIE, 2011, p. 31). Dessa maneira, ao mesmo tempo que rejeitava argumentos racistas predominantemente da época que estigmatizavam a população negra como inerentemente propensos ao crime, ela também afirmava a ideia de uma “inocência”, uma “pureza”, uma “não sagacidade” com a sociedade que explicava a criminalidade.

A sua radicalização se deu provavelmente na segunda parte da década de 1910, contudo, não temos muitos relatos e documentos históricos que falam sobre essa radicalização. A hipótese levantada se ancora numa multiplicidade de fatores. Desde seus encontros diários com comunidades locais, através de seu trabalho como assistente social, e seus serviços de atendente no tribunal de Nova York e agente penitenciária, até as relações migratórias e a sensação de deslocamento de mulheres negras como recém chegadas em um ambiente novo. Para McDuffie (2011, p. 33), esses são alguns fatores que a levaram a conhecer a pobreza estrutural, o trauma da migração e a opressão racial e de gênero com as mulheres negras. Ademais, existia também um forte sexismo dentro do movimento do Novo Negro e esse parece ser um fator de sua radicalização também. Makalani (2004, p. 125) mostra que quando estava

trabalhando no Comitê de Condições Urbanas em 1913, ela foi removida do conselho devido sua recusa em mostrar deferência aos líderes masculinos.

Por fim, sua aproximação com Briggs, Moore, Huiswoud e Domingo nas vésperas da Primeira Guerra Mundial e, posteriormente, a formação da ABB, também são fatores que devem ser evidenciados durante seu processo de radicalização. A partir do momento que ela entra na organização e tem contato com seus integrantes e ideias, ela começa a entender as dinâmicas do socialismo como maneira de acabar com racismo. Ademais, começou a evidenciar a autodeterminação, internacionalismo e lutas anti-imperialistas como seus objetivos.

Mesmo compondo o Conselho Executivo Supremo da ABB, seu envolvimento expôs as suas estruturas masculinas de libertação negra. Por exemplo, ela era a única mulher negra na diretoria do grupo, embora as mulheres representassem parte considerável do filiados. Seus companheiros, muitas vezes a relegavam funções invisíveis no trabalho, atuando majoritariamente como secretária. Assim, enquanto a ABB formulava posições pioneiras sobre raça, classe e nacionalidade, o mesmo não poderia ser dito sobre sua compreensão de gênero. As posições marginais em que essas mulheres negras eram colocadas, mesmo que fossem centrais para seu funcionamento, dentro das organizações sinalizaram o início de um padrão pelo qual as feministas negras de esquerda frequentemente viam-se com estranha dentro de grupos afiliados ao Partido Comunista (MCKDUFFIE, 2011, p. 38).

Seu trabalho político moldou-se através de uma esfera doméstica e uma “moldura materna”, o que a teórica feminista negra Kuumba (2001, p. 56) descreve como um discurso e uma prática baseada em ideologias de gênero que enfatizam a necessidade de lutar por igualdade e justiça através das características associadas a uma matriarca. Para McKduffie (2011, p. 38), essa foi a maneira utilizada por Campbell, de burlar as limitações que encontrará em organizações radicais negras, como a ABB. A figura de uma matriarca podia exercer influência sobre jovens mulheres, desafiar agendas sexistas de líder masculinos negros e exercer influência em espaços políticos dominados por homens que entendiam a maternidade como a única maneira pelas quais as mulheres poderiam reivindicar a liderança política.

O trabalho de Campbell nos bastidores da ABB pode ter sido também uma escolha sua, como forma pragmática de se blindar de uma possível demissão de seu emprego. Agentes infiltrados do FBI participaram de reuniões em que Campbell estava e documentaram seus passos.

Por fim, outra alternativa que Campbell utilizou foi a da fala/discursos desde o alto de escadas, banquetas e cadeiras. A radical negra, antes de entrar na ABB, realizava esses debates nas esquinas do Harlem, falando sobre os temas mais variados, desde história, política e cultura.

Esse movimento era transgressivo na época, pois, majoritariamente, quem fazia esse movimento eram homens negros. Entretanto, não se sabe como o público reagia a elas.

As ruas ofereciam às mulheres negras radicais o espaço físico e discursivo para desenvolver, refinar e difundir sua sensibilidade feminista negra radical e para expandir suas redes de sociabilidade.

4.6 PONTOS CULTURAIS E O RENASCIMENTO DO HARLEM DENTRO DO *THE CRUSADER*

Além dessas relações, é possível visualizar no *The Crusader* escritos que buscavam apresentar figuras famosas negras, através de minibiografias. Alexandre Dumas, Aleksandr Pushkin¹⁴⁰, Frederick Douglass, são exemplos dessas personalidades. No texto de John Edward Bruce, mais conhecido como Bruce Grit, “Frederick Douglas: an appreciation”, comenta que Douglas é um exemplo de um dos maiores ‘homens que a raça já produziu’,

Frederick Douglas foi o mais perseverante em seu negócio; Ele era um agitador, e um dos bons. Ele estava diante aos reis. Reis do pensamento e da ação no domínio do intelecto. E ele trovejou a partir da ferrugem como os anjos com a fala da trombeta em direção aos direitos e a liberdade de sua raça. Frederick Douglas foi o maior homem que a raça produziu em cem anos¹⁴¹ (GRIT, 1987, p. 57, tradução nossa).

Ademais, o periódico apresentava diversos poemas produzidos por negros, lembrando o movimento cultural do renascimento do Harlem. O “novo negro” é também e, principalmente, o intelectual negro americano, que se notabiliza no Harlem e inventa para si a Harlem Renaissance. São políticos, poetas, escritores, pintores e escritores, além de músicos que, nos anos seguintes, transformarão Paris em santuário de tolerância racial, enquanto alimentam internamente a resistência à segregação (GUIMARÃES, 2003, p. 47). Dentre esses artistas, estavam membros da ABB como Andrea Razafkeriefo e Claude McKay:

¹⁴⁰ Importante visualizar que esses escritores eram negros e, tal como Machado de Assis, sofreram um processo de branqueamento de suas figuras. A ABB busca retomar a relação racial negra desses intelectuais, como exemplos grandiosos da raça negra.

¹⁴¹ Frederick Douglas was diligent in his business. He was an agitator, and a successful one. He did stand before kings. Kings of thought and action in the domain of intellect. And he thundered from the rustum like Angels trumpet-tongued for the rights and liberties of his Race. Frederick Douglas was the greatest man the Race in this country has produced in a hundred years.

FIGURA 22 - Poeta Andrea Razakferiefo



FONTE: Biblioteca Pública de Nova York (2022). Disponível em <
<https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47df-a15e-a3d9-e040-e00a18064a99>>.

FIGURA 23 - Claude McKay



FONTE: Biblioteca Pública de Nova York (2022). Disponível em <
<https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47df-1ec9-a3d9-e040-e00a18064a99>>.

A partir de tais concepções, a revista estava vendo a chamada modernidade como um fenômeno ligado a um Eurocentrismo racista. Essa relação fará parte da estrutura da African Blood Brotherhood, começando pelo seu nome e seu ritual de iniciação. Um texto chamado “African Blood: Explaining the Historic Ceremony of Blood Brotherhood and How Africa’s Sons Laid Foundation for All Modern Thought”, relata a experiência cerimonial africana do reconhecimento do outro como “irmão de sangue”.

Nosso propósito solidário é a libertação Africana sem pensar em desejo ou recompensa a não ser ver nossa terra Mãe livre e a raça Negra independente e respeitada ao redor do mundo; e a renovação de nosso costume antigo, um costume tão antigo quanto o Tempo é o nosso reconhecimento como “irmãos de sangue”. Antigamente, era hábito de nossos primeiros pais realizar o reconhecimento de todos os filhos da África através de uma cerimônia de troca de sangue¹⁴² (BURREL, 1987, 1274, tradução nossa).

Harry Haywood, importante figura comunista negra nos EUA, entrou para a ABB em sua juventude e falou um pouco de sua iniciação na organização em sua autobiografia.

Enquanto isso, segui o conselho de Otto e entrei para a African Blood Brotherhood. Ele me levou para ver Edward Doty, o então comandante do Posto de Chicago. Escortado por Otto e Doty, fui levado a uma reunião do comitê de associados e passei pelas cerimônias de iniciação. Esta, consistia em um ritual de confraternização Africano que exigia a mistura de sangue entre o ingressante e um dos membros regulares. A organização recebeu seu nome desse ritual. Doty realizou a cerimônia; ele espetou nossos dedos indicadores com uma agulha (eu esperava que estivesse esterilizada!) e quando as gotas de sangue apareceram, ele os esfregou. Agora um Irmão de Sangue¹⁴³ (HAYWOOD, 1978, p. 122, tradução nossa).

Além do nome da organização e a iniciação de seus membros com o ritual de sangue, os chamados Postos,¹⁴⁴ deveriam conter o nome de grande homens e mulheres da África: “os Postos devem ter o nome de grandes homens e mulheres das raças Africanas. Os membros dos postos devem votar no nome a ser adotado, enviando-o ao Conselho Supremo para seu registro”¹⁴⁵ (BRIGGS, 1987, p. 1155, tradução nossa). Era o caso do Posto de Nova York, que se chamava Posto Menelik, fazendo alusão ao rei Etíope: “Posto Menelik: o posto de Nova York da African Blood Brotherhood – encontros todas as terças a noite na 149 West 136th

¹⁴² Our's the unselfish purpose of liberating African without thought of desire or reward other than to see our Motherland free and the Negro race independant and respected throughout the world; and the renewal of our own age old custom, a custom as old as Time is our recognition as “blood Brothers”. Yesteryear it was the custom of four early fathers to make recognition of all of Africa's sons through a ceremony by exchange of blood.

¹⁴³ In the meantime, i took Otto's advice and joined the African Blood Brotherhood. He took me to see Edward Doty, then commander of the Brotherhood's Chicago Post. Vouched for by Otto and Doty, I was taken to a meeting of the membership committee and went throuh the induction ceremonies. This consisted of an African fraternization ritual requiring the mixing of blood between the applicant and one of the regular members. The organization took its name from this ritual. Doty performed the ceremony; he pricked our index fingers with a needle (I hoped it was sterilized!) and when drops of blood appeared, he rubbed them together. Now a Blood Brother.

¹⁴⁴ Os Postos eram núcleos organizativos da ABB espalhados pelos EUA, onde eram realizados trabalhos de propaganda, recrutamento, estudo, venda do *The Crusader* e autodefesa armada.

¹⁴⁵ Post shall be named for great men and women of the African races. The members of a post shall vote upon the name to be adopted sending the name finally decided upon to the Supreme Council for record.

Street. Venham e juntem-se a nós”¹⁴⁶ (BRIGGS, 1987, p. 1171, tradução nossa). Ademais, o *The Crusader* continha uma seção de análise de peças de teatros mensais que estavam ocorrendo no Harlem e dicas de livros que apresentassem uma História da população negra.

Segundo Makalani (2004, p. 67, tradução nossa), Briggs, no começo de suas publicações no *The Crusader*, apresentava uma visão racista de mundo, devido a segregação racial elevada nos EUA, criando um antagonismo entre negros e brancos, de modo que foi possível perceber nos primeiros lançamentos da revista uma hipótese de solução ligada à ideia da criação de um Estado Negro separado no Sul dos EUA. Assim, Briggs, acaba se tornando um dos pioneiros dos princípios do Cinturão Negro que viria a ser visto posteriormente com Harry Haywood nas décadas de 40 e 50.

Uma solução nossa tem sido oferecida à medida que o Negro começou a reconhecer que a salvação de sua raça e uma solução honrosa do Problema Racial Americano demanda ação e decisão ao invés de bobagens, sonhos e hesitações de nossos ‘líderes’. Essa nova solução é nada mais e nada menos que independência, existência separada. “Governo do povo (Negro), para o povo (Negro) e pelo povo (Negro)”.¹⁴⁷ (BRIGGS, 1987, p. 86, tradução nossa).

Segundo (KLEHR; TOMPSON, 2007, p. 356-357) membros da ABB não deram suporte a linha de Briggs, e o caribenho também não continuou com essa afirmação, não tendo tanto entusiasmo pela doutrina do Cinturão Negro.

4.7 EDUCAÇÃO E HISTORIOGRAFIA: MODOS DE REPENSAR

Como vimos, a educação era um tema importantíssimo para a população negra nos Estados Unidos. Desde Frederick Douglass, Booker T. Washington e W.E.B. Du Bois o tema aparecia das mais variadas formas. Sua importância se dava porque o processo educacional era visto como uma alternativa para ascender tanto intelectual quanto materialmente na sociedade.

Em ligação a esses processos, retomando a construção da PEF (People’s Educational Forum), os membros da ABB construíram grupos de estudos cujos encontros ocorriam no

¹⁴⁶ POST MENELEK: the New York Post of the African Blood Brotherhood – meets every Tuesday night at 149 West 136th Street. Come and join us.

¹⁴⁷ A new solution has been offered as the Negro began to recognise that the salvation of his race and an honorable solution of the American Race Problem call for action and decision in preference to the twaddling, dreaming and indecision of ‘leaders’. This new solution is nothing more or less than independent, separate existence. “Government of the (Negro) people, for the (Negro) people and by the (Negro) people”.

Harlem Lafayette Hall, com convidados importantes para a época, como W.E.B. Du Bois, o antropólogo Franz Boas, ativistas políticos nacionalistas, líderes sindicais e socialistas, como Elizabeth Gurley Flynn e Algernon Lee, caracterizando uma ferramenta organizacional que transformava os trabalhos intelectuais em uma organização prática.

Vendo-se como um território democrático de apresentação de ideias, os encontros aconteciam através de uma troca aberta entre o palestrante e o público, com a plateia também ostentando o apelido de intelectual. Para muitos, o Fórum era um “campo de batalha intelectual”, dado que era preciso “lutar por suas ideias”. Sua estrutura desafiava o elitismo da liderança negra da classe média e as estruturas organizativas autocráticas que procuravam ditar um programa aos liderados, o que muitas vezes agravava alguns de seus convidados. Quando Du Bois participou como palestrante no local e sugeriu que os afro-americanos tomassem um meio termo entre o capital e o trabalho organizado, ele foi criticado como equivocado. O que levou o sociólogo às seguintes palavras, “eu não vim aqui para fazer esse tipo de troca. Eu pensei que vocês queriam aprender algo, porém vocês já sabem de tudo.” ¹⁴⁸(MAKALANI, 2004, p. 45, tradução nossa).

Na primavera de 1920, o Fórum organizou uma série de conversas sobre socialismo, religião e as noções de um império negro, articuladas por Marcus Garvey. Convidados como Chandler Owen, o reverendo Egbert Ethelred Brown, e socialistas como Elizabeth Gurley Flynn e David Berenberg estavam entre os presentes, trazendo a discussão da utilidade do socialismo para a comunidade negra:

¹⁴⁸ I didn't come here to engage in this sort of exchange. I thought you wanted to learn something but you know everything.

FIGURA 24 - Hubert Harrison palestrando no Harlem Educational Fórum (HEF) em 1926. Na extrema esquerda podemos visualizar Richard B. Moore segurando um papel e sentado, à frente de Harrison, temos W. A. Domingo segurando um presente



FONTE: MAKALANI (2011, p. 147)

Em meados de 1921, com os acontecimentos de Tulsa e o reconhecimento nacional da ABB, a PEF foi reatualizada e remodelada, no que viria a se chamar de HEF (Harlem Educational Fórum). Embora o Fórum tivesse como propósito servir a múltiplos objetivos, era visto primordialmente como uma ferramenta organizacional, e assim como a PEF, convidaram palestrantes para garantir lugares públicos como espaços políticos. Propuseram a vinda de A. Phillip Randolph e o presidente da NAACP, na época, Walter Francis White. Lá, eles conseguiram angariar apoio para os refugiados de Tulsa. Através dessas atividades, a ABB conseguiu formar laços de solidariedade profundos no Harlem.

Nesse contexto, muitos membros da Irmandade frequentavam a Igreja Comunitária de John Haynes Holmes e, por meio de suas atividades na igreja, foram capazes de realizar reuniões semanais no santuário. A ABB estava começando a estabelecer-se como uma força no Harlem e enquadrando questões críticas que diziam respeito a comunidade negra. Igualmente importante, eles estavam aprofundando raízes nessa comunidade, proporcionando um maior nível de influência através de sua organização. Porém, continuaram a enfrentar problemas com

sua sociedade, o que fez com que Briggs contempla-se esforços para tornar a Irmandade mais atrativa.

Dessa maneira, duas iniciativas foram criadas, o plano de uma loja cooperativa e planos de saúde e falecimento; ambos em razão da constatação desses problemas na materialidade da classe trabalhadora negra local com relatos. Essas ideias surgiam a partir das preocupações da classe negra operária pobre que não tinha condições de consumir no norte urbano. O Plano da ABB estava associado a dar seguro e suporte com taxas baratas. As cooperativas deveriam beneficiar a organização, as pessoas que investiram neles e os consumidores, ao invés de um único indivíduo. Na esperança de estabelecer vinte e cinco lojas em cidades com populações negras consideráveis, a ABB oferecia ações de vinte e cinco dólares aos seus membros para financiar o empreendimento, e o plano seguro forneceria seis dólares semanais por quarenta semanas de auxílio doença e cem dólares em caso de morte. Tal plano foi concebido para aumentar o número de membros da organização, especialmente em Nova York, contudo não está claro se eles definitivamente se materializaram e, em caso afirmativo, quanto tempo duraram (MAKALANI, 2004, p. 129-130).

Por meio desses processos, o *The Crusader* e a ABB dialogavam com a complexidade da modernidade, suas ambivalências e os modos como estas se apresentavam no contexto estadunidense, sobretudo através do racismo e da violência e, ao mesmo tempo, dos discursos que colocavam a nação como a terra de oportunidades, da liberdade e da democracia. O professor Antônio Sérgio Guimarães argumenta que esses procedimentos ocasionaram a formação de uma *modernidade negra*; segundo ele, essa modernidade negra seria um “processo de inclusão cultural e simbólica dos negros à sociedade ocidental” (GUIMARÃES, 2003, p. 42).

Complexificando esse argumento, o sociólogo considera que esse raciocínio ainda estava imbuído da lógica da modernidade ocidental, enquanto o eurocentrismo colocava a construção do Ocidente através da linha do tempo Grécia, Renascimento, Modernidade etc., de modo que na modernidade negra temos o afrocentrismo, que nos mesmos moldes eurocêtricos, busca reconstruir as origens históricas do Ocidente através do Egito e Etiópia (GUIMARÃES, 2003, p. 42). Portanto, não quebrava a lógica, mas se utilizava desse discurso para reivindicar sua luta e criar sua própria modernidade.

Essa percepção conversa com a de Frederic Jameson, apesar deles não se referenciar e nem mesmo estarem dialogando com as mesmas temáticas, pois, para Jameson, o conceito de modernidade está atrelado a um apagamento do modo de produção capitalista desse fenômeno. Segundo ele, entra-se num paradoxo, critica-se a “modernidade ocidental”,

porém, não se separa dele, já que o que se está buscando não é a destruição a noção de modernidade, mas sim criar a sua própria. Para ele, a modernidade seria um projeto ideológico do capitalismo que teria como eixo central a alteridade, ou seja, a diferença com o outro. A consequência disso seria uma visão anti-materialista de mundo, criticando assim, estudos e políticas que visam “pluralizar” a modernidade, no sentido de reconhecer a existência de uma modernidade negra, uma modernidade latino-americana, modernidade asiática etc., em contraponto a essa chamada “modernidade ocidental”. Como se a solução fosse a crítica a um discurso, a uma prática de poder, e não às condições materiais sobre as quais o capitalismo se fundamentou utilizando-se dessas noções (JAMESON, 2004).

A *African Blood Brotherhood* trabalha entre os dois terrenos, na medida que ela busca uma modernidade negra: mostra isso nas capas da revista, as quais querem evidenciar a beleza negra e uma modernidade própria ligadas às novas demandas da urbanização e da “civilidade” de viver no ambiente “moderno”. Ao mesmo tempo, busca a construção de um mundo diferente da protagonizada pelo capitalismo, não deixando noções dessa chamada “modernidade”, como raça, liberdade, democracia, auto determinação etc., mas as evidenciando na lógica capitalista e as trazendo para seus próprios fins junto a destruição do capital.

Isso aparece, por exemplo, nos próprios objetivos da ABB: “nós queremos a libertação/liberdade (noção construída “modernidade”) do povo Negro no mundo todo”. Assim como no texto de Susan Buck-Morss (2011), em que ela demonstra como a Revolução Haitiana não quis criar uma modernidade própria, mas as suas lutas nos próprios termos da “modernidade” como a libertação da escravidão, a ABB também construiu esse processo.

O antropólogo haitiano Michell-Rolph Trouilott (2016) argumenta que a história e a prática historiográfica estão conectadas com noções de poder. Isto é, envolve produção de narrativas históricas por grupos que detém um maior acesso a esse meio de produção. Além disso, a história como um processo social, envolveria agentes de posições estruturais, atores com constante contato com o contexto e sujeitos conscientes de sua vocalidade. Através disso, a história iria se revelar por meio da produção de narrativas específicas e o processo e condições de criação dessas narrativas. Em outras palavras, o modo que se conta a história é o que a produz.

A ABB, entendeu que a historiografia e a história são uma construção. Tem vieses, agentes e interesses por trás. Processo parecido com que Du Bois colocou em seu capítulo final de *Black Reconstruction*, intitulado “a propaganda da história”, em que critica a prática historiográfica de certos setores que utilizavam da história, junto com ideais, sentimento de verdade e objetividade, para alcançar interesses políticos. Entretanto, Du Bois, nesse texto, faz

uma defesa da disciplina historiográfica com métodos éticos e científicos para sua produção. Esse é um debate que não está colocado na ABB. O que se percebe é essa reprovação no fazer historiográfico dominante da época e a busca por um outro que fizesse sentido para a população negra.

No próximo capítulo veremos como a ABB articula essas ideias através da relação do marxismo e na construção de um Pan-Africanismo Internacionalista como contraponto a essa modernidade capitalista, e os embates que teve de enfrentar para cimentar essa relação em um comunidade negra diversa.

5 A BUSCA POR UMA NOVA FORMA DE ORGANIZAÇÃO DA RAÇA, OS EMBATES E A UNIDADE

No editorial “A salvação do Negro”, o *The Crusader* e a ABB correlacionam a chave para a possibilidade de libertação negra e o fim do racismo com a destruição do sistema capitalista e sua substituição para uma cooperativa de bem comum socialista.

A maneira mais segura e rápida, em nossa opinião, para atingir a salvação do Negro é combinar duas proposições mais viáveis: a salvação para todos os negros através de um forte, estável, e independente Estado Negro (ao longo das linhas de nossa própria raça) na África ou em outro local; e a salvação para todos os Negros (assim como outros povos oprimidos) através do estabelecimento de uma Cooperativa de Bem Comum Universal Socialista. Para nós, o avanço da primeira proposição também seria o avanço para a segunda proposição. Nós os convidamos a discussão e oferecemos o livre uso de nossas colunas para tal propósito (BRIGGS, 1921, p. 1072).

Contudo, a relação da ABB com o socialismo teve suas nuances. Briggs (1962), na década de 60, comenta que o teste ácido para a aceitação de qualquer programa era o Negro. Se algum programa se propusesse a lutar por melhores condições de vida dos trabalhadores e pelas lutas anticoloniais, esse deveria tratar com seriedade e como eixo central a população negra. Não foi o caso do Partido Comunista dos Estados Unidos, que evidenciava o racismo dos próprios membros e a falta de criticidade e enfoque nas relações raciais. Os membros da ABB apresentaram discussões com o partido na época. Sendo assim, irão voltar seus olhares para o Comintern, devido a sua visão anticolonial. Porém, parece-me que a própria Terceira Internacional Comunista será alvo de críticas da ABB. Nenhum dos membros da organização estava certo que o anti-imperialismo do Comintern se traduziria em um programa para a libertação negra.

Essa desconfiança passou a se tornar evidente quando membros da própria Internacional desvalorizaram as lutas na Ásia e na África, relatando que não seria possível a insurreição de uma revolução socialista nesses locais antes dos países europeus, e, mesmo se ocorresse, a revolução não se sustentaria devido à falta de um apoio forte de um movimento revolucionário na Europa, foi o caso do iraniano Avetis Sultan-Zade.¹⁴⁹

¹⁴⁹ Avetis Sultan-Zade na sexta sessão do Segundo Congresso da Internacional Comunista, julho de 1920. In: **The Second Congress of the Communist International**. London: New Park Publications, 1977.

Durante esse período, os membros da ABB tiveram contato com os escritos do revolucionário indiano M.N. Roy através da revista mexicana *Gale's Magazine*, na qual se discutia o papel do nacionalismo indiano em uma revolução socialista mundial. Para Roy, o proletário britânico não conseguiria superar a opressão capitalista enquanto os trabalhadores da Índia fossem explorados a bel prazer. Insistindo que a libertação indiana era uma peça chave na luta contra o imperialismo britânico, o revolucionário recusava-se a entender os atos nas colônias como algo menor (MAKALANI, 2011, p. 161).

Foi a partir das “Teses sobre a questão nacional e colonial” de Lenin no Segundo Congresso do Comintern em 1920, as quais delineava instruções aos comunistas ao redor do mundo para apoiar a libertação nacional na Ásia e África, que os radicais da ABB foram atraídos para o movimento comunista internacional. Lenin pediu ajuda de Roy para elaborar as teses que colocava a questão anticolonial como pré-requisito para o socialismo global (LÉNINE, 1977).

Boa parte dos membros no Congresso criticaram as afirmações de Roy, caracterizando-as como heréticas, porém, o revolucionário indiano obteve apoio dos partidos asiáticos da China com Lao Hsiu-Chao e o da Coréia com Pak Chin-sun. Começava a se delimitar um debate sobre um intercolonialismo no Comintern que movia as noções da luta proletária para fora da Europa. Apesar dos radicais asiáticos participarem pouco das resoluções do Comintern em 1920, sua influência começava a aflorar nos meses subsequentes. Gregori Zinoviev anunciava a preparação para o Congresso de Baku dos Povos do Oriente e dizia que o Comintern não seria mais a Internacional dos trabalhadores da raça branca, mas sim a dos trabalhadores negros e amarelos, a Internacional dos trabalhadores do mundo todo (ZINOVIEV, 1993). Foram elaboradas diretrizes para os partidos comunistas da França, Itália e Inglaterra, estabelecerem um maior contato com os povos coloniais de seus respectivos impérios nacionais. Apesar disso, africanos diaspóricos e radicais asiáticos questionavam se isso estava sendo seguido por esses partidos, foi o caso de Ho Chi Mihn com o Partido Comunista Francês.

O mesmo aconteceu com a ABB, que elogiou as diretrizes da Internacional. Contudo, perceberam as negligências do Partido Comunista dos Estados Unidos com a causa negra, chegando a dizer, em 1921, que o trabalhador negro era uma ameaça para a luta de classes e que precisaria ser conduzido em direção ao comunismo (MAKALANI, 2011, p. 166). Tal aporte dos trabalhadores brancos do partido foram veementemente criticados pelos membros negros dentro da associação, militantes esses que também faziam parte da ABB.

Claude McKay, poeta jamaicano membro do Partido Comunista dos Estados Unidos e da ABB, ecoou as críticas de W.A. Domingo, advertindo que a adesão dos negros ao Comintern dependia do partido dos Estados Unidos. Este deveria assumir uma abordagem radical em relação aos negros, já que as diretrizes da Internacional na América do Norte somaram-se à mera retórica.

Foi então que no Quarto Congresso da Internacional em 1922, McKay e Otto Huiswoud apresentaram suas queixas ao Comintern. Lá encontraram desavenças com membros de outras delegações, como David Ivon Jones, que caracterizava a luta da população negra como algo particular dos Estados Unidos e que não tinha o mesmo impacto das lutas anticoloniais da China e da Índia na derrota do capitalismo. Apesar das críticas, os membros da ABB entraram em contato com outros radicais da luta anticolonial como Sen Katayama e M.N. Roy e propuseram em suas falas no Comintern a dimensão internacionalista da luta negra para a superação do capitalismo. Para eles, se o Comintern trabalhasse para organizar os negros em bases internacionais, a diáspora africana contribuiria para aumentar a solidariedade entre os povos de cor do mundo – Negro, Árabe, Turcos, Chineses, Indianos etc. Mais ainda, organizações baseadas na raça como NAACP, ABB e a UNIA possuem uma rede internacional e um potencial revolucionário que o Comintern poderia utilizar para promover um movimento diaspórico radical de classes que liga as lutas na Ásia e na Europa.

Huiswoud e McKay, apoiando-se no argumento dos radicais asiáticos para internacionalizar a dimensão racial, recolocaram o problema do Negro como um problema global que precisava de uma luta internacional. Dessa maneira, eles começaram um processo de internacionalização da Terceira Internacional. A ideia da construção de uma Federação Negra que unisse todas as organizações do movimento negro de maneira internacional e lutasse junto com os povos das lutas anticoloniais apresentava-se como uma alternativa para aquilo que eles julgavam como incorreto e insuficiente na hora de tratar a luta dos povos oprimidos. Portanto, os membros da ABB buscavam um novo modo de organizar a raça.

FIGURA 25 - Claude McKay palestrando no Quarto Congresso da Internacional Comunista em 1922 como delegado da ABB, a extrema direita podemos visualizar a feminista e socialista Clara Zetkin



FONTE: HISTORY WORKSHOP (2022). Disponível em: < <https://www.historyworkshop.org.uk/article/the-red-and-the-black-the-russian-revolution-and-the-black-atlantic-13-15-october-preston/> >.

O objetivo deste capítulo é analisar essa relação que a ABB fazia acerca da combinação da primazia racial com o marxismo como um antagonista à modernidade capitalista e como eles chegaram à conclusão de que seria necessário uma solidariedade de povos para que seus objetivos fossem realizados.

5.1 PAN-AFRICANISMO INTERNACIONALISTA

Não só a ABB construiu instituições, embora efêmeras, para sustentar seu movimento social como também delinearam uma perspectiva política Pan-Africanista internacionalista. Enquanto os socialistas negros estavam na busca por expandir o socialismo com o objetivo de abarcar questões como opressão racial e nacional, a articulação de Briggs numa perspectiva Pan-Africanista Internacionalista seguiu de seus esforços para influenciar uma política de classe com consciência de raça nos nacionalistas organizados.

Lembremos a definição de Pan-Africanismo por Muryatan Barbosa: um movimento político e cultural que considera a África, os africanos e os descendentes dos africanos de além-fronteiras como um único conjunto, e cujo objetivo consiste em unificar a África. Esse movimento vai tomar forma política em que intelectuais, organizações através de uma visão transnacional e anti-imperialista, buscam a libertação negra com o fim do racismo, da escravidão e do colonialismo. O Pan-Africanismo internacionalista que a ABB virá a produzir e debater busca ir além de uma visão fechada no mundo atlântico (Américas, África e Europa). Para eles, a luta anti-imperialista, anticolonial e pela libertação da raça, é uma batalha internacional. Ou seja, que não se limita a relação entre povos da diáspora africana.

Briggs, assim como os outros membros da ABB, pode ser exemplificado por aquilo que o historiador Paul Tiyambe Zeleza (1997, p. 22) descreveu como intelectual público Pan-Africano, alguém que é conscientemente e criticamente imerso nos movimentos comunitários e políticas populares, que embarca na vocação de compromisso criativo para a insurgência coletiva contra a opressão e a exploração, na busca de princípios mais humanos, mais igualitários e generosos para a sociedade.

Na ABB, Briggs estava respondendo às mudanças materiais das condições da comunidade negra junto a um impulso anti-imperialista que estava rondando o mundo. Desapontado com as falhas das organizações contemporâneas, a ABB desenvolveu um programa para lidar com as mutações da opressão racial e de classe, a urbanização negra e a proletarianização industrial. Eles também fizeram alianças políticas entre pessoas de cor e trabalhadores brancos com consciência de classe (antirracistas e anti-imperialistas) para lutar contra a opressão racial e o imperialismo.

Nesse sentido, a ABB não expressava uma crença de que a África teria que se livrar de seus caminhos pagãos e bárbaros para se levantar contra o imperialismo, nem que os Afro-Americanos trariam a redenção da África. Ao invés disso, seria uma luta política realizada por novos africanos que libertariam a África e criariam um forte estado africano. Importante é que essa virada Pan-africanista coincidiu com uma maior ênfase na organização de trabalhadores negros. Briggs insistia que numa solidariedade interracial da classe trabalhadora, os trabalhadores brancos deveriam se tornar tanto antirracistas quanto anti-imperialistas. Briggs acreditava que o racismo do trabalhador branco era um problema sério para as pessoas negras, um problema que afetava qualquer esperança de um futuro livre do racismo. Briggs também usou os conflitos raciais do período para enfatizar que a opressão racial estava ligada à escravidão salarial, à exploração das mulheres e das crianças, e ao imperialismo.

No contexto do Red Summer, ele argumentava que era necessário a separação e o estabelecimento de um estado independente Africano, e que esse estado seria central para a libertação da diáspora. Mais além, refletindo sobre o evento da revolução russa, o nacionalismo que Briggs estava desenvolvendo com a ideia da criação de um estado independente, não suplantava uma visão de classe. Pelo contrário, essa relação ligou-se a, e fortaleceu, sua determinação de que o socialismo era uma alternativa política viável contra o capitalismo e o imperialismo. Isso pode ser notado no *The Crusader* quando no mesmo editorial e página da edição de outubro de 1919, os artigos “Bolshevist!!” e “Negro First” aparecem praticamente juntos.

Bolchevique é um epíteto que os reacionários dos dias de hoje utilizam para disparar ataques contra aqueles que insistem em pensar por si mesmos e na organização da luta por seus direitos. Se o termo com frequência se refere àqueles que estão lutando pela agitação dos interesses do povo e por justiça aos oprimidos, se ele destina-se a cobrir aqueles ‘agitadores malvados’, que não estão contentes que seu povo seja escravizado, que são contra a exploração infantil e contra sua tripulação capitalista-imperialista, então seguramente somos bolcheviques¹⁵⁰ (BRIGGS, 1987, p. 477, tradução nossa).

No tópico abaixo da revista:

Para nós, não deveria importar onde um irmão nasceu. O local de nascimento é acidental. O que deve importar é que ele é você, um negro. O lugar de nascimento é acidental, mas a raça em que se nasce não é uma matéria acidental. E ao nascer negro, você terá os seus direitos e a mais simples justiça negados por qualquer governo branco existente. E aí está a razão pela qual todos os negros com inteligência e espírito combativos são, bem como nas mentes dos brancos, NEGROS PRIMEIRO, ÚLTIMO E PARA SEMPRE¹⁵¹ (BRIGGS, 1987, p. 477, tradução nossa).

¹⁵⁰ Bolshevist is an epithet that present-day reactionaries delight to fling around loosely against those who insist on thinking for themselves and on agitating for their rights. If as appears by its frequent use against those who are agitating in the people's interests and for the justice for the oppressed, the term is intended to cover those “bad agitators” who are not content that the peoples shall forever be enslaved in the clutches of the cut-throat, child exploiting, capitalist-imperialist crew, then assuredly we are Bolsheviks.

¹⁵¹ To us it should not matter where a brother is born. The place of Birth is accidental. What should matter and what only should matter is that he is, like you, a Negro. The place of Birth is accidental, but the race into which one is born is not an accidental matter. And born a Negro you will be denied equal rights and the merest justice under any of the existing white governments. And therein lies the reason why all Negroes are, in their own minds as well as in the minds of the whites, NEGRO FIRST, LAST AND ALL THE TIME.

Briggs apresentava, nesse momento, que a principal preocupação era usar a raça para alterar aquelas relações de poder. Seu desdobramento da retórica nacionalista era utilizado para chamar à atenção de seus leitores para a exploração de classe e para a produção capitalista ao invés de focar as diferenças raciais, como falava no começo de seu trabalho. A atenção à classe, à exploração capitalista e ao imperialismo, levou Briggs a articular o que Horace Campbell chama de pan-africanismo humanista, uma ideologia política que foi além da diáspora para realizar ligações entre a libertação pan-africana e os movimentos de libertação não africanos. Ao relatar os crescentes movimentos anti-imperialistas na Ásia, a edição de janeiro de 1920 do *The Crusader* relatava que “qualquer ação dos asiáticos em confrontar os ladrões europeus terá reflexo com ações similares na África e em outras partes do mundo. A causa da liberdade, seja na Ásia, na Irlanda ou na África é a nossa causa”¹⁵² (BRIGGS, 1987, p. 578, tradução nossa). No começo dos anos de 1920, o *The Crusader* rotineiramente apresentava artigos e editoriais elogiando o bolchevismo. Com Briggs falando que na Rússia Soviética não existia mais perseguição devido à extinção das influências reacionárias capitalista no trabalho que colocava o trabalhador contra trabalhador e raça contra raça. Apesar de ecoar um romantismo em como as questões raciais eram exploradas no estado soviético, os comentários de Briggs refletiam a percepção geral acerca da revolução bolchevique que prevalecia entre boa parte dos intelectuais do movimento do Novo Negro.

Da mesma maneira, Briggs foi inspirado pela atitude dos bolcheviques em relação aos africanos, irlandeses e indianos, que em sua visão eram, do ponto de vista internacional, totalmente opostos ao imperialismo. Sua ênfase no programa internacional dos bolcheviques foi, portanto, entendida como uma crítica das atividades imperialistas da Europa e dos Estados Unidos. Mais do que simplesmente se opor ao imperialismo, os bolcheviques desafiaram os “princípios” da “democracia”, como esses eram aplicados pela Inglaterra na Índia, África, Irlanda, ou pela França na África e na Indochina. Era uma forte força mundial contra o imperialismo e a opressão racial.

O pan-africanismo internacionalista da ABB concebia a diáspora africana como um grupo político ao invés de um grupo racial biologicamente determinado. A classe desempenhava um papel crítica na luta contra a racialização e opressão, estruturando a diáspora e o imperialismo na África, Ásia, América do Sul e Caribe. Dessa forma, a classe trabalhadora, tanto nos Estados Unidos quanto na diáspora, era central para as lutas de libertação pan-

¹⁵² Any action of the Asiatics in “booting” the European thieves will be reflected by similar action in Africa and other parts of the world. The cause of Freedom, whether in Asia or Ireland or in Africa, is our cause.

africanas e não-africanas. Esse pan-africanismo internacionalista era também aparente no programa da ABB.

De fato, o programa da ABB abordava essa questão avidamente. O interessante, no entanto, era como eles articulavam essas ideias na época. Tratando da relação entre a opressão racial junto com a exploração econômica, e defendendo a necessidade da união de forças contra a mesma que oprimia os diversos movimentos de libertação negra, a ABB fazia um aceno à Rússia Soviética. Esse gesto era revelador pois transmitia as tendências de seus contemporâneos em relação ao recém formado estado liderado por Lenin. A ABB desafiava seus contemporâneos a se alinharem com a potência que “fazia oposição aos ladrões imperialistas que dividiam nossa terra-mãe e subjuga nossos parentes e de quem a cobiça assassina e desumana sofremos em muitos territórios”¹⁵³ (BRIGGS, 1987, p. 1249, tradução nossa). Em seu programa, aparecem outros dois pontos com focos nas lutas na África e nos Estados Unidos. Importante perceber que não são mencionados nesse momento a América do Sul e o Caribe.

A ABB revelava um desejo de fornecer liderança radical aos movimentos de libertação pan-africanos mas também o reconhecimento das lideranças locais nos movimentos de libertação nacional. Quando o programa discute a África, aponta o papel do capitalismo na divisão do continente entre as potências imperialistas europeias. A libertação da África, então, teria que se conectar à “ameaça da revolução proletária” que estava varrendo a Europa com movimentos de libertação nacional em outras partes desses impérios. Para a África, a ABB propôs trazer “todas as organizações negras em cada um dos países africanos para uma Federação Negra Mundial”.

Nós propomos que todos os esforços devem se voltar à organização os negros dos distritos da costa, e trazer todas as organizações negras em cada um dos países africanos para uma Federação Mundial Negra. As várias seções da Federação devem ter seus próprios Comitês Executivos, etc., e para entrar em contato com as tribos do interior, com uma visão de ação comum (comunidade)¹⁵⁴ (BRIGGS, 1987, p. 1250, tradução nossa).

¹⁵³ Soviet Russia is opposing the imperialista robbers who have partitioned our motherland and subjugated our kindred and by all the capitalist plunder-bunds of the Earth from whose covetousness and murderous inhumanity we at presente suffer in many lands.

¹⁵⁴ We propose that every effort shall be bent to organize the Negroes of the coast districts, and bring all Negro organizations in each of the African countries into a worldwide Negro Federation. The various sections of the Federation to have their own Executive Committees, etc., and to get in touch with the tribes in the interior, with a view of common action

Cada segmento dessa federação funcionaria com um órgão central, mas ainda assim manteria autonomia em assuntos locais. Além disso, funcionaria como uma rede de autoproteção bélica.

Com o objetivo de construir um forte e efetivo movimento na linha de Libertação do povo Negro e proteger seus direitos a "vida, liberdade, e a construção da felicidade," etc., todas as organizações negras devem se unir nas bases da Federação até criarmos um movimento centralizado unido. Tal movimento pode ser realizado na abertura do Norte, mas deve ser construído secretamente no Sul para proteger os membros que lá vivem e para salvaguardar a organização de ataques prematuros. Com esta Federação, uma organização secreta protetiva deve ser desenvolvida — o Poder real — aos membros quais devem ser admitidos apenas os melhores e mais corajosos da raça. A organização protetiva teria que funcionar sob estrita disciplina militar, pronta para agir a qualquer momento, sempre que a defesa e a proteção forem necessárias¹⁵⁵ (BRIGGS, 1987, p. 1251, tradução nossa)

A organização de trabalhadores africanos era vista como igualmente importante para tal federação, pois seria central na criação de um grande exército pan-africano que seria utilizado para proteger o povo dos abusos capitalistas e coloniais.

A ABB também foi contundente em direcionar a atenção para os trabalhadores negros nos EUA.

Todas as organizações negras que valem a pena e todos os Novos Negros devem portanto se interessar pela organização de trabalhadores negros dentro sindicatos para uma melhora de suas condições econômicas e para agir em cooperação com os trabalhadores brancos com consciência de classe para o benefício dos dois¹⁵⁶ (BRIGGS, 1987, p. 1251, tradução nossa).

¹⁵⁵ In order to build a strong and effective Movement on the platform of Liberation for the Negro People and protection of their rights to "life, liberty, and the pursuit of happiness," etc., all Negro organizations should get together on a Federation basis, thus creating a united centralized movement. Such a movement could be carried on openly in the North, but would have to be built up secretly in the South in order to protect those members living in the South and to safeguard the organization from premature attack. Within this Federation a secret protective organization should be developed — the real Power — to the membership of which should be admitted only the best and most courageous of the race. The Protective organization would have to function under strict military discipline, ready to act at a moment's notice whenever defense and protection are necessary.

¹⁵⁶ All worthwhile Negro organizations and all New Negroes must therefore interest themselves in the organizing of Negro workers into Labor Unions for the betterment of their economic condition and to act in close cooperation with the class-conscious white workers for the benefit of both

A ênfase nos trabalhadores negros também se estendeu à organização de trabalhadores negros do campo com o estabelecimento de cooperativas de consumo. O foco na classe trabalhadora também insistiu em formar alianças internacionais com pequenas nações oprimidas que lutam contra os exploradores e opressões capitalistas e com trabalhadores brancos com consciência de classe que se manifestam a favor da libertação africana e mostram seu desejo de apoiar com ação suas lutas. O objetivo final seria uma aliança na libertação pan-africana com a Terceira Internacional e seus milhões de seguidores ao redor do mundo.

O programa da ABB refletia tanto as reflexões de Briggs com uma análise classista do pan-africanismo como também os esforços dos membros socialistas da irmandade na formação da teoria socialista com atenção voltada para a primazia racial e à opressão nacional. Seu compromisso mútuo com o socialismo como uma alternativa ao capitalismo levou-os a argumentar que a libertação pan-africana e a libertação na Ásia, América do Sul, Ilhas do Pacífico e Irlanda faziam parte da mesma luta. O pan-africanismo internacionalista tornou-se o caráter distintivo do radicalismo negro e os ajudou a protegê-los contra o que eles viam como concepções problemáticas do pan-africanismo e de programas políticos diversos ou reacionários que brotavam de tais concepções. Mais especificamente, a linha de pan-africanismo da ABB estava em desacordo com a de Marcus Garvey e da UNIA que vislumbrava um império africano construído sobre as relações capitalistas de produção.

5.2 QUAL PAN-AFRICANISMO USAR? OS EMBATES ENTRE A ABB E A UNIA DE MARCUS GARVEY

Ao contrário do que estudos mais antigos sobre a ABB sugeriram, o conflito entre a Irmandade e Garvey e a UNIA surgiu de profundas diferenças políticas e não de rivalidades ou animosidades desprezíveis. Além disso, após um período de apoio mútuo, essas diferenças se desenvolveram para uma situação politicamente controversa.

FIGURA 26 - Marcus Garvey



FONTE: Revista Raça (2022). Disponível em: < <https://revistaraca.com.br/a-figura-revolucionaria-de-marcus-garvey/> >.

Marcus Mosiah Garvey nasceu em Santa Ana, em 1887, na Jamaica, sendo o filho mais novo dentre os seus onze irmãos. Participando de cultos religiosos, desenvolveu técnicas de oratória que ajudaram em sua popularidade e ascensão política posteriormente. Começou sua militância ainda na adolescência e em 1907 liderou uma greve de trabalhadores em Kingston. Começou a viajar pelas várias ilhas do caribe onde obteve contato com a realidade dos trabalhadores negros e posteriormente, passou um tempo em Londres, onde começou a se interessar pela África, sua história, cultura, e o momento que estava vivendo sob o a administração colonial. Retornou a Jamaica em 1914, quando fundou a *Universal Negro Improvement and Conservation Association* (UNIA) com os slogans de “One God, one aim, one destiny” (Um Deus, um objetivo, um destino) e “Africa for Africans at home abroad”

(África para os africanos de casa ou no exterior). Sua organização tinha como objetivo lutar a favor dos direitos civis dos negros. Procurando aumentar as bases de sua organização, muda-se para Nova York e se estabelece no Harlem em 1916. Lá, começou a capitalizar o crescente descontentamento da população negra com sua situação atual e reuniu-se com líderes e ativistas importantes da época. Hubert Harrison aproximou-se de Garvey e o convidou a participar da Liberty League, organização de Harrison. Aproveitando-se da situação o jamaicano começou na construção da UNIA nos Estados Unidos, tarefa que teve adesão de muitos radicais negros. Isso fez com que inclusive C.L.R. James (1985, p. 85, tradução nossa) caracterizasse o movimento de Garvey como o “mais poderoso movimento de massas dos Estados Unidos”¹⁵⁷. A historiografia, de fato, corrobora com essa afirmação, demonstrando que a organização teve um aumento exponencial a partir dos anos 1920, alcançando impressionantes 1 milhão de membros afiliados em cerca de mil núcleos espalhados por 40 países (DOMINGUES, 2017, p. 131-132).

Importante dizer que a UNIA era muito mais complexa que os seus slogans como de “retorno a África”. Embora a peça central a que comumente está associada seja a figura de Garvey, os núcleos locais da UNIA frequentemente apresentavam uma visão diferente da liderança nacional, a qual era composta grande parte por intelectuais e profissionais liberais não estavam comumente engajada na classe trabalhadora, diferentemente de líderes e membros de associações locais da UNIA que não endossavam as decisões do corpo nacional da organização. Portanto, é importante distinguir os núcleos que compunham a UNIA dessa classe trabalhadora que tinha uma prática mais local de sua liderança com caráter nacionalista em Nova York.

Esse crescimento estava intimamente ligado também ao jornal *The Negro World* lançado em janeiro de 1918, que servia como o principal meio propagandístico, difusor de ideias e projetos, valores e ideais de igualdade e orgulho racial, na África e no mundo afro-atlântico. O periódico teve uma circulação grande, sendo lido por diversos extratos da população negra nos mais variados lugares. Além disso, algumas seções eram traduzidas para o espanhol ou francês. O *The Negro World* teve papel vital na edificação do que Paul Gilroy chama de Atlântico Negro, influenciando as ideias políticas e socioculturais entre América, África e Europa.

Outro fator que contribuiu para a ascensão de Garvey está na sua oratória, que tinha uma ligação muito forte de uma conotação profética. Isso fez com que diversos adeptos de seu

¹⁵⁷ By 1920 it was proportionately the most powerful mass movement in America.

movimento vissem nele um messias que, dotado de virtudes excepcionais, cumpria um papel místico de leva-los a salvação. O próprio Garvey via-se como o Moisés Negro.

O jamaicano também acreditava que os negros deveriam ser independentes financeiramente dos brancos, portanto, buscou desenvolver um espírito empreendedor e de investimento nos próprios negócios. Em decorrência disso, criou a *Negro Factories Corporation* e a *Black Star Line Incorporation* (BSL). A primeira diz respeito a um aglomerado de comércios que atuaria nas grandes cidades com empreendimentos ligados a mercearias, hotéis, restaurante, alfaiataria, lojas de roupas, chapéus e uma editora. Já a segunda, almejava na criação de uma empresa de barcos a vapor para transportar passageiros e mercadores pelo Atlântico.

Além dessas realizações, Garvey também financiou encontros e eventos para atrair novos adeptos e simpatizantes. Em 1920, realizou a *International Convention of Negroes of the World*. Realizou desfiles nessa convenção ostentando seu poderio.

Quando a UNIA lançou o *The Negro World* como seu órgão de notícias, o fez com W.A. Domingo, um dos fundadores posteriormente da ABB. Domingo e Garvey, ambos jamaicanos, eram próximos antes da imigração aos Estados Unidos, mantendo contato na Nation Club, organização nacionalista fundada na Jamaica em 1909 por Sandy Cox. Domingo imigrou para Nova York em 1910 e não manteve contato com Garvey até a chegada deste, em 1916. Nesse meio tempo, Domingo aproximou-se das ideias socialistas como solução para a opressão racial, enquanto Garvey adotou uma política nacionalista de libertação enraizada no desenvolvimento capitalista. Ainda assim, devido a seu relacionamento anterior na Jamaica, Domingo apresentou a Garvey a diversos Novos Negros e forneceu a base para seu trabalho em conjunto na *The Negro World*.

Os membros da ABB também continham publicações em outros periódicos de organizações contemporâneas, e Domingo escrevia também no *The Messenger* de A. Phillip Randolph e Chandler Owen. Nessa revista, publicou artigos que lamentava a não adesão da população negra à filosofia socialista em um maior número, além de, como um movimento característico dos radicais negros da época, criticava os comunistas brancos que, segundo ele, usavam esforços inadequados para organizarem-se entre os negros, e também tecia críticas a líderes negros que apoiavam instituições de opressão racial (capitalismo). Pouco tempo depois, escreveu um artigo intitulado “Capitalismo, a base do Colonialismo” no qual argumentava que o colonialismo servia aos interesses materiais de mercado dos países capitalistas. Após essa série de escritos, Domingo foi desligado do *The Negro World* e, posteriormente, da UNIA.

A ascensão de Garvey e do movimento da UNIA deu-se devido, segundo C.L.R James (1996, p. 114), à capacidade de Garvey em se aproximar das demandas da população negra pobre, oprimida e humilhada, demandas estas que aumentaram muito, com destaque no período do pós-guerra, quando as consequências de movimentos revolucionários estavam fervilhando e trabalhadores começavam a se organizar em todo lugar. A UNIA beneficiou-se da agitação de sua conjuntura e construiu o maior movimento de massas negras nos Estados Unidos do período. Segundo Makalani (2004, p. 82), a organização de Garvey tinha uma estrutura organizacional relativamente descentralizada. Ela colocou-se como liderança para as classes trabalhadoras em níveis locais, e estas usaram da organização para ter engajamento em lutas nas comunidades particulares. O garveyismo abarca uma indispensável importância para a história do movimento negro.

Ao repensar o pan-africanismo como um conjunto diverso de abordagens políticas para a diáspora, a ABB pode ser vista como uma advertência contra concepções da diáspora que facilitaram projetos reacionários e exploradores. A atenção da ABB às lutas locais levaram-nos a criticar Garvey. A historiografia sobre o assunto aponta as questões de manipulação e do controle comunista sobre a ABB, ou o fato de a associação querer minar a força de Garvey com as ideias comunistas, ou, ainda, que a ABB estava como ciúmes da estatura nacional e do sucesso organizacional da UNIA. O historiador Tony Martin (1976, p. 239, tradução nossa) até coloca as tentativas da ABB de formar uma aliança com Garvey, porém, caracterizando-a como “uma das primeiras tentativas [dos comunistas] de infiltrarem-se na UNIA”.¹⁵⁸ Na época, Garvey realmente tinha críticas a ABB colocando-os como capachos dos comunistas brancos. No entanto, essa visão acabou por distorcer a relação da ABB com a UNIA e, inclusive, a avaliação de seu programa em face do Partido Comunista dos Estados Unidos, em relação ao qual eles eram extremamente críticos.

Para Makalani (2004, p. 85), concordando com Solomon, Briggs estava engajado em uma luta crítica na direção do Movimento de libertação negra, e também em como responder as novas condições que os negros no Norte estavam enfrentando. As críticas a Garvey estavam alinhadas a desentendimentos ideológicos como essenciais, eles refletiam classes diferentes. Além disso, temos que entender que a ABB refletia em um Pan-Africanismo internacionalista para compreender suas críticas. No contexto sócio-político do Harlem, mesmo com a gama de opiniões e interpretações de mundo, muitos intelectuais-ativistas andaram lado a lado com as

¹⁵⁸ The first importante task for the ABB in building this desired united front was to infiltrate the UNIA.

atividades de seus contemporâneos, até mesmo compondo diversas organizações e publicações de seus pares.

Apesar do rompimento de Domingo com Garvey, vários radicais negros saudaram a popularidade e a liderança de Garvey, inclusive Cyril Briggs. “Nós preferimos sujeitar nossa fé nos Randolphs, nos Frazie Miller, Monroe Trotters, Harrisons e nos Garveys de nossa raça”¹⁵⁹ (BRIGGS, 1987, p. 160, tradução nossa). Além de citar Garvey entre as principais lideranças da raça, Briggs elogiou a *The Negro World* e apoiou a ideia de uma empresa de navegação que operasse na ligação entre os negros nos EUA, Caribe e África através do comércio. A ideia de Garvey com a Black Star Line atraiu a atenção de Briggs, que poderia ser algo útil para alcançar a autonomia econômica essencial para a libertação. Entretanto, havia diferenças em como Garvey e Briggs imaginavam o empreendimento beneficiando os negros. Para o líder da ABB, o empreendimento poderia ajudar a população negra não apenas com a independência financeira, mas também com o poderio bélico.

Com a sua aproximação do socialismo, Briggs passou a criticar a afirmação de que apoiar empresas negras constituía num auxílio e na lealdade à raça. Apesar dessa aproximação com as ideias socialistas, suas primeiras críticas a Garvey surgiram não no programa da UNIA ou na própria Black Star Line, mas sim em como o líder jamaicano lidava com seu negócio. Em um artigo no *The Crusader* de agosto de 1919, intitulado “Marcus Garvey”, Briggs defendeu a integridade de Garvey como um líder para a população negra e a Black Star Line como um negócio frutífero. Ainda assim, ele alertou Garvey para que fosse mais criterioso com seus empreendimentos, já que a BSL teria ramificações de amplo alcance para os negros e organizadores políticos. Ao encerrar seu texto, Briggs revelou admiração por Garvey e suas preocupações com a liderança:

Por causa do esplêndido trabalho no passado e da promessa de um grande futuro, ficaríamos extremamente tristes se algo ocorresse que pudesse destruir ou de alguma forma afetar a ampla influência do Sr. Garvey. Nosso conselho a ele, portanto, é a de que confie mais na raça e em seus associados, como convém uma era democrática. Sua mente foi muito imperialista e arbitrária no passado¹⁶⁰ (BRIGGS, 1987, p. 407, tradução nossa).

¹⁵⁹ We prefer to pin our Faith in the Randolphs, the Frazier Millers, the Monroe Trotter, the Harrisons and the Garveys of the race.

¹⁶⁰ Because of splendid work in the past, and the greater promise of the future, we would be extremely sorry to have aught happen that would destroy or in any way affect for the worse the wide influence of Mr. Garvey. Our advice to him, therefore, is to take the race and his associates more into his confidence as befits a democratic era. His mind been too imperialistic and arbitrary in the past.

Tal passagem mostra a complexidade da relação entre Briggs e Garvey. O líder da ABB, ao contrário do que a historiografia relatava anteriormente, mostrou-se favorável tanto à figura do jamaicano quanto à de seu empreendimento com a BSL. É difícil imaginar que Briggs, desde o começo procurou minar Garvey e colocar a ABB na vanguarda da UNIA com uma infiltração por dentro da organização.

As críticas dos radicais negros variaram de pessoa a pessoa, de posicionamento a posicionamento. Por exemplo, Domingo, escrevendo no periódico *The Emancipator*, desafiava a viabilidade da BSL na luta pela libertação negra. Para ele, isso só seria alcançado através da luta de classes, não com empreendimentos, já que mesmo com uma empresa negra que tinha os objetivos de Garvey, ela não produziria os resultados desejados devido ao controle da indústria naval ser comandada inteiramente por brancos. Segundo Domingo, os brancos nunca abririam espaços para concorrente negros. Já Briggs tecia suas críticas pensando como Garvey comandava sua organização e a BSL. Para o líder da ABB, o porta-voz jamaicano manipulava as informações de suas entidades a fim de aproximar a população negra de seu empreendimento, inclusive acusando Garvey de mentir sobre sua frota de navios e a compra de outras embarcações.

Essas críticas foram respondidas por Garvey através de processos contra Domingo e o *The Emancipator*, os membros da UNIA também responderam atacando os jornalheiros que vendiam periódicos, destruindo cópias e rasgando folhetos que realizavam críticas a Garvey. Além de realizar análises e fazer o acompanhamento da BSL, o *The Emancipator* acabou por realizar descobertas que confirmavam as acusações de Briggs sobre a frota naval da organização. Isso foi especialmente embaraçoso para Garvey e a UNIA, pois eles não possuíam os navios que reivindicavam. Os processos judiciais e o vandalismo contra os jornais só acabaram por aumentar as acusações dos radicais negros sobre as irresponsabilidades de Garvey. Para Briggs, isso impulsionou suas crescentes críticas ao estilo antidemocrático de liderança do jamaicano e trouxe suas diferenças nas abordagens de lidar com a libertação pan-africana. Isso ficou mais nítido quando Garvey convocou a Conferência Internacional dos Povos Negros do mundo em 1920 (*International Conventions of the Negro Peoples of the World*). O próprio W.E.B. Dubois criticou a abordagem de Garvey também o acusando de ser autoritário e antidemocrático na sua forma de liderar. Toda a mobilização racial alavancada por Garvey acabou por desencadear polêmicas, controvérsias e preocupações diversas por parte ora do governo e autoridades estadunidenses, ora das próprias lideranças negras de outras

associações (DOMINGUES, 2017, p. 135). Entrando no barco do anticomunismo, chegaram até mesmo a acusar a UNIA de ser uma organização de orientação comunista que incitava o ódio racial. O FBI foi outro elemento que acabou por se infiltrar na UNIA e acompanhar as atividades da organização, produzindo relatórios e com espiões atuando na redação do *The Negro World*. Aliás, grande parte desses espiões foram os que se infiltraram na ABB em conjunto, atuando como membros de ambas as organizações.

A Convenção de Garvey em 1920 pretendia ajudar a construir uma África livre, com povos de todo o mundo ajudando a traçar o curso para a libertação. Dadas as tentativas de construir uma unidade racial entre os radicais negros, eles seriam simpáticos a tal esforço produzido por Garvey. Contudo, a ABB mostrou sua desaprovação com tal evento. A organização criticou a posição da Convenção centrada na visão de Garvey na construção de um Império Africano, e seus planos de se auto eleger como o "Potentado" que presidiria o destino da população negra mundial até o império africano ser fundado.

Richard B. Moore, A. Phillip Randolph e Chandler Owen, assim como Domingo, eram colaboradores na revista *The Emancipator* e eram comprometidos com a linha socialista, o que também os levou a críticas às posturas de Garvey. Suas críticas mais contundentes estavam relacionadas a ideia de império africano de Garvey, aconselhando seus leitores, no *The Emancipator*, a evitarem esquemas de navegação e projetos de repatriação africana. Um império africano, segundo eles, resultaria no mesmo tipo de relacionamento opressivo que pessoas de ascendência africana sofreram em todo o mundo.

O Império com todo o seu glamour, glória, panóplia, pompa e poder atraia e hipnotiza. O desejo por isso que parte de alguns negros é composto por ignorância, ambição e um desejo de vingança. Não é racional. Apelos que têm como base o imperialismo chegam ao âmago do grupo e acabam por despertar a consciência adormecida da raça. É a estrada da decadência, desastre e destruição. Os impérios são seus próprios coveiros¹⁶¹ (DOMINGO, 1920, tradução nossa).

Segundo Michelle Ann Stephens (1998, p. 601), para Garvey o modelo de Império era a identidade autodeterminada negra. O Império Negro, era a ideia de liberdade negra, que não se originaria na autodeterminação e nem na revolução social, mas na política imperial e na

¹⁶¹ Empire with all its glamour, glory, panoply, pomp and power attracts and hypnotizes.... The desire for it on the part of some Negroes is compounded of ignorance, ambition and a desire for revenge. It is not rational. Appeals having imperialism as a basis reach down to the bottom of group life and rouse the dormant consciousness of race.... It is the road to decay, disaster and destruction. Empires are their own grave diggers.

conquista cultural. As críticas dos membros da ABB a Garvey estavam relacionadas nas diferentes perspectivas políticas sobre como a raça funcionava em sociedades opressivas e sua relação com a classe. Isso os levou a ver a unidade racial como uma necessidade. Porém, também perceberam que era necessário defender sua limitação quando diferentes interesses de classe estavam envolvidos. Os programas de orgulho racial eram problemáticos quando estavam ancorados em projetos que impusessem os Novos Negros o papel de governantes do mundo africano, para a ABB.

No caso do *The Crusader*, as críticas a Garvey em um primeiro momento foram mais comedidas do que as do *The Emancipator*, embora Briggs também se incomodasse com a ideia de um império africano. Quando Garvey anunciou a Convenção Internacional de 1920, Briggs argumentou que, sim, era necessário um líder da raça que derivasse seus poderes e autoridade na organização da população negra, relatando ainda que os brancos tentaram empurrar goela baixo a liderança de Booker T. Washington (BRIGGS, 1987, p. 635). Entretanto, ainda assim ele estava preocupado que com essa Convenção Internacional protagonizada por Garvey tivesse apenas organizações controladas pela UNIA ou que fossem favoráveis ao seu projeto político. Para Briggs, era importante que a Convenção respeitasse os direitos de grupos nacionais em determinar seu próprio futuro.

No verão de 1920, Briggs começa a mudar um pouco sua visão sobre a libertação negra, e se afastar da ideia de um antagonismo racial inevitável entre negros e brancos para o argumento que a opressão racial era uma importante manifestação de poder dos relacionamentos sociais. Ao invés de ser fonte de opressão, a raça "acentuou" relações de dominação já existentes. O poder estava enraizado na economia, e os capitalistas colocaram as raças umas contra outras para aumentar os níveis de exploração. Essas afirmações ressoaram na ABB. Contudo, segundo Minkah (2004, p. 94), a autodenominação socialista que Briggs fazia para si era mais ideológica do que prática, pois Briggs nunca entrou no partido Socialista¹⁶². Para Briggs, o caminho para a libertação negra era o socialismo, porém ele alertava que tal sistema não estava imune do racismo. Logo, a libertação nacional continuava como a mais promissora.

Agora, Briggs rejeitava a ideia de um estado-nação separado nos EUA comandado por Afro-Americanos. Continuando com uma perspectiva pan-africanista, a América do Sul era o local com a maior possibilidade na construção de uma nação negra que ajudaria a libertar a

¹⁶² Partido Socialista aqui no caso em referência a Socialist Party of America (SPA), contudo Briggs entrará posteriormente na Workers Party (WP), alcunha utilizada pelo Partido Comunista dos EUA (CPUSA) na década de 1920.

África. A repatriação africana não era viável, pois isso implicaria impor a liderança de afro-estadunidenses sobre as comunidades locais e lutas de libertação nacional.

A ABB apoiou a legitimidade e autonomia de lideranças locais e políticas organizativas ao longo da Diáspora Africana, e esse é um dos pontos críticos que que os cindiu da UNIA e a libertação Pan-Africana. Domingo, por exemplo, insistia que o fim da pobreza e o alcance a autodeterminação e independência eram os problemas mais urgentes da África. A solução dessas questões viria da África e teria características africanas, não de algum líder afro-estadunidense que com seu poder político chegaria para salvá-los.

Os africanos no exterior podem ajudar a África lutando até o limite para quebrar o sistema responsável pela atual degradação do continente africano e sua própria opressão no Caribe, América Central, do Sul e Estados Unidos. Para realizar isso é necessário pensamento claro e reconhecimento de que os africanos não são as únicas vítimas do capitalismo¹⁶³ (DOMINGO, 1920, tradução nossa)

Os afrodiaspóricos deveriam lutar contra o capitalismo e por extensão o imperialismo, ajudando na libertação do continente Africano. Quando Domingo coloca que os Africanos não são as únicas vítimas do capitalismo, ele constrói um quadro de que a libertação africana é uma luta internacionalista que deve ter ajuda dos Asiáticos, Indianos, trabalhadores brancos etc. Caracterizando um Pan-Africanismo Internacionalista.

Garvey viu as críticas de Briggs em um primeiro momento com considerável gratidão. Contudo, Briggs insistia que Garvey tinha perdido o mote central de seu argumento, relatando sua liderança autoritária e sua visão como um Moisés Negro. Além disso, Briggs tinha receios da convenção ser realizada em Nova Iorque e se ela conseguiria números suficientes de delegados das comunidades Africanas e do Novo Mundo para se ter sucesso.

Briggs também era um crítico da ideia de um império africano de Garvey. Esse império seria tão opressor quanto o império britânico, especialmente quando Garvey diz que nessa nova organização da sociedade um homem branco seria linchado a cada negro brutalizado por tal prática. A pobreza e a fome continuariam. Frank Crosswaith, um socialista Afro-Caribenho, relata que essa ideia de império só trocava os parasitas brancos por parasitas negros. Na PEF,

¹⁶³ Africans abroad can aid Africa by striving to the limit to break a system that is responsible for the present political degradation of Africa and their own oppression in the West Indies, Central and South America and the United States. To do this calls for clear thinking and recognition of the fact that Africans are not the only ones who are the victims of capitalis[m].

Garvey também foi criticado com o "A falácia do Império Negro" e junto com Briggs, criticavam a ideia de um potentado negro.

O líder da ABB ficava cada vez mais pessimista com Garvey à medida que suas respostas às críticas ficavam cada vez mais voláteis e extremistas, com membro da UNIA ameaçando através de ataques físicos a segurança de radicais negros. As críticas a Garvey e o seu manejo com a BSL estavam ocasionando um impacto negativo nas atividades da UNIA. Os receios dos membros da ABB em relação à convenção de 1920 se confirmaram, com o evento refletindo na visão imperialista do jamaicano. Hubert Harrison concordava com as críticas de Briggs e acusou o líder da UNIA de mentir sobre números de militantes na organização; o controle da redação da convenção de modo que ela estivesse em conformidade com seus pontos de vista. Uma revelação igualmente condenatória foi a de que Garvey deturpou a presença de delegados estrangeiros e manipulou as eleições. Com apenas um delegado vindo da África – Gabriel M. Johnson da Libéria – e a maioria vindo do Caribe, Harrison lembrou que muitos delegados eram simplesmente residentes de Nova York.

As críticas a UNIA oferecem uma visão alternativa de luta pan-africana entre os radicais negros. Longe de se envolver em lutas políticas, a liderança nacional da UNIA, guiada por Garvey, direcionou suas energias na Black Star Line e impulsionou a ideia de construção de um império africano comandada por afro-estadunidenses. Ambas as ênfases repousavam na relação de retorno dos afrodiaspóricos ao continente com seu treinamento ocidental e cultura para civilizar os africanos e libertá-los. A ABB, por outro lado, insistiu em lutas políticas contra o capitalismo e o imperialismo, que começariam com a organização em nível local para abordar as condições enfrentadas por diferentes segmentos da diáspora. Briggs defendeu a interconexão desses movimentos nacionais e procurou realizar ligações políticas entre eles, seja no Caribe, nas Américas, na Europa para fortalecer a luta pela libertação africana. Nesse sentido, a ideia de “África para os africanos” que a ABB também levantava como sua bandeira, se diferenciava daquela ascendida por Garvey. Significava uma África independente politicamente e militarmente forte o suficiente para lutar pelos direitos civis e políticos dos Africanos através da diáspora. De igual importância, uma África forte não seria dependente do desenvolvimento capitalista, e a política econômica do continente seria dirigido pelo Africanos. Ao apresentar um pan-africanismo alternativo, Briggs e a ABB também desafiaram a abordagem garveyista.

De encontro com suas críticas a Garvey, o *The Crusader*, em 1921, cindiu com a Hamite League, uma organização nacionalista, e embora Briggs ainda defendesse o estabelecimento de um estado-nação negro na América do Sul, enfatizou a centralidade da luta de classes como meio de acabar com o racismo e realizar uma libertação pan-africana. Nesse

período ele começou a se alinhar mais e mais com o socialismo. Isso começou a ficar aparente no *The Crusader* com editoriais sinalizando o socialismo como uma alternativa ao capitalismo, racismo e imperialismo. E também com artigos que reiteravam uma constante ligação entre as lutas de libertação na Índia, nos países asiáticos, no Oriente Médio e na Irlanda.

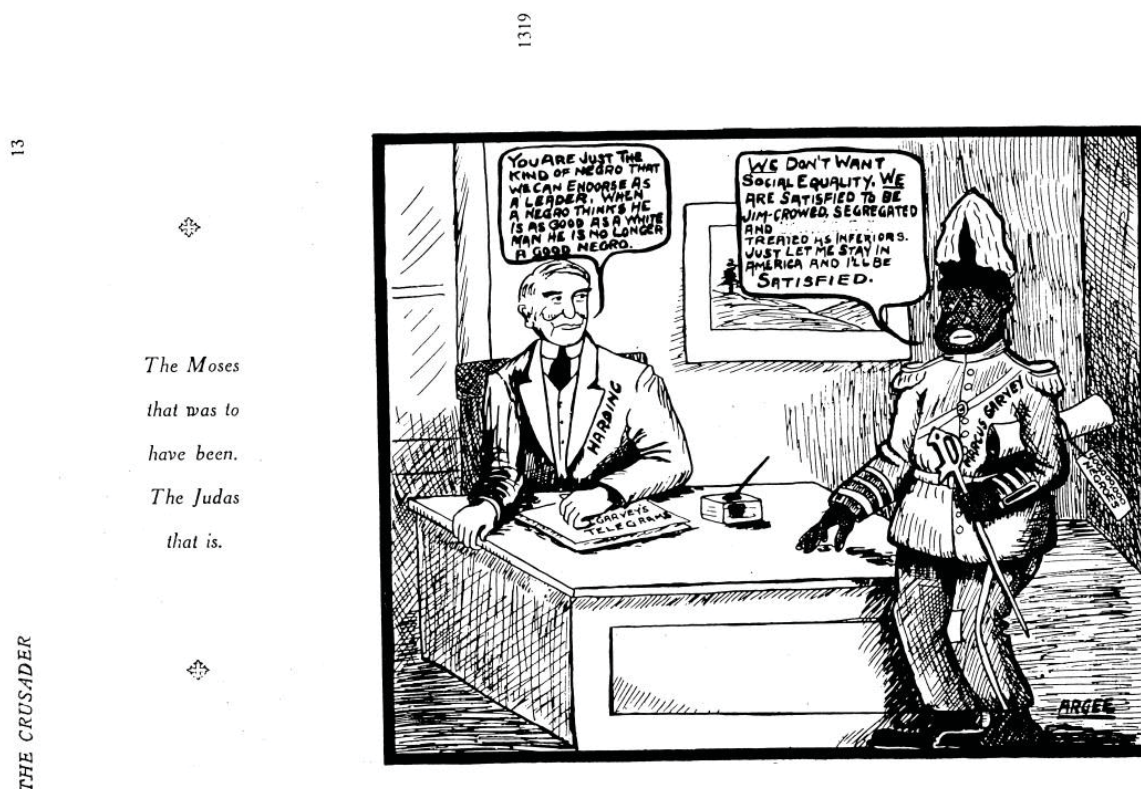
No meio de 1921, com o acontecimento do Massacre de Tulsa e o aumento da ABB, Briggs tentou uma coalização novamente com a UNIA e Garvey. Em uma carta, o líder da ABB afirmou que as duas organizações tinham os mesmos objetivos e ideais, mas diferentes abordagens. “Tendo os mesmo objetivos e ideais, ainda estamos nos aproximando de nossos objetivos por meios diferentes, embora, com estradas paralelas”¹⁶⁴ (BRIGGS, 1987, p. 1273, tradução nossa). Intencionalmente ou não eles se ajudariam, e então Briggs propôs a Garvey uma cooperação. Alguns meses antes, Briggs instruiu os leitores do *The Crusader* que buscavam uma África livre e planos para ajudar em sua libertação que se juntassem tanto na ABB quanto na UNIA. Contudo, essa tentativa de coalizão não obteve sucesso.

Makalani (2004, p. 103-104) relata que durante a convenção de Garvey, em 1920, os radicais negros publicaram um boletim que desafiava a liderança do jamaicano no evento. Nesse boletim havia um chamado da ABB para a construção de uma Federação Negra Mundial que lutasse pela libertação da África e dos negros em todo o mundo. Havendo a informação de que vários delegados apoiaram a ideia, incluindo alguns funcionários da UNIA. Conclamava todas as organizações negras a se unirem em uma federação forte e identificava o capitalismo como a força institucional que historicamente atuou para facilitar a opressão racial e nacional dos povos africanos. Além do mais, o documento trazia um panfleto intitulado “Novos Negros que realmente procuram a libertação”, no qual estava um manifesto criticando a ênfase da UNIA em um retorno massivo a África. Descrevia a luta contra a colonização, algo que, se não buscasse a destruição do capitalismo, seria contraproducente. Além disso, achava inútil imaginar que passando de uma colônia para outra colônia negra, a população poderia escapar da opressão. “O dia em que os trabalhadores europeus levantassem uma insurreição armada contra os exploradores capitalistas”, argumentava o manifesto, seria a oportunidade que os negros teriam de assumir o controle do continente africano. O panfleto concluía exigindo que a convenção desenvolvesse um programa que garantisse um melhor padrão de vida para os afro-estadunidenses, uma autodefesa contra o terrorismo racial, o fim da servidão por dívida e pedia a formação de uma federação com todas as principais organizações negras.

¹⁶⁴ Having the same aims and ideals, we are yet appocaching our object by somewhat diferente, though always parallel, roads.

A relação entre as duas organizações se deteriorou nos meses que vieram depois da convenção de 1921. O *The Crusader* escreveu uma série de editoriais criticando a falha da UNIA em produzir um programa de ação e em outubro foi feito uma editorial depreciando Garvey. Garvey respondeu fornecendo ao Departamento de Justiça dos EUA uma cópia da carta de Briggs como evidência de que o objetivo da ABB era derrubar o governo. Isso enfureceu Briggs, que publicou o texto chamado "Garvey Turns Informer". As esperanças de uma coalizão com a UNIA foram abandonadas, e os textos seguintes do *The Crusader* foram majoritariamente devotados a atacar Garvey e a UNIA – aliás, a última edição focou quase que inteiramente em Garvey e sua prisão por fraude.

FIGURA 27 - Página do *The Crusader* que acusa Garvey de aliança com o governo dos Estados Unidos e subserviência das relações capitalistas e racistas existentes.



FONTE: (BRIGGS, 1987, p. 1319)

A atividade intelectual de Briggs foi influenciada por outros radicais do Movimento do Novo Negro, especialmente os primeiros socialistas negros na ABB. Briggs explorou

diferentes abordagens para realizar um mundo sem racismo, imperialismo e pobreza. A ABB colocou os EUA como centro do movimento revolucionário para a libertação Africana, mas como Briggs sugere, a relação entre o local e a diáspora era primordial. Inicialmente, Briggs argumentou sobre a necessidade de um estado-nação negro separado, o qual seria a melhor rota para a libertação diaspórica. Porém, isso abriu caminho para uma visão da luta pela libertação pulverizada em várias lutas locais. As bases da ABB com Garvey e a UNIA centrava-se na melhor maneira de atingir a libertação negra e na luta pan-africanista, de modo que Briggs e a ABB argumentavam que o programa socialista local na luta pela liberdade alinhada com a classe trabalhadora contra o capitalismo era a melhor opção. Já Garvey e a UNIA argumentavam em prol de uma visão imperialista na construção de um Império Africano com desenvolvimento capitalista.

5.3 O MOVIMENTO SANHEDRIN E A UNIDADE RACIAL

Em 1920, a African Blood Brotherhood levanta a importância de construir uma frente negra unida e organizada que fizesse oposição, inclusive bélica, à KKK e a outras organizações e tendências antagônicas ao negro. Já em 1922, ela muda ligeiramente a retórica desse ponto para “opor-se à frente unida de capitalistas brancos disfarçados em câmaras de comércio, Ku Klux Klan, a Legião Americana, a Sociedade de Defesa Americana etc. (BRIGGS, 1987, p. 75). A retórica apresentada no programa em 1922 refletia uma crescente relação com o Partido Comunista e a convicção de que era necessário que a classe trabalhadora negra se organizasse para a libertação negra e pela luta ao socialismo. Para isso, primeiramente a ABB tentou criar uma coalizão com a UNIA de Marcus Garvey, porém, as diferenças de abordagens e respectivos focos de classes em suas lutas, fez com que o esforço de união se perdesse.

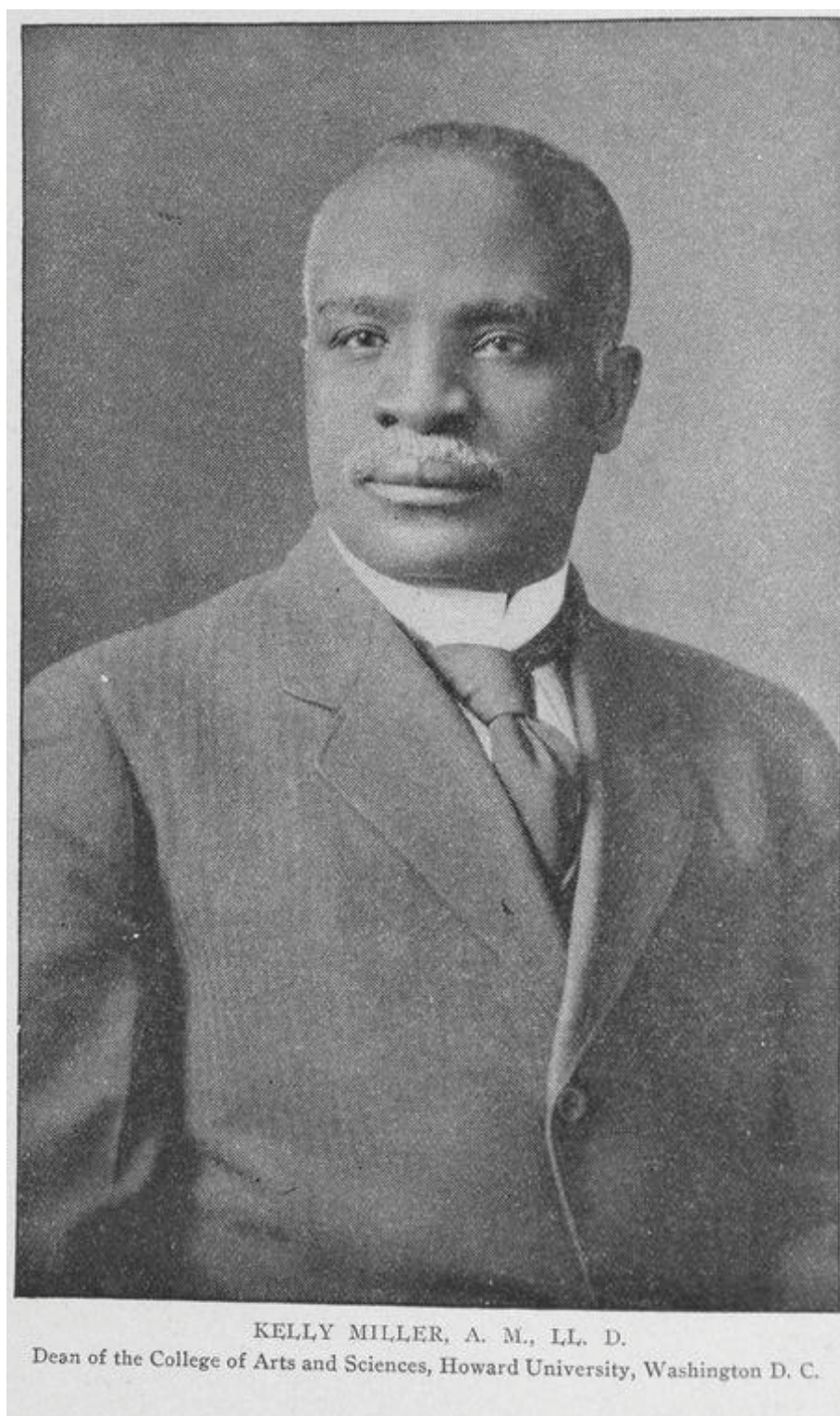
Já em março de 1923, os membros da ABB ajudaram na construção do United Front Conference (UFC) com representantes da NAACP, National Equal Rights League (NERL), Friends of Negro Freedom (FNF), National Race Congress (NRC), e da International Uplift League.

A ideia da United Front Conference venho de William Monroe Trotter e Mathew A.N. Shaw, membros da NERL que conceberam uma frente de unidade racial no final de 1922. No começo daquele ano estava sendo votado o projeto de lei anti-linchamento Dyer, o qual foi aprovada pela câmara dos representantes por um placar de 230 votos a favor e 119 contrários. Contudo, sua aprovação foi interrompida pelo Senado dos Estados Unidos por uma forte oposição de democratas do sul que formaram um bloco poderoso e barraram o projeto de lei.

Para Trotter, a derrota do projeto foi um golpe crítico para a igualdade racial. Ele acreditava que se tivesse coordenado seus esforços para juntar-se a outras organizações como a NAACP, o projeto teria sido aprovado. Dessa maneira, em novembro de 1922, ele declarou: “chegou a hora da unidade” (TROTTER, 1922). Trotter e Shaw agiram rapidamente, viajando para Nova York para consultar Briggs e Richard Moore da ABB. A ideia da construção de uma unidade e uma frente racial relatada pela ABB, chamou a atenção dos dois, além do mais, segundo Makalani (2004, p. 174), Shaw era um membro da ABB em 1923 e, portanto, não seria uma surpresa dele ser um membro no final de 1922. No mínimo, ele estava aberto ao radicalismo assim como Trotter. Além disso, a ABB no *The Crusader* frequentemente elogiava Trotter como um dos grandes nomes do Movimento do Novo Negro. Sendo assim, a ABB e a NERL concordaram em convocar a United Front Conference, enviando convites aos membros da NAACP, NRC e a International Uplift League para sentar-se e conversarem sobre uma unificação harmoniosa entre as diversas forças.

Para eles, a unidade era primordial para o avanço das pautas raciais. As organizações convidadas representavam uma gama extremamente diversa de tendências políticas. O NRC era conservador com uma formação política encabeçada por Kelly Miller. A Uplift League é pouco conhecida, segundo Makalani (2004, p. 175) ela protagonizava uma luta na ajuda de imigrantes negros a se aclimatarem ao novo país, principalmente ao norte urbano. A NAACP primeiramente recusou o convite, porém, posteriormente, ingressara devido a publicidade da conferência nos jornais. Além disso, o envolvimento de Miller foi importante para a participação da NAACP. Matemático e reitor da Universidade de Howard, Miller realizou o seu próprio chamado para uma conferência que unisse todas as raças logo após a convocação da NERL e da ABB. Contudo, a conferência de Miller tinha diferenças em relação àquelas idealizadas por Trotter e Briggs, pois minava o radicalismo político que essas duas organizações queriam construir. Sua ideia era a de criar um programa de bem estar social que “focasse no todo ao invés de uma parte”. Para Miller, o real problema enfrentado pelos negros era de que a lei era aplicada de maneira desigual, não os EUA com sua própria estrutura e para ele, o protesto político não poderia corrigir essa situação. Influenciado por Booker T. Washington, o membro da NRC via as soluções para os empecilhos do racismo na construção educacional de homens negros fortes e no treinamento de mulheres negras para a indústria, junto ao fortalecimento da lei estadunidense e de suas instituições sociais.

FIGURA 28 - Kelly Miller



FONTE: Biblioteca Pública de Nova York (2022). Disponível em: <
<https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47de-4d01-a3d9-e040-e00a18064a99>>.

Miller, no chamado para sua conferência, expandiu para outras frentes e organizações daquelas chamadas pela ABB e NERL, buscando o diálogo com sociedades que defendiam a centralidade das igrejas e de fraternidades negras. Exceto a ABB, Miller chamou todas as outras organizações incluídas na convocação anterior. Dessa forma, se desvinculava de uma política radical e ativismo político.

Em suas concessões, o matemático recomendou às organizações que convocaram representantes de Washington D.C para servir em um comitê que desenvolveria uma conferência para todas as raças. No período, naquela localidade havia uma classe média negra pujante que tinha seus primórdios na época da Reconstrução e que durante a primeira guerra mundial havia concentrado uma aristocracia negra que, na década de 1920, havia se desvinculado social e politicamente de negros pobres e trabalhadores da cidade. Formados principalmente por empresários e profissionais comprometidos com a autoajuda, eles acreditam que o progresso para os negros viria de si mesmos. Logo, se ganhassem os direitos e as mesmas oportunidades que mereciam, poderiam inspirar essa população negra mais pobre por meio de programas de serviços sociais voltados para melhores condições de vida. Assim, Miller estava buscando cercar-se de pessoas que concordavam com ele politicamente.

A primeira reunião da United Front Conference aconteceu no Harlem em 23 e 24 de março de 1923 sob a direção da NERL e da ABB. A primeira sessão começou de maneira formal, com uma oração e a eleição de Shaw como presidente e Briggs como secretário da conferência. Trotter fez um movimento para que a conferência se tornasse uma organização permanente, a qual foi apoiada por Richard B. Moore e aprovada.

Briggs fez um discurso de abertura enfatizando a importância de se construir uma federação unida que trabalhasse em prol da raça negra. Ao invés de fundir as diversas organizações em uma única, o líder da ABB relatou a necessidade de subordinar os interesses particulares ao interesse geral da melhoria da condição do negro, sem comprometer-se ou rebaixar os princípios de cada organização. Briggs também exigiu um programa focado em uma perspectiva Pan-africanista de libertação, pois para ele a opressão da África e do Caribe garantiu a opressão dos negros nos EUA e vice-versa, estavam imbricados (MAKALANI, 2004, p. 179). Seu discurso foi recebido com aplausos, porém o tom de unidade logo desapareceria.

Logo após, Miller afirmaria que haviam particularidades entre os negros que, ao contrário dos europeus, sofriam de uma discriminação legal e trabalhavam em altos níveis de dificuldades econômicas, discriminação educacional e social. Ele concordou com Briggs que a solução dos problemas que os negros estavam sofrendo viria da unidade racial, contudo, lamentou a incapacidade dos negros em influenciar politicamente o sistema. Ao invés disso,

Miller relatou que a melhor arma deles seria a economia, reafirmando uma oposição as lutas políticas e defendendo a posição do desenvolvimento econômico como meio para a melhoria dos negros e negras. Richard Moore respondeu criticamente Miller, falando da necessidade da luta política para melhorar as condições da comunidade negra. Também advertiu de maneira crítica sobre a esperança de líderes conservadores no avanço pelos mesmos meios e métodos que trazem à tona a exploração negra, sendo fundamental a quebra dos grilhões tanto do domínio político quanto da exploração econômica que mantém muitos na pobreza degradante e poucos conseguem sua ascensão. Portanto, o que se apresentava era o embate entre dois projetos que viam a economia como fator importante para a condição da população negra. A ABB e seus membros, vendo o socialismo como uma nova forma de consolidação da sociedade que possibilitaria essas novas condições, e Miller vendo no progresso social da população negra em si com ajudas paulatinas que dariam melhores circunstâncias para sua melhoria.

Dessa forma, os princípios políticos já estavam em conflito e dificultavam uma atividade organizacional futura. Embora os radicais se opusessem a fusão em uma única entidade, eles também estavam convencidos de que precisavam de uma base política clara para a construção da unidade e encontros e discordâncias com Garvey e a UNIA haviam demonstrado que tal fator era algo difícil de se realizar.

Ao fim, as objeções de Moore foram aprovadas e, em um nível mesmo que básico, as diferenças políticas foram trabalhadas. Os participantes da United Front Conference assinaram um acordo e lançaram as bases para uma convocação de uma conferência nacional para todas as raças que abordaria o racismo, a autodefesa e formaria uma frente unitária da raça, a fim de inventar formas e meios para a emancipação plena e completa da população negra e dos povos oprimidos. O UFC fabricou um programa amplo o suficiente para fazer com que radicais, liberais e conservadores se acomodassem. A conferência nacional se concentraria no racismo, na exploração, nos linchamentos, na discriminação aprovada por lei, na ação política, no desenvolvimento industrial, no orgulho racial, na ascensão religiosa, em melhorias referente a moral e ao social, e na cooperação inter-racial.

Miller foi nomeado o presidente da Comittee of Arrangements (COA), sendo encarregado de planejar essa conferência nacional. Além de Trotter, James Weldon Johnson, Richard Moore, Otto Huiswoud servindo no comitê do UFC, a COA deveria abarcar representantes de entidades religiosas, fraternidades, entidades sociais, trabalhistas, educacionais, empresariais, de profissionais e de jornais negros. Desenvolveria uma agenda e um calendário, determinaria as bases para a representação organizacional e definiria data e local para a realização da conferência. Não obstante, organizações viam com preocupação as escolhas

de Miller na chamada para a conferência, a qual, segundo eles, estava muito mais ligada ao orgulho racial do que a outros elementos importantes que deveriam ser levados em conta. Os membros da ABB e da NERL protestaram contra o fato de Miller presidir a COA temendo que ele ignorasse os mandatos da UFC e seguisse sua agenda ligada a uma classe média negra em ascensão. No fim, seus receios foram confirmados, com Miller ignorando diretivas e processos sugestionados por outros membros e ampliando o comitê da COA com 18 membros da elite negra de Washington D.C. Essa ação iniciou uma troca de desafetos entre Briggs e Miller durante esse processo de construção da conferência nacional.

Em meados de abril, ficou claro que Miller estava conduzido a conferência de maneira contrária ao que o UFC tinha planejado. No começo, a maioria dos membros originais da COA estava localizada em Nova York e os encontros seriam realizados no Harlem, porém, posteriormente Miller mudou a localidade de uma reunião da COA para Washington D.C. Briggs planejou uma reunião com os membros originais da COA em Nova York, enquanto Miller como resposta convocou uma outra reunião com os membros atuais. Havia uma disputa de poder entre os dois no centro da organização da conferência nacional. No fim, Briggs não teve força o suficiente para fazer oposição a Miller e viu o presidente da COA manter as reuniões do comitê em Washington D.C. Eles decidiram pela realização de uma reunião de uma semana e criaram um subcomitê para esboçar o programa da conferência. Tal programa mal refletiu sobre as questões levantadas na reunião da UFC. Não havia espaço para o debate político, racismo, terrorismo, exploração ou cooperação, mas sim o foco era na melhoria racial e não na libertação. Um rascunho subsequente do programa da conferência incluía uma sessão sobre organizações de mulheres trabalhadoras, sendo esta toda a atenção dada as mulheres na conferência.

Vários membros do UFC começavam a ver a liderança de Miller com desconfiança e em junho uma reunião aconteceu em Nova York com membros da NAACP, NERL e da ABB com Miller para discutir seu abuso de autoridade. Nessa reunião foram estabelecidos parâmetros que diminuiriam o poder de decisão de Miller, que agora não poderia mais elaborar uma agenda da conferência sem o consentimento dos outros membros.

Contudo, essa reunião não foi vista com bons olhos por Miller que planejava por distanciar a conferência nacional dos membros da UFC. Briggs começava a relatar que a conferência estava se tornando em uma “falação desenfreada” ao invés de uma oportunidade na construção de uma formação política capaz de lidar com as angústias da população negra como o linchamento, escravidão, racismo, exploração e o apoio na libertação africana.

O desfecho de uma nova reunião realizada no mês de julho pareceu favorecer o radicais da UFC, pois os membros presentes acreditavam que Miller estava sendo indiferente com resoluções propostas por outros membros e estava levando a conferência para um esvaziamento e a uma direção sem sentido. Os membros de Nova York recusaram-se a tomar as rédeas da conferência e decidiram convidar Miller e o comitê de Washington D.C para resolver a situação. Eles viam uma discordância com o reitor de Howard como uma forma de parecer hipócrita, portanto, acharam que a melhor maneira de resolver suas discordâncias era em uma conversa em conjunto (MAKALANI, 2004). Além disso, esses radicais viam na importância de Miller sua disposição em contribuir financeiramente com a conferência nacional, já que este fazia parte de uma classe média mais abonada.

A reunião não rendeu frutos e as animosidades aumentaram com Miller relatando que a situação já estava resolvida e aquele encontro nada mais seria que perda de tempo. Ele estava agora obstinado a atacar a UFC. Para ele, era melhor seguir as suas recomendações para que a conferência nacional não se tornasse apenas uma duplicata de outras conferências realizadas por outras organizações. Dessa forma, a conferência deveria seguir uma linha independente da UFC. Miller também suspeitava de uma “agente externo” por trás da disputa do programa da conferência, principalmente em relação a ABB e suas aproximações com o partido comunista dos Estados Unidos. Briggs e a UFC desejavam uma estrutura mais democrática e de participação ampla ao invés da conferência elaborada por Miller e seus “homens-sim”¹⁶⁵.

Apesar do desafio de Miller ao UFC, ele concordou em uma reunião em meados de agosto em Nova York. Nesse período ele tinha perdido parte do apoio que tinha de outras organizações como a NAACP e a FNF devido a suas posições acerca do congresso nacional. Nessa reunião, Miller buscou alimentar e direcionar suas suspeitas para esse “inimigo externo” na ABB. Dessa maneira, alimentava-se um anticomunismo entre as diversas organizações compostas e suas desavenças com os membros da ABB. Esse anticomunismo teve mais potência devido à falta de apoio do partido socialista aos negros, o que levou inclusive a A. Phillip Randolph e Chandler Owen acusarem os membros da ABB de agentes do Departamento de Justiça que procuravam destruir todas as políticas construtivas, progressistas e não comunistas.

Assim, os membros da NAACP e da FNF ficaram a favor de Miller e Briggs, Trotter e Shaw sentiram que foram silenciados por serem comunistas. Após a reunião de agosto, a correspondência entre Briggs e qualquer outra pessoa da UFC cessou, exceto sobre notas

¹⁶⁵ Briggs para Miller em 25 de julho de 1923. NAACP Papers.

ocasionais sobre questões logísticas. Através do discurso anticomunista, Miller conseguiu derrotar a oposição dos radicais a sua liderança e conduziu a direção da conferência nacional na direção que achava mais propício. No entanto, isso não se traduziu no silenciamento dos radicais na própria conferência.

Em 11 de fevereiro de 1924, Miller convocou o Sinédrio Negro (a conferência de todas as raças). Segundo Hughes (1984, p. 8) o nome de Sinédrio tinha inspiração judaica e no Sinédrio de Napoleão que ocorreu em 1807, no qual o líder francês reuniu rabinos e eruditos de toda a França para criar as bases de um novo relacionamento seu país e os judeus. O Sinédrio negro abarcava temas como a relação dos afro-americanos com os movimentos raciais, a política como fator de igualdade racial, e a discriminação racial na lei estadunidense, contudo, temas como exploração econômica, trabalhadores, escravidão/servidão, linchamentos, e organizações supremacistas brancas ainda estavam ausentes. A gama de organizações autorizadas a levar delegados se fechou em apenas sociedades nacionais. Havia dezoito delegados de sete organizações trabalhistas, de um total de sessenta organizações, com os painéis compostos por pessoas que representavam a classe média negra como médicos, advogados, professores, editores de jornais e ministros, pessoas que Miller achava mais adequadas para discutir o progresso e a cooperação racial. Ida B. Wells e W. E. B. Du Bois estavam presentes, e William Trotter e James Weldon Johnson foram os únicos ativistas políticos programadas para discursarem na conferência. Os radicais negros ficaram incomodados com a sugestão de Miller de que a intelectualidade negra era mais adequada para abordar as preocupações dos trabalhadores negros.

Poucos meses antes, Miller publicou um panfleto sobre o Sinédrio no qual declarava que a conferência seria um sucesso caso conseguisse a união de propósitos entre os grupos e reafirmava sua posição conservadora de igualdade racial que promovia a harmonia entre brancos capitalistas e trabalhadores negros como meio de autossuficiência negra, ao mesmo tempo que reafirmava a necessidade do patriotismo dos negros com os EUA. Na medida que isso acontecesse, eles se mostrariam como merecedores de uma mudança política significativa. Não que os radicais negros fossem avessos a uma política de comunhão entre brancos e negros, suas discordâncias estavam relacionadas com a ideia de que a igualdade racial viria com o consentimento dos brancos.

Por fim, mesmo com a perda de liderança dos radicais no Sinédrio, eles conseguiram formar uma oposição à liderança de Miller com delegados de organizações trabalhistas combinados a membros da ABB. Antes da abertura da primeira sessão da conferência, Lovett

Fort-Whiteman, como delegado e membro da ABB, tomou a palavra no púlpito e insistiu para que os trabalhadores negros recebessem a devida atenção.

FIGURA 29- Lovett Fort-Whiteman discursando no Sinédrio Negro em 1924



FONTE: WIKIPÉDIA (2022). Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/Lovett_Fort-Whiteman >.

A ABB, recebendo apoio do Partido Comunista, conseguiu redigir duas propostas para assinar no Sinédrio. A intenção deles era a de forçar que a conferência tratasse de temas discutidos em comissões fechadas. A primeira proposta seria a de combater linchamentos contra a população negra e a luta contra a Ku Klux Klan, junto com a busca do apoio do Sinédrio junto

à Rússia Soviética. E a segunda proposta, mais ampla, exigia mudanças significativas na moradia, educação e organização dos trabalhadores negros. Para isso, eles propunham uma legislação para fixar aluguéis e exigir que proprietários fizessem oposição à segregação habitacional e escolar. Além disso, insistiram na ideia de dirigir uma campanha para organizar arrendatários e meeiros negros em sindicatos. Os membros da ABB tiveram contribuições críticas para a elaboração das propostas, contudo, o apoio do Partido Comunista não foi visto com bons olhos pelas outras organizações do Sinédrio, trazendo a ideia de que eles estavam se associando muito ao partido e consequentemente sendo manipulados por eles.

Essa conjuntura contribuiu para que a conferência ignorasse as resoluções da ABB. Porém, as resoluções e as atividades dos radicais negros representavam uma conceituação de unidade racial diferente daquela proposta por Miller e ofereciam uma visão alternativa de cooperação. Como a conferência foi estruturada para evitar questões que lidassem de maneira mais combativa com racismo, linchamentos e abordagens políticas, os membros da ABB viram-se compelidos a confrontarem abertamente Miller em um debate público.

O quarto dia do Sinédrio começou com uma manhã de palestras sobre religião e a tarde discursos sobre relações raciais entre negros e brancos. Antes dos encerramentos da sessão a tarde, Fort-Whiteman tomou novamente a palavra para destacar as demandas trabalhistas da população negra. Miller, na mesma hora, instruiu para Fort-Whiteman e outros que quisessem abordar esses parâmetros que deveriam se dirigir a sala ao lado, enquanto a conferência deveria seguir conforme o planejado. Nesse momento, Otto Huiswoud toma a palavra e começa a realizar críticas a Miller sobre a maneira que ele vem comandando a conferência e demandou uma nova sessão que buscasse a organização dos trabalhadores negros com o envolvimento da luta política (MAKALANI, 2004, p. 195). Huiswoud obteve apoio do público no local o que forçou Miller a ceder. Nessa nova sessão, resoluções contra a discriminação racial em sindicatos e a exigência de que jornais negros comessem uma campanha educativa entre os trabalhadores sobre as virtudes da organização foram colocadas em prática.

Contudo, no fim, tais demandas não passaram pela validade do Comitê Permanente de Resultados do Sinédrio, presidido por Miller. Esse comitê servia para decidir quais ações discutidas na conferência iriam vigorar na prática. Portanto, o embate com Miller acabou por não ser frutífero e, ao final, as resoluções trabalhistas acabaram não sendo publicadas. As conclusões do comitê foram publicadas uma semana depois e não houve menções a linchamentos, segregação ou à luta contra a KKK. As únicas resoluções confirmadas que tinham relação com o trabalho foram a da busca por melhoria salarial e no aconselhamento a imigrantes negros em não realizarem greves nas indústrias nortenhas. Ao invés de exigirem o

fim da discriminação racial no ambiente do trabalho, apenas reconheceu-se o pedido de assistência comunitária a trabalhadores negros em centros industriais organizados com uma quantia financeira.

A ABB estava no meio da conjuntura de reorganização da raça e nos embates sobre qual o melhor caminho a se seguir para a libertação negra. E isso se dava com a convicção da Associação de que essa luta necessitava de planejamento através de uma estrutura democrática, para que se fizesse oposição a práticas pequeno burguesas de outras organizações do movimento do Novo Negro. Mesmo com críticas a essas outras sociedades, eles não viam problema na construção de uma frente única que ignorasse esses interesses de classes opostos. Para Makalani (2004, p.198), o erro da ABB foi visualizar essa conjuntura como um meio de unidade racial que apagasse os conflitos da comunidade negra em prol de uma sociedade baseada na agenda da classe trabalhadora. A existência de organizações da classe trabalhadora negra no norte urbano não negava a histórica classe média negra que estava ligada mais a ideologia do “velho negro”. Com o movimento do novo negro, novas condições surgiram e tornaram as diferenças de classe como algo crítico na maneira de formar um movimento social. Além disso, a ABB não soube lidar com o anticomunismo de Miller e outros integrantes acerca da influência do partido comunista em suas decisões e não conseguiu delimitar claramente a independência de suas posições em relação ao partido.

Os radicais negros acabaram concluindo que o Sinédrio era um desperdício. Ao invés de organizarem uma força radical, eles acabaram no meio de um embate com liberais e conservadores. A unidade racial apresentava muitos problemas caso fosse ignorado as diferenças políticas e de classe. E, no fim, a repercussão sobre o Sinédrio pela comunidade negra não foi das mais calorosas.

Os membros da ABB ainda viam o Sinédrio como uma oportunidade para fornecer a liderança no movimento de libertação negra. Eles estavam cientes das numerosas organizações das classes trabalhadoras negras, mas acreditavam que a unidade racial poderia criar uma grande força política. Como tal, eles não buscavam apenas uma unidade, mas uma frente unida com liderança da classe trabalhadora. Com isso, buscaram apoio do partido comunista que só veio através da luta de seus membros negros que viajaram para o Comintern e realizaram pressão para que o partido os apoiasse. Nessa época, o partido não via o “trabalho negro” como algo crítico, seja para seus objetivos organizacionais ou para o desenvolvimento de um grande número de membros negros.

A ABB e o partido comunista dos Estados Unidos trabalharam em certos projetos juntos, já que alguns de seus membros pertenciam às duas associações. Entretanto, a ABB

matinha uma autonomia organizacional em relação ao partido, apesar de utilizar espaços físicos do partido devido a dificuldades financeiras.

Concluindo, na construção de uma federação de organizações negras, a ABB levou-os a se juntar com Trotter. Em muitos aspectos, as organizações dos Novos Negros viam um vácuo de liderança e unidade que se abriu em razão das acusações sofridas por Marcus Garvey e pela UNIA. A tentativa de unidade no Sinédrio Negro fracassou. Após isso, Briggs e a ABB mudaram seu foco organizacional para se consolidarem entre os trabalhadores negros e as forças radicais. Apesar dessa mudança, eles nunca abandonaram a ideia de uma frente negra unida. Logo em seguida, a estrutura organizacional da ABB foi perdendo força. Eram os seus últimos respiros.

5.4 A IDEIA INTERNACIONALISTA DA ABB: COMINTERN, INTERNACIONALISMO INTERCOLONIAL E A LUTA CONTRA O RACISMO

A revolução socialista, para a ABB, não acabaria com o racismo, mas sim criaria as condições para seu desaparecimento. Portanto, ainda seria necessário a luta contra a opressão racial, especialmente entre os trabalhadores brancos que não iriam querer abandonar seu pacto da branquitude nos moldes ditos por Cida Bento (2022). A ABB rejeita a ideia de se alinhar com trabalhadores brancos que não têm uma visão antirracista e anticolonial que coloque as pessoas de cor como algo central nos interesses de classe. Estes não eram trabalhadores brancos com consciência de classe.

Apesar de muitos membros da ABB serem socialistas, eles lentamente deixaram o partido devido a deficiências no programa em relação à raça, à opressão nacional e em particular à "Questão Negra". Briggs nunca endossou o Partido Socialista. A atração ao Comunismo se deu devido ao apoio da Internacional Comunista aos movimentos de libertação na África e Ásia. O segundo congresso do Comintern, em 1920, adaptou uma resolução com base no suporte aos movimentos de libertação nacional e a luta pelo direitos iguais, e citou a Irlanda e os Afro-Americanos como exemplos de lutas pela libertação que todo comunista deveria apoiar.

Mesmo antes da Segunda Internacional, Briggs acreditava nas virtudes do Bolchevismo. Além de ser uma alternativa ao capitalismo, a internacional Bolchevique apresentava um Pan-Africanismo internacionalista. Além disso, o Bolchevismo se opunha diretamente aos "princípios" da "democracia" como era praticada nas colônias Inglesas e Francesas. Para eles, a URSS era uma potência mundial que praticava a autodeterminação para as nações oprimidas.

Quando o *The Crusader* anunciou que seria o órgão público da ABB em junho de 1921, a atenção à classe e às políticas internacionalistas se tornaram mais explícitas. A constituição da ABB em junho também anunciava o propósito de ser uma organização contra o terrorismo racial, propaganda e educação, e de fortalecimento das lutas dos afro-americanos nos EUA. Apesar de não colocar um estado-autônomo, a África continuava como foco central do programa, segundo Minkah. Para liberar o continente, o Negro deve ser forte politicamente e militarmente nos EUA. Essa ênfase se provou prática e não meramente retórica no capítulo de Tulsa.

O acontecimento de Tulsa deu publicidade nacional à ABB e agora eles eram responsáveis por comandar largas audiências no Harlem. Vendo essa oportunidade, eles realizaram uma série de encontros em junho para discutir o massacre. Em uma série desses encontros os sobreviventes contavam suas histórias e juntavam uma quantia considerável de dinheiro para suporte financeiro. Ao invés de pedir “vingança”, a ABB colocou Tulsa, e por extensão o movimento de Libertação Negra, em conjunto como um movimento internacional contra a dominação capitalista e imperialista.

Seu programa político enfatizava uma ligação entre as lutas de libertação da África diaspórica junto às lutas de libertação do mundo não Africano, e os meios para realizar tal ligação era a Internacional Comunista. Nesse caminho, eles viam a opressão racial, colonialismo e o sistema de produção capitalista como modos de opressão interligados que impactavam o mundo negro em que habitavam, assim como Ásia, Américas e Europa. Seu internacionalismo identificou o papel dos povos diaspóricos vindos do continente africano nessa luta como um dos elementos de ataque aos pilares da dominação capitalista mundial e da supremacia branca onde viviam.

O Pan-Africanismo Internacionalista da ABB, atuou no balanço de lutas locais e globais. Com isso em vista, eles começaram a se aproximar do movimento comunista nos EUA. A participação da esquerda branca foi importante para a história da ABB e seu trabalho teórico, contudo, privilegiar a influência da esquerda distorce o quadro. Até mesmo alguns acadêmicos que tentaram mudar essa relação continuaram a situar a ABB apenas na esquerda, ou considerando seu internacionalismo em ligação apenas com a viagem para a Internacional Comunista na Rússia. As consequências dessa abordagem – a ABB era anterior ao partido Comunista e era independente até 1923 – jogava uma conspiração vermelha de comunistas brancos que manipulavam negros radicais. Professores como Nell Irvin Painter¹⁶⁶, Mark

¹⁶⁶ PAINTER, Neil Irvin. Hosea Hudson: A Negro Communist in the Deep South.

Naison¹⁶⁷, Robin Kelley¹⁶⁸ mostram que haviam trocas políticas e intelectuais entre negros e brancos radicais, ao invés de um purismo radical branco. E os radicais negros da ABB, nessas trocas, estavam respondendo às condições da comunidade negra, as quais eles consideravam deficientes nas pautas das outras organizações.

Além das convergências ideológicas, outros fatores contribuíram para o relacionamento dos radicais negros da ABB com a esquerda branca. Um importante fator é que a ABB sofreu com consideráveis dificuldades organizacionais. Os encontros no Harlem tiveram inúmeros problemas para se manter no nível básico da participação de massas, o que afetou negativamente a sua habilidade de financiamento de suas atividades. (Eles nunca conseguiram se transformar em um movimento de massas). As dificuldades de se manter como organização, favoreceram significativamente para a sua aproximação com o partido comunista, pois, era necessário um investimento tanto imobiliário, com casas e apartamentos que pudessem ser utilizados para realizar reuniões, quanto financeiro.

Os radicais negros inicialmente relutaram em se aproximar através de alianças com o partido comunista dos EUA. Em 1919, na época conhecido como Socialist Party of America (SPA), o partido sofreu uma divisão interna. Essa divisão compôs membros nativos dos EUA e estrangeiros que estavam organizados. Desses nativos surgiu a Communist Labor Party (CLP) e dos radicais estrangeiros surgiram a Communist Party of America (CPA). Um grande ponto de discórdia entre as partes eram se os nativos ou imigrantes deveriam controlar o novo movimento. Com a CLP hostil às federações de línguas estrangeiras do CPA e um obstáculo para a solidariedade de classe. Contudo, em decorrência dessa divisão nenhum partido rompeu com a abordagem reducionista de classe em relação à raça que dominava a SPA. Ambos os novos partidos caracterizavam a raça como um problema que deveria estar ligado a classe primordialmente.¹⁶⁹

Dadas as lutas travadas por radicais negros dentro já da própria SPA, como Hubert Harrison, nessas mesmas questões, eles relutavam em se juntar a uma nova formação da esquerda branca que apresentava adversidades semelhantes às que eles já viam como problemáticas.

Esta abordagem podia ser vista inclusive nos periódicos de esquerda comandadas por brancos como o *The Liberator*:

¹⁶⁷ NAISON, Mark. Communist in Harlem.

¹⁶⁸ KELLEY, Robing D.G. Hammer and Hoe e Freedom Dreams.

¹⁶⁹ Program of the United Communist Party of America. In: <https://www.marxists.org/history/usa/parties/cpusa/1920/05/0531-ucp-program.pdf>

Os negros perceberão que o problema econômico, o problema da exploração e do domínio de classe em geral, está no cerne do problema racial e é mais importante para eles juntar-se a organizações revolucionárias do proletariado geral do que as organizações de sua raça¹⁷⁰ (LIBERATOR, 1919, p. 7).

Essa análise tinha pouco apelo junto à população negra. Dito isso, a aproximação da ABB com o partido comunista dos EUA deve ser vista como uma luta política interna em como a doutrina comunista analisaria e debateria, tanto nos EUA quanto internacionalmente, as relações de raça, classe, nação, anti-imperialismo, anticolonialismo e racismo dentro do movimento comunista. Privilegiar a participação da ABB nesses parâmetros nos ajuda a contextualizar esses debates. Mais especificamente, o olhar de negros radicais levou a uma crítica em direção ao reducionismo de classe abordado pelos militantes, que, ao fim, levou ao próprio Comintern a rever suas abordagens em relação a raça, classe e nação. Dentre os radicais negros, juntaram-se outros militantes de cor de outras partes do mundo, em especial o comunista japonês Sen Katayama e o indiano M.N. Roy. Nesse período, houve uma mudança na forma como a esquerda pensava a raça e o racismo de comunistas brancos. No segundo congresso, John Reed, figura-chave no movimento comunista dos EUA, que escreveu ‘Dez dias que abalaram o mundo’, fez um discurso sobre a “Questão Negra”, que dava respaldo a visão dominante da esquerda branca. Já no quarto congresso, Otto Huiswoud, que foi acompanhado pelos discursos de Claude McKay denunciando o racismo dos trabalhadores brancos e comunistas, ajudaram a iniciar um processo de empurrar o partido comunista dos EUA em direção a um maior compromisso com a libertação negra e suas pautas.

O único membro da ABB com envolvimento a ingressar em um desses partidos foi Otto Huiswoud, que depois de fazer amizade com Sen Katayama, envolveu-se na organização de atividades que o levaram ao conhecimento da SPA, no qual ele ingressou em 1916. Logo após, em 1919, ele se vinculou ao contingente estrangeiro que formaria a CPA.

Para a maioria dos radicais negros, entretanto, nenhum partido era convidativo. Isso só foi mudar com o Segundo Congresso da Internacional Comunista, que pautou as relações raciais em seus debates e o esquema organizativo negro nos partidos comunistas. Segundo

¹⁷⁰ It is to be hoped, however, that the Negroes will realize that the economic problem, the problem of exploitation and class-rule in general, lies in the heart of the raceproblem, and that it is more important for them to join revolutionary organizations of the general proletariat than the special organizations of their race. In: <https://www.marxists.org/history/usa/culture/pubs/liberator/1919/09/v2n09-w19-sep-1919-liberator.pdf>

Prashad (2020, p. 16-17), os pontos de vistas de Lenin sobre a questão colonial sofreram uma mudança de abordagem quando esse entrou em contato com M.N. Roy que pautava uma luta nos termos de um nacionalismo anticolonial. A segunda tese do Comintern emergiu de um encontro desses dois indivíduos com o marxista holandês Henk Sneevliet.

FIGURA 30 - M.N. Roy, com terno preto, Lenin e outros revolucionários



FONTE: Jacobin (2022). Disponível em: < <https://jacobin.com/2021/08/mn-roy-anti-colonialist-indian-independence-mexican-communist-party-comintern-lenin-colonial-policy> >.

No Segundo Congresso, Lenin submeteu ao Comintern um projeto preliminar sobre a questão nacional e colonial, e solicitou para que os camaradas, especialmente aqueles que tivessem uma formação e possuísem conhecimento concreto sobre essas questões complexas, apresentassem suas opiniões, emendas, adendos e observações. Em seu núcleo, as teses de Lenin procuraram direcionar os esforços do Comintern aos movimentos de libertação nacional como lutas políticas que ajudariam na destruição do capitalismo. Isso foi visto como uma

mudança nos procedimentos anteriores que buscavam uma abordagem nacionalista para a luta de classes, sem uma forte solidariedade de classes.

As teses de Lenin compunham 12 propostas, porém, duas são particularmente importantes. A tese 9 que exigia que os partidos comunistas prestassem ajuda aos “aos movimentos revolucionários nas nações dependentes ou que não gozam da igualdade de direitos (por exemplo, na Irlanda, entre os negros da América, etc.) e nas colônias” (LENIN, 1920). E a tese 11 que buscava um maior apoio desses partidos nas questões de libertação locais em conjunto com o movimento democrático-burguês desses locais. Este último levou a críticas ao revolucionário soviético por parte de Roy.

O pedido de informações, por parte de Lenin, sobre os vários aspectos de suas teses, entre elas os “Negros nos EUA” e nas “Colônias”, iniciaram um conjunto de discussões que acabaram se revelando críticos em como os radicais negros viam o movimento comunista nos EUA. Segundo Makalani (2004, p. 134) Lenin via os afro-estadunidenses como uma nação oprimida e, portanto, exigia que os trabalhadores brancos nos EUA, liderados pelo Partido Comunista, apoiassem a libertação negra. Isso demonstraria que os comunistas estavam comprometidos com as demandas da população negra, alimentando uma solidariedade inter-racial entre a classe trabalhadora. Isso, contudo, acendeu debates entre os comunistas brancos com Lenin.

John Reed, em especial, respondeu ao soviético dizendo que os negros meramente buscavam igualdade. E, para ele, devido à falha de nacionalistas negros em construir um movimento de massa forte, a tarefa dos comunistas nos EUA seria persuadir os negros a se juntarem a organizações com trabalhadores brancos. Nem Reed nem Lenin foram influenciados pelo argumento um do outro, o que obrigou ao comunista estadunidense a apresentar seus pontos de vista perante ao próprio Comintern. Discursando na internacional, Reed colocou que os negros, concentrados em grande parte do sul rural, ainda não entendiam sua opressão como uma extensão da luta de classes. No entanto, sua imigração para o norte industrial ofereceu uma crescente melhora nessa consciência, pois estariam em um maior contato com a força operária comunista. Além disso, na visão de Reed, os esforços dos negros e negras contra a violência racial branca refletia em seus desejos de tornarem-se estadunidenses por completo. Nesse aspecto, a consciência racial da população negra, refletia apenas em uma parte da consciência de classe. E para Reed, o trabalho dos comunistas seria o de redirecionar essas energias para a luta de classes.

Os comunistas não devem ficar indiferentes ao movimento negro que reivindica sua igualdade política e social. Neste momento, há um crescimento rápido da consciência racial espalhando-se entre os negros. Os comunistas devem usar este movimento para expor a mentira da igualdade burguesa e enfatizar a necessidade de uma revolução social que não só libertará todos os trabalhadores, mas também é a única maneira de libertar o povo negro escravizado¹⁷¹ (REED, 1920, p. 3, tradução nossa).

De mesma importância, os debates entre Lenin e Roy acabaram por serem negligenciados pela historiografia até a década de 1960, quando seus escritos e memórias vieram à tona. A pedido de Lenin, Roy formulou suas próprias ideias como complemento as teses do soviético e que culminaram nas proposições sobre a questão nacional e colonial.

Igualmente importante para os radicais negros, a tese 10 de Lenin abordou a tendência internacionalista dos comunistas. Nesse aspecto, formulou que o interesse da luta da classe proletária em qualquer país deve estar submetido a uma luta internacional e aos interesses da luta em escala mundial.

O internacionalismo proletário exige, primeiro, a subordinação dos interesses da luta proletária num país aos interesses dessa luta à escala mundial; segundo, exige que a nação que alcançou a vitória sobre a burguesia seja capaz e esteja disposta a fazer os maiores sacrifícios nacionais com vista ao derrubamento do capital internacional (LENIN, 1920)

Esse ponto seria levado adiante na versão adotada das teses para destacar o potencial dos movimentos de libertação nacional baseados na classe trabalhadora para a revolução socialista e para espalhar o socialismo na África e na Ásia. E isso de tal maneira que, no mínimo, a relação da opressão racial não seria mais vista como uma extensão da exploração de classe, mas sim algo central que, com a sua derrocada, ajudaria no enfraquecimento do capitalismo e possibilitaria uma revolução internacional.

Os partidos comunistas foram mornos em suas respostas às resoluções do Congresso. Em 1921, Lenin escreveu para o partido comunista dos EUA expressando preocupação com os relatórios que não faziam menção ao trabalho entre afro-estadunidense. Reiterando que os

¹⁷¹ The Communists must not stand aloof from the Negro movement which demands their social and political equality and at the moment, at a time of the rapid growth of racial consciousness, is spreading rapidly among Negroes. The Communists must use this movement to expose the lie of bourgeois equality and emphasize the necessity of the social revolution which will not only liberate all workers from servitude but is also the only way to free the enslaved Negro people.

negros eram um elemento estrategicamente importante para o movimento comunista dos EUA, ele insistiu que os membros do partido iniciassem atividades de organização em conjunto com a população negra (DRAPER, 2017, p. 321).

O primeiro editorial do partido comunista dos EUA sobre o “problema do negro” veio a aparecer em 1921. Contudo, nesse artigo era possível perceber uma repetição dos argumentos de Reed que caracterizava a população negra como um grupo com menos consciência de classe que, no entanto, tinha um potencial para rebelar-se. O texto destacou que o movimento de libertação negra necessitava do comunismo para fornecer e direcionar aquelas lutas. Logo, ao invés de ver a resolução do Comintern como apoio encorajador para tais lutas, a fim de construir uma revolução proletária, os comunistas dos EUA procuraram redirecionar os negros para longe de questões raciais a fim de se concentrar principalmente na classe (DRAPER, 2017, p. 321).

Makalani (2004, p. 142) nos lembra que um mês após esse editorial, J.P. Collins e John Bruce escreveram um segundo artigo que relatava um considerável crescimento por parte dos esquerdistas brancos em pensar a luta política dos negros por igualdade. Collins e Bruce afirmaram que a tarefa dos comunistas brancos não era se opor as aspirações por uma África livre, igualdade racial, social e por melhores condições de vida, mas sim intensificar essas lutas e ajudar a orientá-las para canais eficazes. O ponto mais importante de sua agitação era canalizar a responsabilidade para os sofrimentos da população negra na burguesia e no sistema capitalista-imperialista (BRUCE; COLLINS, 1921, p. 15).

Ao contrário de outros enunciados em programas ou em jornais, este reconhecia a legitimidade do Movimento Negro, da libertação negra e das suas preocupações diaspóricas em seus participantes. No oposto aos artigos anteriores, buscava entender o capitalismo como estrutura da opressão racial. Dessa maneira, radicais negros já impressionados com o apoio do Comintern para a libertação nacional na Ásia e na África, agora estavam vendo mudanças no movimento comunista dos EUA.

Lembrando que a reverência da ABB em relação ao Comintern, que não foi completa, não se traduziu ao partido comunista dos EUA até esse momento. A participação radical negra no movimento comunista dos EUA e um apoio mais explícito da ABB só viriam depois da convenção da Workers Party (WP), em 1921. Nesse encontro, a WP saiu com um programa que incluía uma seção sobre as relações raciais com uma nova abordagem para a população negra. Focava em trabalhadores negros dos EUA, colocando-os como os mais explorados e oprimidos pelo sistema capitalista do que qualquer outro grupo. O programa criticava práticas excludentes em sindicatos trabalhistas. E o partido, recém formado, declarou a sua intenção de ajudar os negros na luta pela igualdade econômica, política e social, apontando que os interesses dos

brancos são iguais aos dos negros. Em última análise, isso incluiria em destruir completamente a barreira do preconceito racial que vinha sendo usada para separar os trabalhadores negros e brancos e que não permitia uma união sólida entre eles (WP, 1921, p. 14).

Isso enraizou o compromisso do partido com a libertação negra em uma visão do racismo como um obstáculo para a solidariedade interracial da classe trabalhadora, portanto, o racismo era uma forma da luta de classes. Esse texto ecoou no programa da ABB para um “maior companheirismo e coordenação de ação entre as massas negras e brancas com verdadeira consciência de classes que buscam a abolição da exploração humana (BRIGGS, 1987, p. 1251).

Os membros da ABB começaram a ter uma maior afinidade com o partido nos EUA após essa convenção. Na última edição do *The Crusader*, em janeiro-fevereiro de 1922, foram redigidas as palavras já escritas pelo WP e, posteriormente, seu apoio ao partido enviando membros a essa convenção.

Dando seguimento às políticas de incentivo e a utilização de todas as ramificações da raça branca em se unir contra nossos opressores, contra os elementos racistas de sua própria raça e de outras, a African Blood Brotherhood enviou delegados fraternos à referida convenção. Claro, enviamos delegados! E daí? Não vale a pena ter o apoio de um partido que incorpora a própria essência da luta pela libertação negra em seu programa e que tem onze jornais diários nas mais variadas línguas estrangeiras faladas neste país?¹⁷² (BRIGGS, 1987, p. 1357, tradução nossa).

Briggs, nesse artigo, informou aos seus leitores que tal partido ajudaria a enfraquecer a supremacia branca e, ao mesmo tempo, proporcionaria apoio aos negros. Ademais, ele controlava várias publicações e gráficas, comandava um grande número de membros e tinha conexões internacionais, sendo a Rússia soviética a mais importante.

Mark Solomon e Winston James relatam que a ABB ficou independente até meados de 1923, entretanto, o relacionamento que vários membros vinham desenvolvendo com a WP resultou em diversas filiações nas duas organizações. Contudo, é difícil delimitar a quantidade de radicais negros que se juntaram ao partido. Makalani (2004, p. 146), coloca que o núcleo Pushkin da ABB, na cidade de Chicago, era mais propenso a aderir ao WP, devido a grande

¹⁷² In pursuance of its policies of encouraging and utilizing all divisions within the white race and of uniting against our oppressors all elements of the discontented of their own and other races, the African Blood Brotherhood sent fraternal delegates to said convention. Sure, we sent delegates! And what of it? It is not Worth while to have the support of a Party which embodies the very essence of the Negro Liberation Struggle in its program and which has eleven daily newspaper in the various foreign languages spoken in this country?

parte de seus membros serem da classe trabalhadora. Dentre eles, temos Otto Hall que era um veterano da Primeira Guerra Mundial e que já havia atuado em outras organizações como a IWW e a UNIA. Também compunham o núcleo Edward Doty, que era um encanador e ativo no movimento sindical da cidade, participando da Chicago's Free Thought Society. E outros nomes como Elizabeth Doty e Bob Hariden que também haviam sido membros da UNIA anteriormente.

Essa aproximação torna-se mais evidente quando uma série de encontros entre Rose Pastor Stokes e radicais negros da ABB e da Liberty League de Harrison. Daí surgiram propostas por parte de Stokes e do partido na ajuda financeira em troca de que essas organizações impulsionassem e promovessem o comunismo no Harlem. Harrison, prontamente recusou a proposta, contudo, a ABB não.

No final do verão, muitos da irmandade ainda não estavam convencidos do apoio de Stokes, alguns temendo que ela tivesse sentimentos racistas. Só em 1923 é que se teria um acordo formal entre o WP e a ABB que envolvia um apoio financeiro do partido. Apesar da falta desse compromisso oficial, alguns membros aderiram ao partido, porém, logo enfrentaram resistência e racismo dos brancos. As consequências foram que vários radicais negros não aderiram a permanência na organização e muitos de Chicago recusaram a trazer novos membros ao partido comunista, encaminhando-os para a ABB. Dessa forma, longe de aceitarem suas condições e preocupações tratadas nos EUA, os comunistas negros direcionaram sua voz para o Quarto Congresso da Internacional Comunista.

Com data marcada para novembro de 1922, o congresso recebeu parte do Conselho Executivo da ABB que fazia parte da WP e serviram como eleitos oficiais a participarem do evento. Estes incluíam, Otto Huiswoud, Cyril Briggs, Grace Campbell, Richard B. Moore e Claude McKay. Essa aproximação com o Comintern fez com que surgissem alguns desafetos com o núcleo de Chicago da ABB, onde maior parte dos membros deixaram a organização no período, pois não acreditavam em uma solução prática para seus problemas.

Otto Huiswoud e McKay foram os primeiros negros radicais a participarem da Terceira Internacional Comunista. Huiswoud foi como membro oficial da delegação dos EUA e atuou como presidente da primeira comissão negra no Comintern, também presidindo a comissão especial daquele encontro sobre a “questão do negro”. Enquanto a viagem de McKay à Rússia foi financiada por grupos de ativistas do Harlem, representando a ABB, e acompanhou Huiswoud na comissão. Ambos, quando chegaram lá, falaram sobre as condições enfrentadas pela população negra no país e do problema que encontraram no movimento comunista dos EUA.

FIGURA 31- Huiwoud (esquerda) e McKay (centro) posando perto de um cavalo de bronze em Leningrado



FONTE: BALDWIN (2002, p. 49)

A participação desses dois não aconteceu sem consideráveis protestos e rechaços por parte da delegação branca, que se opôs a participação de McKay em especial. Sen Katayama relata os protestos que McKay vinha recebendo na Rússia Soviética pelos membros da delegação estadunidense:

Um representante negro de puro sangue da ABB, o camarada Claude McKay, foi expulso do Hotel Lux e ainda perseguido do Restaurante Lux onde estava comendo sua refeição com seu próprio dinheiro. Todos esses tratamentos brutais feitos ao camarada McKay pela mesma delegação americana! Com efeito, toda a delegação com exceção dos camaradas Billings (Huiswoud) e Sasha eram contrários a resolução negra na reunião da seção americana¹⁷³ (BALDWIN, 2002, p. 54-55, tradução nossa).

Essas ações ocorreram em grande caso devido às denúncias realizadas por McKay e Huiswoud ao racismo existente dentro do partido. Também criticaram a noção predominante de que os negros precisavam mostrar seus verdadeiros interesses de classe. McKay inclusive relatou que era necessário o fim do racismo por parte dos membros brancos no partido, antes de realizarem qualquer tentativa de aproximação com os negros radicais (DRAPER, 2017, p. 327).

Tal colocação mudava o foco na discussão da organização negra para a atenção em como o partido comunista lidava com o racismo dentro de suas próprias fileiras. Era necessário que acabasse com o racismo entre seus próprios membros para garantir que os trabalhadores negros e negras adotassem seu programa. Ademais, McKay colocava que essa limitação e preconceito prejudicava a formação de um movimento de massas nos EUA.

Já Otto Huiswoud, participando do Quarto Congresso com o pseudônimo de Billings, segundo Makalani (2004, p. 151-153), reverberou as acusações de McKay e estendeu-as a reformular a “Questão do Negro” como um problema do partido comunista dos EUA. O surinamês argumentou também que embora a questão econômica fosse primordial, a luta de classes também era uma luta política. Enquanto os trabalhadores negros foram colocados como mão de obra barata com míseros salários, o racismo dos trabalhadores brancos ajudou a criar a situação de exclusão da população negra de seus sindicatos. Nesse sentido, Huiswoud refletia o pensamento da ABB de que a luta racial estava intimamente ligada à luta de classes. Ele explicou que a hostilidade dos trabalhadores negros com sindicatos ou organizações radicais brancas era uma resposta ao racismo presente nos membros das próprias sociedades.

Embora crítica de uma liderança burguesa em organizações como a UNIA, ele relatou que ao menos essas sociedades estavam influenciando as mentes da população negra contra o imperialismo e formulando um movimento de massas. Aludindo às “teses sobre a questão

¹⁷³ A purê or full-blooded Negro representative of the ABB, Comrade Claude McKay, was kicked out of the Hotel Lux and Even was pursued or chased out from the Lux Restaurant where McKay was eating his meal with his own Money. All these brutal treatments meted out to Comrade McKay by the same American delegation! Indeed, the entire delegation with the exception of the Comrades Billings and Sasha were against the Negro resolution in the American section meeting.

nacional e colonial”, Huiswoud fez a ligação da diáspora entre os negros nos EUA e na África saudando o potencial para o movimento comunista internacional que esse movimento tinha. Entretanto, como lembra Makalani (2004, p. 152), ele se distanciou das premissas da ABB quando dirigiu ao congresso que os negros do novo mundo representariam o potencial revolucionário dos movimentos de libertação africanos. Dessa forma, ele enfatizava a centralidade da população negra no novo mundo, em especial nos EUA, como centro do pensamento político da diáspora.

Os membros da ABB no Comintern estavam levando a Internacional a rever suas formulações teóricas e, como o resultado disso, as “teses do quarto congresso do Comintern sobre a questão negra” refletiam o programa organizacional da Irmandade. Essas teses do congresso delineavam quatro pontos específicos da atividade organizacional dos negros nos EUA:

1. IV Congresso considera essencial apoiar todas as formas do movimento negro que visam minar ou enfraquecer o capitalismo e o imperialismo ou impedir a sua expansão.
2. A Internacional Comunista lutará pela igualdade racial de negros e brancos, por salários iguais e igualdade de direitos sociais e políticos.
3. A Internacional Comunista fará todo o possível para forçar os sindicatos a admitirem trabalhadores negros onde a admissão é legal, e vai insistir numa campanha especial para alcançar este fim. Se esta não tiver êxito, ela irá organizar os negros nos seus próprios sindicatos e então fazer uso especial da tática da frente única para forçar os sindicatos gerais a admiti-los.
4. A Internacional Comunista vai tomar imediatamente medidas para convocar uma conferência ou congresso internacional negro em Moscovo (MARXIST.ORG, 2015).

Os pontos dois e três replicaram o programa da ABB:

- 2) **Equidade de raça** - Nessa questão está indescritivelmente ligado os problemas de Igualdade política, Igualdade social, e igualdade econômica. Deixe um de fora e todo o princípio de equidade de raça é jogado fora.
- 7) **Salários maiores, menos horas de trabalho e melhores condições de vida para os trabalhadores negros** - Para o trabalhador Negro ganhar o completo reconhecimento de seu trabalho e para prevenir exploração no serviço ou na fonte de

suprimentos. Nós devemos encorajar a união industrial entre nosso povo e ao mesmo tempo lutar para acabar com o preconceito que são estimulados e encorajados nas uniões. Esse preconceito já é conhecido pelo ataque contra o radical e o progressivo entre as uniões de homens brancos e devem eventualmente ceder diante o ataque unido dos trabalhadores negros e brancos. Onde quer que seja impossível a existência de uniões trabalhistas, uniões independentes devem ser formadas, o trabalhador negro deve ser habilitado a proteger seus interesses¹⁷⁴ (BRIGGS, 1987, p. 77-78, tradução nossa).

Isso atraiu aqueles radicais negros que estavam céticos em relação à esquerda branca. Eles não apenas foram encorajados pelos quatro pontos organizacionais, como também encontraram uma intimação que podiam usar com o WP: “aplicar as teses sobre a questão nacional e colonial para o problema do negro”. Como Lenin tinha instruído os trabalhadores das nações imperialistas a apoiarem as lutas de libertação nas colônias, os negros radicais poderiam esse imperativo para forçar o partido comunista dos EUA em apoiar a luta antirracista da população negra.

McKay, no entanto, permaneceu pessimista com a possibilidade de uma luta de classes proletária interracial. A tarefa da WP era tripla: apoiar as lutas negras pela libertação; desenvolver uma abordagem teórico prática que aplicasse as teses sobre a questão nacional e colonial; e organizar as massas negras (MAKALANI, 2004, p. 155). Contudo, suas respostas a tais diretrizes foram mornas.

Em 1923, os membros da ABB fizeram uma série de viagens pelos EUA com palestras que consistiam na publicidade e propaganda da organização, falando em igrejas, núcleos locais da irmandade, organizações comunitárias e sindicatos. Financiada por membros locais, a turnê foi considerada um sucesso por Briggs, fazendo com que supostamente a ABB ganhasse 300 novos membros. Inclusive, com Huiswoud realizando um tour ao Canadá para ajudar na formação da organização. Lá, ele entrou em contato com Joseph Manley da Trade Union Educational League (TUEL), e seus esforços centraram-se em organizar mulheres afro-caribenhas na indústria do vestuário canadense, buscando a ampliação de atividades sindicais entre as mulheres negras. Independente do tour ter sido bem sucedido ou não, a habilidade de

¹⁷⁴ 2) Absolute race equality. In this question are inextricably bound the issues of political equality, social equality and economic equality. Let one be denied and the whole principle of racial equality is denied. 7) Higher wages for Negro labor, shorter hours and better living conditions. To gain for Negro labor the full regard of it toil and to prevent exploitation either on the job or at the source of supplies we must encourage industrial unionism among our people and at the same time fight to break down the prejudice in the unions which is stimulated and encouraged by the employers. This prejudice is already meeting the attack of the racial and progressive element among white union men and must eventually give way before the united onslaught of Black and White Workers. Wherever it is found impossible to enter the existing labor unions, independent unions should be formed, that Negro labor be enabled to protect its interests.

fala e a eficácia de seus discursos nos EUA levaram ao Conselho Supremo da ABB a enviá-lo para outra viagem como organizador.

A segunda excursão foi acompanhada pelo lançamento de outra campanha de adesão no outono de 1923. Briggs enviou diversos pacotes com livros e panfletos para todos os postos da ABB. Os esforços dessa turnê estavam no recrutamento de sindicatos, principalmente o de mineradores em Montgomery, na Virgínia Ocidental. Lá, estabeleceram outro núcleo que compunha sessenta e cinco membros.

Contudo, apesar desses sinais positivos, o posto Melenik, do Harlem, testemunhava um declínio no número de membros ativos. Em novembro, Briggs advertiu sobre a apatia e o baixo comprometimento nas reuniões, vários dos associados pararam de pagar a mensalidade e de frequentá-los.

Isso resultou em vários cancelamentos de encontros e no prejuízo financeiro. O próprio Briggs sentiu as dores de dirigir a ABB e a falta de dinheiro. Quando ele entrou no WP, começou a ganhar um salário de cinquenta dólares por semana, e nessa função tinha tempo livre o suficiente para dirigir a organização e o *The Crusader*. Contudo, o partido, que tinha sede em Nova York, mudou-se para Chicago, o que ocasionou na perda de sua renda estável.

A dificuldade financeira e a incapacidade de manter ativo os membros levou a ABB a estabelecer um relacionamento formal com o WP. Winston James (2020, p. 177) relata o acontecimento de uma reunião em 22 de novembro de 1923 entre as duas organizações que marcava efetivamente o fim da ABB como uma organização independente. Buscando apoio financeiro, a ABB agora tornava-se a filial, localizada no Harlem, do WP. Alguns dias após esta reunião, Briggs informou os membros do Conselho Supremo da decisão de unir as duas associações com o objetivo de garantir os devidos recursos para manter as atividades da irmandade. Dessa maneira, o WP daria entrada na comunidade negra que até então não havia conseguido. Dado que nesse período, alguns membros da ABB também estavam ocupando lugares de liderança no Harlem como representantes do WP, a decisão não foi tão difícil.

Makalani (2004, p. 159) argumenta que uma consequência imprevista aconteceu com essa aproximação, a imposição da visão do partido e o lugar dos camaradas negros inseridos. Menos de um mês depois do estabelecimento da relação formal, o WP começou a valer sua visão e controle sobre os radicais negros na forma de mitigar a atenção da esquerda para o trabalho negro. Em 14 de dezembro daquele ano, o Conselho Executivo do WP removeu Huiswoud do “trabalho entre os negros”, apesar de seu sucesso como organizador e propagandista na ABB. E embora um comitê negro tenha sido formado, Robert Minor, um comunista branco, foi colocado à frente no lugar de vários membros hábeis da ABB.

Logo após, os membros da ABB começaram a desafiar a abordagem do partido por dentro, em reuniões, encontros, com atividades políticas independentes e internacionalmente. No fim, o ceticismo dos radicais negros sobre o partido comunista nos EUA provou ser justificado e a ABB continuou a concentrar seus objetivos traçados em seu programa, principalmente aquele que dizia respeito a construção da Federação Negra. Essa foi sua atividade organizacional mais importante nos dois últimos anos de existência.

Harry Haywood (1978, p. 126) lembra que a ABB havia se dissolvido no verão de 1924. Embora em 1925 reuniões no posto Melenik do Harlem fossem convocadas, elas foram escassas. Eventualmente, a ABB se dissolveria e muitos de seus membros seguiram Briggs na WP.

Em 1942, Briggs junto a Richard B. Moore e Otto Hall foram expulsos do Partido Comunista dos EUA. O argumento era que seu pensamento era demasiado nacionalista e essencialista no modo negro de pensar (HILL, 1987, p. 48). Em 1944, ele mudou-se para Califórnia, mas, no processo, muitos de seus documentos pessoais foram perdidos no transporte. E outra perda significativa foi quando o arquivo do *The Crusader* desapareceu do Centro de Pesquisa de Cultura Negra Schomburg, em Nova York. Doador pelo ex-secretário da ABB, Theodore Burrell, o arquivo, nunca foi recuperado. Contudo, isso não apagou o legado da ABB, reaparecendo ao longo das décadas seguintes. Robert F. Williams, líder militante da NAACP em Monroe, Carolina do Norte, na década de 1960, confessou a influência de Briggs e os outros membros principalmente no quesito da autodefesa negra.

FIGURA 32 - Robert F. Williams e sua esposa Mabel Williams



FONTE: Libcom.org (2022). Disponível em: < <https://libcom.org/article/negroes-guns-robert-f-williams> >.

“Muitos anos atrás, ouvi falar de Cyril V. Briggs e seu Crusader, mas não estando ciente de sua possível aprovação ou desaprovação do uso do nome, eu mudei adicionando Boletim Semanal”¹⁷⁵ (HILL, 1987, p. 48, tradução nossa). Essa influência repassada a Williams¹⁷⁶ foi, consequentemente, transmitida ao Partido dos Panteras Negras.

¹⁷⁵ Many years ago I heard of Cyril V. Briggs and his Crusader, but not being aware of his possible approval or disapproval of my use of the name I changed it by adding Weekly Newsletter.

¹⁷⁶ O contexto dessa citação refere-se ao exílio de Williams em Cuba, devido a perseguições que vinha sofrendo pelo FBI. Na ilha, escreveu seu livro “Negros com armas”, trabalhou na construção de uma estação de rádio chamada “Radio Free Dixie” e construiu o jornal *The Crusader* com sua esposa Mabel Williams, influenciados pelo periódico da ABB.

FIGURA 33 - *The Crusader* de Robert F. William e Mabel Williams


The Crusader

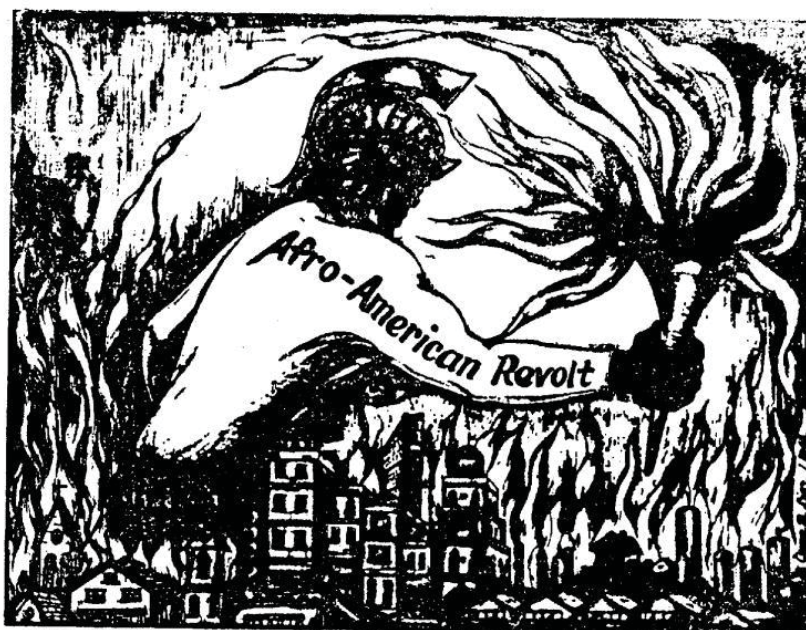
MONTHLY NEWSLETTER

ROBERT F. WILLIAMS, Publisher —IN EXILE—

VOL. 5 — No. 4 — MAY - JUNE 1964

USA: THE POTENTIAL OF A MINORITY REVOLUTION

When the brutally oppressed Afroamerican speaks of violent resistance to savage racial dehumanization, he reaps a whirlwind of reasons and causes why such a reaction



THE RACIST U.S.A. - THE TORCH OF RETRIBUTION!

supposedly is insane and suicidal. There is no end to the stereotyped polemics and heated opposition that beclouds a rational and objective discourse on the subject. From the

Por fim, é preciso pontuar que uma das características mais significativas do período do entre guerras foi esse surgimento do radicalismo entre os afro-estadunidenses, que tentamos mapear, a partir de uma construção historiográfica da ABB. Nesse sentido, a *The Crusader*, o jornal da organização que aqui exploramos, foi um dos mais importantes documentos desse fenômeno. A African Blood Brotherhood, portanto, deve ser marcada como uma das mais importantes organizações a aparecer nesse período.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da African Blood Brotherhood foi central para o entendimento e o desenvolvimento da tradição radical negra nos Estados Unidos e na Diáspora. Apesar de ter sido um grupo pequeno em comparação a alguns de seus contemporâneos, sua importância histórica transcende sua existência formal como organização. Este estudo tentou perceber suas atividades intelectuais e políticas, sua forma organizativa e ideológica, junto ao movimento social e em meio ao contexto histórico do qual fazia parte, esforçando-se para entender como eles contribuíram para os desdobramentos e políticas alternativas, dentro dos Estados Unidos, do movimento negro e do próprio radicalismo no início do século XX.

Em nossa pesquisa, percebemos que seus membros faziam parte do fruto da diáspora africana que se deu a partir do final do século XIX, sendo seus filiados, sobretudo os que compunham a parte central da organização, quase todos afro-caribenhos que em determinado momentos de suas vidas, pelos mais diversificados fatores, imigraram para uma nação que trazia complexidades novas para suas vidas. A partir desse estabelecimento, criaram novas sociabilidades e entraram no fluxo do Movimento do Novo Negro.

Quando chegaram aos Estados Unidos, entraram nos debates contemporâneos e visualizaram que as organizações coexistentes como a SPA, NAACP, UNIA, unidas aos seus programas políticos, apresentavam-se como inadequadas para a luta pela Libertação Negra. Entraram nos debates de orgulho racial, nacionalismo e marxismo. Através desses contatos, obtiveram inspirações para produzir seu projeto político de maneira única. Compreenderam dinâmicas novas de se entender a opressão racial e as complexidades de se lutar contra o racismo global.

A solução que encontraram estava relacionada a uma visão política internacional, que buscava a solidariedade aos movimentos anticolonialistas na África, Ásia e Caribe. Eles procuraram transformar o caráter político do Movimento do Novo Negro enraizando-o nas preocupações cotidianas dos negros da classe trabalhadora. Nesse sentido, centravam-se em projetos de libertação racial e construção do socialismo.

No primeiro capítulo, conhecemos nossos integrantes introdutoriamente. Percebemos que eles faziam parte da imigração afro-caribenha, das relações diaspóricas e transnacionais. Dessa forma, formularam interpretações de mundo particulares. Também compreendemos a ascensão da organização e de seu principal meio de divulgação, o periódico *The Crusader*; com isso, foi possível nos aprofundarmos na historiografia sobre a ABB, buscando delimitar os agentes

que com ela entraram em contato, tanto contemporânea quanto posteriormente, ou seja, ao longo do século XX e XXI.

No segundo capítulo, centrou-se mais na área da contextualização dos Estados Unidos no início do século XX, período este em que a ABB estava inserida. Buscamos compreender o funcionamento da nação e sua base estrutural vinculada à branquitude. A partir disso, exploramos as condições da população negra tanto na região sul, quanto norte do país; eventos históricos relacionados como a grande migração, que se estendeu do final do século XIX até o século XX; os movimentos de libertação que ascendiam no país devido a esses processos; as organizações e processos político e ideológicos como o conservadorismo negros, o nacionalismo e socialismo. Por fim, trazemos um pouco do panorama da imprensa negra relacionada a esse contexto.

Em relação ao terceiro capítulo, compreendemos as bases da ABB e alguns dos debates que eles realizavam. A estrutura ideológica e política que a organização seguia; a estrutura organizativa e formação desse grupo; assim como os principais fios condutores de calorosas discussões entre seus integrantes no Harlem – a construção de uma história que contasse os feitos da população negra contra aquilo que eles chamavam de *educação alienante* produzida pela modernidade; e os debates relacionados a gênero.

Nesse debate, constatamos que a organização coloca questões até então vistas como externas na centralidade da produção histórica nos Estados Unidos. Segundo a historiografia, a ABB, fazendo parte de um processo histórico maior, realizou trabalhos que desenterravam o passado pré-americano da população negra, ao juntar novamente fragmentos da linha histórica negra e a contribuição feita por essa população através do mundo e do tempo. Eles refutaram os odiosos estereótipos raciais que retratam o negro como um homem sem passado, sem história e, portanto, indigno de um lugar em condições de igualdade na mesa da civilização. O mito do passado negro apenas como escravo é agora destruído. E na destruição desse mito, o negro vê a si mesmo emergindo como herdeiro de uma rica tradição histórica com antecedentes que remontam ao nascimento da civilização. Essa literatura trouxe para a consciência dos afro-estadunidenses e para um número cada vez maior de brancos as páginas perdidas da história africana e americana, a grande contribuição feita pelo negro para a democracia e civilização.

No quarto capítulo, o objetivo foi compreender as relações que a organização fez com as dinâmicas da primazia racial em conjunto com as ideias marxistas e como eles chegaram à conclusão de que seria necessário uma solidariedade de povos para que seus objetivos fossem realizados. Compreendemos o significado de Pan-Africanismo internacionalista que eles

queriam desenvolver e os embates que tiveram com a comunidade negra na época, assim como os que tiveram com o movimento comunista.

A ABB, em sua formação, sabia que a esquerda nos Estados Unidos, mais especificamente, o movimento comunista local, carecia de uma capacidade e disposição de teorizar sobre a opressão racial enfrentada pela população negra e, portanto, assumiu a tarefa de moldar uma teoria pan-africana de libertação. Eles buscaram ir além das limitações da esquerda para conseguirem explicar as contradições e funcionamentos da luta de classes e os movimentos de libertação, respondendo que estes estavam interligados. Tentaram realizar esse debate com siglo mesmos, mas também com a comunidade negra no período, com por exemplo Marcus Garvey e Kelly Miller. Dentro desse procedimento, eles argumentaram sobre a relação recíproca entre povos diaspóricos e a população da África, pontuando que os da diáspora deveriam auxiliar e ajudar na luta pela libertação africana, entretanto, não colocando-se à frente dessa batalha. Para eles, o povo de África é que lideraria esse processo anticolonial. Articularam um programa político que mudava uma definição de pan-africanismo mais tradicional, a qual abarcava uma relação América, Europa e continente africano. Abordando as diferenças dentro da própria diáspora, a ABB articulou um internacionalismo que buscou ir além da solidariedade da classe trabalhadora, mas que colocava e insistia nas lutas antirracistas e anticoloniais como centrais para a construção do socialismo, o fim do racismo, colonialismo e imperialismo.

Por não encontrarem espaço no partido comunista dos Estados Unidos, buscaram fornecer espaço político e intelectual para expor suas ideias e programa político na própria organização e outras instituições como a PEF, mas também em suas publicações como o *The Crusader* e de contemporâneos da comunidade negra tal qual o *The Messenger*. Quando estavam nas fileiras do partido, criticaram e desafiaram abertamente a persistência de um reducionismo da questão racial dentro da entidade. Isso voltou-se também para a Internacional Comunista como um lugar de denúncia em que eles poderiam conseguir alguma solução para tais preocupações. Nesse processo, eles desafiaram também o próprio pensamento do Comintern sobre raça, nação e classe, juntando-se a outros radicais que viviam em colônias como Sen Katayama e M.N. Roy.

Com isso, os radicais negros da ABB começavam a mudar o caráter do movimento comunista dos Estados Unidos, bem como sua organização, avançando em abordagens comunitárias e começando a dar centralidade à comunidade negra dentro do partido. Tal abordagem também possibilitou a difusão do radicalismo negro entre a população de uma forma que antes não era possível, ajudando a transformar também o próprio caráter do Movimento do Novo Negro.

Seus reflexos poderiam ser percebidos ao longo do século XX. Na década de 30 e 40 seus membros continuaram realizando atividades mesmo após a dissolução da ABB. Novas lideranças que surgiriam posteriormente tomariam a organização como referência na luta, sendo inspiração para Robert F. Williams e sua luta na NAACP, luta esta que se utilizava de métodos de autodefesa. O Partido dos Panteras Negras, nas décadas de 60 e 70, pode não ter referenciado a ABB durante seu período de existência, porém, podemos percebê-lo como um sucessor espiritual desse movimento do novo negro radical da década de 20.

Por fim, considerando as reflexões realizadas durante a trajetória da pesquisa, muitas perguntas ainda ficam em aberto e reflexões possíveis de se fazer para entendermos a ABB e sua contribuição histórica. O objetivo principal dessa dissertação foi apresentar essa organização de maneira introdutória e abrir um debate que poderá ser feito posteriormente por outras pesquisas no Brasil.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7.1 FONTES:

BRIGGS, Cyril V; Robert A. Hill (org). **The Crusader**: a facsimile of the periodical. Volume 1. New York: Garland Publishing, 1987.

_____. **The Crusader**: a facsimile of the periodical. Volume 2. New York: Garland Publishing, 1987.

_____. **The Crusader**: a facsimile of the periodical. Volume 3-6. New York: Garland Publishing, 1987.

BRIGGS, Cyril. “Alien Education”, 1918. In: BRIGGS, Cyril V; HILL, Robert A. (org). **The Crusader**: a facsimile of the periodical. Volume 1, p. 7, New York: Garland Publishing, 1987.

_____. “African Blood Brotherhood”, 1918. In: BRIGGS, Cyril V; HILL, Robert A. (org). **The Crusader**: a facsimile of the periodical. Volume 2, p. 562, New York: Garland Publishing, 1987.

_____. “Announces of the African Blood Brotherhood”, 1918. In: BRIGGS, Cyril V; HILL, Robert A. (org). **The Crusader**: a facsimile of the periodical. Volume 2, p. 495, New York: Garland Publishing, 1987.

_____. “Condensed and Tentative Constitution”, 1921. In: BRIGGS, Cyril V; HILL, Robert A. (org). **The Crusader**: a facsimile of the periodical. Volume 3-6, p. 1323-1325, New York: Garland Publishing, 1987.

_____. “Constitution of the African Blood Brotherhood”, 1921. In: BRIGGS, Cyril V; HILL, Robert A. (org). **The Crusader**: a facsimile of the periodical. Volume 3-6, p. 1155, New York: Garland Publishing, 1987.

_____. “Marcus Garvey”, 1918. In: BRIGGS, Cyril V; HILL, Robert A. (org). **The Crusader**: a facsimile of the periodical. Volume 1, p. 407, New York: Garland Publishing, 1987.

_____. “Program of the A.B.B”, 1921. In: BRIGGS, Cyril V; HILL, Robert A. (org). **The Crusader**: a fascimile of the periodical. Volume 3-6, p. 1251, New York: Garland Publishing, 1987.

_____. Race Cathecism. In: HILL, Robert A; BRIGGS, Cyril. **The Crusader**: a fascimile of the periodical. Volume 1. New York: Garland Publishing, 1987.

_____. “Summary of the Program and Aims of the African Blood Brotherhood”. In: HILL, Robert. Racial and radical: Cyril V. Briggs, The Crusader magazine, and the African Blood Brotherhood, 1918–1922. In: BRIGGS, Cyril V; HILL, Robert A. (org). **The Crusader**: a fascimile of the periodical. Volume 1, p. 77, New York: Garland Publishing, 1987.

_____. The Salvation of the Negro. In: HILL, Robert A; BRIGGS, Cyril. **The Crusader**: a fascimile of the periodical. Volume 3-6. New York: Garland Publishing, 1987.

_____. To Oakley C. Johnson, 18 de abril, 1962. In: Oakley C. Johnson Papers, Manuscripts, Archives, and Rare Books Division, Schomburg Center for Research in Black Culture, New York.

BURRELL, Theo. “African Blood: Explaining the Historic Ceremony of Blood Brotherhood and How Africa’s Sons Laid Foundation for All Modern Trought”, 1921. In: BRIGGS, Cyril V; HILL, Robert A. (org). **The Crusader**: a fascimile of the periodical. Volume 3-6, p. 1274, New York: Garland Publishing, 1987.

DOMINGO, W.A. Will Bolshevism freed America? The Messenger, Setembro de 1920. Disponível em: < <https://www.marxists.org/history/usa/pubs/messenger/v2nRN-08-sep-1920-Messenger.pdf> >. Acesso em: 20 ago. 2022

HALL, Gertrude E. A street episode. In: BRIGGS, Cyril V; Robert A. Hill (org). **The Crusader**: a fascimile of the periodical. Volume 1. New York: Garland Publishing, 1987.

_____. The Servant Problem. In: BRIGGS, Cyril V; Robert A. Hill (org). **The Crusader**: a fascimile of the periodical. Volume 1. New York: Garland Publishing, 1987.

MCKAY, Claude. If We Must Die. In: BRIGGS, Cyril. **The Crusader** – vol 2 (september 1919 – august 1920). New York: Garland Series, 1987.

INTERNET ARCHIVE. Radical Activities - Negro Organizations, HQ 61-826, HQ 61-349. In: Radical Activities - Negro Organizations, HQ 61-826, HQ 61-349. [S. l.], 04 abr. 2021. Disponível em: < <https://archive.org/details/fbi-hq-61-826-negro-organizations/page/n19/mode/1up?q=1921> >. Acesso em: 16 jul. 2022.

7.2 BIBLIOGRAFIA

ADI, Hakim. **Pan-Africanism: A History**. London: Bloomsbury Academic, 2018.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro/ Polén, 2019.

AMIN, Samir. **Eurocentrismo: crítica de uma ideologia**. São Paulo: Lavrapalavra, 2021.

ANDERSON, Lisa M. From Blackface to ‘Genuine Negroes’: Nineteenth-Century Minstrelsy and the Icon of the ‘Negro’. **Theatre Research International**. Vol. 21, n. 1, p. 17-23, 1996.

ARENDT, Hannah. Introduction, “Walter Benjamin: 1892-1940”. In: BENJAMIN, Walter. *Illuminations*. New York: Schockenbooks, 2007.

ASSUNÇÃO, Marcello F. M de; MIRANDA, Fernanda R. de. Indisciplinando o cânone: pensamento afrodiaspórico e a colonialidade no campo historiográfico e literário. In: **Pensamento afrodiaspórico em perspectiva: Abordagens no campo da História e Literatura – Volume 1: História**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

AVILA, Arthur Lima de. De Ferguson a Charlottesville: acumulação temporal, capitalismo racial e a história presente dos Estados Unidos. In: KAMINSKI, Rosane; HONESKO, Vinicius, SEREZA, Luiz Carlos (org). **Artes & Violências**. São Paulo: Intermeios, 2020.

_____. O que significa indisciplinar a história? In: AVILA, Arthur Lima de; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo (Orgs.). **A História (in)Disciplinada: Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico**. Vitória: Editora Milfontes, 2019. pp. 19-51.

BALDWIN, Davarian L; MAKALANI, Minkah. **Escape from New York: the new negro renaissance beyond Harlem**. Minnessota: University of Minneapolis Press, 2013.

BALDWIN, Kate. **Beyond the color line and the iron curtain: reading encounters between black and red, 1922-1963**. Durham: Duke University Press, 2002.

BARBOSA, Muryatan S. Pan-africanismo e marxismo: aproximações e diferenças a partir do pensamento africano contemporâneo. **Revista Fim do Mundo**. N. 4, p. 60-86, jan/abr. 2021.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de História**. São Paulo: Alameda, 2020

BERGHE, PIERRE VAN DER. **Race and Racism: A Comparative Perspective**. New York: John Wiley & Sons, 1967.

BERGIN, Catherine. Unrest among the Negroes, the African Blood Brotherhood and the politics of resistance. **Race & Class**. Vol. 57, n. 3, p. 45-58. 2016.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLACK THEN. OTTO HUISWOULD: FIRST BLACK MEMBER OF THE COMMUNIST PARTY. In: **OTTO HUISWOULD: FIRST BLACK MEMBER OF THE COMMUNIST PARTY**. [S. l.], 26 dez. 2021. Disponível em: <https://blackthen.com/otto-huiswould-first-black-member-of-the-communist-party/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE NOVA YORK. The Crusader; Onward for Democracy; Upward with Race; Mrs. James Conick, Jr., New York State tennis Champion. In: **The New York Publica Library Digital Collections: The Crusader**. [S. l.], 2022. Disponível em: < <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47df-a135-a3d9-e040-e00a18064a99> >. Acesso em: 15 set. 2022.

_____. Miss Evelyn Ellis of the Lafayette players. In: **The New York Publica Library Digital Collections: The Crusader**. [S. l.], 2022. Disponível em: < <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47df-a13a-a3d9-e040-e00a18064a99> >. Acesso em: 15 set. 2022.

_____. Thanksgiving Crusader Magazine; Onward for Democracy; Upward with Race. [Cover page]. In: **The New York Publica Library Digital Collections: The Crusader**. [S. l.], 2022. Disponível em: < <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47df-a13d-a3d9-e040-e00a18064a99> >. Acesso em: 15 set. 2022.

_____. Andrea Razafkeriefo. In: **The New York Publica Library Digital Collections: The Crusader**. [S. l.], 2022. Disponível em: < <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47df-a15e-a3d9-e040-e00a18064a99> >. Acesso em: 15 set. 2022.

_____. Claude McKay. In: **The New York Publica Library Digital Collections: The Crusader**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47df-1ec9-a3d9-e040-e00a18064a99> >. Acesso em: 15 set. 2022.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRUCE, Robert; COLLINS, J. P. The Party and the Negro Struggle. Disponível em: < <https://www.marxists.org/history/usa/pubs/thecomunist/thecomunist6/v1n05-nov-1921-com-CPA.pdf> >. Acesso em: 16 dez. 2022.

BUCK-MORSS, Susan. Hegel e Haiti. **Novos Estudos**. N. 90, p. 131-171, 2011.

BUSH, Roderick. **The end of white world supremacy: black internationalism and the problem of the color line**. Philadelphia: Temple University Press, 2009.

BUTLER, Kim D; DOMINGUES, Petrônio. **Diásporas imaginadas: atlântico negro e histórias afro-brasileiras**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

CÔRTEZ, Giovana Xavier da Conceição. BRANCAS DE ALMAS NEGRAS? BELEZA, RACIALIZAÇÃO E COSMÉTICA NA IMPRENSA NEGRA PÓS-EMANCIPAÇÃO (EUA, 1890-1930). 2012. 424 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2012. Disponível em: < https://emancipacoesposabolicao.files.wordpress.com/2014/02/xavier_giovana_brancas_de_almas_negras.pdf >. Acesso em: 13 ago, 2022.

_____. Segredos de penteadeira: conversas transnacionais sobre raça, beleza e cidadania na imprensa negra pós-abolição do Brasil e dos EUA. **Estudos históricos (RJ)**. Vol. 26, n. 52, p. 429-450, 2013.

CRÈVECOUER, John H. **Letters from na american farmer & sketches of eighteenth-century America**. London: Penguin Books, 1981.

CRUSE, Harold. **The crisis of the negro intelectual: from the origins to the presente**. New York: William Morrow & Company, 1967.

DAVIS, Alisson; GARDNER, Burleigh; GARDNER, Mary. **Deep South: a social anthropological study of caste and class.** Carolina do Sul: University of South Carolina Press, 2009.

DRAKE, St. Clair; CAYTON, Horace R. **Black Metropolis: a study of Negro life in a northern city.** Chicago: The University of Chicago Press, 2015.

DRAPER, Theodore. **American Communism & Soviet Russia.** London: Routledge Taylor & Francis Groups, 2017.

DU BOIS, W.E.B. **As almas do povo negro.** São Paulo: Veneta, 2021.

_____. **An Appeal to the World!** Nova York: National Association for the Advancement of Colored People, 1947.

_____. **Black Reconstruction in America 1860-1880.** Nova York: The free press, 1998.

_____. **Dusk of Dawn: An Essay Toward an Autobiography of a Race Concept.** Nova York: Oxford University Press, 2014.

DOMINGUES, Petrônio. O “moisés dos pretos” Marcus Garvey no Brasil. **Novos Estudos.** Vol. 36, n. 3, p. 129-150, 2017.

DOUGLASS, Frederick. **Autobiografia de um escravo.** Trad. Oséias Silas Ferraz. São Paulo: Editora Veneta, 2021.

_____. **The complete autobiographies of Frederick Douglass.** New York: Star Publishing LLC, 2012.

ELLSWORTH, Scott. **Death in the promised land: the Tulsa race riot of 1921.** Luisiana: Louisiana State University Press, 1982.

EQUAL JUSTICE INITIATIVE. Lynching in America: confronting the legacy of racial terror. [S. l.], 2017. Disponível em: < <https://lynchinginamerica.eji.org/> >. Acesso em 18 dez. 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu, 2020.

FARIAS, P. F. de Moraes. Afrocentrismo: entre uma contra narrativa histórica universalista e o relativismo cultural. **Afro-Ásia.** N. 29-30, p. 317-343, 2003.

FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS Marcus Vinicius. Os EUA no século XIX. In: In: KARNAL, Leandro. PURDY, Sean. FERNANDES, Luiz E. MORAIS, Marcus V. de. **História dos Estados Unidos: Das Origens ao Século XXI**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. "Por uma cidadania de Primeira classe: supremacia racial e o debate sobre a integração na imprensa afro-americana na Primeira Guerra Mundial (1917-1919)". **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**. Ano IX, n. XVIII, p. 67-85, 2016.

_____. Do gradualismo negro ao Sonho Americano: a formação do conservadorismo negro nos Estados Unidos. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**. N. 29, p. 344-368, 2020.

_____. O Novo Negro em perspectiva transnacional: representações afro-americanas sobre o Brasil e a França no jornal *Chicago Defender* (1916-1940). 260 f. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História. Universidade Federal de São Paulo, 2015. Disponível em: < <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26052015-115255/pt-br.php> >. Acesso em: 21 set. 2021.

FINANCIAL TIMES. Music born in the trenches: The Harlem Hellfighters at the Barbican. In: **Music born in the trenches: The Harlem Hellfighters at the Barbican**. [S. l.], 26 out. 2018. Disponível em: <https://www.ft.com/content/0732aa94-d61c-11e8-aa22-36538487e3d0>. Acesso em: 4 maio 2022.

FONER, Eric. **Give me liberty! An American history**. New York: W.W. Norton & Company, 2011.

GATES, Henry Louis. **Stony the road: Reconstruction, White Supremacy, and the Rise of Jim Crow**. New York: Penguin Press, 2019

_____. The Trope of a New Negro and the Reconstruction of the Image of the Black. **Representations**. N. 24, p. 129-155, Outono, 1988.

GATTO, Ezequiel. Harlem radical. African Blood Brotherhood: política afroamericana em tempos de la Revolución Rusa. **Huellas de Estados Unidos: Estudios, Perspectivas y Debates desde América Latina**. V.3, p. 89-107, set. 2016. Disponível em:

http://www.huellasdeeua.com/ediciones/edicion3/NUMERO_3_COMPLETO_sep_2012.pdf>
 . Acesso em: 21 ago. 2022.

GETTYIMAGES. Un-American activities hearing, 1959. In: **Un-American activities hearing, 1959**. [S. l.], 7 set. 2022. Disponível em: <https://www.gettyimages.in/detail/news-photo/un-american-activities-hearing-24-february-1959-august-news-photo/1047937412?adppopup=true>. Acesso em: 23 ago. 2022.

GLISSANT, Edouard. **Caribbean Discourse**. Charlottesville: University Press of Virginia, 1989.

GÓES, Weber Lopes. Outubro no seio do movimento negro nos EUA: da revolução à política de concessões. **Ponto e Vírgula** – PUC SP. N. 21, p. 80-95, jan/jun. 2017.

GONZALEZ, Lélia. A categoria categoria-política cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan/jun. 1988.

GREGORY, James N. **The Southern Diaspora: how the great migrations of black and white southerners transformed America**. Carolina do Norte: University of North Carolina Press, 2005.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. A Modernidade Negra. **Teoria e pesquisa**, N. 42/43, p. 41-61, jan/jul. 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: História íntimas de meninas desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais**. São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

HARRIS, Cheryl I. Whiteness as property. **Harvard Law Review**. Vol. 106, n.8, p. 1709-1791, jun. 1993.

HAWKINS, Clifton. **Race First versus Class first: An Intellectual History of Afro-American Radicalism, 1911-1928**. 2000. 675f. Tese (Doutorado em Filosofia da História) – Universidade da Califórnia, 2000.

HAYNES, Robert V. The Houston Munity and Riot of 1917. **The Southwestern Historical Quaterly**. Vol. 76, n. 4, p. 418-439, 1973.

HAYWOOD, Harry. **Black Bolshevik: Autobiography of an afro-american communist.** Chicago: Liberator Press, 1978.

_____. **Libertação Negra.** São Paulo: Nova Cultura, 2020.

HILL, Robert A. **The Marcus Garvey and Universal Negro Improvement Association Papers, vol I.** Los Angeles: University of California Press, 1983.

_____. Racial and radical: Cyril V. Briggs, The Crusader magazine, and the African Blood Brotherhood, 1918–1922. In: BRIGGS, Cyril V; HILL, Robert A. (org). **The Crusader: a fascimile of the periodical.** Volume 1, New York: Garland Publishing, 1987.

HOBBSBAWM, Eric J. **A era dos impérios: 1875-1914.** São Paulo: Paz e Terra, 2016.

HUGHES, C. Alvin. The Negro Sanhedrin Movement. **The Journal of Negro History.** Vol. 69, n. 1, p. 1-13, 1984.

JAMES, C.L.R. **Os jacobinos negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

_____. **On the ‘Negro Question’.** Jackson: University Press of Mississippi, 1996.

_____. **A History of Negro Revolt.** 3ª ed. Londres: Race Today, 1985.

JAMES, Winston. **Holding Aloft the Banner: Caribbean Radicalism in Early Twentieth-Century America.** London: Verso, 2020.

JAMESON, Fredric. Una modernidade singular: ensayo sobre la ontologia del presente. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.

JOHNSON, Hannibal B. **Black Wall Street: from riot to renaissance in Tulsa’s historic Greenwood Distric.** Texas: Eakin Press, 1998.

JUNQUEIRA, Mary Anne. **Estados Unidos: Estado Nacional e Narrativa da Nação (1776-1900).** São Paulo: Edusp, 2018.

KARNAL, Leandro. PURDY, Sean. FERNANDES, Luiz E. MORAIS, Marcus V. de. **História dos Estados Unidos: Das Origens ao Século XXI.** 3º Ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KORNWEIBEL, Theodore. **Seeing red**: federal campaigns against Black militancy, 1919-1925. Indianapolis: Indiana University Press, 1998.

KOSSELECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Editora Contraponto - PUC-Rio. Tradução de Wilma Patrícia Mass e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro, 2012.

KRUGLER, David F. **1919, the year of racial violence**: how African Americans fought back. New York: Cambridge University Press, 2015.

KUUMBA, M. Bathi. **Gender and Social Movements**. Lanham: Altamira Press, 2001

LÉNINE, Vladimir I. Teses para o II Congresso da Internacional Comunista [1920]. In: LÉNINE, V. I. **Obras escolhidas em três tomos**, vol. 3. Lisboa/Moscú: Edições Avante, 1977.

LINDSEY, Lydia. Black Lives Matter: Grace P. Campbell and Claudia Jones – An analysis of the Negro Question, Self-Determination, Black Belt Thesis. **Africology**: The Journal of Pan African Studies. Vol. 12, n. 10, p. 110-143, 2019.

LOSURDO, Domenico. **Contra-história do liberalismo**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAKALANI, Minkah. **FOR THE LIBERATION OF BLACK PEOPLE EVERYWHERE: THE AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD, BLACK RADICALISM, AND PAN-AFRICAN LIBERATION IN THE NEW NEGRO MOVEMENT, 1917-1936**. 2004. 320 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Illinois, 2004. Disponível em: < <https://www.ideals.illinois.edu/handle/2142/84661> >. Acesso em: 31 mai. 2021.

_____. INTERNATIONALIZING THE THIRD INTERNATIONAL: THE AFRICAN BLOOD BROTHERHOOD, ASIAN RADICALS, AND RACE, 1919-1922. **The Journal of African American History**. Vol. 96, n. 2, p. 151-178, 2011.

_____. **In the Cause of Freedom**: Radical Black Internationalism from Harlem to London, 1917-1939. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2011.

MARTIN, Tony. **Race first**: the ideological and organizational struggles of Marcus Garvey and the Universal Negro Improvement Association. Westport: Greenwood Press, 1976.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARXIST.ORG. Teses sobre a questão negra: quarto congress da Internacional Comunista. Disponível em: < <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1922/11/30.htm> >. Acesso em: 17 dez. 2022.

MAXWELL, William J. **F.B. Eyes**: how J. Edgar Hoover's ghostreaders framed african american literature. Princeton: Princeton Univesity Press, 2015.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MCDUFFIE, Erik. **Soujorning for Freedom**: Black Women, American Communism and the Making of Black Left Feminism. Durham: Duke University Press, 2011.

MIGNOLO, W. Colonialidade: O Lado mais Escuro da Modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 32, n. 94, p.1-18, 2017.

MILITARY.COM. How a Race Riot Involving an Army Unit Led to the Largest Murder Trial in US History. In: **How a Race Riot Involving an Army Unit Led to the Largest Murder Trial in US History**. [S. l.], 21 jun. 2022. Disponível em: <https://www.military.com/history/how-race-riot-involving-army-unit-led-largest-murder-trial-us-history.html>. Acesso em: 21 jun. 2022.

MILLER, Kelly. **Radicals & Conservatives and others essays on the Negro in America**. New York: Schoken Books, 1968.

MITCHELL, Michele. "The Black Man's Burden": African Americans, Imperialism, and Notions of Racial Manhood 1890-1910. **International Review of Social History**. Vol. 44, p. 77-99, 1999.

MOÇO, Aline Campos Paiva. **Em defesa do americanismo**: O Nascimento de uma Nação de Griffith. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12617/1/Aline%20Campos%20Paiva%20Moco.pdf> >. Acesso em: 25 jun. 2022.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PARASCANDOLA, Louis J. Cyril Briggs and the African Blood Brotherhood: a radical counterpoint to progressivism. **Afro-Americans in New York Life and History**. Vol. 30, n. 1, 2006.

PURDY, Sean. A era progressista: 1900-1930. In: KARNAL, Leandro. PURDY, Sean. FERNANDES, Luiz E. MORAIS, Marcus V. de. **História dos Estados Unidos**: Das Origens ao Século XXI. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. São Paulo: CLACSO, 2005.

RAPER, Arthur F. **Preface to Peasantry**: a tale of two Black Belt counties. Nova York: Atheneum, 1968.

REED, John. The Negro Question in America: Speech at the 2nd World Congress of the Communist International, Moscow — July 25, 1920. Disponível em: < <https://www.marxists.org/history/usa/parties/cpusa/1920/07/0725-reed-negroquestion.pdf> >. Acesso em: 16 dez. 2022.

SANTOS, Neuza. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SCHMIDT, Regin. **Red Scare**: FBI and the origins of the Anticommunism in the United States, 1919-1943. Denmark: Museum Tusculanum Press, 2004.

SCHWARTZ, Stuart B. Os furacões e a formação das sociedades caribenhas. **Revista USP**. N. 71, p. 28-43, 2007.

SILVA, Matheus Cardoso da. Do antirracismo local ao antifascismo global: A transnacionalização do movimento negro nos EUA entre as duas guerras mundiais. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**. N. 27, p. 144-184, Ago/Dez. 2019.

SIMPSON, Louis. **North of Jamaica**. New York: Harper & Row Publishers, 1972.

SOLOMON, Mark. **The cry was unity: communist and african americans, 1917-1936.** Jackson: University Press of Mississippi, 1998.

STEPHENS, Michelle Ann. **Black Empire: The Masculine Global Imaginary of Caribbean Intellectuals in the United States, 1914–1962.** Durham: Duke University Press, 2005.

_____. Black Transnationalism and the Politics of National Identity: West Indian Intellectuals in Harlem in the Age of War and Revolution. **American Quarterly.** Vol. 50, n. 3, p. 592-608, 1998.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado: poder e a produção da história.** Curitiba: Huya, 2016.

TURE, Kwame; HAMILTON, Charles V. **Black Power: a política de libertação nos Estados Unidos.** São Paulo: Jandaíra, 2021.

VANCE, Rupert B. **The South's Place in the Nation.** Public Affairs Pamphlets, 1936.

_____. **Farmers Without Land.** Public Affairs Pamphlets, 1937.

WASHBURN, Patrick S. **The African America newspaper voice of freedom.** Illinois: Northwestern University Press, 2006.

WELLS, Ida B. Southern Horrors: Lynch law in all phases. In: **The Project Gutenberg** [Estados Unidos]. 8 de fevereiro de 2005. Disponível em: < <https://www.gutenberg.org/files/14975/14975-h/14975-h.htm> >. Acesso em: 21 set. 2022.

WILLIAMS, Chad L. Vanguard of the New Negro: African American Veterans and Post-World War I Racial Militancy. **The Journal of African American History.** Vol. 92, n. 3, p. 347-370, 2007.

WORKERS PARTY OF AMERICA. Program and constitution. Disponível em: < https://archive.org/details/ProgramAndConstitutionWorkersPartyOfAmericaAdoptedAtNational_416/page/n7/mode/2up >. Acesso em 17 dez. 2022.

ZUMOFF, Jacob A. The American Communist Party and the “Negro Question” from the Founding of the Party to the Fourth Congress of the Communist International. **Journal for the Study of Radicalism.** Vol. 6, n. 2, 53-90, 2012.

_____. **The Communist International and US Communism, 1919-1929.** Leiden: Brill, 2014.

ZINOVIEV, Gregori. Tasks of the Congress of the Peoples of the East. In: RIDDELL, John. **To see the dawn.** Nova York: Pathfinder, 1993.